



MINORITY  
REPORT

**PHILIP K. DICK**

**MINORITY REPORT**  
**A NOVA LEI**

**PHILIP K. DICK**

Título original: The Minority Report  
Tradução: Ana Luíza Borges  
Editora Record, 2ª ed., 2002  
ISBN 85-01-06513-7



**BIBLIOTECA  
DO EXILADO**

As histórias de Philip K. Dick foram transformadas em alguns dos maiores filmes de ficção científica de todos os tempos.

Em 2002, junta-se a *Blade Runner — O caçador de andróides* e *O vingador do futuro*, o primeiro clássico do gênero da nova década: *Minority Report — A nova lei*, dirigido por Steven Spielberg.

A história deste mundo futurista onde não há crimes, pois eles são previstos antes de acontecer, e seus culpados presos antes de cometê-los, abre esta antologia com o melhor da produção deste que, para muitos, é o maior escritor de FC de todos os tempos. Neste livro, está, também, *Podemos recordar para você, por um preço razoável*, o conto em que se baseou *O vingador do futuro*, e outros igualmente geniais.

Dick, porém, não viveu para ver seu talento reconhecido.

Morreu pouco tempo antes da estréia de *Blade Runner*, que o transformou de imediato em um autor conhecido.

Depois de sua morte, porém, o interesse por seu trabalho aumentou e Dick tornou-se unanimidade no meio literário. Hoje, leva seu nome o mais importante prêmio de ficção científica do mundo, o Philip K. Dick Award, que vem revelando há anos novos talentos no gênero.

\* \* \*

## Introdução

*Minority Report* — *A nova lei* é a terceira superprodução de Hollywood baseada em uma obra de Philip K. Dick, junto com *Blade Runner* — *O caçador de andróides* (baseada no romance *Do Androids Dream of Electric Sheeps?*) e *O vingador do futuro* (inspirada no conto longo *Podemos recordar para você, por um preço razoável*).

Houve, ainda, outras adaptações, como *Screamers* — *Gritos mortais*, com direção de Christian Dugway (baseada na novela *A segunda variedade*) e *Impostor*, de Gary Felder (baseada na história de mesmo nome). Sem mencionar a produção francesa *Confissões de um doído*, adaptada do romance sobre a vida nos EUA nos anos 50, *Confessions of a Crap Artist*. E nem se falou ainda nos projetos abortados. John Lennon interessou-se pelo romance *The Three Stigmata of Palmer Eldrich* (deu para perceber que Dick tinha um jeito muito particular com os títulos) e houve duas tentativas de filmar *A Scanner Darkly* (primeiro com Terry Gilliam na direção, agora com uma opção nas mãos de George Clooney e Steven Soderbergh).

Mas quando Dick morreu, há duas décadas, ainda muito novo, aos 54 anos de idade, seu trabalho era pouco conhecido fora de um pequeno círculo de admiradores apaixonados. Durante a maior parte de sua vida, ele foi relativamente pobre, às vezes quase miserável (em um artigo ele descreve, em seu estilo bem-humorado característico, como, durante uma época, ele e sua mulher sobreviviam comendo comida de cachorro), enquanto outros escritores americanos de ficção científica, como Isaac Asimov, Robert A. Heinlein e Frank Herbert, ficaram ricos, com grandes sucessos de vendas em todo o mundo. Apesar disso, esses três superastros só tiveram cada um uma grande produção baseada em seus trabalhos (respectivamente, *O homem bicentenário*, *Tropas estelares* e *Duna* — *O mundo do futuro*), um total que Dick sozinho conseguiu igualar.

Mas por que aconteceu isso? Por que o trabalho desse escritor praticamente sem dinheiro algum, cuja maioria dos livros eram edições de bolso baratas escritas em maratonas de algumas semanas movidas a anfetamina (no auge, escreveu seis por ano), atraiu tanta atenção?

Bem, a, primeira coisa a dizer é que, na opinião de muitos, se há um escritor de ficção científica que merece a definição de gênio, esse é Philip K. Dick. Ele não é um grande estilista literário, e às vezes a pressa com que escrevia fica evidente.

Mas uma torrente de invenção flui de seus livros e contos, acompanhada de alterações de percepção vertiginosas que são a marca registrada de seu trabalho.

Ele via o futuro de um jeito diferente dos outros escritores mais bem-sucedidos.

Enquanto eles optavam centrar suas histórias no conceito, Dick preferia as pessoas. E essas pessoas não eram heróis ou heroínas tradicionais: eram os cidadãos comuns do futuro, lutando contra versões diferentes dos problemas humanos normais: dificuldades financeiras, no trabalho e nos relacionamentos.

E no mundo do futuro que ele visualizava, essas dificuldades podiam ser aumentadas de maneiras ao mesmo tempo cômicas e imaginativas. Em uma história de Dick, se você atrasasse o aluguel, seu apartamento se recusaria a se abrir, e lhe passaria um sermão sobre suas responsabilidades. O táxi talvez seja uma máquina voadora, com um robô no volante, mas vai dar conselhos psiquiátricos misturados com sabedoria popular durante o trajeto até o seu destino. E o próprio mundo, muito freqüentemente, não era de jeito algum o que você pensava que era: a realidade do dia-a-dia que você enfrentava provava ser uma farsa elaborada e quando você, de algum jeito, conseguia ver por trás dos bastidores, normalmente encontrava algo também bastante estranho.

A maioria dos romancistas escreve sobre o que conhece, apesar de poder disfarçar isto. Dick não foi exceção. Ele gostava muito de filosofia, especialmente debates sobre a realidade e a percepção. Sua vida pessoal era muitas vezes complicada. Foi casado cinco vezes. E já mencionei seus constantes problemas financeiros. Como a maioria das pessoas nos anos 60, ele tomou drogas demais e acabou sofrendo as conseqüências disso a longo prazo. Na última década de sua vida ele também experimentou o que considerou serem revelações religiosas (apesar de poderem ter sido problemas cerebrais antecipando os acidentes vasculares que o mataram), e seus livros deram uma guinada, tornaram-se mais pesados e menos acessíveis.

Mas *Minority Report* — *A nova lei* é produto de sua primeira década como escritor, quando ele publicou um grande número de contos, e a primeira dúzia de seus quarenta e poucos romances. Por não ser um romance, incluímos neste volume uma seleção de outras histórias, incluindo *Impostor*, *A segunda variedade* e *Podemos recordar para você, por um preço razoável* todas levadas para o cinema, além de outras escolhidas como uma amostra representativa do trabalho deste escritor criativo e de leitura extremamente prazerosa.

Da maneira que o futuro se revelou nas últimas duas décadas — quando mesmo as previsões mais loucas começaram a tomar forma —, a visão que Philip K. Dick tinha de pessoas comuns em circunstâncias incomuns tornou-se a que melhor descreve a forma como ele é percebido por nós. Exatamente por isso, os produtores de cinema se voltaram sobre seus romances e livros, mais do que os de qualquer outro autor.

É trágico que Philip K. Dick não tenha vivido para ver isso. Ele assistiu a uma pré-estréia de *Blade Runner — O caçador de andróides* no início de 1982, mas morreu antes da estréia que mudou completamente a visão que o público tinha de seu trabalho. Mas ele teria visto isso como uma conclusão irônica totalmente de acordo com sua vida. E seu trabalho segue vivo, tão extraordinário hoje como quando foi escrito.

Malcom Edwards

\* \* \*

I

O PRIMEIRO PENSAMENTO que ocorreu a Anderton quando viu o rapaz foi: *estou ficando careca. Careca, gordo e velho.* Mas não disse isso em voz alta. Pelo contrário, afastou a cadeira, pôs-se de pé, e deu a volta na mesa, com a mão direita firmemente estendida. Sorrindo com uma amabilidade forçada, apertou as mãos do rapaz.

— Witwer? — perguntou, conseguindo soar simpático.

— Isso mesmo — respondeu o rapaz. — Mas Ed para você, é claro. Quer dizer, se partilhar da minha aversão pela formalidade desnecessária. — A expressão em seu rosto louro, francamente confiante, mostrava que considerava o assunto encerrado. Seriam Ed e John: tudo seria agradavelmente cooperativo desde o começo.

— Teve dificuldades em encontrar o edifício? — perguntou Anderton reservadamente, ignorando a apresentação excessivamente amigável. *Cristo, ele tinha de se segurar em alguma coisa.* O medo abalou-o, e começou a transpirar. Witwer andava pelo escritório como se já fosse o seu dono — como se estivesse medindo o seu tamanho. Será que não podia esperar alguns dias, um intervalo decente?

— Nenhuma — respondeu Witwer com júbilo, as mãos nos bolsos. Com ansiedade, examinou os arquivos volumosos que ocupavam a parede. — Não estou vindo no escuro à sua agência, você sabe. Tenho algumas idéias pessoais sobre como a Precrime é dirigida.

Nervoso, Anderton acendeu seu cachimbo.

— Como é dirigida? Eu gostaria de saber.

— Nada mal — disse Witwer. — Na verdade, muito bem. Anderton olhou-o fixamente.

— É a sua opinião particular? Ou simplesmente um jargão? - Witwer encarou-o francamente.

— Particular e pública. O Senado está satisfeito com o seu trabalho. De fato, estão entusiasmados — acrescentou ele. — Tão entusiasmados quanto homens muito velhos podem ficar.

Anderton estremeceu, mas, externamente, permaneceu impassível. No entanto, custou-lhe um esforço. Perguntou a si mesmo o que Witwer *realmente* achava. O que se passava, de fato, naquela cabeça com o cabelo à escovinha. Os olhos do rapaz eram azuis, brilhantes — e perturbadoramente inteligentes.



Witwer não era nenhum bobo. E, obviamente, tinha um bocado de ambição.

— Pelo que entendi — disse Anderton com cautela —, você será o meu assistente até eu me aposentar.

— Foi o que eu entendi também — replicou o outro sem hesitar nem por um instante.

— O que pode acontecer este ano ou no próximo. Ou daqui a dez anos. — O cachimbo na mão de Anderton tremia. — Não estou sendo pressionado a me aposentar. Fundei a Precrime e vou permanecer aqui o tempo que quiser. É uma decisão *minha*, exclusivamente.

Witwer anuiu com a cabeça, a expressão ainda franca.

— É claro.

Com esforço, Anderton acalmou-se um pouco.

— Só quis deixar as coisas claras.

— Desde o começo — concordou Witwer. — Você é o chefe. Você manda. — Demonstrando sinceridade, perguntou: — Importa-se de me mostrar a organização? Gostaria de me familiarizar com a rotina o quanto antes.

Ao passarem pelas salas cheias e sobrecarregadas de trabalho, com a sua iluminação amarelada, Anderton disse:

— Você está a par da teoria da prevenção do crime, é claro. Suponho que isto seja ponto pacífico.

— A informação que tenho é a que está disponível publicamente — replicou Witwer. — Com a ajuda de seus mutantes precognitivos, você conseguiu, audaciosamente, abolir o sistema punitivo pós-crime de cadeias e multas. Como todos sabemos, a punição nunca foi um grande impedimento, e provavelmente nunca ofereceu conforto à vítima já morta.

Tinham chegado ao elevador. Enquanto este os levava rapidamente para baixo, Anderton disse:

— Deve ter percebido o inconveniente legal básico da metodologia pré-crime. Prendemos indivíduos que nunca infringiram a lei.

— Mas que certamente infringirão — afirmou Witwer com convicção.

— Felizmente, *não*. Nós os pegamos primeiro, antes que cometam qualquer ato de violência. Desse modo a comissão do crime, em si mesma, é uma metafísica absoluta. Alegamos que são culpados. Eles, por sua vez, afirmam eternamente ser inocentes. E, de certa maneira, *são* inocentes.

O elevador parou e, mais uma vez, eles atravessaram, com passos

regulares, um corredor amarelo.

— Em nossa sociedade, não há crimes maiores — prosseguiu Anderton —, mas temos um campo de detenção cheio de supostos criminosos.

Portas abriram-se e fecharam-se, e eles se encontraram na ala analítica. À frente, erguia-se uma série impressionante de equipamentos — receptores de dados e mecanismos de computação que examinavam e reestruturavam o material que chegava. Além da maquinaria, os três precognitivos, quase indistintos no labirinto da fiação elétrica.

— Lá estão eles — disse Anderton, com uma certa ironia. — O que acha?

Na semi-obscuridade, os três idiotas tagarelavam. Todo pronunciamento incoerente, toda sílaba casual eram analisados, comparados, reagrupada na forma de símbolos visuais, transcritos sobre cartões perfurados e ejetados em diversas ranhuras codificadas. Os idiotas tagarelavam o dia inteiro, aprisionados em suas cadeiras especiais, de espaldar alto, mantidos em uma posição rígida por ligaduras de metal e vários fios, e grampos. Suas necessidades físicas eram assistidas automaticamente. Não tinham necessidades espirituais. Semelhantes a vegetais, murmuravam, cochilavam e existiam. Suas mentes eram obtusas, confusas, perdidas nas sombras.

Mas não as sombras de hoje. As três criaturas tagarelas, desajeitadas, com suas cabeças alargadas e corpos raquíticos, contemplavam o futuro. A maquinaria analítica registrava profecias e, enquanto os três precognitivos falavam, a maquinaria escutava atentamente.

Pela primeira vez, Witwer perdeu sua confiança jovial. Uma expressão desgostosa, consternada, insinuou-se em seus olhos, uma mistura de dó e choque moral.

— Não é nada... agradável — murmurou ele. — Não fazia idéia de que fossem... — Procurou a palavra certa, gesticulando. — Tão deformados.

— Deformados e retardados — concordou Anderton instantaneamente. — Especialmente aquela garota ali. Donna tem quarenta e cinco anos. Mas parece ter dez. O talento absorve tudo; o lóbulo especial atrofia o equilíbrio da área frontal. Mas o que importa? Temos as suas profecias. Eles transmitem o que precisamos. Não entendem nada disso, mas *nós* entendemos.

Subjugado, Witwer atravessou a sala até a maquinaria. De uma ranhura, pegou um maço de cartões.

— São os nomes que aparecem? — perguntou ele.

— É óbvio que — com o cenho franzido, Anderton pegou o maço — não tive oportunidade de examiná-los — explicou, ocultando, com impaciência, o seu

aborrecimento.

Fascinado, Witwer observou a maquinaria ejetar um novo cartão na ranhura vazia. Foi seguido por um segundo — e um terceiro. Dos discos, que rangiam regular e constantemente, surgia um cartão atrás do outro.

— Os precognitivos devem ver longe no futuro — exclamou Witwer.

— Vêem um espaço de tempo limitado — informou-lhe Anderton. — Uma ou duas semanas adiante, no máximo. Grande parte dos dados não tem valor para nós. Simplesmente não são relevantes para o nosso ramo de atividade. Nós os passamos para as agências apropriadas. E elas, por sua vez, permutam dados conosco. Cada birô importante tem seu porão de *macacos* entesourados.

— Macacos? — Witwer olhou-o intrigado. — Ah, sim, entendo, nada ver, nada falar, e etc. Muito divertido.

— Muito *conveniente*. — Automaticamente, Anderton coletou os novos cartões que haviam sido virados pela maquinaria giratória. — Alguns desses nomes serão totalmente descartados. A maior parte do restante registra crimes triviais: furtos, sonegação de imposto de renda, assalto, extorsão. Estou certo que sabe que a Precrime reduziu os delitos graves em noventa e nove ponto oito por cento. Raramente temos um assassinato ou traição de verdade. Afinal, o acusado sabe que o confinaremos no campo de detenção uma semana antes de ele ter chance de cometer o crime.

— Quando foi a última vez que um assassinato de verdade foi cometido? — perguntou Witwer.

— Cinco anos atrás — respondeu Anderton, seu tom de voz denotando orgulho.

— Como aconteceu?

— O criminoso escapou das nossas equipes. Tínhamos o seu nome. De fato, tínhamos todos os detalhes do crime, inclusive o nome da vítima. Sabíamos o momento exato, a locação do ato de violência planejado. Mas, apesar disso, ele conseguiu executá-lo. — Anderton deu de ombros. — Enfim, não podemos pegar todos eles. — Embaralhou os cartões. — Mas realmente pegamos a maioria.

— Um assassinato em cinco anos.—A confiança de Witwer estava voltando. — Um registro impressionante... algo de que se orgulhar.

Anderton disse tranquilamente:

— Eu *me* orgulho. Há trinta anos elaborei a teoria. No tempo em que aqueles que só agiam em vantagem própria estavam pensando em ataques surpresa à Bolsa. Eu vi algo legítimo num futuro próximo, algo de um tremendo

valor social.

Jogou o maço de cartões para Wally Page, seu subordinado encarregado do bloco dos macacos.

— Veja quais nos interessam — disse. — Faça o seu próprio julgamento.

Quando Page desapareceu com os cartões, Witwer disse circunspecto:

— É uma grande responsabilidade.

— Sim, é — concordou Anderton. — Se deixarmos um criminoso escapar, como deixamos há cinco anos, teremos uma morte na consciência. Somos os únicos responsáveis. Se falharmos, alguém morre. — Com amargura, puxou mais três cartões da ranhura. — É uma responsabilidade pública.

— Já se sentiu tentado a — Witwer hesitou. — Quer dizer, alguns dos homens que você pegou devem ter-lhe oferecido muito.

— Não iria adiantar. Uma duplicata do arquivo de cartões é ejetada no Quartel General do Exército. Têm o total controle sobre nós. Podem nos vigiar constantemente, o quanto quiserem. — Anderton relanceou os olhos para o cartão de cima. — Portanto mesmo que quiséssemos aceitar uma...

Interrompeu-se, apertou os lábios.

— O que foi? — perguntou Witwer, curioso.

Com cuidado, Anderton dobrou o cartão e o pôs no bolso.

— Nada — murmurou ele. — Não foi nada. A rispidez em sua voz fez Witwer corar.

— Você realmente não gosta de mim — observou ele.

— É verdade — admitiu Anderton. — Não gosto. Mas... - Não acreditava que desgostasse tanto assim do rapaz. Não parecia possível: *não era* possível. Alguma coisa estava errada. Atordoado, tentou acalmar a sua mente agitada.

No cartão estava o seu nome. Linha um — já acusado futuro assassino! Segundo as perfurações no cartão, o comissário da Precrime John A. Anderton ia matar um homem — e na próxima semana.

Com total convicção, uma convicção inabalável, ele não acreditou.

## II

Na ante-sala do escritório, conversando com Page, estava a jovem, esguia e atraente esposa de Anderton, Lisa. Ela estava envolvida em uma discussão

animada de política, e mal ergueu os olhos quando Witwer e seu marido entraram.

— Olá, querida — disse Anderton.

Witwer permaneceu em silêncio. Mas seus olhos claros piscaram ligeiramente ao pousarem sobre a mulher de cabelo castanho, usando uma farda impecável da polícia. Lisa era agora uma oficial executiva da Precrime, mas, antes, Witwer sabia, tinha sido secretária de Anderton.

Percebendo o interesse no rosto de Witwer, Anderton fez uma pausa e refletiu. Plantar o cartão nas máquinas requeria um cúmplice de dentro — alguém intimamente relacionado à Precrime e com acesso ao equipamento analítico. Lisa era um elemento improvável. Mas a possibilidade existia.

Evidentemente, a conspiração podia ser em grande escala e elaborada, envolvendo muito mais do que um cartão "plantado" em alguma parte ao longo da linha. Os dados originais podiam ter sido, eles próprios, falsificados. Na verdade, era impossível saber até quando a alteração remontava. Um calafrio percorreu-lhe quando começou a ponderar as possibilidades. Seu impulso original — abrir as máquinas e remover todos os dados — era inutilmente primitivo. Provavelmente as fitas concordavam com o cartão: ele só faria se incriminar ainda mais.

Tinha aproximadamente vinte e quatro horas. Então, o pessoal do exército verificaria os cartões e descobriria a discrepância. Encontrariam em seus arquivos uma duplicata do cartão de que ele tinha se apropriado. Estava somente com uma das duas cópias, o que significava que o cartão dobrado em seu bolso podia também estar na mesa de Page, à vista de todos.

Do lado de fora do edifício chegava o ruído monótono dos carros de polícia dando partida para a detenção rotineira de suspeitos. Quantas horas até um deles estacionar em frente de *sua* casa?

— O que houve, querido? — perguntou Lisa preocupada. — Parece que viu um fantasma. Você está bem?

— Estou bem — tranqüilizou-a.

Lisa, de súbito, pareceu tomar consciência do exame atento e admirado de Ed Witwer.

— Este cavalheiro é o seu novo colaborador, querido? — perguntou ela.

Com cautela, Anderton apresentou seu novo parceiro. Lisa saudou-o com um sorriso cordial. Algum entendimento secreto se passara entre eles? Não tinha como afirmar. Meu Deus, estava começando a desconfiar de todo mundo — não somente de sua esposa e de Witwer, mas de uma dezena de membros de sua

equipe.

— É de Nova York? — perguntou Lisa.

— Não — respondeu Witwer. — Passei a maior parte da minha vida em Chicago. Estou em um hotel. Um dos hotéis grandes no centro. Espere... tenho o nome escrito em um cartão que guardei em algum lugar.

Enquanto ele procurava nos bolsos, Lisa propôs:

— Quem sabe não gostaria de jantar conosco? Vamos trabalhar em íntima colaboração e realmente acho que deveríamos nos conhecer melhor.

Surpreso, Anderton recuou. Quais eram as chances de a cordialidade de sua esposa ser benigna, acidental? Witwer participaria da intimidade da noite em sua residência particular, e, então, teria uma desculpa para aparecer sem ser convidado. Profundamente perturbado, virou-se, impulsivamente, e dirigiu-se à porta.

— Aonde vai? — perguntou Lisa, admirada.

— De volta ao bloco dos macacos — respondeu ele. — Quero checar algumas fitas antes que o exército as veja. — Ele já estava no corredor antes de ela poder pensar em uma razão plausível para detê-lo.

Dirigiu-se, rapidamente, à rampa no final do corredor. Descia a passos largos as escadas externas que levavam à calçada, quando Lisa apareceu ofegante atrás dele.

— O que diabos está acontecendo com você? — Segurando seu braço, ela se pôs rapidamente na frente dele. — Eu *sabia* que você estava saindo — exclamou ela, bloqueando a sua passagem. — Qual é o problema? Todos acham que você — ela hesitou —, bem, que está agindo de maneira um tanto excêntrica.

Pessoas passavam por eles — a multidão vespertina usual. Ignorando-as, Anderton forçou os dedos de sua mulher a soltarem seu braço.

— Estou indo embora — disse ele. — Enquanto há tempo.

— Mas... *por quê* ?

— Estou sendo incriminado. De maneira deliberada e maliciosa. Essa criatura veio tomar o meu lugar. O Senado está me envolvendo *através* dele.

Lisa olhou-o, confusa.

— Mas ele parece ser um bom rapaz.

— Tão bom quanto uma cobra venenosa.

A aflição de Lisa transformou-se em descrença.

— Não acredito. Querido, você tem sofrido toda essa tensão... — Sorrindo hesitante, ela balbuciou: — Não faz sentido que Ed Witwer esteja tentando incriminá-lo. Como poderia, mesmo que quisesse? Certamente Ed não...

— Ed?

— É o seu nome, não é?

Seus olhos castanhos lampejaram, surpresos e incrédulos, em um protesto.

— Deus do céu, está desconfiado de todo mundo. Você acha realmente que estou metida nisso de alguma maneira, não acha?

Ele pensou por um instante.

— Não tenho certeza.

Ela aproximou-se dele, seu olhar acusando-o.

— Não é verdade. Você realmente acha isso. Talvez você *devesse* se afastar por algumas semanas. Está precisando urgentemente de descanso. Toda essa tensão e trauma, um homem mais jovem sendo introduzido. Está agindo como um paranóico. Não percebe? Pessoas tramando contra você. Diga-me, tem alguma prova real?

Anderton pegou a sua carteira e tirou o cartão dobrado.

— Examine-o atentamente — disse, entregando-o a ela.

A cor abandonou o seu rosto e sua respiração tornou-se entrecortada.

— O esquema é muito óbvio — disse Anderton, da maneira mais equilibrada possível. — Isso dará a Witwer um pretexto legal para me remover neste instante. Não vai ter de esperar até eu renunciar. — Acrescentou firme: — Eles sabem que ainda posso ficar por mais alguns anos.

— Mas...

— O sistema de controle vai ser encerrado. A Precrime vai deixar de ser uma agência independente. O Senado vai controlar a polícia e, depois — seus lábios apertaram-se —, vai absorver também o exército. Bem, é bastante lógico. *É claro que* sinto hostilidade e ressentimento em relação a Witwer. *É claro que* tenho motivo para isso.

— Ninguém gosta de ser substituído por um homem mais jovem, e ser afastado por velhice — prosseguiu ele. — Tudo isso é plausível... exceto que não tenho a mais remota intenção de matar Witwer. Mas não tenho como prová-lo. Então, o que posso fazer?

Com a voz engasgada, o rosto muito pálido, ela disse:

— Eu... não sei. Querido se, pelo menos...

— Neste instante — disse Anderton abruptamente. — Vou para casa, fazer as malas. Não consigo planejar nada além disso.

— Vai mesmo tentar... se esconder?

— Vou. Tão longe quanto nos planetas colônias de Centauro, se necessário. Já foi conseguido antes, e tenho vinte e quatro horas. — Virou-se resolutamente. — Volte lá para dentro. Não há razão para que venha comigo.

— Você achou que eu iria? — perguntou Lisa, o tom rouco. Surpreso, Anderton encarou-a.

— Não iria? — Em seguida, murmurou perplexo: — Não, vejo que não acredita em mim. Ainda acha que estou imaginando tudo isso. — Bateu com fúria no cartão. — Mesmo com esta evidência, continua sem se convencer.

— Não — Lisa concordou rapidamente —, não estou convencida. Não o examinou com atenção suficiente, querido. O nome de Ed Witwer não está nele.

Incrédulo, Anderton pegou o cartão da mão dela.

— Ninguém afirma que você vai matar Ed Witwer — prosseguiu Lisa, rapidamente, com a voz fraca. — O cartão *deve* ser genuíno, entende? E não tem nada a ver com Ed. Ele não está tramando contra você nem ninguém mais está.

Confuso demais para responder, Anderton examinou o cartão. Ela tinha razão. Ed Witwer não estava listado como vítima. Na linha cinco, a máquina havia estampado nitidamente outro nome.

### LEOPOLD KAPLAN

Apático, guardou o cartão no bolso. Nunca, na sua vida, ouvira falar desse homem.

### III

A casa estava fria e deserta e, quase imediatamente, Anderton deu início aos preparativos para a sua viagem. Enquanto fazia as malas, pensamentos frenéticos passavam por sua cabeça.

Possivelmente se enganara em relação a Witwer, mas como poderia ter



certeza? De qualquer maneira, a conspiração contra ele era muito mais complexa do que tinha se dado conta. Witwer, na cena geral, talvez fosse apenas um fantoche insignificante manipulado por alguém mais — por uma figura distante, indistinta, apenas visível vagamente no fundo.

Tinha sido um erro mostrar o cartão a Lisa. Sem dúvida, ela o despreveria em detalhes a Witwer. Ele nunca deixaria a Terra, nunca teria oportunidade de descobrir como seria a vida em um planeta de fronteira.

Enquanto estava absorto nesses pensamentos, uma tábua rangeu às suas costas. Virou-se, segurando um paletó esporte de inverno já gasto, e se deparou com o cano de uma pistola *gray-blue A*.

— Não esperaram muito — disse ele, encarando com amargura o homem troncado, de lábios apertados, em um sobretudo marrom que apontava a arma em sua mão enluvada. — Ela nem mesmo hesitou?

O rosto do intruso não registrou nenhuma resposta.

— Não sei do que está falando — disse ele — Venha comigo. Perplexo, Anderton largou o paletó.

— Você não é da minha agência? Não é oficial da polícia?

Perplexo e protestando, foi empurrado para fora de casa, para uma limusine que aguardava. No mesmo instante, três homens fortemente armados aproximaram-se por trás dele. A porta bateu e o carro partiu estrada abaixo, afastando-se da cidade. Impassíveis e remotas, as faces à sua volta sacudiam-se com o movimento da velocidade do veículo, enquanto campos abertos, escuros e melancólicos, passavam rápido. Anderton tentava, em vão, compreender as implicações do que tinha acontecido, quando o carro tomou uma estrada lateral sulcada, e desceu para uma garagem escura, subterrânea. Alguém gritou uma ordem. O pesado cadeado de metal rangeu, trancando-se e, acima, luzes tremeluziram. O motorista desligou o motor do carro.

— Vão se arrepender disso — avisou Anderton, com a voz rouca, quando o arrastaram para fora do carro. — Têm idéia de quem sou?

— Temos — disse o homem de sobretudo marrom.

Com uma arma apontada para ele, Anderton subiu do silêncio frio da garagem para um corredor atapetado. Aparentemente, estava em uma residência particular luxuosa, localizada na área rural devastada pela guerra. Era possível divisar, no extremo do corredor, uma sala — um gabinete forrado de livros, mobiliado com simplicidade, mas com bom gosto. Em um círculo de luz, formado pelo abajur, o rosto parcialmente na sombra, um homem que ele nunca vira o aguardava.

Quando Anderton se aproximou, o homem, nervoso, guardou os óculos sem armação em seu estojo, fechou-o, e umedeceu os lábios ressequidos. Era idoso, talvez setenta anos ou mais, e, sob seu braço, havia uma bengala de prata. Seu corpo era magro, mas forte, a sua atitude curiosamente rígida. O pouco cabelo que lhe restava era castanho acinzentado — um lustro suave de cor neutra sobre seu crânio pálido, ossudo. Somente seus olhos pareciam realmente alertas.

— Este é Anderton? — perguntou lamuriosamente, virando-se para o homem de sobretudo marrom.—Onde o pegaram?

— Em sua casa — replicou o outro. — Estava fazendo as malas, como esperávamos.

O homem à mesa estremeceu visivelmente.

— Fazendo as malas. — Retirou os óculos e, abruptamente, tornou a pô-los no estojo.

— O que há—disse rudemente a Anderton —, o que deu em você? Ficou louco? Como pode matar um homem que nunca viu?

O velho, Anderton percebeu de súbito, era Leopold Kaplan.

— Em primeiro lugar, vou fazer uma pergunta — contrapôs Anderton imediatamente. — Você se dá conta do que fez? Sou comissário da polícia. Posso mandar prendê-lo por vinte anos.

Ja dizer mais, porém um pensamento o interrompeu.

— *Como você descobriu?* — perguntou. Involuntariamente, a sua mão foi ao seu bolso, onde o cartão estava escondido. — Não será para outro...

— Não fui notificado por sua agência — interrompeu Kaplan, com uma impaciência irritada. — O fato de nunca ter ouvido falar em mim não me surpreende tanto. Leopold Kaplan, general do Exército da Aliança Federada do Bloco Ocidental, a AFBO. — Acrescentou, de má vontade: — Reformado, desde o fim da Guerra Anglo-Chinesa, e a abolição da AFBO.

Fazia sentido. Anderton já desconfiava que o exército processava seus cartões duplicatas imediatamente, para a sua própria proteção. Relaxando, de certa forma, perguntou:

— Então? Você me trouxe para cá. E agora?

— Evidentemente — disse Kaplan —, não vou mandar matá-lo, ou isso teria sido revelado em um desses cartões miseráveis. Estou curioso a seu respeito. Pareceu-me incrível que um homem da sua estatura seja capaz de cogitar assassinar a sangue frio um estranho. Deve haver algo mais. Francamente, estou intrigado. Se isso representasse algum tipo de estratégia da

policia — balançou seus ombros magros —, certamente não teria permitido que a duplicata do cartão chegasse até nós.

— A menos — sugeriu um de seus homens — que tenha sido plantado deliberadamente.

Kaplan ergueu os olhos brilhantes, semelhantes aos de um pássaro, e examinou Anderton.

— O que tem a dizer?

— É exatamente isso — disse Anderton, percebendo logo a vantagem de falar francamente o que acreditava ser a verdade pura e simples. — A predição no cartão foi fabricada deliberadamente por uma panelinha dentro da agência de policia. O cartão é plantado e eu sou capturado. E perco a minha autoridade automaticamente. O meu assistente intervém e alega que impediu o assassinato da maneira eficiente de sempre da Precrime. Não é preciso dizer que não existe assassinato nem intenção de assassinato.

— Concordo com você que não haverá assassinato nenhum — afirmou Kaplan, sombriamente. — Você estará sob a custódia da policia. Pretendo garantir isso.

Horrorizado, Anderton protestou:

— Vai me levar de volta para lá? Se eu ficar sob custódia nunca vou poder provar...

— Não me importa o que vai provar ou não — interrompeu Kaplan. — Tudo o que me interessa é ter você fora do caminho. — Acrescentou, frigidamente: — Para a minha própria proteção.

— Ele estava pronto para partir — declarou um dos homens.

— Está bem — disse Anderton, suando. — Assim que puserem as mãos em mim, serei confinado no campo de detenção. Witwer assumirá, tudo. — Sua face tornou-se sombria. — E a minha mulher. Estão agindo de comum acordo, aparentemente.

Por um momento, Kaplan pareceu hesitar.

— É possível — admitiu, olhando fixamente para Anderton. Então, balançou a cabeça. — Não posso correr o risco. Se há uma armação contra você, eu lamento. Mas simplesmente não é da minha conta. — Sorriu ligeiramente. — No entanto, desejo-lhe sorte. — Aos homens, ele disse: — Levem-no ao prédio da policia e o entreguem à autoridade máxima. — Ele mencionou o nome do comissário interino e esperou a reação de Anderton.

— Witwer! — ecoou Anderton, incrédulo.

Ainda com um sorriso ligeiro, Kaplan virou-se e ligou o rádio no gabinete.

— Witwer já assumiu o posto. Obviamente, vai fazer um grande alarde com isso.

Ouviu-se um ruído breve da estática e, então, abruptamente, o rádio ressoou alto na sala — uma voz profissional ruidosa, lia um comunicado.

"...todos os cidadãos estão alertados para não abrigar ou ajudar ou assistir, da maneira que for, esse indivíduo marginal perigoso. A circunstância extraordinária de um criminoso fugitivo em liberdade e em posição de cometer um ato de violência é única nos tempos atuais. Todos os cidadãos estão, por meio deste, notificados que os estatutos legais ainda em vigor implicam todas as pessoas que não cooperarem inteiramente com a polícia na tarefa de capturar John Allison Anderton. Repetindo: a Agência Precrime do Governo Federal do Bloco Ocidental está no processo de localizar e neutralizar o seu antigo comissário, John Allison Anderton, que, através da metodologia do sistema pré-crime, é declarado assassino potencial e, como tal, perde seus direitos à liberdade e todos os seus privilégios."

— Ele não precisou esperar muito tempo — murmurou Anderton, estarrecido. Kaplan desligou o rádio e a voz desapareceu.

— Lisa deve ter ido diretamente a ele — Anderton especulou com amargura.

— Por que ela esperaria? — perguntou Kaplan. — Você deixou as suas intenções claras.

Fez um sinal com a cabeça aos seus homens.

— Levem-no de volta à cidade. Sinto-me inquieto com ele tão perto. Nesse ponto, concordo com o comissário Witwer. Quero-o neutralizado logo que possível.

#### IV

A chuva fria e fina batia contra o pavimento enquanto o carro atravessava as ruas escuras da cidade de Nova York, em direção ao edifício da polícia.

— Você pode entendê-lo — um dos homens disse a Anderton. — Se estivesse no lugar dele, agiria com a mesma determinação.

Soturno e ressentido, Anderton olhava fixamente à frente.

— De qualquer maneira — prosseguiu o homem —, você é apenas um em vários. Milhares de pessoas foram para esse campo de detenção. Você não

estará sozinho. Na verdade, talvez não queira sair de lá.

Desesperançado, Anderton observava os pedestres apressando-se nas calçadas molhadas pela chuva. Não sentia nenhuma emoção forte. Estava ciente somente de um cansaço esmagador.

Apaticamente, conferia os números das ruas: estavam se aproximando da delegacia.

— Esse Witwer parece saber como tirar vantagem de uma oportunidade — um dos homens comentou a título de conversa.

— Não o conheceu?

— Brevemente — respondeu Anderton.

— Ele queria o seu posto, então implicou você. Tem certeza disso?

Anderton fez uma careta.

— E isso tem importância?

— Era só curiosidade.— O homem olhou-o langorosamente

— Então, você é o ex-comissário da polícia. As pessoas no campo ficarão felizes ao vê-lo. Vão se lembrar de você.

— Sem dúvida — concordou Anderton.

— Witwer não perdeu tempo, realmente. Sorte de Kaplan ter um funcionário desse tipo no cargo. — O homem olhava para Anderton quase em súplica. — Está mesmo convencido de que é uma conspiração?

— É claro.

— Você não tocaria em um fio do cabelo de Kaplan? Pela primeira vez na história, a Precrime se enganou? Um homem inocente é inculpaado falsamente por um daqueles cartões. Talvez tenha havido outras pessoas inocentes, certo?

— É bem possível — admitiu Anderton indiferente.

— Talvez o sistema todo seja falho. Certamente você não vai cometer um assassinato. Talvez, nenhum deles cometesse. Por isso você disse a Kaplan que queria ficar do lado de fora? Estava esperando provar que o sistema está errado? Tenho a mente aberta, se quiser falar sobre isso.

Outro homem inclinou-se e perguntou:

— Só entre nós dois, tem algum fundamento essa história de conspiração? Você está realmente sendo acusado falsamente?

Anderton deu um suspiro. A essa altura nem ele mesmo tinha mais certeza. Talvez tivesse caído em um círculo de tempo, fechado e sem sentido, sem

motivo e sem começo. De fato, estava quase disposto a admitir que era vítima de uma fantasia neurótica e tediosa, provocada por uma insegurança cada vez maior. Sem lutar, estava disposto a desistir. Um grande peso de exaustão assentava-se sobre ele. Estava lutando contra o impossível — e todas as cartas estavam contra ele.

O cantar agudo dos pneus despertou-o. Freneticamente, o motorista lutava para controlar o carro, puxando o volante e batendo nos freios, quando um caminhão se assomou da neblina e atravessou a faixa diretamente à frente. Se ele tivesse acelerado, talvez estivesse salvo. Mas percebeu seu erro tarde demais. O carro derrapou, deu uma guinada, hesitou por um breve instante, e, então, bateu de frente contra o caminhão.

Debaixo de Anderton, o banco ergueu-se e o lançou de cara contra a porta. A dor repentina, intolerável, pareceu estourar o seu cérebro, enquanto ofegava e tentava, sem forças, pôr-se de joelhos. Em algum lugar, o estalar do fogo ecoou melancolicamente, um pedaço de brilho sibilante cintilou no remoinho de névoa que adentrava a massa retorcida do carro.

Mãos de fora do carro estenderam-se até ele. Lentamente foi tomando consciência de que estava sendo arrastado pela fenda que antes havia sido a porta. O pesado estofamento do banco foi empurrado bruscamente para o lado, e, imediatamente, ele se viu em pé, apoiando-se pesadamente sobre uma forma escura, e sendo guiado nas sombras de um beco à pequena distância do carro.

À distância, apitavam as sirenes da polícia.

— Você vai viver — uma voz chiou em seu ouvido, baixa e urgente. Era uma voz que nunca escutara antes, tão desconhecida e áspera quanto a chuva batendo em seu rosto. — Está ouvindo o que estou dizendo?

— Estou — Anderton reconheceu. Puxou a esmo a manga rasgada de sua camisa. Um corte na face começou a latejar. Confuso, tentou se orientar. — Você não é...

— Pare de falar e ouça — O homem era truncado, quase gordo. Agora, as suas grandes mãos seguravam Anderton apoiado contra o muro de tijolos do edifício, fora da chuva e da luz bruxuleante do carro em chamas. — Tivemos de fazer dessa maneira — disse ele. — Era a única alternativa. Não tínhamos muito tempo. Achamos que Kaplan o manteria em sua casa por mais tempo.

— Quem é você? — Anderton conseguiu perguntar.

A face molhada, raiada de chuva, contorceu-se em um sorriso largo e forçado.

— Meu nome é Fleming. Vai me ver de novo. Temos aproximadamente

cinco minutos até a polícia chegar. Então voltamos aonde começamos. — Um envelope foi colocado nas mãos de Anderton. — Esse saque é suficiente para que siga em frente. Contém a papelada completa de identificação. Entraremos em contato com você esporadicamente. — Seu sorriso forçado tornou-se um riso astuto. — Até que prove o seu argumento.

Anderton admirou-se.

— Então foi uma armação?

— É claro. — O homem afirmou bruscamente. — Quer dizer que tinham conseguido fazê-lo acreditar nisso também?

— Achei que... — Anderton sentiu dificuldade em falar, um de seus dentes da frente parecia estar mole. — Hostilidade em relação a Witwer... substituído, minha mulher e um homem mais jovem, ressentimento natural...

— Não se engane — disse o outro. — Você sabe perfeitamente. Esse negócio todo foi elaborado cuidadosamente. Tinham cada fase sob controle. O cartão foi preparado para ser ejetado no dia em que Witwer apareceu. Já encerraram a primeira parte. Witwer é comissário, e você é procurado como criminoso.

— Quem está por trás disso?

— A sua mulher.

A cabeça de Anderton girou.

— Tem certeza? - O homem riu.

— Pode apostar a sua vida — relanceou os olhos à sua volta.

— A polícia chegou. Vá por essa viela. Pegue um ônibus, vá para o setor de favelas, alugue um quarto e compre uma pilha de revistas para se manter ocupado. Consiga outras roupas. Você é inteligente o bastante para cuidar de si mesmo. Não tente deixar a Terra. Todos os transportes intersistemas estão sendo controlados. Se conseguir ficar aqui por uma semana, estará salvo.

— Quem é você? — perguntou Anderton.

Fleming soltou-o. Com cautela, dirigiu-se à entrada da viela e espiou. O primeiro carro de polícia acabava de chegar, deslizando sobre o pavimento molhado o motor ressoando metalicamente, aproximou-se, com desconfiança, da ruína carbonizada que tinha sido o carro de Kaplan. No interior do destroço, a brigada de homens começava, com muito esforço, a arrastar-se, pelo emaranhado de aço e plástico, para fora, para a chuva fria.

— Considere-nos uma sociedade protetora — disse Fleming, baixinho, seu rosto rechonchudo, inexpressivo, brilhando com a umidade. — Uma espécie de

força policial que vigia a polícia. Para que — acrescentou ele — fique tudo equilibrado.

A sua mão grossa foi estendida. Cambaleando, Anderton foi empurrado para avançar, quase caindo no escuro e nos escombros úmidos que se espalhavam pelo beco.

— Não pare — disse-lhe Fleming abruptamente. — E não largue o envelope. — Enquanto Anderton, hesitante, abria caminho rumo ao outro extremo da viela, lhe chegaram as últimas palavras do homem: — Examine-o atentamente e talvez sobreviva.

O cartão de identidade descrevia-o como Ernest Temple, eletricitista desempregado, recebendo uma subsistência semanal do estado de Nova York, com uma esposa e quatro filhos em Buffalo e menos de cem dólares de patrimônio. Um *green card* autorizava-o a viajar e a não manter endereço fixo. Um homem que procura trabalho tem de viajar. Talvez tivesse de percorrer um longo caminho.

Enquanto atravessava a cidade em um ônibus praticamente vazio, Anderton estudou a descrição de Ernest Temple. Obviamente, os cartões haviam sido elaborados com ele em mente, pois todas as medidas se ajustavam. Depois de algum tempo, se perguntou sobre as impressões digitais e o padrão de onda cerebral. Possivelmente não resistiriam a uma comparação. A carteira cheia de cartões permitiria que passasse somente por uma verificação superficial.

Mas já era alguma coisa. E com a carteira de identidade, estavam dez mil dólares em papel-moeda. Pôs no bolso os cartões e o dinheiro e, então, voltou-se para a mensagem digitada que os envolvia.

De início, não fez o menor sentido. Estudou-a por muito tempo, perplexo.

A existência de uma maioria implica,  
logicamente, uma minoria correspondente.

O ônibus tinha entrado na vasta região das favelas, passando, aos solavancos, por milhares de hotéis baratos e casas de cômodos arruinadas que tinham surgido depois da destruição em massa da guerra. Reduziu a marcha ao se aproximar de um ponto e Anderton levantou-se. Alguns passageiros observaram preguiçosamente o corte em seu rosto e a roupa rasgada. Ignorando-os, ele desceu para o meio-fio molhado pela chuva.

Além de receber o dinheiro, o funcionário do hotel não estava interessado



em mais nada. Anderton subiu a escada para o segundo andar e entrou no cômodo estreito, cheirando a mofo, que agora lhe pertencia. Grato, ele trancou a porta e baixou as persianas. O quarto era pequeno, mas limpo. Cama, cômoda, calendário com paisagens, cadeira, abajur, um rádio com uma ranhura para a inserção de moedas.

Introduziu uma moeda e deixou-se cair pesadamente na cama. Todas as principais estações transmitiam o boletim da polícia. Era inusitado, excitante, algo desconhecido para a geração atual. Um criminoso fugitivo! O público estava avidamente interessado.

"...esse homem aproveitou-se de sua alta posição para realizar uma fuga", o locutor dizia, com uma indignação profissional. "O seu alto cargo lhe dava acesso aos dados antecipadamente, e a confiança de que gozava permitiu que escapasse do processo normal de detenção e de sua localização. Durante a sua gestão, exerceu a autoridade para enviar inúmeros culpados em potencial ao confinamento apropriado, poupando, desse modo, a vida de vítimas inocentes. Esse homem, John Allison Anderton, foi fundamental para a criação do sistema da Precrime, a pré-detenção profilática de criminosos por meio do uso engenhoso de mutantes precognitivos, capazes de prever eventos futuros e transferir oralmente os dados à maquinaria analítica. Esses três precognitivos, em sua função vital..."

A voz calou-se gradualmente quando ele saiu do quarto e entrou no banheiro minúsculo. Ali, tirou o casaco, a camisa, e abriu a torneira de água quente da pia. Começou a lavar o corte na maçã do rosto. Na drogaria da esquina, tinha comprado iodo e *band-aids*, lâmina de barbear, pente, escova de dentes, e outras pequenas coisas de que precisaria. Na manhã seguinte, procuraria uma loja de roupas usadas e compraria algo mais adequado. Afinal, ele, agora, era um electricista desempregado, e não um comissário da polícia acidentado.

No quarto, o rádio ressoava estridente. Mas ele só o percebia subconscientemente, em pé diante do espelho, examinando um dente quebrado.

"...o sistema dos três precognitivos tem sua origem nos computadores de meados deste século. Como os resultados de um computador eletrônico são verificados? Introduzindo os dados em um segundo computador de *design* idêntico. Mas dois computadores não são suficientes. Se cada um deles chegar a uma resposta diferente, é impossível afirmar *a priori* qual está certo. A solução, com base em um estudo cuidadoso do método estatístico, é utilizar um terceiro computador para checar os resultados dos dois primeiros. Dessa maneira, é obtido um relatório, chamado relatório da maioria. Pode-se supor com probabilidade total que a concordância de dois em três computadores indica qual

dos resultados alternativos é exato. É improvável que dois computadores cheguem a soluções incorretas idênticas..."

Anderton largou a toalha que segurava e correu para o quarto. Tremendo, curvou-se para escutar as palavras estridentes do rádio.

"...a unanimidade dos três precognitivos é um fenômeno esperado, mas raro, explica o comissário interino Witwer. É muito mais comum obter um relatório em conjunto da maioria de dois precognitivos, mais um relatório da minoria, com alguma ligeira variação, geralmente com referência a tempo e lugar, do terceiro mutante. Isso é explicado pela teoria *de futuros múltiplos*. Se existisse somente uma trajetória para o tempo, a informação precognitiva não teria nenhuma importância, na medida em que não haveria nenhuma possibilidade, ao se possuir essa informação, de alterar o futuro. No trabalho da Agência Precrime, devemos, antes de mais nada, supor que..."

Freneticamente, Anderton ficou de lá para cá no quarto exíguo. Relatório da maioria - somente dois dos precognitivos haviam concordado sobre o material que fundamentava o cartão.

Esse era o significado da mensagem no pacote. O relatório do terceiro precognitivo, o relatório da minoria, tinha, de certa forma, importância.

Por quê?

Seu relógio informou-lhe que passava da meia-noite. Page deveria estar de folga. Não retornaria ao bloco dos macacos até a tarde seguinte. Era uma chance remota, mas valia a pena tentar. Page talvez o protegesse, talvez não. Ele teria de correr o risco.

Ele tinha de ver o relatório da minoria.

## VI

Entre meio-dia e uma da tarde, as ruas cobertas de lixo ficavam cheias de gente. Optou por essa hora, a mais movimentada do dia, para fazer a ligação. Escolhendo uma cabine em uma grande drogaria, apinhada de clientes, discou o número familiar da polícia e esperou com o telefone ao ouvido. Deliberadamente, selecionou a linha áudio e não a de vídeo: apesar de suas roupas surradas e a aparência esmolambado, não barbeado, podia ser reconhecido.

O recepcionista era novo. Com cautela, passou para o ramal de Page. Se Witwer estava removendo a equipe regular e colocando seus satélites, ele poderia se pegar falando com alguém totalmente estranho.

— Alô? — ouviu a voz rouca de Page.

Aliviado, Anderton relanceou os olhos em volta. Ninguém estava lhe prestando a mínima atenção. Os fregueses perambulavam com mercadorias, ocupando-se de sua rotina diária.

— Pode falar? — perguntou ele. — Ou está ocupado?

Houve um momento de silêncio. Ele imaginou a cara conciliatória de Page dilacerada pela dúvida, enquanto tentava desesperadamente decidir o que fazer. Por fim, falou com hesitação.

— Por que... ligou para cá?

Ignorando a pergunta, Anderton disse:

— Não reconheci o recepcionista. Pessoal novo?

— Novinho em folha — concordou Page, com a voz sumida, abafada. — Muita rotatividade de pessoal, agora.

— Foi o que eu soube. — Tenso, Anderton perguntou: — E o seu emprego? Está seguro?

— Espere um minuto. — O fone foi abaixado, e Anderton escutou o som abafado de passos. Foi seguido pelo ruído rápido de uma porta sendo fechada apressadamente. Page retornou. — Agora, podemos falar melhor — disse com a voz rouca.

— Bem melhor?

— Não muito. Onde está?

— Dando um giro pelo Central Park — disse Anderton. — Aproveitando o sol. — Até onde sabia, Page tinha ido se certificar de que a fita da linha estava no lugar. Nesse exato momento, uma equipe da polícia estava, provavelmente, sendo transportada por um avião. Mas ele tinha de correr o risco. — Estou em outro campo — disse laconicamente. — Agora sou eletricitista.

— Ahan? — replicou Page desconcertado.

— Achei que talvez tivesse trabalho para mim. Se isso puder ser arranjado, gostaria de passar por aí e examinar o seu equipamento de computação. Principalmente os bancos de dados no bloco dos macacos.

Depois de uma pausa, Page disse:

— Pode... ser arranjado. Se for realmente importante.

— É — garantiu Anderton. — Quando é melhor para você?

— Bem — disse Page, vacilante — Estou esperando uma equipe da

manutenção que virá examinar o equipamento do sistema de intercomunicação. O comissário interino quer aprimorá-lo, para que ele possa operá-lo com mais rapidez. Você pode entrar com eles.

— Farei isso. Por volta de que horas?

— Digamos às quatro. Entrada B, nível 6. Eu... vou encontrá-lo.

— Ótimo — concordou Anderton, antes de desligar. — Espero que ainda esteja no cargo quando eu chegar.

Desligou e deixou a cabine rapidamente. Um momento depois, tentava passar por uma massa densa de pessoas que apinhava a cafeteria do lado. Ninguém o localizaria ali.

Tinha de esperar três horas e meia. E seria um tempo bastante longo. Revelou-se a espera mais longa de sua vida, até que, finalmente, encontrou Page como combinado.

A primeira coisa que Page disse foi:

— Você perdeu o juízo. Por que diabos voltou?

— Não voltei por muito tempo — Tenso, Anderton entrou pelo bloco dos macacos, fechando, sistematicamente, uma porta atrás da outra. — Não deixe ninguém entrar. Não posso me arriscar.

— Você devia ter-se demitido quando ainda era o chefe. — Agoniado de apreensão, Page seguiu atrás dele. — Witwer está se aproveitando da situação, não perde tempo. Vai pôr o país todo gritando por seu sangue.

Ignorando-o, Anderton abriu o principal banco de controle da maquinaria analítica.

— Qual dos três macacos fez o relatório da minoria?

— Não me pergunte. Estou caindo fora. — A caminho da porta, Page parou por um breve momento, apontou a figura do meio e desapareceu em seguida. A porta foi fechada. Anderton ficou sozinho.

O do meio. Ele o conhecia bem. A figura anã e corcunda estava enterrada nessa fiação e relés há 15 anos. Quando Anderton se aproximou, a criatura não ergueu os olhos. Seus olhos vidrados e perplexos contemplavam um mundo que ainda não existia, gesto à realidade física à sua volta.

"Jerry" tinha 24 anos. Originalmente, havia sido classificado como um idiota hidrocéfalo, mas ao completar a idade de seis anos, os testes psicológicos identificaram o talento precognitivo, soterrado sob camadas de tecido decomposto. Colocado em uma escola de treinamento operada pelo governo, o talento latente foi cultivado. Quando tinha nove anos, o talento já

avançara a um estágio útil. "Jerry", no entanto, permaneceu no caos sem objetivo, na idiotia; a faculdade que se desenvolvia rapidamente tinha absorvido a totalidade de sua personalidade.

Acocorado, Anderton começou a desmontar as placas protetoras dos rolos de fitas armazenados na maquinaria analítica. Usando os esquemas, seguiu o curso dos estágios finais dos computadores integrados até o ponto em que o equipamento individual de "Jerry" se ramificava. Em minutos, retirava, trêmulo, duas fitas de meia hora: dados recentes rejeitados que não se coadunavam com os relatórios da maioria. Consultando a carta de códigos, selecionou a seção de fitas que se referiam a esse cartão em particular.

Um *scanner* de fitas estava montado do lado. Prendendo a respiração, ele inseriu a fita, ativou o transporte, e escutou. Só levou um segundo. Desde a primeira declaração do relatório ficou claro o que tinha acontecido. Tinha o que queria; podia parar de buscar.

A visão de "Jerry" estava na fase errada. Por causa da natureza errática da precognição, ele estava examinando uma área de tempo um pouco diferente da de seus companheiros. Para ele, o registro de que Anderton cometeria um assassinato era um evento a ser integrado com todo o resto. Essa afirmação — e a reação de Anderton — era mais um dado.

Obviamente, o relatório de "Jerry" invalidava o relatório da maioria. Tendo sido informado de que cometeria um assassinato, Anderton mudaria de idéia e não o cometeria. A antevisão do assassinato tinha cancelado o crime; a profilaxia tinha ocorrido simplesmente no ato de ter sido informado. Um novo curso de tempo já havia sido criado. Mas "Jerry" tinha sido minoria.

Trêmulo, Anderton retrocedeu a fita e clicou na cabeça gravadora. Fez uma cópia, em alta velocidade, do relatório, restaurou o original, e removeu a duplicata do transporte. Ali estava a prova de que o cartão era inválido: *obsoleto*. Tudo que tinha a fazer era mostrá-la a Witwer...

A sua própria estupidez o surpreendeu. Sem dúvida, Witwer tinha visto o relatório; e, apesar disso, havia assumido o cargo de comissário, e afastado as equipes da polícia. Witwer não tinha a intenção de se retirar; ele não estava preocupado com a inocência de Anderton.

O que, então, podia fazer? Quem mais estaria?

— Seu idiota! — uma voz irritada atrás dele ecoou, com fúria. Virou-se rapidamente. A sua mulher estava em uma das portas, na sua farda de polícia, os olhos frenéticos de aflição.

— Não se preocupe — disse-lhe brevemente, mostrando a fita. — Estou de saída.

O rosto de Lisa contorceu-se, e ela precipitou-se para ele.

— Page disse que estava aqui, mas não acreditei. Não devia tê-lo deixado entrar. Ele simplesmente não entende quem você é.

— Quem eu sou? — perguntou Anderton sarcasticamente. — Antes de responder, talvez fosse melhor que escutasse esta fita.

— Não quero escutá-la! Só quero que saia daqui já! Ed Witwer sabe que tem alguém aqui. Page está tentando mantê-lo ocupado, mas — interrompeu-se, a cabeça virou-se rigidamente para o lado. — Ele está aqui agora! Vai forçar a entrada!

— Você não tem influência? Seja graciosa e sedutora. Provavelmente ele se esquecerá de mim.

Lisa olhou para ele com reprovação.

— Tem uma nave pousada no terraço. Se quiser fugir... —A sua voz engasgou e, por um instante, ficou em silêncio. Então, ela disse: —Vou decolar em um minuto. Se quiser vir...

— Vou — disse Anderton. Ele não tinha escolha. Havia assegurado a fita, a sua prova, mas não havia elaborado nenhum método para partir. Contente, apressou-se atrás da figura esguia de sua mulher, enquanto ela saía do bloco por uma porta lateral e atravessava um corredor, os saltos dos sapatos batendo alto na escuridão deserta.

— É uma boa nave, e veloz — disse-lhe por sobre o ombro. — Está abastecida para emergência, pronta para decolar. Eu estava indo supervisionar algumas das equipes.

## VII

Atrás do manche do cruzador da polícia, Anderton descreveu, em linhas gerais, o conteúdo da fita do relatório da minoria. Lisa escutou sem comentar, a expressão atormentada, tensa, as mãos apertadas no colo. Abaixo da nave, a região rural devastada pela guerra espalhava-se como um mapa de relevos, as regiões vazias, entre as cidades, eram agora crateras abertas e pontilhadas das ruínas das fazendas e pequenas indústrias.

— Eu me pergunto — disse ela, quando ele terminou — quantas vezes isso aconteceu antes.

— Um relatório da minoria? Muitas vezes.

— Quero dizer, um precognitivo estar em fase diferente. Usando o

relatório dos outros como dados, invalidando-os. — Com o olhar sombrio e grave acrescentou: — Talvez muitos nos campos sejam como você.

— Não — insistiu Anderton. Mas começava também a se sentir inquieto em relação a isso. — Eu estava em posição de ver o cartão, de dar uma olhada no relatório. Foi isso que me convenceu.

— Mas — Lisa interrompeu-o com um gesto. — Talvez todos tenham reagido dessa maneira. Poderíamos ter-lhes dito a verdade.

— Teria sido um risco grande demais — respondeu ele, obstinadamente.

De súbito, Lisa deu uma risada.

— Risco? Chance? Incerteza? Com precognitivos à volta? - Anderton concentrou-se em conduzir a pequena nave.

— Este é um caso único — repetiu ele. — E temos um problema imediato. Podemos tratar do aspecto teórico depois. Tenho de levar esta fita às pessoas interessadas, antes de seu jovem e brilhante amigo destruí-la.

— Vai levá-la para Kaplan?

— Certamente. — Tateou o rolo de fita no assento entre eles.

— Ele vai estar interessado. A prova de que a sua vida não está em perigo deve ser de importância vital para ele.

Nervosa, Lisa tirou de sua bolsa a cigareira.

— E acha que ele vai ajudar você?

— Pode ajudar ou não. É um risco que vale a pena correr.

— Como conseguiu se tornar clandestino tão rapidamente? — perguntou Lisa. — É difícil obter um disfarce completamente eficiente.

— Tudo o que é preciso é dinheiro — respondeu ele evasivamente.

Enquanto fumava, Lisa ponderou:

— Provavelmente Kaplan vai protegê-lo — disse ela. — Ele é muito poderoso.

— Pensei que fosse um general da reserva.

— Tecnicamente, é isso o que ele é. Mas Witwer divulgou o dossiê sobre ele. Kaplan chefiava um tipo incomum de organização de veteranos. Na verdade, é uma espécie de clube, com alguns membros exclusivos. Somente oficiais de alta patente. Uma classe internacional composta dos dois lados da guerra. Aqui, em Nova York, eles mantêm uma espécie de palácio da prefeitura, três publicações de produção luxuosa e uma cobertura ocasional na TV que lhes custa uma

pequena fortuna.

— O que está querendo dizer?

— Apenas isso. Você me convenceu de que é inocente. Quer dizer, é óbvio que *não vai* cometer um assassinato. Mas, agora, tem de se dar conta de que o relatório original, o relatório da maioria, *não é uma falsificação*. Ninguém o falsificou. Ed Witwer não o criou. Não existe conspiração contra você, nem nunca existiu. Se aceitar esse relatório da minoria como genuíno, terá de aceitar o da maioria também.

Com relutância, ele concordou.

— Acho que sim.

— Ed Witwer — prosseguiu Lisa — está agindo de boa-fé. Ele realmente acredita que você é um criminoso em potencial. E por que não? Ele tem o relatório da maioria em sua mesa, mas você tem esse cartão dobrado no bolso.

— Eu o destruí — disse Anderton calmamente. Lisa inclinou-se, séria, em sua direção.

— Ed Witwer não é motivado por nenhum desejo de ter o seu cargo — disse ela. — É motivado pelo mesmo desejo que sempre motivou você. Ele acredita na Precrime. Ele quer que o sistema se mantenha. Conversei com ele e estou convencida de que está falando a verdade.

Anderton perguntou:

— Quer que eu leve esta fita a Witwer? Se eu fizer isso, ele vai destruí-la.

— Bobagem — retorquiu Lisa — As originais estão em suas mãos desde o começo. Poderia tê-las destruído quando quisesse.

— É verdade — admitiu Anderton — Possivelmente ele não sabia.

— É claro que não. Veja dessa maneira. Se Kaplan tomar posse desta fita, a polícia ficará desacreditada. Percebe por quê? Provaria que o relatório da maioria estava errado. Ed Witwer está absolutamente certo. Você precisa ser preso. Se a Precrime tiver de sobreviver. Você está pensando em sua própria segurança. Mas pense, por um momento, no sistema. — Curvando-se, apagou o cigarro e remexeu na bolsa buscando outro. — O que significa mais para você: a sua segurança pessoal ou a existência do sistema?

— A minha segurança — respondeu Anderton, sem hesitar.

— Tem certeza?

— Se o sistema só consegue sobreviver aprisionando inocentes, então merece ser destruído. A minha segurança pessoal é importante porque sou um



ser humano. E, além disso...

Lisa tirou da bolsa uma pistola incrivelmente minúscula.

— Acho — disse-lhe, a garganta seca — que o meu dedo está no gatilho. Nunca usei uma arma como esta antes, mas estou disposta a experimentar.

Depois de uma pausa, Anderton perguntou:

— Quer que eu dê a volta? É isso?

— Sim, que retorne ao edifício da polícia. Lamento. Se pudesse colocar o bem do sistema acima de seu egoísmo...

— Poupe o sermão — disse Anderton — Vou levar a nave de volta. Mas não vou ouvir a sua defesa de uma norma de comportamento que nenhum homem inteligente seria capaz de aprovar.

Os lábios de Lisa apertaram-se formando uma linha tênue, exangue. Segurando firme a pistola, sentou-se de frente para ele, os olhos atentamente fixos em sua manobra, enquanto ele traçava um arco amplo com a nave. Alguns objetos soltos chocalharam no porta-luvas quando a pequena aeronave girou em uma manobra radical, uma asa ascendendo majestosamente até apontar diretamente para cima.

Anderton e sua mulher estavam seguros pelos braços metálicos de seus assentos. Mas o terceiro membro do grupo não.

Pelo canto do olho, Anderton percebeu um movimento repentino. Um som ressoou simultaneamente, o esforço para se segurar de um homem grande, quando, abruptamente, perdeu o equilíbrio e foi jogado contra a parede reforçada da nave. O que se seguiu aconteceu rapidamente. Fleming pôs-se imediatamente de pé, cambaleando e cauteloso, um braço atacando violentamente a pistola da mulher. Anderton estava surpreso demais para gritar. Lisa virou-se, viu o homem, e gritou. Fleming conseguiu fazê-la largar a arma, que caiu no chão com estardalhaço.

Resmungando, Fleming empurrou-a e recuperou a arma.

— Desculpe — disse ofegando, apurando o corpo o melhor que pôde. — Achei que ela falaria mais. Por isso esperei.

— Você estava aqui quando — começou Anderton, e se calou. Era óbvio que Fleming e seus homens o mantinham sob vigilância. A existência da nave de Lisa tinha sido devidamente notada e analisada, e enquanto Lisa discutia se seria melhor levá-lo a um local seguro, ele tinha se introduzido furtivamente no compartimento de carga.

— Talvez — disse Fleming — fosse melhor me dar a fita. — Seus dedos

úmidos e desajeitados tatearam buscando-a. — Você tem razão, Witwer teria lhe dado sumiço.

— Kaplan também? — perguntou Anderton, entorpecido, ainda atordoado com a aparição do homem.

— Kaplan está trabalhando diretamente com Witwer. Por isso o seu nome apareceu na linha cinco do cartão. Qual dos dois é o verdadeiro chefe, não sabemos. Possivelmente nenhum dos dois. — Fleming se desfez da pistola pequenina e pegou a sua própria arma militar pesada. — Foi um grande erro voar com essa mulher. Eu tinha lhe dito que ela estava por trás disso tudo.

— Não acredito — protestou Anderton. — Se ela...

— Você não entendeu. Esta nave foi preparada por ordem de Witwer. Queriam tirá-lo do prédio, de modo que não conseguíssemos chegar a você. Sozinho, separado de nós, você não teria nenhuma chance.

Uma expressão estranha atravessou as feições perplexas de Lisa.

— Não é verdade — sussurrou ela.— Witwer nunca viu esta nave. Eu ia supervisionar...

— Você quase conseguiu escapar — Fleming interrompeu inexorável. — Teremos sorte se uma nave do patrulhamento da polícia não estiver nos aguardando. Não houve tempo para checar — Agachou-se enquanto falava, diretamente atrás da cadeira da mulher. — A primeira coisa é tirar esta mulher do caminho. Teremos de tirá-lo desta área. Page deu o serviço a Witwer sobre o seu novo disfarce, e pode estar certo de que já foi amplamente divulgado.

Ainda agachado, Fleming agarrou Lisa. Jogando a sua arma pesada para Anderton, ergueu, habilmente, o queixo dela até sua têmpora ser empurrada de encontro ao banco. Lisa agarrou-se freneticamente a ele; um gemido fraco, aterrorizado, soltou-se de sua garganta. Ignorando-a, Fleming fechou suas grandes mãos em volta de seu pescoço e começou a apertar implacavelmente.

— Nenhum ferimento de bala — explicou ele, ofegando. — Ela cairá. Um acidente natural. Acontece o tempo todo. Mas, neste caso, o seu pescoço será *primeiro* quebrado.

Parecia estranho que Anderton esperasse tanto tempo. Os dedos grossos de Fleming estavam cruelmente cravados na pele pálida da mulher quando ele ergueu a coronha da pistola pesada e abaixou-a na parte de trás do crânio de Fleming. As mãos monstruosas relaxaram. Fleming, vacilou para a frente e caiu contra a parede da nave. Na tentativa de se recompor, começou a arrastar o corpo para cima. Anderton atingiu-o de novo, dessa vez acima do olho esquerdo. Ele caiu para trás e ficou imóvel.

Respirando com dificuldades, Lisa permaneceu, por um momento, encolhida, o corpo oscilando para frente e para trás. Então, gradativamente, a cor retornou ao seu rosto.

— Pode assumir o controle da nave? — perguntou Anderton, sacudindo-a, a voz urgente.

— Posso, acho que posso. — Quase mecanicamente; ela alcançou o manche. — Vou ficar bem. Não se preocupe comigo.

— Esta pistola — disse Anderton — pertence ao exército. Mas não é do tempo da guerra. É uma das novas que estão desenvolvendo. Eu posso estar enganado, mas há uma chance...

Ele voltou para onde Fleming estava estirado. Tentando não tocar na cabeça do homem, abriu o seu casaco e revistou seus bolsos. Um momento depois, a carteira de Fleming, empapada de suor, estava em suas mãos.

Tod Fleming, segundo sua identidade, era um major do exército, ligado ao Departamento de Inteligência de Informação Militar. Entre os diversos documentos, havia um documento, assinado pelo general Leopold Kaplan, declarando que Fleming estava sob a proteção especial de seu grupo — a Liga Internacional dos Veteranos.

Fleming e seus homens estavam operando sob as ordens de Kaplan. O caminhão, o acidente, tudo havia sido armado deliberadamente.

Isso significava que Kaplan o havia mantido longe das mãos da polícia intencionalmente. O plano iniciara com o contato original em sua casa, quando seus homens o pegaram quando arrumava as malas. Incrédulo, se deu conta do que realmente tinha acontecido. Mesmo então, estavam se assegurando de que o teriam antes da polícia. Desde o começo, havia sido uma estratégia elaborada para impedir que Witwer o prendesse.

— Você estava dizendo a verdade — disse Anderton à sua mulher, ao voltar a se sentar. — Podemos entrar em contato com Witwer?

Ela disse que sim com um movimento da cabeça. Apontando o circuito de comunicações do painel, ela perguntou:

— O que... descobriu?

— Entre em contato com Witwer. Quero falar com ele o mais rápido possível. É muito urgente.

Aos solavancos, ela discou, conseguiu o circuito mecânico do canal fechado, e contactou o quartel-general da polícia em Nova York. Um panorama visual de funcionários da polícia de menor importância passou rapidamente antes

de uma réplica das feições de Ed Witwer aparecer na tela.

— Lembra-se de mim? — perguntou Anderton. Witwer empalideceu.

— Meu Deus, o que aconteceu? Lisa, você está trazendo ele de volta? — Abruptamente, seus olhos fixaram-se na arma nas mãos de Anderton. — Ouça — disse ele impetuosamente —, não faça nada a ela. O que quer que ache, ela não é responsável.

— Eu já descobri isso — respondeu Anderton. — Pode nos localizar e acompanhar? Talvez precisemos de proteção ao retornar.

— *Retornar!* — Witwer encarou-o sem acreditar. — Você está voltando? Está se entregando?

— Estou, sim. — Falando rapidamente, com urgência, Anderton acrescentou: — Tem uma coisa que você deve fazer imediatamente. Feche o bloco dos macacos. Assegure-se de que ninguém entre. Nem Page nem ninguém. *Especialmente o pessoal do exército.*

— Kaplan — disse a imagem em miniatura.

— O que tem ele?

— Esteve aqui. Acabou de sair. O coração de Anderton parou.

— O que ele foi fazer?

— Coletar dados. Transcreveu duplicatas dos relatórios dos precognitivos sobre você. Ele insistiu que os queria exclusivamente para a sua própria proteção.

— Então, ele já os tem — disse Anderton. — É tarde demais. Alarmado, Witwer quase gritou.

— O que quer dizer exatamente? O que está acontecendo?

— Vou lhe contar — disse Anderton energicamente — quando chegar ao meu escritório.

## VIII

Witwer encontrou-o no terraço do edifício da polícia. Quando a pequena aeronave aterrissou, várias naves de escolta mergulharam seus estabilizadores verticais e partiram em velocidade. Anderton aproximou-se imediatamente do rapaz louro.

— Você conseguiu o que queria — disse. — Pode me prender, me mandar para o campo de detenção. Mas isso não vai ser o suficiente.

Os olhos azuis de Witwer estavam pálidos na incerteza.

— Acho que não estou entendendo...

— A culpa não é minha. Eu não devia ter deixado o prédio da polícia. Onde está Wally Page?

— Já está sob controle — respondeu Witwer. — Não vai nos dar mais trabalho.

A expressão de Anderton tornou-se soturna.

— Você o prendeu pelo motivo errado — disse ele. — Deixar eu entrar no bloco dos macacos não foi crime nenhum. Mas passar informações para o exército é. Você tem uma rede de espionagem do exército plantada aqui. — Corrigiu-se, não muito convincentemente: — Quer dizer, eu tenho.

— Eu retirei a sua ordem de captura. Agora as equipes estão atrás de Kaplan.

— Tiveram sorte?

— Ele saiu daqui em uma caminhonete do exército. Nós o seguimos, mas a caminhonete entrou no quartel militar. Eles têm um grande tanque de guerra R-3 bloqueando a rua. Seria provocar a guerra civil tirá-lo do caminho.

Devagar, com hesitação, Lisa avançou. Ela ainda estava pálida e abalada, e uma feia mancha roxa formava-se em sua garganta.

— O que aconteceu com você? — perguntou Witwer. Então, ele viu a forma inerte de Fleming estirada lá dentro. Encarando Anderton, ele disse: — Finalmente parou de achar que era uma conspiração minha.

— Sim.

— Não acha que eu estou — fez uma expressão de repulsa — *tramando* pegar o seu posto.

— É claro que está. Todo mundo é culpado desse tipo de coisa. Eu estou tramando mantê-lo. Mas isso é diferente, e você não é o responsável.

— Por que afirma — perguntou Witwer — que é tarde demais para se entregar? Meu Deus, vamos colocá-lo em um campo. A semana vai passar e Kaplan continuará vivo.

— Ele estará vivo, sim — admitiu Anderton. — Mas ele pode provar que também estaria vivo se eu estivesse solto pelas ruas. Ele tem a informação que mostra que o relatório da maioria está obsoleto. Ele pode quebrar o sistema da Precrime. — Concluiu: — Independente de dar cara ou coroa, ele vai vencer. E nós vamos perder. O exército vai nos desmoralizar. A estratégia deles terá êxito.

— Mas por que correm um risco tão grande? O que querem exatamente?

— Depois da guerra anglo-chinesa, o exército perdeu. Não foi mais o que era na época áurea da AFBO. Eles dirigiam o show, tanto militar quanto doméstico. E faziam o seu próprio trabalho de polícia.

— Como Fleming — disse Lisa com a voz fraca.

— Depois da guerra, o Bloco Ocidental foi desmilitarizado. Oficiais, como Kaplan, foram reformados e descartados. Ninguém gosta disso — Anderton fez uma careta. — Posso entendê-lo. Ele não é o único. Mas não podíamos continuar dirigindo as coisas dessa maneira. Tivemos de dividir a autoridade.

— Está dizendo que Kaplan venceu — disse Witwer. — Não há nada que possamos fazer?

— Eu não vou matá-lo. Eu sei disso e ele sabe disso. Provavelmente ele irá aparecer e nos oferecer algum tipo de acordo.

Vamos continuar a funcionar, mas o Senado irá abolir a nossa influência. Você não gostaria disso, gostaria?

— Eu diria que não — respondeu Witwer enfaticamente. — Qualquer dia desses, estarei dirigindo esta agência. — Enrubescou. — Não imediatamente, é claro.

A expressão de Anderton era sombria.

— Foi péssimo você divulgar o relatório da maioria. Se o tivesse mantido secreto, poderíamos recuperá-lo. Mas todo mundo soube dele. Não podemos dá-lo como não dito.

— Acho que não — admitiu Witwer, sem graça. — Talvez eu... não consiga esse posto tão facilmente como imaginei.

— Conseguirá, com o tempo. Será um bom oficial de polícia. Você acredita no *status quo*. Mas aprenda a ir com calma. — Anderton afastou-se deles. — Vou examinar as fitas dos dados do relatório da maioria. Quero descobrir exatamente como eu supostamente mataria Kaplan. — Pensativamente, concluiu: — Talvez me dê algumas idéias.

As fitas dos dados dos precognitivos "Donna" e "Mike" foram armazenadas separadamente. Escolhendo a maquinaria responsável pela análise de "Donna", ele abriu a plaqueta protetora e expôs o conteúdo. Como antes, o código informou-lhe que rolos eram relevantes e, em um instante, o mecanismo de transporte de fita estava em operação.

Era mais ou menos o que ele tinha suspeitado. Esse era o material utilizado por "Jerry" — o curso de tempo relegado. Nele, os agentes da Inteligência Militar

de Kaplan seqüestravam Anderton quando ele ia para casa depois do trabalho. Era levado à mansão de Kaplan, o Quartel-General da organização da Liga Internacional dos Veteranos. Anderton recebia um ultimato: desmembrar voluntariamente o sistema Precrime ou enfrentar a hostilidade franca do exército.

No curso de tempo rejeitado, Anderton, como comissário da polícia, tinha recorrido ao Senado para pedir apoio. Nenhum apoio tinha sido dado. Para evitar a guerra civil, o Senado tinha ratificado o desmembramento do sistema de polícia e decretado o retorno à lei militar "de lidar com a emergência" Utilizando uma unidade fanática da polícia, Anderton localizara Kaplan, e outros oficiais da Liga dos Veteranos, e atirara nele. Somente Kaplan tinha morrido. Os outros haviam sido apaziguados. E o golpe tinha sido bem-sucedido.

Esse era "Donna". Ele voltou a fita e examinou o material antevisto por "Mike". Era idêntico; os dois precognitivos haviam combinado apresentar um quadro unificado. "Mike" começava como "Donna" tinha começado: Anderton tomava consciência da conspiração de Kaplan contra a polícia. Mas alguma coisa estava errada. Intrigado, ele voltou a fita até o início. Incompreensivelmente, o que escutara não batia. Escutou de novo, atentamente, a fita.

O relatório "Mike" era muito diferente do relatório "Donna".

Uma hora depois, tinha terminado a investigação, guardou as fitas e deixou o bloco dos macacos. Assim que saiu, Witwer perguntou:

— O que houve? Dá para ver que há alguma coisa errada.

— Não — respondeu Anderton lentamente, ainda absorto em pensamentos. — Não exatamente errada. — Um som chegou aos seus ouvidos. Dirigiu-se à janela, ainda um pouco perplexo, e olhou para fora.

A rua estava lotada de gente. Descendo a faixa central, soldados fardados em quatro colunas. Rifles, capacetes... soldados avançando em suas fardas encardidas, do tempo de guerra, carregando as flâmulas amadas da AFBO que adejavam ao vento frio da tarde.

— Um reagrupamento do exército — explicou Witwer, frio e desanimado. — Eu estava enganado. Eles não farão um acordo conosco. Por que fariam? Kaplan tornará público.

Anderton não ficou surpreso.

— Ele vai ler o relatório da minoria?

— Aparentemente sim. Vão pedir ao Senado que nos disperse, e tirar a nossa autoridade. Vão alegar que prendemos homens inocentes, realizamos

batidas policiais noturnas, esse tipo de coisa. Governo pelo terror.

— Acha que o Senado vai ceder? Witwer hesitou.

— Eu não tenho palpite.

— Eu tenho — disse Anderton. — Vai ceder. Esse negócio ajusta-se ao que aprendi lá embaixo. Estamos confinados e só há uma direção em que podemos seguir. Querendo ou não, teremos de segui-la. — Seus olhos refletiram um lampejo frio.

Com apreensão, Witwer perguntou:

— E qual é ela?

— Depois que eu disser, você vai se perguntar por que não pensou nisso. Obviamente, terei de cumprir o relatório divulgado. Terei de matar Kaplan. É a única maneira de impedi-los de nos desautorizar.

— Mas — disse Witwer, atônito — o relatório da maioria foi invalidado.

— Eu posso fazer isso — informou Anderton —, mas tem um preço. Você está familiarizado com os estatutos que regem assassinato em primeiro grau?

— Prisão perpétua.

— No mínimo. Provavelmente, você pode puxar alguns fios e substituí-la por exílio. Eu poderia ser enviado a um dos planetas colônias, a velha fronteira.

— Você... prefere isso?

— Diabos, não — replicou Anderton enfático. — Mas vai ser o menor de dois males. E tem de ser feito.

— Não vejo como poderá matar Kaplan.

Anderton mostrou a arma militar que Fleming tinha lhe jogado.

— Vou usar isso.

— Eles não vão deter você?

— Por que o fariam? Eles conhecem o relatório da minoria que diz que mudei de idéia.

— Então o relatório da minoria é incorreto?

— Não — respondeu Anderton — está absolutamente certo. Mas vou matar Kaplan de qualquer maneira.



Ele nunca tinha matado um homem. Nunca tinha nem mesmo visto um homem assassinado. E tinha sido comissário da polícia durante 30 anos. Para essa geração, o assassinato deliberado tinha sido extinto. Simplesmente não acontecia.

Um carro da polícia levou-o para o interior de um bloco do reagrupamento do exército. Ali, oculto no banco traseiro, ele examinou minuciosamente a pistola que Fleming lhe fornecera. Parecia intacta. Na verdade, não havia dúvida do resultado. Tinha certeza absoluta do que aconteceria em meia hora. Tornando a guardar a arma, abriu a porta do carro estacionado e saltou cautelosamente.

Ninguém prestou a menor atenção nele. A massa de pessoas, que aumentava, avançava, empurrando-se com ansiedade, tentando ficar a uma distância que lhe permitisse escutar a marcha. As fardas do exército predominavam e, no perímetro da área evacuada, estava exposta uma fila de tanques e armamentos — armamento intimidador ainda sendo produzido.

O exército tinha erigido uma plataforma para o alto-falante. Atrás da plataforma, pendia a grande bandeira da AFBO, emblema das forças combinadas que combateram na guerra. Por um curioso desgaste do tempo, a Liga de Veteranos da AFBO incluía oficiais inimigos no tempo da guerra. Mas um general era um general e tais distinções haviam desaparecido ao longo dos anos.

Ocupando a primeira fila de assentos estavam as altas patentes do comando da AFBO. Atrás deles, vinham os oficiais de patente inferior. Bandeiras dos regimentos esvoaçavam em uma variedade de cores e símbolos. De fato, a ocasião havia assumido o aspecto de um desfile festivo. Na plataforma elevada, estavam os dignitários, de expressão severa, da Liga dos Veteranos, todos tensos com a expectativa. Nos limites extremos, quase despercebidos, aguardavam algumas unidades policiais, ostensivamente para manter a ordem. Na verdade, eram informantes fazendo observações. Se a ordem era para ser mantida, o exército a manteria.

O vento do fim da tarde transportava o ruído abafado de muita gente amontoada. Quando Anderton atravessou a multidão, foi tragado pela presença sólida da humanidade. Um senso ávido de antecipação mantinha todo mundo rígido. A multidão parecia sentir que algo espetacular estava para acontecer. Com dificuldades, Anderton abriu caminho pelas filas de assentos e alcançou o núcleo dos oficiais do exército na borda da plataforma.

Kaplan estava entre eles. Mas agora, ele era o general Kaplan.

O colete, o relógio de bolso de ouro, a bengala, o terno conservador, tudo havia desaparecido. Para esse evento, Kaplan usava a sua velha farda cheirando a naftalina. Ereto e imponente, estava cercado pelo que deveria ter sido seu

estado-maior. Estava usando galões, medalhas, botas, o espadim ornamental, e o quepe. Era surpreendente como um homem calvo se transformava sob a potência de um quepe de oficial.

Ao notar Anderton, o general Kaplan separou-se do grupo e dirigiu-se onde o homem mais jovem estava. A expressão em sua fisionomia delgada, volúvel, demonstrava incredulidade e alegria ao ver o comissário de polícia.

— É uma surpresa — disse a Anderton, estendendo sua mão enluvada de cinza. — Pensei que tivesse sido preso pelo comissário interino.

— Ainda estou livre — replicou Anderton rispidamente, apertando sua mão. — Afinal, Witwer tem essa mesma fita. — Indicou o pacote que Kaplan segurava e cruzou com segurança o olhar do homem.

Apesar de nervoso, o general Kaplan estava de bom humor.

— Esta é uma grande ocasião para o exército — revelou ele. — Ficará contente em saber que tornarei público todo o relato da acusação espúria contra você.

— Ótimo — Anderton respondeu evasivamente.

— Ficará claro que você foi acusado injustamente. — O general Kaplan tentava descobrir o que Anderton sabia. — Fleming teve oportunidade de pô-lo a par da situação?

— Até um certo ponto — replicou Anderton. — Vai ler somente o relatório da minoria? Foi tudo que conseguiu?

— Vou compará-lo com o relatório da maioria. — O general Kaplan fez um sinal ao ajudante-de-ordens e uma pasta de couro foi trazida. — Está tudo aqui. Tudo que precisamos — disse ele. — Não se importa de ser um exemplo, importa-se? O seu caso simboliza as prisões injustas de inúmeros indivíduos. — Com gravidade, o general Kaplan consultou seu relógio de pulso. — Tenho de começar. Gostaria de se juntar a mim na plataforma?

— Por quê?

Friamente, mas com uma espécie de veemência reprimida, o general Kaplan disse:

— Para que vejam a prova ao vivo. Você e eu juntos: o assassino e sua vítima. Lado a lado, expondo toda a fraude sinistra que a polícia tem operado.

— Com prazer — concordou Anderton. — O que estamos esperando?

Desconcertado, o general Kaplan dirigiu-se à plataforma. Mais uma vez, relanceou os olhos, inquieto, a Anderton, visivelmente se perguntando por que ele tinha aparecido e o que ele realmente sabia. A sua incerteza aumentou quando

Anderton, de bom grado, subiu os degraus da plataforma e sentou-se bem ao lado do pódio do alto-falante.

— Compreendeu bem o que vou dizer? — perguntou o general Kaplan. — A exposição terá uma repercussão considerável. Talvez faça o Senado reconsiderar a validade básica do sistema Precrime.

— Compreendo — respondeu Anderton, os braços cruzados. — Vamos.

Um silêncio se impôs sobre a multidão. Mas houve uma agitação, uma inquietação, quando o general Kaplan recebeu a pasta e começou a dispor o material diante de si.

— O homem sentado do meu lado — começou, com a voz clara, falando rápido — é conhecido de todos vocês. Talvez estejam surpresos com a sua presença, pois até recentemente ele foi descrito pela polícia como um assassino perigoso.

Os olhos da multidão fixaram-se em Anderton. Avidamente, examinavam o único assassino potencial que tinham o privilégio de ver de perto.

— Nas últimas horas, entretanto — prosseguiu o general Kaplan —, a polícia ordenou o cancelamento de sua prisão. Foi porque o ex-comissário Anderton se entregou? Não, isso não é exato. Ele está sentado aqui. Ele não se entregou, mas a polícia não está mais interessada nele. John Allison Anderton é inocente de qualquer crime no passado, presente e futuro. As alegações contra ele foram fraudes patentes, distorções diabólicas de um sistema penal contaminado, fundamentado na premissa falsa. Uma máquina de destruição ampla, impessoal, condenando homens e mulheres.

Fascinada, a multidão olhava de Kaplan para Anderton. Todos estavam familiarizados com a situação básica.

— Vários homens foram detidos e aprisionados sob a chamada estrutura profilática Precrime — continuou o general Kaplan, o tom de voz cada vez mais emotivo e veemente. — Acusados não de crimes que cometeram, *mas de crimes que cometeriam*. Afirmou-se que esses homens, se ficassem livres, em algum tempo futuro cometeriam crimes.

— Mas não existe nenhum conhecimento válido em relação ao futuro. Assim que a informação precognitiva é obtida, *ela é cancelada por si mesma*. A afirmação de que este homem cometeria um crime futuro é paradoxal. O próprio ato de possuir esses dados torna a acusação espúria. Em todo caso, sem exceção, o relatório dos três precognitivos da polícia invalidou seus próprios dados. Se nenhuma prisão tivesse sido feita, da mesma maneira nenhum crime teria sido cometido.

Anderton escutava preguiçosamente, só ouvindo as palavras pela metade. A multidão, no entanto, escutava com grande interesse. O general Kaplan estava agora reunindo um sumário do relatório da minoria. Explicou o que era e como tinha sido realizado.

Do bolso de seu casaco, Anderton tirou a arma e a pôs no colo. Kaplan já tinha separado o relatório da minoria, o material precognitivo obtido de "Jerry". Seus dedos finos e ossudos procuraram o sumário do primeiro, "Donna", e, depois, "Mike".

— Este foi o relatório da maioria — explicou ele. — A afirmação, feita pelos dois primeiros precognitivos, de que Anderton cometeria um assassinato. Agora, aqui está o material automaticamente invalidado. Vou lê-lo para vocês. — Pegou os óculos sem armação, ajustou-os sobre o nariz e começou a ler devagar.

Uma expressão estranha formou-se em sua face. Ele parou, gaguejou e, abruptamente, se calou. Os papéis caíram de suas mãos. Como um animal acuado, ele girou, curvou-se e afastou-se do pódio.

Por um instante, seu rosto contorcido viu Anderton de relance. Agora em pé, Anderton ergueu a arma, avançou rapidamente e disparou. Emaranhado na série de pés que se projetavam das cadeiras que ocupavam a plataforma, Kaplan soltou um único grito estridente de agonia e pavor. Como um pássaro alvejado, ele tropeçou, rodopiou, caindo da plataforma. Anderton dirigiu-se ao parapeito, mas já havia terminado.

Kaplan, como o relatório da maioria tinha afirmado, estava morto. Seu peito estreito era uma cavidade enfumaçada de escuridão, cinzas esfaceladas que se soltavam enquanto o corpo se contraía.

Nauseado, Anderton virou-se e passou rapidamente por entre as figuras dos oficiais do exército atordoados. A arma, que ainda empunhava, garantiu que não interferissem. Ele saltou da plataforma e penetrou na massa caótica de pessoas embaixo. Perturbadas, horrorizadas, tentavam ver e entender o que tinha acontecido. O incidente, ocorrendo diante de seus olhos, era incompreensível. Seria preciso algum tempo para a aceitação substituir o terror cego.

Na periferia da multidão, Anderton foi capturado pela polícia que aguardava.

— Tem sorte de conseguir sair — sussurrou um deles enquanto o carro avançava com cautela.

— Acho que sim — replicou Anderton, distante. Tentou relaxar e se recompor. Estava tremendo e tonto. Abruptamente, curvou-se à frente e sentiu-se extremamente nauseado.

— Pobre diabo — murmurou um dos policiais com simpatia. Infeliz e nauseado, Anderton não sabia se o policial havia se referido a Kaplan ou a ele.

## X

Quatro policiais corpulentos assistiram Lisa e John Anderton na preparação das malas e no empacotamento de seus bens. Em 50 anos, o ex-comissário de polícia tinha acumulado uma grande coleção de bens materiais. Sombrio e pensativo, ele ficou olhando a procissão de caixotes a caminho dos caminhões que aguardavam.

Iriam de caminhão diretamente ao campo e, de lá, para Centauro X por transporte intersistema. Uma longa viagem para um homem velho. Mas não teria de fazer a viagem de volta.

— Ali vai o penúltimo caixote — declarou Lisa, absorta pela tarefa. De suéter e calças compridas, entrou pelos cômodos vazios, verificando os detalhes de última hora. — Acho que não vamos usar os novos aparelhos atrônicos. Ainda usam eletricidade em Centten.

— Espero que não se importe — disse Anderton.

— A gente acaba se acostumando — replicou Lisa, e lhe deu um sorriso fugaz. — Não é?

— Espero que sim. Tem certeza de que não vai se arrepender? Se eu achasse...

— Sem arrependimento — Lisa garantiu. — Agora, podia me ajudar com este caixote.

Quando subiram no caminhão que seguiria à frente, Witwer chegou em um carro da polícia. Soltou e foi rápido até eles, estranhamente abatido.

— Antes de partir — disse a Anderton —, tem de me fazer um resumo da situação com os precognitivos. Vou ser interrogado pelo Senado. Querem descobrir se o relatório do meio, a retratação, foi um erro ou o quê. — Confuso, concluiu: — Ainda não consigo explicá-lo. O relatório da minoria estava errado, não estava?

— Que relatório da minoria? — inquiriu Anderton, divertido. Witwer ficou perplexo.

— Então é isso. Eu devia ter sabido.

Sentado no caminhão, Anderton pegou seu cachimbo e pôs o tabaco. Com o isqueiro de Lisa, acendeu-o. Ela voltara a casa para se certificar de que estava

tudo em ordem.

— Havia três relatórios da minoria — disse a Witwer, deleitando-se com a confusão do rapaz. Um dia, Witwer aprenderia a não investir em situações que não compreendia completamente. A satisfação foi a emoção final de Anderton. Velho e cansado como estava, havia sido o único a perceber a verdadeira natureza do problema. — Os três relatórios foram consecutivos — explicou ele. — O primeiro foi "Donna". Nesse curso de tempo, Kaplan contou-me a conspiração e eu matei-o imediatamente. "Jerry" foi um pouco mais à frente que "Donna" e usou o relatório dela como dado. Ele fatorou o meu conhecimento do relatório. Nesse, o segundo curso do tempo, tudo o que eu queria era manter meu emprego. Eu não queria matar Kaplan. Eu só estava interessado em meu cargo e minha vida.

— E "Mike" foi o terceiro relatório? Veio *depois* do relatório da minoria? — Witwer corrigiu-se. — Quer dizer, veio por último?

— Sim, "Mike" foi o último dos três. Diante do conhecimento do primeiro relatório, eu tinha decidido *não* matar Kaplan. Isso produziu o relatório dois. Mas diante desse relatório, mudei de opinião de novo. O relatório dois, a situação dois, era a situação que Kaplan queria criar. Favoreceria a polícia recriar a posição um. E, nesse tempo, eu pensava na polícia. Eu percebia o que Kaplan estava fazendo. O terceiro relatório invalidava o segundo da mesma maneira que o segundo invalidava o primeiro. Isso nos levava aonde tínhamos começado.

Lisa apareceu, sem fôlego, ofegando.

— Vamos. Já fizemos tudo aqui. — Flexível e ágil, subiu os degraus para a cabine do caminhão e se comprimiu entre seu marido e o motorista. Este, obediamente, deu a partida e os outros o seguiram.

— Cada relatório era diferente — concluiu Anderton. — Cada um era exclusivo. Mas dois deles concordavam em um ponto. Se eu ficasse livre, *eu mataria Kaplan*. Isso criou a ilusão de um relatório da maioria. Na verdade, foi isso: uma ilusão. "Donna" e "Mike" previram o mesmo evento, mas em dois cursos de tempo totalmente diferentes, ocorrendo em situações completamente diferentes. "Donna" e "Jerry", o chamado relatório da minoria e metade do relatório da maioria, estavam incorretos. Dos três, "Mike" estava correto, já que nenhum relatório apareceu depois do dele para invalidá-lo. Isso resume tudo. Ansiosamente, Witwer corria do lado do caminhão, sua face lisa e loura vincada de preocupação.

— Vai acontecer de novo? Devemos revisar a configuração?

— Pode acontecer em uma única circunstância — disse Anderton. — O meu caso foi exclusivo, na medida em que eu tive acesso aos dados. *Poderia*

acontecer de novo, mas somente com o próximo comissário de polícia. Por isso, cuidado por onde pisa. — Sorriu largo por um breve momento, não dando nenhum conforto à expressão tensa de Witwer. Do seu lado, os lábios vermelhos de Lisa se contorceram e sua mão fechou-se sobre a dele.

— É melhor manter os olhos abertos — disse ao jovem Witwer. — Pode acontecer com você a qualquer momento.

\* \* \*

## Jogo de Guerra

Em sua sala no Terran Import Bureau of Standards, o homem alto reuniu os memorandos da manhã que estavam na cesta de metal, e sentando-se à mesa, organizou-os para serem examinados. Acendeu um cigarro.

"Bom dia", disse o primeiro memorando com sua voz metálica e estridente, quando Wiseman passou o polegar pela extensão da fita adesiva. Olhando o estacionamento pela janela aberta, escutou-a distraidamente. "Ouça, o que há de errado com o seu pessoal? Mandamos esse lote de" — uma pausa enquanto o locutor, um gerente de vendas de uma cadeia de lojas de departamentos de Nova York, procurava seus registros — "desses brinquedos ganimedianos. Será que sabe que temos de conseguir a sua aprovação a tempo do plano de compras do outono, de modo que possamos estocá-los para o Natal?" Resmungando, o gerente de vendas concluiu: "Jogos de guerra vão ser, de novo, um artigo importante neste ano. Pretendemos comprar muitos."

Wiseman passou o polegar no nome e título do locutor.

"Joe Hauck", disse rapidamente a voz do memorando. "Appeley's Children's".

— Ah — disse Wiseman a si mesmo. Desligou o memorando, pegou um em branco e preparou para gravar. Em seguida, falou em um tom razoável: — Sim, o que me diz do lote de brinquedos ganimedianos?

Ao que parecia, os laboratórios os estavam testando há um bom tempo. No mínimo, duas semanas.

É claro que, naquela época, qualquer produto ganimedeano recebia uma atenção especial; os satélites tinham, durante o ano passado, exorbitado a sua ganância econômica usual e começado — segundo os círculos da inteligência — a pensar uma ação militar aberta contra o interesse competitivo, dos quais os três planetas interiores podiam ser considerados o elemento mais importante. Mas, até então, nada havia acontecido. As exportações permaneciam de qualidade adequada, sem nenhuma fraude, nenhuma tinta tóxica a ser removida, nenhuma cápsula de bactéria.

E ainda assim...

Qualquer grupo de pessoas tão inventivas quanto os ganimedianos era capaz de revelar a criatividade no campo que quisesse. A subversão seria tratada como qualquer outro risco — com imaginação e perspicácia.

Wiseman levantou-se e saiu da sala, dirigindo-se ao edifício em que os laboratórios de testes operavam.

Cercado por produtos desmontados pela metade, Pinario ergueu os olhos e



viu o seu chefe, Leon Wiseman, fechando a última porta do laboratório.

— Fico contente que tenha vindo — disse Pinario, embora, na verdade, estivesse atolado. Sabia que o seu trabalho estava atrasado pelo menos cinco dias, e essa sessão significaria problema.

— É melhor vestir a roupa profilática. Não quero que se arrisque. — Falou brincando, mas a expressão de Wiseman permaneceu austera.

— Estou aqui por causa das tropas de choque que atacam-violentamente-a-cidadela-interna de seis dólares o conjunto — disse Wiseman, andando pelas pilhas de produtos, de diversos tamanhos, ainda fechados, aguardando serem testados e liberados.

— Ah, o conjunto dos soldados de brinquedo ganimedianos — disse Pinario com alívio. A sua consciência estava clara em relação a esse item. Todos os testadores do laboratório conheciam as instruções especiais transmitidas pelo Governo Cheyenne referentes aos Perigos de Contaminação oriundos de Partículas de Culturas Hostis a Populações Urbanas Inocentes, tipicamente um edito autoritário e obscuro do mundo oficial. Ele podia, legitimamente, recuar e citar o número dessa diretiva. — Eu os separei — disse, acompanhando Wiseman — por causa do perigo especial envolvido.

— Vamos dar uma olhada — disse Wiseman. — Acha que há uma justificativa séria para essa cautela, ou é mais uma paranóia em relação ao "meio alienígena"?

— É justificada, especialmente no que diz respeito aos artigos infantis — disse Pinario.

Alguns sinais com a mão e uma parede espessa expôs uma sala lateral.

O que Wiseman viu apoiado no centro o fez parar. Um manequim de plástico, do tamanho real, aparência de mais ou menos cinco anos de idade, vestindo roupas comuns, cercado por brinquedos. Nesse momento, o manequim estava dizendo: "Estou cansado disso. Façam outra coisa." Ele calou-se por um breve momento e, então, repetiu: "Estou cansado disso. Façam outra coisa."

Os brinquedos no chão, preparados para responder às instruções orais, deixaram de fazer o que faziam e começaram tudo de novo.

— Reduz o custo de mão-de-obra — explicou Pinario. — É um monte de sucata com um repertório que tem de ser usado integralmente até o consumidor perceber que jogou dinheiro fora. Se tivermos de observá-lo enquanto estiver ativado, ficaremos aqui a vida toda.

Bem em frente do manequim estava o grupo de soldados ganimedianos, e a cidadela que tinham construído para atacar. Tinham se aproximado dela

furtivamente, formando um padrão elaborado, mas à voz do manequim, se detiveram. E, agora, se reagrupavam.

— Tem tudo gravado? — perguntou Wiseman.

— Ah, sim — replicou Pinario.

Os soldados de brinquedo mediam aproximadamente quinze centímetros de altura, e eram feitos a partir de termoplásticos praticamente indestrutíveis pelos quais os fabricantes ganimedianos eram famosos. As fardas eram sintéticas, uma miscelânea dos diversos uniformes militares dos satélites e planetas próximos. A própria cidadela, um bloco de algo que se assemelhava a um metal escuro ameaçador, lembrava um forte legendário; olhos mágicos pontilhavam as superfícies superiores, uma ponte levadiça havia sido içada fora de vista, e do torreão do alto, uma flâmula vistosa adejava.

Com um assobio, a cidadela disparava um projétil nos que a atacavam. O projétil explodia em uma nuvem inofensiva de fumaça e barulho, no meio de um agrupamento de soldados.

— Ela retalia — observou Wiseman.

— Mas acaba perdendo — disse Pinario. — Tem de perder. Psicologicamente falando, simboliza a realidade externa. A dúzia de soldados, é claro, representa, para a criança, os seus próprios esforços. Ao participar do ataque à cidadela, a criança passa por uma sensação de adequação ao lidar com o mundo severo. Ela acaba prevalecendo, mas só depois de um período de muito esforço e paciência.— Acrescentou: — De qualquer jeito, é o que o manual de instruções diz. — Deu o manual a Wiseman.

Wiseman passou uma vista d'olhos no manual.

— E o padrão de ataque varia? — Perguntou.

— Estamos com ele ligado há oito dias. Nenhum padrão foi repetido sequer uma vez. Bem, temos algumas unidades envolvidas.

Os soldados se moviam sorrateiramente, aproximando-se aos poucos da cidadela. Nos muros, vários mecanismos de monitoramento apareciam e rastreavam os soldados. Utilizando outros brinquedos, que estavam sendo testados, os soldados se ocultavam.

— Podem incorporar configurações acidentais do terreno — explicou Pinario. — São objetos-trópicos. Quando vêem, por exemplo, uma casa de bonecas que está aqui para ser testada, eles a escalam feito camundongos. Espalham-se por ela toda. — Para provar o que dizia, selecionou uma grande nave espacial de brinquedo, fabricada por uma companhia uraniana. Balançando-a, caíram dois soldados.

— Quantas vezes eles tomam a cidadela — perguntou Wiseman — em termos percentuais?

— Até o momento, obtiveram êxito de uma em nove tentativas. Há um ajuste na parte de trás da cidadela. Pode ser ajustado para uma produção superior de tentativas bem-sucedidas.

Abriu caminho pelos soldados que avançavam. Wiseman acompanhou-o, e se abaixaram para inspecionar a cidadela.

— Na verdade, este é o suprimento de energia — disse Pinario, astucioso. Além disso, as instruções aos soldados também emanam daí. Transmissão de alta frequência, de uma cabine de tiro.

Abrindo os fundos da cidadela, mostrou ao seu chefe o contêiner de tiro. Cada tiro era uma parte mínima da instrução. Para o padrão de um assalto, o tiro era lançado para cima, vibrava, e era preparado para uma nova seqüência. A casualidade era, desse modo, garantida, mas como havia um número limitado de tiros, tinha de haver um número finito de padrões.

— Estamos experimentando todos — disse Pinario.

— E não tem como acelerar isso?

— Vai levar tempo. Devem acontecer mil padrões e então...

— O seguinte — concluiu Wiseman — pode fazê-los girar 90° e começar a atirar no ser humano mais próximo.

Pinario disse sombriamente.

Ou pior. Há uma boa quantidade de ergs<sup>(11)</sup> nesse pacote de energia. É feito para funcionar por cinco anos. Mas se tudo isso penetrasse alguma coisa simultaneamente...

— Continue testando — disse Wiseman.

Olharam um para o outro e, depois, para a cidadela. Os soldados, agora, quase a tinham alcançado. De repente, um muro da cidadela baixou, apareceu a boca de uma arma, e os soldados foram alvejados.

— Eu nunca vi isso antes — murmurou Pinario.

Por um momento, nada se mexeu. Então, o manequim de laboratório sentou-se no meio dos brinquedos e disse: "Estou cansado disso. Façam outra coisa."

Com um tremor de inquietação, os dois homens observaram os soldados se levantarem e se reagruparem.

Dois dias depois, o superior de Wiseman, um homem baixo, truncado e irritado, com os olhos saltados, apareceu em sua sala.

— Ouça — disse Fowler —, quero que termine com os testes desses malditos brinquedos. Você tem até amanhã. — Fez menção de sair, mas Wiseman o deteve.

— Isso é extremamente grave — disse ele. — Vamos ao laboratório e lhe mostro.

Argumentando durante todo o caminho, Fowler acompanhou-o ao laboratório.

— Você não faz idéia do capital que algumas empresas investiram nessa coisa! — dizia ao chegarem. — Para cada produto que tem representado aqui há uma nave ou um armazém cheio em Luna, esperando a autorização oficial para que possam entrar!

Pinario não foi encontrado. Desse modo, Wiseman usou a sua chave, evitando os sinais manuais que abriam a sala de testes.

Ali, cercado pelos brinquedos, estava o manequim que os homens do laboratório haviam construído. À sua volta, os vários brinquedos executavam seus ciclos. A algazarra fez Fowler estremecer.

— É este o artigo — disse Wiseman, abaixando-se do lado da cidadela. Um soldado estava no processo de se arrastar, de barriga, em sua direção. — Como pode ver, há uma dúzia de soldados. Dado esse número e a energia disponível para eles, além das instruções complexas...

Fowler interrompeu-o:

— Só estou vendo onze.

— Um está provavelmente escondido — disse Wiseman. Detrás deles, uma voz disse:

— Não, ele tem razão. — Pinario, a expressão grave, apareceu. — Mandei fazerem uma busca. Um desapareceu.

Os três homens ficaram em silêncio.

— Talvez a cidadela o tenha destruído — sugeriu, por fim, Wiseman.

— Há uma questão em aberto. Se o "destruiu", *o que fez com seus restos?* — perguntou Pinario.

— Possivelmente os converteu em energia — disse Fowler, examinando a cidadela e os soldados restantes.

— Tivemos uma idéia — disse Pinario — quando percebemos que um

soldado tinha desaparecido. Pesamos os onze restantes mais a cidadela. O peso resultante é exatamente igual ao do grupo original: os doze soldados originais e a cidadela. Portanto, ele está lá, em algum lugar. — Apontou para a cidadela, que, naquele momento, localizava, com precisão, a posição dos soldados que avançavam em sua direção.

Examinando a cidadela, Wiseman teve uma intuição. A cidadela havia mudado. Estava, de certa maneira, diferente.

— Passe as fitas — disse Wiseman.

— O quê? — perguntou Pinario e, então, corou. — É claro. — Foi até o manequim de criança e o desligou. Abriu-o e removeu o tambor de fitas. Trêmulo, transportou-as ao projetor.

Assistiram à seqüência de gravações: um assalto atrás do outro, até os três ficarem com os olhos vermelhos. Os soldados avançavam, recuavam, eram alvejados, levantavam-se, tornavam a avançar...

— Pare o transporte — disse Wiseman de repente. A última seqüência foi passada de novo.

Um soldado movia-se firmemente em direção à base da cidadela. Um míssil, disparado contra ele, explodia e, por um tempo, o obscurecia. Nesse meio tempo, os outros onze soldados corriam em uma tentativa desesperada de escalar os muros. O soldado emergia da nuvem de poeira e prosseguia. Alcançava o muro. Uma parte deslizava para trás.

O soldado, misturando-se ao muro escuro da cidadela, usava a coronha de seu rifle como chave de fenda para remover sua cabeça, um braço e as duas pernas. As peças desmembradas eram passadas por uma abertura na cidadela. Quando restavam somente um braço e o rifle, estes também se arrastavam para dentro, introduzindo-se, e desaparecendo. A abertura, então, deixava de existir.

Depois de um longo tempo, Fowler disse com a voz rouca:

— Os pais devem supor que a criança perdeu ou destruiu um dos soldados. Aos poucos, o conjunto vai se reduzindo, com a criança levando a culpa — disse Fowler, com a voz rouca, depois de um longo tempo.

— O que aconselha? — disse Pinario.

— Mantenha-o em funcionamento — disse Fowler, com a concordância de Wiseman. — Deixe-o executar o seu ciclo. Mas não o deixe sozinho.

— Haverá, a partir de agora, alguém sempre na sala — concordou Pinario.

— Melhor ainda, fique com ele, você mesmo — disse Fowler. Wiseman pensou: Talvez fosse melhor que todos ficassemos com ele. Pelo menos dois de

nós. Pinarío e eu.

Eu me pergunto o que terá feito com os pedaços. O que fez?

No final da semana, a cidadela tinha absorvido mais quatro soldados.

Observando-a por um monitor, Wiseman não percebia nenhuma mudança. Era claro. O processo se daria estritamente em seu interior, longe dos olhos.

Os assaltos se sucedendo sem parar, os soldados se esgueirando, a cidadela se defendendo, atirando. Nesse meio tempo, tinha diante de si uma nova série de produtos ganimedianos. Mais brinquedos recentes a serem inspecionados.

"E agora?" perguntou a si mesmo.

O primeiro parecia um item simples: uma fantasia de caubói do antigo Oeste americano. Pelo menos, assim era descrito. Mas só olhou superficialmente a brochura: ao diabo o que os ganimedianos tinham a dizer sobre isso.

Abrindo a caixa, tirou o traje. O tecido era cinza, de qualidade amorfa. *Que trabalho malfeito*, pensou. Só se parecia vagamente com a roupa de caubói; as linhas pareciam sem forma, hesitantes. E o material esticava e perdia a forma quando era manipulado. Viu que havia empurrado uma parte inteira dentro de um bolso que estava pendente.

— Não entendo — disse ele a Pinarío. — Isso não vai vender.

— Vista-o — disse Pinarío. — Vai entender.

Com esforço, Wiseman conseguiu se espremer na roupa.

— É seguro? — perguntou ele.

— É — respondeu Pinarío. — Eu o testei mais cedo. É uma idéia benigna. Mas pode ser efetivo. Para pô-lo em ação, fantasie.

— Em cima do quê?

— Do que quiser?

A roupa fez Wiseman pensar em caubóis, e imaginou estar de volta ao rancho, caminhando com dificuldades ao longo da estrada de cascalhos margeada pelo campo em que carneiros de caras pretas mascavam feno com aquele movimento rápido e estranho do maxilar inferior. Ele tinha parado na cerca — de arame farpado e estacas ocasionais — e observava os carneiros. Então, inesperadamente, os carneiros se enfileiraram e partiram em direção à encosta, protegida da luz, de uma colina fora do alcance de sua vista.

Ele viu árvores ciprestes crescendo contra a linha do horizonte. Um falcão,

lá no alto, batendo suas asas como se estivesse bombeando os pulmões... *como se*, pensou ele, *se enchesse com mais ar, para voar ainda mais alto*. O falcão planou, depois voou a um ritmo relaxado. Wiseman procurou sinal de sua presa. Nada além dos campos ressequidos de meados do verão mascarados pelos carneiros. Muitos gafanhotos. E, na própria estrada, um sapo. O sapo tinha se entocado na poeira; somente a parte de cima era visível.

Quando se curvou, tentando reunir coragem suficiente para tocar o topo enverrugado da cabeça do sapo, uma voz de homem próxima disse:

— Como vai?

— Bem — disse Wiseman. Respirou fundo o aroma da relva seca; encheu os pulmões. — Ei, como sabe se é um sapo ou uma sapa? Pelas manchas, ou o quê?

— Por quê? — perguntou o homem, em pé atrás dele, um pouco fora de vista.

— Tem um sapo aqui.

— Só a título de registro — disse o homem —, posso lhe fazer algumas perguntas?

— Claro — respondeu Wiseman.

— Quantos anos você tem?

Essa era fácil.

— Dez anos e quatro meses — respondeu ele, orgulhoso.

— Onde está, exatamente, neste instante?

— No campo, no rancho do Sr. Gaylord, aonde meu pai leva a mim e minha mãe todo fim de semana quando podemos.

— Vire-se e olhe para mim — disse o homem. — Diga se me conhece.

Com relutância, virou-se do sapo semi-enterrado para olhar. Viu um adulto com o rosto fino e um nariz comprido e, de certa forma, irregular.

— Você é o homem que faz a entrega do gás butano — respondeu ele — para a companhia de butano. — Relanceou os olhos em volta e, certamente, lá estava o caminhão, estacionado no portão da companhia. — O meu pai diz que o butano é caro, mas que não há outro...

O homem interrompeu-o:

— Só por curiosidade, qual é o nome da companhia de butano?

— Está bem no caminhão — disse Wiseman, lendo as grandes letras

pintadas. — "Pinarío Butane Distributors", Petaluma, Califórnia. Você é o Sr. Pinarío.

— Pode jurar que tem dez anos e que está em um campo perto de Petaluma, na Califórnia? — perguntou o Sr. Pinarío.

— É claro. — Para além do campo, ele via uma cordilheira coberta de bosques. Teve vontade de investigá-las. Estava cansado de ficar ali tagarelando. — Até mais — disse ele, indo embora. — Tenho de fazer uma caminhada.

Pôs-se a correr, afastando-se de Pinarío, pela estrada de cascalhos. Gafanhotos saltavam na sua frente. Ofegando, corria cada vez mais rápido.

— Leon! — o Sr. Pinarío chamou. — Desista! Pare de correr!

— Tenho coisas a fazer nas colinas — Wiseman ofegou, ainda correndo. De repente, algo bateu nele com força. Estatelou-se apoiando-se nas mãos, tentou se levantar de novo. No ar seco do meio-dia, algo tremeluziu. Ele teve medo e se afastou daquilo. Uma forma, um muro chato...

— Você não vai chegar às colinas — disse o Sr. Pinarío, atrás dele. — É melhor ficar em um lugar. Senão você se choca com coisas.

As mãos de Wiseman estavam molhadas de sangue. Cortara-se ao cair. Atordoado, olhou o sangue...

Pinarío ajudou-o a tirar a roupa de caubói, dizendo:

— É um brinquedo prejudicial, como pode ver. Um breve período com isso e a criança não será mais capaz de enfrentar a realidade contemporânea. Olhe para você.

Levantando-se com dificuldade, Wiseman inspecionou a roupa; Pinarío tirou-a com energia.

— Nada mau — disse ele com a voz trêmula. — Obviamente estimula as tendências, já presentes, ao recolhimento. Sei que sempre tive uma fantasia latente de retirar-me à minha infância. Esse período particular, quando vivemos no campo.

— Repare como você incorporou elementos reais — disse Pinarío — para manter a fantasia tanto tempo quanto possível. Se tivesse tempo, teria dado um jeito de incorporar a parede do laboratório, possivelmente como a lateral de um celeiro.

Wiseman admitiu.

— Eu... já tinha começado a ver o antigo edifício da leiteria, onde os fazendeiros comercializavam o seu leite.



— Com o tempo — disse Pinario —, seria praticamente impossível trazê-lo de volta.

Wiseman pensou: Se consegue fazer isso com um adulto, o que não fará com uma criança?

— A outra coisa que você tem aí — disse Pinario —, esse jogo, é uma idéia biruta. Está a fim de vê-lo agora? Não há pressa.

— Estou bem — disse Wiseman. Pegou o terceiro artigo e começou a abri-lo.

— É muito parecido com o antigo jogo Monopólio — disse Pinario. — O nome é Síndrome.

O jogo consistia em um tabuleiro, além de dinheiro de mentira, dados, peças representando os jogadores. E certificados de compra de ações.

— Você compra ações — disse Pinario —, igual nos outros jogos desse tipo, obviamente. — Ele nem se dera ao trabalho de ler as instruções. — Vamos chamar Fowler e jogar uma rodada. Precisa de, pelo menos, três jogadores.

O diretor do Departamento chegou logo depois. Os três homens sentaram-se à mesa, o jogo Síndrome no centro.

— Os jogadores começam em condições iguais — explicou Pinario —, como nos outros jogos semelhantes, e, durante a partida, suas posições mudam de acordo com o valor das ações que compram nas diversas síndromes econômicas...

As síndromes eram representadas por objetos pequenos de plástico, muito parecidos com os hotéis e casas do Monopólio.

Lançavam os dados, moviam as fichas no tabuleiro, faziam ofertas e compravam títulos, pagavam multas, iam para a "câmara de descontam inação" durante um certo tempo. Nesse interim, atrás deles, os sete soldados aproximavam-se furtivamente e incessantemente da cidadela.

"Estou cansado disso", dizia o boneco-criança. "Façam outra coisa."

Os soldados se reagrupavam, começavam mais uma vez, aproximando-se cada vez mais da cidadela.

Inquieto e irritado, Wiseman disse:

— Eu me pergunto por quanto tempo essa maldita coisa vai continuar antes de descobriremos para o que é.

— Não dá para saber. — Pinario olhou uma ação púrpura e dourada que Fowler tinha comprado. — Eu bem que gostaria de uma dessas — disse ele. — É

uma mina de urânio em Plutão. Para que quer isso?

— Propriedade valiosa — murmurou Fowles, consultando suas outras ações. — Mas talvez eu faça uma permuta.

Como posso me concentrar no jogo, Wiseman perguntou a si mesmo, quando essa coisa está se aproximando cada vez mais de... só Deus sabe do quê? Ao que for, que foi construído para ser alcançado. A sua massa crítica, pensou.

— Só um segundo — disse ele, com a voz lenta e cautelosa. Baixou a mão de ações. — Essa cidadela pode ser um reator?

— Reator do quê? — perguntou Fowler, preocupado com a sua mão.

Wiseman falou alto:

— Esqueça este jogo!

— Uma idéia interessante — disse Pinario, também baixando sua mão de ações. — Está construindo a si mesma como uma bomba atômica, peça por peça. Acrescentando até... — Interrompeu-se. — Não, já pensamos nisso. Não há elementos pesados nela. É simplesmente uma bateria de cinco anos de duração, além de várias máquinas pequenas controladas por instruções transmitidas da própria bateria. Não é possível construir um reator atômico com isso.

— Na minha opinião — disse Wiseman —, estaríamos mais seguros saindo daqui. — A sua experiência com a roupa de caubói havia feito com que passasse a respeitar mais ainda os artifícios ganimedianos. E se o traje era o benigno...

Fowler, olhando por sobre os ombros, disse:

— Só restam seis soldados.

Wiseman e Pinario levantaram-se instantaneamente. Fowler tinha razão. Só restava a metade do conjunto de soldados. Mais um alcançara a cidadela e tinha sido incorporado.

— Vamos chamar um perito em bombas, dos Serviços Militares — disse Wiseman — e fazer com que cheque o brinquedo. Isso está além do nosso departamento. — Virou-se para o seu chefe, Fowler. — Concorda?

Fowler respondeu:

— Vamos terminar o jogo antes.

— Por quê?

— Porque temos de ter certeza sobre isso — disse Fowler. Mas o seu interesse arrebatado demonstrava que ele estava emocionalmente envolvido e queria jogar até o fim do jogo. — O que me dá por essa ação de Plutão? Estou aberto a ofertas.

Ele e Pinario negociaram uma permuta. O jogo prosseguiu por mais uma hora. Por fim, todos os três perceberam que Fowler ganhava controle de várias ações. Tinha cinco síndromes de mineração, duas firmas de plástico, o monopólio das algas e todas as sete síndromes do comércio varejista. Por causa do controle das ações, tinha, como subproduto, obtido a maior parte do dinheiro.

— Estou fora — disse Pinario. Tudo que deixara tinham sido ações que não controlavam nada. — Alguém quer comprar?

Com o dinheiro que lhe restava, Wiseman fez um lance pelas ações. Comprou-as e voltou a jogar, dessa vez só contra Fowler.

— Está claro que este jogo é uma réplica dos riscos econômicos tipicamente interculturais — disse Wiseman. — As síndromes do mercado varejista são, obviamente, títulos ganimedianos.

Um tremor de excitação percorreu-lhe; havia obtido bons resultados com o lançamento dos dados e estava em condições de acrescentar ações a seus parques títulos.

— Crianças que jogarem isto desenvolverão uma atitude saudável em relação à realidade econômica. Isso as preparará para o mundo adulto.

Porém alguns minutos depois, ele pousou em uma grande extensão de títulos de Fowles, e a multa limpou seus recursos. Teve de abrir mão de duas ações; o fim era previsível.

Pinario, observando os soldados avançarem em direção à cidadela, disse:

— Sabe, Leon, acho que concordo com você. Esta coisa pode ser o terminal de uma bomba. Algum tipo de estação receptora. Quando a rede elétrica estiver completamente instalada, poderá produzir uma sobretensão transmitida de Ganimedes.

— Isso é possível? — perguntou Fowler, empilhando seu dinheiro em denominações diferentes.

— Quem sabe do que são capazes? — disse Pinario, andando pela sala com as mãos nos bolsos. — Estão terminando o jogo?

— Quase — disse Wiseman.

— A razão por que pergunto — disse Pinario — é que agora só restam cinco soldados. Está se tornando mais rápido. Levou uma semana para o primeiro desaparecer, e somente uma hora para o sétimo. Não me admiraria que o resto desaparecesse em duas horas, todos os cinco.

— Terminamos — disse Fowler. Ele havia comprado a última ação e adquirido o último dólar.

Wiseman levantou-se da mesa, afastando-se de Fowler.

— Vou ligar para os Serviços Militares, e pedir que chequem a cidadela. Em relação a este jogo, entretanto, não passa de uma cópia do nosso jogo Monopólio.

— Possivelmente, eles não perceberam que já tivemos este jogo — disse Fowler — com outro nome.

Um selo de aprovação foi colado sobre o jogo Síndrome e o importador foi informado. Em sua sala, Wiseman ligou para os Serviços Militares e disse-lhes o que queria.

— Um perito em bombas estará logo aí — disse uma voz descansada no outro lado da linha. — Provavelmente devem isolar o objeto até ele chegar.

Sentindo-se, de certa maneira, inútil, Wiseman agradeceu e desligou. Não tinha conseguido compreender o jogo soldados-e-cidadela, e, agora, estava fora de seu controle.

O perito em bombas era um jovem, com o cabelo cortado à escovinha, que sorriu amavelmente para eles quando pôs seu equipamento no chão. Vestia um macacão comum, sem acessórios protetores.

— A primeira recomendação — disse ele, depois de examinar a cidadela — é desconectar os fios da bateria. Ou, se quiserem, podemos deixar o ciclo se completar e, então, desconectar os fios antes que ocorra qualquer reação. Em outras palavras, permitir que os elementos móveis entrem na cidadela. Depois, assim que estiverem dentro, desconectamos e a abrimos para ver o que estava acontecendo.

— É seguro? — perguntou Wiseman.

— Acho que sim — disse o perito. — Não detectei nenhum sinal de radioatividade. — Sentou-se no chão, no lado da parte de trás da cidadela, com um alicate na mão.

Agora, só restavam três soldados.

— Não vai demorar — disse, animado, o rapaz.

Quinze minutos depois, um dos soldados se esgueirou até a base da cidadela, removeu sua cabeça, braço, pernas, tronco, e desapareceu, parte por parte, na abertura.

— Só restam dois — disse Fowler.

Dez minutos depois, um dos dois soldados restantes, seguiu o que havia sumido antes.

Os quatro homens olharam uns para os outros.

— Está quase terminado — disse Pinario, a garganta seca.

O último soldado avançou sinuosamente em direção à cidadela. Armas de dentro da cidadela dispararam contra ele, mas ele continuou avançando.

— Em termos estatísticos — disse Wiseman, alto, para quebrar um pouco a tensão —, deveria levar cada vez mais tempo, pois haveria menos homens em quem se concentrar. Deveria ter iniciado mais rápido, e, então, se tornado menos freqüente até, finalmente, o último soldado precisar de, pelo menos, um mês para...

— Cale a boca — disse o jovem perito, em um tom de voz calmo, moderado —, se não se importa.

O último dos doze soldados alcançou a base da cidadela. Como os outros, anteriores a ele, começou a se desmembrar.

— Fique com o alicate pronto — disse Pinario, a voz estridente.

As partes do soldado foram introduzidas na cidadela. A abertura começou a se fechar. De dentro, um zunido tornou-se audível, um aumento de atividade.

— Agora, pelo amor de Deus! — gritou Fowler.

O jovem perito estendeu o alicate e cortou o fio condutor positivo da bateria. Uma faísca saltou do alicate e o rapaz pulou por reflexo. O alicate caiu de suas mãos e escorregou no chão.

— Cristo! — disse ele. — Tive sorte. — Tonto, tateou em busca do alicate.

— Você tocou na estrutura da coisa — disse Pinario, excitado. Pegou ele mesmo o alicate e agachou-se, procurando atrapalhadamente o condutor. — Talvez se eu envolvesse isso com um lenço — murmurou, largando o alicate e procurando um lenço no bolso. — Alguém tem alguma coisa com que eu possa envolver o alicate? Não quero levar um susto. Não tem como saber quantos...

— Me dê isso — pediu Wiseman, tirando o alicate dele. Empurrou Pinario para o lado e fechou o alicate no fio.

Fowler disse calmamente:

— Tarde demais.

Wiseman mal ouviu a voz de seu superior; escutava o tom constante dentro de sua cabeça, e tampouco os ouvidos com as mãos, tentando, em vão, fazê-lo calar. Parecia passar diretamente da cidadela por seu crânio, transmitido pelo osso. *Esperamos tempo demais*, pensou. *Agora ela nos tem. Venceu porque há*

*muitos de nós; discutimos bobagens...*

Em sua mente, uma voz disse: "Parabéns. Por sua coragem, você teve êxito."

Um sentimento amplo impregnou-o, uma sensação de realização.

"As chances contra você eram muitas", prosseguiu a voz em seu interior. "Qualquer outro não teria conseguido."

Então, soube que estava tudo bem. Eles tinham se enganado.

"O que você fazia aqui", declarou a voz, "pode continuar fazendo durante toda a sua vida. Sempre será capaz de triunfar sobre os adversários. Com paciência e persistência, você pode vencer. O universo não é um lugar tão opressivo, afinal..."

Não, percebeu, com ironia, não era.

"São apenas pessoas comuns", a voz acalmou-o. "Por isso, embora você seja somente um, um indivíduo contra muitos, não tem nada a temer. Dê tempo ao tempo... e não se preocupe".

— Não me preocuparei — disse ele em voz alta. O zunido retrocedeu. A voz desapareceu. Depois de uma longa pausa, Fowler disse:

— Acabou.

— Eu não entendi — disse Pinario.

— Era isso que pretendia provocar — disse Wiseman. — É um brinquedo terapêutico. Ajuda a dar confiança à criança. O desmembramento dos soldados — sorriu largo — acaba com a separação entre ele e o mundo. Ele torna-se um com o mundo. E, sendo assim, o conquistador.

— Então, é inofensivo — disse Fowler.

— Todo esse trabalho por nada — resmungou Pinario. Disse ao perito de bombas: — Desculpe tê-lo feito vir por nada.

A cidadela, agora, abria seus portões. Doze soldados, de novo intactos, apareceram. O ciclo estava completo; o assalto podia recomeçar.

De repente, Wiseman disse:

— Não vou liberá-lo.

— O quê? — disse Pinario. — Por quê?

— Não confio naquilo — disse Wiseman. — É complicado demais para o que faz realmente.

— Explique-se — pediu Fowler.

— Não há nada o que explicar — disse Wiseman. — Aí está uma engenhoca extremamente intrincada, e tudo que faz é se desmembrar e, depois, se recompor. *Deve* haver algo mais, mesmo que não consigamos...

— É terapêutico — interferiu Pinario.

— Fica a seu cargo, Leon. Se tem dúvidas, não o libere. Nunca é demais sermos cautelosos — disse Fowler.

— Talvez eu esteja enganado — disse Wiseman —, mas não paro de pensar: *para que construíram isso realmente?* Sinto que ainda não sabemos.

— E a roupa de caubói americano? — acrescentou Pinario.

— Também não quer liberá-la.

— Só o jogo — disse Wiseman —, Síndrome ou sei lá que nome tem. — Curvando-se, observou os soldados avançando em direção à cidadela. Explosões, fumaça, de novo... atividade, ataques simulados, retiradas cuidadosas...

— O que está pensando? — perguntou Pinario, observando-o com atenção.

— Talvez seja algo para nos distrair — disse Wiseman —, para manter nossa mente envolvida. De modo que não possamos perceber algo mais. — Esta era a sua intuição, mas não podia ter certeza. — Algo irrelevante — disse ele. — Enquanto outra coisa acontece. Por isso é tão complicado. *Espera-se* que desconfiemos dele. Por isso o construíram.

Frustrado, pôs o pé em frente de um soldado. O soldado se refugiou atrás de seu sapato, escondendo-se dos monitores da cidadela.

— Deve haver algo diante dos nossos olhos — disse Fowler — que não estamos notando.

— Sim. — Wiseman se perguntou se chegariam a descobrir o que era. — De qualquer maneira — disse ele —, nós o estamos mantendo aqui, onde podemos observá-lo.

Sentando-se perto, preparou-se para observar os soldados. Procurou ficar confortável para uma espera longa, muito longa.

Às seis da noite, Joe Hauck, o gerente de vendas da Appeley's Children' Store, estacionou seu carro diante de sua casa, saltou e subiu os degraus da frente.

Debaixo do braço, carregava um grande embrulho, uma "amostra" de que tinha se apropriado.

— Oi! — seus dois filhos, Bobby e Lora, gritaram quando ele entrou. — Trouxe alguma coisa para nós, papai? — Eles o cercaram, bloqueando o seu

caminho. Na cozinha, a sua mulher ergueu os olhos da mesa e largou a revista que lia.

— Trouxe um novo jogo — disse Hauck. Desfez o embrulho, sentindo-se muito bem. Não havia razão para que não tivesse um dos jogos novos. Tinha passado semanas ao telefone para conseguir que satisfizessem os padrões de importação. E, apesar de tudo que foi dito e feito, somente um dos três artigos havia sido liberado.

Quando as crianças se afastaram com o jogo, a sua mulher disse em voz baixa:

— Mais corrupção nos altos escalões. — Ela sempre reprovava ele trazer para casa artigos do estoque da loja.

— Temos milhares deles — disse Hauck. — Um armazém cheio. Ninguém vai notar a falta de um.

À mesa do jantar, durante a refeição, as crianças, escrupulosamente, estudaram cada palavra das instruções que acompanhavam o jogo. Estavam totalmente concentradas.

— Não leiam à mesa — repreendeu a Sra. Hauck. Recostando-se na cadeira, Joe Hauck continuou a contar seu dia.

— E depois de todo esse tempo, o que liberaram? Um artigo vagabundo. Teremos sorte se conseguirmos forçar a sua venda e obter algum lucro. Aquela bolação de Tropas de Choque é que realmente daria muito lucro. E foi lacrado indefinidamente.

Acendeu um cigarro e relaxou, sentindo a paz de seu lar, a presença de sua mulher e filhos. A sua filha disse:

— Papai, quer jogar? Aqui diz que quanto mais jogarem, melhor.

— É claro — disse Joe Hauck.

Enquanto a sua mulher tirava a mesa, ele e seus filhos dispuseram o tabuleiro, as peças, os dados e o dinheiro e ações. Quase que imediatamente ele ficou absorto no jogo, totalmente envolvido; as recordações de sua infância retornaram e ele comprou ações, com astúcia e originalidade até que, quase no fim do jogo, tinha monopolizado a maior parte das síndromes.

Deu um suspiro de satisfação.

— É isso aí — declarou ele a seus filhos. — Receio ter iniciado com uma vantagem. Afinal, esse tipo de jogo não é novidade para mim. — Separar os títulos valiosos sobre o tabuleiro proporcionou-lhe uma sensação forte de satisfação. — Desculpe ter vencido, crianças.



A sua filha disse:

— Você não ganhou.

— Você perdeu — disse seu filho.

— O *quê?* — exclamou Joe Hauck

— A pessoa que acaba com mais ações *perde* — disse Lora. Ela mostrou as instruções.

— Entende? A idéia é se desfazer de suas ações. Papai, você saiu do jogo.

— Droga de jogo — disse Hauck desapontado. — Esse jogo não é bom. — A sua satisfação tinha desaparecido. — Não tem graça.

— Agora, nós dois temos de continuar — disse Bobby — para ver quem vai ganhar no final.

— Não entendi. O que alguém pode ver num jogo em que o vencedor acaba sem nada? — resmungou Joe Hauck ao se levantar.

Atrás dele, seus dois filhos continuavam a jogar. À medida que o dinheiro e as ações mudavam de mãos, as crianças ficavam mais animadas. Quando o jogo estava em seu estágio final, as crianças estavam em um estado de concentração elevada.

"Eles não conhecem Monopólio", Hauck pensou, "por isso esse jogo biruta não lhes parece estranho".

De qualquer maneira, o importante era que as crianças gostavam de jogar Síndrome; evidentemente, venderia, e isso era o que importava. As duas crianças aprendiam a naturalidade de abrir mão do controle de seus títulos. Desistiam avidamente de suas ações e dinheiro, com uma espécie de abandono ansioso. Virando-se para ele, os olhos brilhando, Lora disse:

— É o melhor brinquedo educacional que você já trouxe, papai!

\* \* \*

## O Que Dizem os Mortos

### I

O corpo de Louis Sarapis, num caixão de plástico transparente inviolável, estava em exposição havia uma semana, gerando uma reação empolgada do público. Filas imensas de pessoas com rostos lacrimosos e sofridos, senhoras idosas vestidas com casacos negros.

Num canto do imenso auditório onde o caixão repousava, Johnny Barefoot aguardava impaciente sua chance de ver o corpo de Sarapis. Mas ele não pretendia simplesmente vê-lo. Seu trabalho, detalhado no testamento de Sarapis, levava-o em outra direção completamente diversa. Como relações públicas de Sarapis, seu trabalho era — para colocar em termos simples — trazer seu patrão de volta à vida.

— Keerum — murmurou Barefoot a si mesmo, examinando seu relógio e descobrindo que ainda faltavam mais duas horas para que as portas do auditório fossem finalmente fechadas. Ele estava com fome. E o frio — emitido pelo sistema de refrigeração do mantenedor de sinais vitais do esquife — aumentava seu desconforto a cada minuto.

Sarah Belle, sua esposa, aproximou-se dele com uma garrafa térmica cheia de café quente.

— Toma, Johnny — disse, esticando o braço para levantar o cabelo preto e reluzente de índio Chiricahua de cima dos olhos do marido. — Parece que você está se sentindo péssimo.

— E estou. Isto é demais para mim. Eu não gostava muito dele quando estava vivo... e certamente não gosto mais desse jeito — concluiu, apontando com a cabeça na direção do esquife e da fila dupla de pessoas chorosas.

Sarah Belle disse baixinho:

— Nil nisi bonum.

Johnny Barefoot olhou para ela, sem saber ao certo o que estava dizendo. Era alguma linguagem estrangeira, com toda certeza. Sarah Belle tinha formação universitária.

Ela disse, sorrindo gentilmente:

— Para citar o coelhinho Tambor, se você não pode dizer nada bom, é melhor não dizer nada. — Ela esclareceu: — É de *Bambi*, um velho clássico do Cinema. Se você fosse comigo às palestras no Museu de Arte Moderna todas as noites de segunda-feira...

— Procure me entender, Sarah Belle — disse Johnny Barefoot, a voz carregada de tensão. — Eu não quero trazer o velho pilantra de volta à vida. Como fui me meter nisto? Achei que quando a embolia o levou pro fundo como um bloco de cimento, ele tinha dado um beijo de adeus aos seus negócios para sempre.

Só que não tinha sido exatamente assim.

— Desconecta ele — sugeriu Sarah Belle.

— Q-quê? Ela riu.

— Tá com medo de quê? Desliga a refrigeração do caixão e o cadáver dele vai aquecer. E então, nada de ressurreição, não é? — Os olhos azul-acinzentados de Sarah dançaram de deleite. — Pobre Johnny... morre de medo do homem mau — disse, acariciando o braço do marido. — Eu devia me divorciar de você, mas não vou. Você precisa de uma mamãe para tomar conta de você.

— Isso seria errado. Louis está completamente indefeso, deitado ali no caixão. Desplugá-lo seria... desumano.

Sarah Belle disse em voz bem baixa:

— Mas um dia, mais cedo ou mais tarde, você terá de enfrentá-lo. E enquanto ele está semivivo, a vantagem é sua. Portanto, esta seria uma hora; você sairia intacto.

Ela se virou e começou a se afastar, mãos enfiadas no bolso para protegê-las do frio.

Johnny acendeu um cigarro e se encostou contra a parede às suas costas. Sua esposa tinha razão, claro. Um homem semivivo não tinha a menor chance, num *tête-à-tête* de contato físico, contra uma pessoa viva. Mas ainda assim... ainda assim o pensamento lhe causava arrepios, porque desde a infância ele respeitava Louis, que dominava o negócio de transporte de carga 3-4 — as rotas comerciais entre Terra e Marte — como se fosse um entusiasta de modelismo, brincando com suas miniaturas de naves espaciais sobre uma maquete de papel machê montada em seu porão. E agora, em sua morte, aos 70 anos de idade, o velho, através da Whilhemilna Securities, controlava uma centena de indústrias inter-relacionadas — ou não — em ambos os planetas. O seu lucro líquido era impossível de ser avaliado, mesmo para cálculo de impostos. Na verdade, nem era sensato tentar, como bem sabiam os fiscais do governo.

São minhas filhas, pensou Johnny. Estou pensando nelas, na escola lá em Oklahoma.

Não seria problema enfrentar o velho Louis se ele não fosse um homem de

família. Nada no mundo significava mais para ele do que suas duas menininhas e, obviamente, Sarah Belle, também.

*Preciso pensar nelas, não em mim mesmo*, disse a si mesmo agora enquanto aguardava a oportunidade de remover o corpo do caixão segundo as instruções detalhadas deixadas pelo velho.

Vejamos. Ele provavelmente pode passar aproximadamente meio ano sem vivo, e desejará dividir esse tempo estrategicamente, como no fim de cada ano fiscal. Provavelmente vai distribuir esse tempo ao longo de duas décadas, um mês aqui e ali, até lhe restar apenas uma semana... e então, dias.

E finalmente ao velho Louis restariam apenas algumas horas. O sinal estaria fraco, a atividade elétrica percorrendo as células do cérebro congelado estaria baixa. O cérebro falharia, as palavras emitidas pelo equipamento de amplificação ficariam cada vez mais baixas e indistintas. E então... silêncio. Afinal, a sepultura. Mas isso seria apenas daqui a vinte e cinco anos. Eles já estariam no ano 2100 quando os processos encefálicos do velho cessassem inteiramente.

Johnny Barefoot, fumando seu cigarro rapidamente, recordou o dia em que havia entrado, ansioso e cabisbaixo, no gabinete pessoal da Archimedean Enterprises, murmurando para a garota da recepção que queria um emprego. Ele tinha algumas idéias brilhantes que estavam à venda, idéias que desatariam os nós das greves e diminuiriam a violência nos espaçoptos causada pelo choque de jurisdição entre sindicatos rivais — idéias que iriam, em essência, libertar Sarapis da necessidade de contar com trabalhadores sindicalizados. Era um plano sujo, e ele sabia disso na época, mas ele tinha certeza de que o dinheiro gerado valeria a pena. A menina mandou-o falar com o Sr. Pershing, o gerente de Pessoal, e Pershing enviou-o a Louis Sarapis.

— Está dizendo para lançar minhas naves de carga a partir do *oceano*? — disse Sarapis. — Do Atlântico, fora do limite de três milhas?

— Um sindicato é uma organização nacional — respondeu-lhe Johnny. — Nenhum dos sindicatos possui jurisdição em alto mar. Mas uma organização comercial é internacional.

— Eu precisaria de trabalhadores lá no oceano. Eu precisaria do mesmo número de trabalhadores, possivelmente mais. Onde vou consegui-los?

— Vá até Burma, Índia ou Malásia — disse Johnny. — Pegue trabalhadores jovens e sem treinamento. Submeta-os a um estágio de treinamento com a remuneração limitada a uma ajuda de custo. Em outras palavras, cubra o custo das passagens com o trabalho deles.

Aquilo era exploração de peonagem, e Johnny sabia disso. E Louis Sarapis

achou uma idéia muito atraente. Um pequeno império em alto-mar, operado por homens sem direitos legais. Ideal.

Sarapis fez exatamente isso e contratou Johnny para seu departamento de relações públicas. Esse era o melhor lugar para um homem que tinha idéias brilhantes de uma natureza não-técnica. Em outras palavras, um homem sem educação formal: um *sem-grau*. Um pária inútil, um João-ninguém. Um solitário sem formação universitária.

— Ei, Johnny — disse-lhe certa vez Sarapis. — Como você ficou tão inteligente sem nunca ter ido à escola? Todo mundo sabe que isso hoje em dia é fatal. Impulso auto destrutivo, talvez?

Johnny esboçou um sorriso sem graça, exibindo seus dentes de aço inoxidável, e respondeu:

— Você entendeu tudo, Louis. Eu quero morrer. Eu me odeio. — Nesse momento ele lembrou de sua idéia de exploração de peonagem. Mas isso lhe ocorreu depois que ele abandonou a escola, de modo que não podia ter sido isso. E então disse: — Talvez eu deva procurar um analista.

— Charlatães — disse-lhe Louis. — Todos eles. Eu sei porque tenho seis na minha folha de pagamento, trabalhando exclusivamente para mim de vez em quando. O que está errado com você é que você é impaciente. É ambicioso, mas não quer gastar suas energias na escalada, na luta longa.

Mas eu concretizei minhas ambições, concluiu Johnny Barefoot, mesmo naquela época. Trabalhar para você é algo grande, digno das maiores ambições. Todo mundo quer trabalhar para Louis Sarapis. Ele oferece todos os tipos de trabalho.

As filas duplas de lamentadores que seguiam até o caixão... Ele se perguntou se todas essas pessoas eram funcionários de Sarapis ou parentes de funcionários. Ou eram pessoas que tinham se beneficiado da pensão que Sarapis obrigara o Congresso a instituir durante a depressão, três anos atrás. Sarapis, em sua idade avançada, o grande papai dos pobres, famintos, desempregados. O homem que distribuía sopa nas filas de desvalidos, como estas.

Provavelmente as mesmas pessoas que freqüentavam as filas de sopa eram as que estavam aqui hoje.

Johnny se assustou quando um guarda do auditório o cutucou.

— Ei, o senhor não é o Barefoot, o RP do velho Louis?

— Sou — disse Johnny.

Ele apagou o cigarro e começou a desenroscar a tampa da garrafa térmica

de café que Sarah Belle lhe trouxera. Ele ofereceu a bebida ao guarda:

— Tome um pouco. Ou talvez você esteja acostumado ao frio nestes auditórios.

A prefeitura de Chicago tinha emprestado este lugar para o velório de Louis. Era uma expressão de gratidão por tudo aquilo que ele havia feito por esta área. As fábricas que ele tinha aberto, os trabalhadores que ele pusera na folha de pagamento.

— Não, eu não estou acostumado — disse o guarda, aceitando a xícara de café. — Sabe, Sr. Barefoot, sempre admirei o senhor porque é um sem-grau, e veja só como conseguiu chegar a um trabalho de nível dotado de uma remuneração alta, para não mencionar fama. É uma inspiração para todos nós sem-grau.

Resmungando, Johnny bebericou seu café.

— Obviamente, acredito que é realmente a Sarapis que devemos agradecer — disse o guarda. — Ele deu o trabalho ao senhor. Meu cunhado trabalhou para ele. Isso foi há cinco anos, quando não havia mais ninguém no mundo inteiro contratando, além de Sarapis. Todo mundo já ouviu dizer que ele era um escroque, que não se submetia aos sindicatos, essas coisas todas. Mas ele deu tantas pensões a velhos... meu pai viveu à custa de um plano de pensão de Sarapis até o dia em que morreu. E todas aquelas leis que ele fez o Congresso baixar. Os congressistas jamais teriam feito leis em benefício do povo se não fosse pela pressão de Sarapis. Johnny resmungou.

— Não admira que haja tanta gente aqui hoje — disse o guarda. — Posso ver o porquê. Quem agora vai ajudar os desfavorecidos, os sem-grau como você e eu, agora que Sarapis se foi?

Johnny não tinha uma resposta, nem para o guarda, nem para si mesmo.

Como proprietário da Casa Funerária Sagrados Irmãos, Herbert Schoenheit se viu exigido pela lei a consultar o conselheiro legal do falecido Sr. Sarapis, o bastante conhecido Sr. Claude St. Cyr. Neste serviço era essencial para ele saber precisamente como os períodos de semivida seriam proporcionados. Executar os procedimentos técnicos era obrigação sua.

A questão deveria ser rotineira, mas ainda assim um problema surgiu quase imediatamente. Ele não conseguia entrar em contato com o Sr. St. Cyr, curador dos bens de Sarapis.

Drat, pensou Schoenheit von Vogelsang enquanto punha o telefone no gancho. Deve haver alguma coisa errada. Isto nunca aconteceu em relação a um

homem tão importante.

Ele tinha telefonado da caixa — o cofre de armazenamento onde os semivivos eram mantidos sob refrigeração perpétua. Neste momento, um tipo de sacerdote de aparência preocupada aguardava no guichê com um canhoto na mão. Obviamente ele viera recolher um parente. O Dia da Ressurreição — o feriado em que os semivivos eram honrados publicamente — estava próximo. Logo este lugar estaria muito movimentado.

— Sim, senhor — disse-lhe Herb com um sorriso afável. — Vou atender o senhor pessoalmente.

— É uma senhora idosa — disse o cliente. — Com cerca de 80 anos, muito magra e pequena. Não quero apenas falar com ela. Quero tirá-la daqui por uns tempos. É minha avó.

— Apenas um momento — disse Herb, e voltou à caixa para procurar o número 3054039-B.

Quando localizou o esquite correto, ele correu os olhos pelo medidor de sinais vitais anexado: ele previa mais 15 dias de semi-vida. Automaticamente, ligou um amplificador portátil instalado no vidro do esquite, girou o sintonizador e ouviu a frequência apropriada para indicação de atividade encefálica.

Do alto-falante saiu um som, muito fraco:

— ...e então a Tillie destrancou o tornozelo e nós achamos que nunca ia sarar. Ela, boba como era, queria começar a andar de novo quase imediatamente...

Satisfeito, desligou o amplificador e chamou um trabalhador sindicalizado para executar a tarefa de conduzir 3054039 até a plataforma de carregamento, onde o cliente iria colocá-la em seu carro ou minicóptero.

— Você a checkou? — perguntou o cliente enquanto pagava a quantia devida.

— Pessoalmente — respondeu Herb. — Está funcionando perfeitamente. — Ele sorriu para o cliente. — Feliz Dia da Ressurreição, Sr. Ford.

— Obrigado — disse o cliente, e começou a caminhar na direção da plataforma de carregamento.

Quando eu morrer, disse Herb a si mesmo, acho que mandarei meus herdeiros me reviverem uma vez por século. Assim poderei observar o destino da Humanidade.

Mas isso significava uma taxa de manutenção muito alta para os herdeiros, e sem dúvida cedo ou tarde eles iriam encerrar a conta, desconectar o corpo do

mantenedor de sinais vitais e — que Deus não queira — enterrá-lo.

— Sepultamento é um ato bárbaro — murmurou alto Herb. — Remanescente das origens primitivas de nossa cultura.

— Sim, senhor — concordou sua secretária, a Srta. Beasman, diante da máquina de escrever.

Na caixa, vários clientes conversavam em tom baixo e respeitoso com seus parentes semivivos, cujos esquifes estavam enfileirados em intervalos espaçados. Era uma visão tranqüilizadora. Esses parentes fiéis vinham aqui regularmente, para prestar homenagem. Traziam mensagens, notícias do que acontecia no mundo exterior. Eles animavam os semivivos nesses intervalos de atividade cerebral. E... e eles pagavam Herb Schoenheit von Vogelsang. Uma funerária era um negócio lucrativo.

— Meu pai parece um pouco fraco — disse um rapaz, chamando a atenção de Herb. — Será que o senhor pode dar uma olhadinha nele? Eu apreciaria muito.

— Certamente — disse Herb, acompanhando o cliente ao longo da fileira de esquifes até seu falecido pai. O medidor de sinais vitais indicava apenas mais alguns dias de semivida. Isso explicava o quanto a cerebração estava fraca. Mas ainda assim... ele aumentou o ganho, e a voz do semivivo ficou um pouco mais forte.

Ele está nas últimas, pensou Herb.

Era óbvio que o filho não queria ver o medidor, não queria constatar que seu pai estava finalmente se esvaindo. Assim, Herb nada disse; meramente se afastou, deixando o rapaz comunicando-se com o pai. Por que dizer a ele? Por que dar as más notícias?

Um caminhão chegou à plataforma de carregamento e dois homens saltaram dele, usando uniformes azul-claros muito familiares.

Mudanças e Armazenamento Atlas Interplan, deduziu Herb.

Estavam aqui para entregar mais um semivivo, ou para pegar algum que tivesse expirado. Caminhou até eles.

— Sim, cavalheiros?

O motorista do caminhão apareceu na janela e disse:

— Estamos aqui para entregar o Sr. Louis Sarapis. O espaço dele já está preparado?

— Mas é claro — disse Herb prontamente. — Mas não consigo contatar o Sr. St. Cyr para fazer os arranjos do cronograma. Quando ele vai voltar?



Outro homem, de cabelos escuros e olhos reluzentes, emergiu do caminhão.

— Meu nome é John Barefoot. Segundo os termos do testamento, estou encarregado do Sr. Sarapis. Ele deve ser ressuscitado imediatamente. Essa foi a instrução que recebi.

— Entendo — disse Herb, acenando positivamente. — Então está tudo bem. Traga-o para que possamos conectá-lo imediatamente.

— Está frio aqui — disse Barefoot. — Pior que no auditório.

— É claro que está — respondeu Herb.

A equipe do caminhão começou a descer o esquife. Herb viu o morto de relance, rosto largo e cinzento lembrando um velho pirata.

É uma boa coisa para nós que ele esteja finalmente morto, apesar de seu trabalho de caridade. Por que quem quer caridade? Especialmente vinda dele.

Obviamente, Herb não disse isso a Barefoot. Ele se contentou em guiar a esquife até o local vago.

— Ajustei ele para falar em 15 minutos — prometeu a Barefoot, que parecia tenso. — Não se preocupe. Quase não temos falhas neste estágio. A carga residual inicial costuma ser muito forte.

— Suponho que mais tarde, quando ela enfraquecer, podem começar os problemas técnicos — disse Barefoot.

— Por que ele quer ser trazido de volta à vida tão cedo? — perguntou Herb.

Barefoot olhou-o de cara feia, mas não respondeu.

— Desculpe — disse Herb, e continuou a mexer com os fios que precisavam ser conectados perfeitamente com os terminais dos catodos do esquife. Ele murmurou: — As temperaturas baixas, virtualmente, nada impede o fluxo da corrente. Não existe resistência mensurável a 100° Celsius negativos. — Ele introduziu a ponta do anodo em seu encaixe. — Assim, o sinal deve aparecer alto e forte.

Para concluir, ligou o amplificador.

Um zumbido. Nada mais.

— E então? — disse Barefoot.

— Vou conferir tudo — disse Herb, tentando imaginar o que dera errado.

Barefoot disse baixinho:

— Ouça, se você cometer algum erro e deixar a fagulha apagar...

Ele não precisava terminar; Herb entendia perfeitamente o que ele queria dizer.

— Ele quer participar da Convenção Nacional do Partido Democrata-republicano, não é? — perguntou Herb.

A convenção ia ser realizada no final do mês, em Cleveland. No passado, Sarapis tinha sido muito ativo por trás dos panos, tanto nas convenções do partido Democrata-republicano quanto nas do Liberal. Muitos acreditavam que ele tinha escolhido pessoalmente o último candidato à presidência pelo partido Democrata-republicano, Alfonse Gam. O bonito e elegante Gam perdera a eleição, mas não por uma margem muito grande.

— Ainda não está pegando nada? — indagou Barefoot

— Bem, parece... — disse Herb.

— Nada. Obviamente. — Agora Barefoot parecia tenso. — Se você não puder despertá-lo em mais dez minutos, *eu* vou contatar Claude St. Cyr. Nós vamos tirar Louis da sua funerária e abrir um processo de negligência contra você.

— Estou fazendo tudo que posso — disse Herb, transpirando enquanto lidava com as conexões do esquife. — Lembre-se que nós não executamos a instalação do mantenedor de sinais vitais. Pode ter havido algum erro nessa fase do processo.

Agora uma estática soou acima do zumbido que saía pelo alto-falante.

— Isso é ele chegando? — inquiriu Barefoot.

— Não — admitiu Herb, extremamente nervoso agora. A estática, na verdade, era um péssimo sinal.

— Continue tentando — disse Barefoot.

Mas era desnecessário dizer isso a Herbert Schoenheit Vogelsang. Ele estava lutando desesperadamente, com tudo que tinha, com todos os seus anos de competência profissional nesse campo. E ainda assim não conseguia nada. Louis Sarapis permanecia silente.

Não vou conseguir, admitiu Herb, apavorado. Mas não consigo entender o porquê. O QUE DEU ERRADO? Um cliente importante como este, e eu estrago tudo.

Ele continuou tentando, mas sem olhar para Barefoot; não ousava fazer isso.

No radiotelescópio em Brejo Kennedy, no lado escuro da Lua, o técnico-chefe Owen Angress descobriu que havia captado um sinal emanando de uma região a uma semana-luz além do sistema solar, na direção de Próxima. Geralmente, essa região do espaço era de pouco interesse para a Comissão de Comunicações em Espaço Profundo das Nações Unidas, mas isto, Owen Angress compreendeu, era um caso único.

O que o alcançou, absolutamente amplificada pela grande antena do radiotelescópio era fraca, mas clara, uma voz humana.

— ...provavelmente deixaram tudo lhes escapular pelos dedos — estava declarando a voz — se eu os conheço, e acho que conheço. Esse Johnny. Ele iria reverter se eu não ficasse de olho nele, mas pelo menos não é um patife como St. Cyr. Fiz bem ao demitir St. Cyr. Considerando que eu possa me manter...

A voz abaixou, momentaneamente.

*O que está lá fora?*- perguntou-se Angress, abismado.

— A cinquenta segundos de um ano-luz — murmurou fazendo uma marca rápida no mapa de espaço profundo que estivera delineando. — Nada. Apenas nuvens de poeira cósmica.

Ele não conseguia compreender o que era aquele sinal. Estaria sendo ricocheteado de volta para a Lua a partir de algum transmissor próximo. Seria isto, em outras palavras, um mero eco?

Ou ele estava lendo incorretamente seu computador?

Claro que isto não podia estar correto. Algum indivíduo ruminando a um transmissor além de nosso sistema solar... um homem calmo, pensando em voz alta num tom sonolento, como se estivesse associando livremente... aquilo não fazia sentido.

Acho melhor eu reportar isto a Wycoff, na Academia Soviética de Ciências, disse a si mesmo.

Wycoff era seu supervisor atual; no mês seguinte seria Jamison, do MIT.

Talvez seja uma espaçonave de exploração profunda que...

A voz apresentou-se clara mais uma vez:

— ...aquele Gam é um idiota. Cometi um erro ao escolhê-lo. Acabou aprendendo, mas tarde demais. Alô? — Os pensamentos ficaram nítidos, as palavras mais distintas. — Estou voltando? Pelo amor de Deus, já está na hora. Ei, Johnny, é você aí?

Angress pegou o telefone e discou o código da linha para a União Soviética.

— Fala, Johnny! — comandou a voz no alto-falante. — Vamos, filho. Tenho tanta coisa na minha mente. Tanto a fazer. A Convenção já começou? Não tenho nenhum sentido de tempo preso aqui, não consigo ver ou ouvir. Espere só até você chegar aqui para descobrir...

E mais uma vez a voz sumiu.

Isto é precisamente o que Wycoff chama de "fenômeno" concluiu Angress.

E eu posso entender por quê.

## II

No telejornal noturno, Claude St. Cyr ouviu o apresentador falar sobre uma descoberta realizada pelo rádio telescópio na Lua, mas prestou pouca atenção; estava ocupado preparando martinis para seus convidados.

— Sim — disse ele a Gertrude Harvey —, por mais irônico que seja, eu mesmo redigi o testamento, incluindo a cláusula que automaticamente me despedia, cancelava meus serviços no momento em que ele morresse. E vou lhe dizer por que Louis fez isso. Ele nutria suspeitas paranóicas sobre mim, de modo que achava que com essa cláusula ele se garantia contra ser... — Ele parou enquanto media as gotinhas de vinho branco que acompanhavam o gim. — ...ser despachado prematuramente.

Ele sorriu, e Gertrude, posando decorativamente no sofá ao lado do marido, sorriu de volta.

— Isso adiantou muito para ele — argumentou Phil Harvey.

— Diabos, eu não tive nada a ver com a morte dele — protestou St. Cyr. — Foi uma embolia, um coágulo enorme entalado como uma rolha num gargalo. — Ele riu ao visualizar a imagem que criara. — O remédio da própria natureza.

— Escutem a tevê. Estão noticiando alguma coisa estranha — disse Gertrude.

Ela se levantou, caminhou até o aparelho e se curvou sobre ele, ouvido perto do alto-falante.

— Provavelmente é aquele idiota do Kent Margrave — disse St. Cyr. — Deve estar fazendo outro discurso político.

Margrave agora já era presidente há quatro anos. Liberal, conseguira derrotar Alfonse Gam, que fora o homem escolhido pessoalmente por Louis Sarapis para o cargo. Na verdade, Margrave, apesar de todas suas falhas, era um

ótimo político; conseguira convencer grandes massas de eleitores que ter uma marionete de Sarapis como presidente não era uma boa idéia.

— Não — disse Gertrude, ajeitando cuidadosamente a saia sobre os joelhos nus. — É alguma coisa sobre... a agência espacial, acho. Ciência.

— Ciência! — disse St. Cyr, rindo. — Bem, então vamos assistir. Eu admiro a ciência. Aumente o volume.

Aposto que encontraram mais um planeta no sistema de Orion, disse a si mesmo. Mais uma vitória da humanidade em nome de sua existência coletiva.

O apresentador estava dizendo:

— Uma voz, emanando do espaço sideral esta noite, deixou tanto os cientistas americanos quanto soviéticos completamente pasmados.

— Oh, não! — exclamou St. Cyr. — Uma voz do espaço sideral... por favor, não quero nem ouvir mais. — Rindo, ele se afastou do televisor. — É disso do que precisamos. Uma voz que acabe se revelando... você sabe Quem.

— Quem? — indagou Phil.

— Deus, é claro. O radiotelescópio em Brejo Kennedy captou a voz de Deus e agora vamos receber mais um conjunto de mandamentos divinos. — Removendo os óculos, enxugou os olhos com seu lenço de linho irlandês.

— Pessoalmente, concordo com minha mulher — disse Phill Harvey, num tom solene. — Acho isso fascinante.

St. Cry manteve-se firme:

— Ouça, meu amigo, você sabe que eles vão acabar descobrindo que se trata de um transistor de rádio que algum estudante japonês perdeu numa viagem entre a Terra e Calisto. E o sinal do rádio simplesmente vagou inteiramente para fora do sistema solar e agora o telescópio o captou, e isso se tornou um mistério imenso para todos os cientistas. — E acrescentou, num tom menos afetado: — Desliga isso, Gert. Temos coisas sérias para considerar.

Relutante mas obediente, ela fez isso. E enquanto se empertigava, perguntou:

— Claude, é verdade que a Casa Funerária não conseguiu reviver o velho Louis? É verdade que ele não está semivivo, como deveria estar agora?

— Ninguém me conta mais nada sobre a organização — respondeu St. Cyr. Mas ouvi um boato sobre isso. — O fato é que St. Cyr sabia que o que Gertrude estava dizendo era verdade. Ele tinha muitos amigos dentro de Wilhelmina, mas não gostava de falar sobre esses contatos que lhe restavam. — Sim, acho que ele não está semivivo.

Gertrude estremeceu.

— Imagine não voltar. Que coisa horrível!

— Mas essa era a antiga condição natural — comentou seu marido enquanto bebia seu martini. — Ninguém era semivivo antes da virada do século.

— Mas nós éramos acostumados com isso — disse ela, teimosamente.

Para Phil Harvey, St. Cyr disse:

— Vamos continuar nossa discussão. Balançando os ombros, Harvey disse:

— Muito bem. Se você realmente acha que há alguma coisa para discutir. — Ele fitou St. Cyr criticamente. — Sim, eu poderia colocar você na minha equipe jurídica, se você tem certeza de que quer isso. Mas não posso lhe oferecer o salário que você recebia de Louis. Isso não seria justo com os advogados que trabalham para mim agora.

— Eu sei disso — disse St. Cyr.

Afinal de contas, a firma de transportes de carga de Harvey era pequena em comparação com as empresas de Sarapis. Harvey, na verdade, era uma figura menor do negócio de transporte de carga 3-4 (entre Terra e Marte).

Mas era isso precisamente o que St. Cyr queria. Porque ele acreditava que dentro de um ano, com a experiência e os contatos que obtivera trabalhando para Louis Sarapis, ele poderia depor Harvey e assumir a Elektra Enterprises.

A empresa fora batizada com o nome da primeira esposa de Harvey, Elektra. St. Cyr a conhecera, e depois que ela e Harvey se separaram ele continuou a vê-la, agora de uma forma mais pessoal e íntima. Sempre lhe pareceu que Elektra Harvey fizera um mau negócio na separação; Harvey possuía consultores jurídicos suficientemente talentosos para derrotar o advogado de Elektra... que tinha sido, a bem da verdade, parceiro júnior de St. Cyr, Harold Faine. Desde a derrota de Elektra no tribunal, St. Cyr se culpava por não ter assumido pessoalmente o controle desse caso. Mas naquela época ele estava atolado até o pescoço com os negócios de Sarapis.

Agora, com Sarapis morto e seu trabalho para a Atlas, Wilhelmina e Archimedean terminado, ele podia se dedicar a retificar o desequilíbrio. Podia socorrer a mulher a quem ele (agora admitia) amava.

Mas essa situação ainda estava longe; primeiro ele precisava ingressar na equipe jurídica de Harvey... a qualquer custo. A julgar pelas aparências, estava conseguindo isso.

— E então, fechamos negócio? — perguntou a Harvey, estendendo a mão.

— Tudo bem — respondeu Harvey, não muito empolgado com o evento.

Mas estendeu o braço. Os dois homens trocaram um aperto de mão forte. — A propósito, eu tenho algum conhecimento, fragmentário, mas preciso, sobre os motivos que levaram Sarapis a despedir você em seu testamento. E não foram os mesmos motivos que você disse.

— Mesmo? — disse St. Cyr, tentando soar casual.

— Soube que Sarapis suspeitava que alguém, possivelmente você, desejava impedi-lo de voltar em semivida. Que você ia escolher uma funerária dirigida por certos contatos seus... e que eles iriam fracassar ao reviver o velho. — Ele fitou profundamente os olhos de St. Cyr. — E por mais estranho que seja, parece ter sido exatamente isso que aconteceu.

Houve silêncio.

— Por que Claude não ia querer que Louis Sarapis fosse ressuscitado? — Gertrude disse, finalmente:

— Não faço a menor idéia — disse Harvey. Ele coçou o queixo, pensativamente. — Eu nem entendo exatamente o processo de semivida. Não é verdade que o semivivo freqüentemente se vê detentor de uma espécie de inspiração, de um novo ponto-de-vista, de uma nova perspectiva, que carecia enquanto estava vivo?

— Já ouvi psicólogos falarem sobre isso — concordou Gertrude. — É o que os antigos teólogos chamavam de *conversão*.

— Talvez Claude tivesse medo de alguma inspiração que Louis pudesse ter semivivo — disse Harvey. — Mas isso é apenas uma conjectura.

— Realmente, apenas uma conjectura — concordou Claude St. Cyr. — Incluindo o fato de que eu tivesse qualquer plano semelhante ao que você descreveu. Eu nem conheço alguém no ramo funerário.

A voz de St. Cyr saíra firme, porque ele quisera assim.

Mas esta é uma situação delicada, disse a si mesmo. Constrangedora.

A empregada apareceu para dizer-lhes que o jantar estava pronto. Phil e Gertrude se levantaram, e Claude juntou-se a eles enquanto entravam juntos na sala de jantar.

— Diga-me, quem é o herdeiro de Sarapis? — perguntou Phil Harvey a Claude.

— Uma neta dele que mora em Calisto. Seu nome é Kathy Egmont e ela é uma mulher muito estranha. Tem cerca de 20 anos e já esteve presa cinco vezes, quase sempre devido ao seu vício em narcóticos. Soube que recentemente conseguiu se curar da dependência e se converteu a alguma religião. Nunca a

conheci, mas já vi muitas trocas de cartas entre ela e o velho Louis.

— E ela ficará com todos os bens dele quando o testamento for homologado? Com todo o poder político inerente nesses bens?

— Claro que não — disse St. Cyr. — Poder político não pode ser legado, não pode ser transmitido em herança. Kathy herdará apenas o aspecto econômico do poder do avô. Como você sabe, a influência econômica do velho é exercida através de sua empresa principal licenciada sob as leis do estado de Delaware, a Wilhelmina Securities. Essa empresa agora é de Kathy, e, conseqüentemente, sua influência econômica, se ela quiser exercê-la, se ela entender o que herdou.

— Você não parece muito otimista — comentou Phil Harvey.

— Todas as cartas que Kathy enviava indicavam, ao menos para mim, que ela é um tipo criminoso, doentio. É excêntrica e instável. Exatamente o último tipo de pessoa que eu gostaria de ver herdando as empresas de Louis.

E sem mais qualquer comentário sobre o assunto, sentaram-se à mesa de jantar.

Naquela noite, Johnny Barefoot ouviu o telefone tocar, sentou-se na cama e bateu até suas mãos tocarem o aparelho. Ao lado dele, Sarah Belle contorceu-se na cama.

— Alô? Quem é? — atendeu, mal-humorado.

— Sinto muito, Sr. Barefoot. Não queria acordá-lo. Mas o meu advogado me disse para ligar para o senhor assim que eu chegasse em Terra. — Disse uma voz frágil de mulher, acrescentando: — Sou Kathy Egmont, embora meu nome real seja Sra. Kathy Sharp. Sabe quem sou?

— Sei sim — respondeu Johnny, esfregando os olhos e bocejando.

O frio no quarto o fez tremer. A seu lado, Sarah Belle puxou o lençol sobre os ombros e se virou para o outro lado.

— Quer que eu vá pegá-la? — perguntou Johnny. — Tem um lugar para ficar?

— Não tenho amigos em Terra — disse Kathy. — Mas me disseram no espaçoporto que o Beverly é um ótimo hotel. Vou para lá. Parti de Calisto assim que soube que meu avô tinha morrido.

— Você chegou rápido — disse Johnny, que não esperava antes de mais 24 horas.



— Há alguma chance... — A moça parecia tímida. — Eu teria como ficar em sua casa, Sr. Barefoot? Fico apavorada com a idéia de ficar num hotel grande onde ninguém me conhece.

— Sinto muito, sou casado — disse ele imediatamente, e então compreendeu que essa resposta não apenas era inadequada, como também ofensiva. — Quero dizer, eu não tenho um quarto vago. Fique no Beverely esta noite e amanhã encontraremos um apartamento mais aceitável.

— Tudo bem — disse Kathy. Ela soou resignada, mas também ansiosa. — Diga-me, Sr. Barefoot, já teve sorte com a ressurreição de meu avô? Ele está semivivo agora?

— Não — respondeu Johnny. — Até agora não deu certo. Os técnicos estão tentando resolver o problema.

Quando Johnny saiu da funerária, cinco técnicos estavam trabalhando arduamente no velho, tentando descobrir o que estava errado.

— Achei que ia acontecer isso — disse Kathy.

— Por quê?

— Bem, o meu avô... ele era diferente de qualquer outra pessoa. Tenho certeza de que você sabe disso, talvez ainda melhor do que eu, porque o via diariamente. Mas... Eu simplesmente não conseguia imaginá-lo inerte, como ficam os semivivos. Passivo e indefeso. Você consegue imaginá-lo assim, depois de tudo que ele fez?

— Vamos conversar sobre isso amanhã. Passo no hotel por volta das nove, certo?

— Sim, está bem. Estou feliz por me encontrar com você, Sr. Barefoot. Espero que permaneça na Archimedean, trabalhando para mim. Até logo.

Um clique; ela tinha desligado o telefone.

*Minha nova chefe*, disse Johnny a si mesmo. *Uau.*

— Quem era a uma hora destas? — murmurou Sarah Belle.

— A pessoa que possui a Archimedean — disse Johnny. — Que paga pelos meus serviços.

— Louis Sarapis? — Sua mulher se sentou na cama imediatamente. — Ah... você está se referindo à neta dele. Ela já está aqui? Como ela pareceu?

— Não sei dizer — respondeu hesitante. — Assustada, principalmente. Ela vem de um mundo distante e pequeno, comparado com Terra.

Ele não contou à esposa as coisas que sabia sobre Kathy, sua dependência

de drogas, suas temporadas na cadeia.

— Ela pode assumir os negócios agora? — indagou Sarah Belle. — Não precisa esperar até que a semivida de Louis termine?

— Legalmente, ele está morto. O testamento dele se aplica. *Além disso, ele não está semivivo*, pensou Johnny, ácido.

Está calado e morto em seu esquife de plástico, em seu mantenedor de sinais vitais... que obviamente não está mantendo nada.

— Acha que vai se dar bem com ela?

— Não sei — respondeu, cândido. — Nem tenho certeza de que vou tentar.

Johnny Barefoot não gostava da idéia de trabalhar para uma mulher, especialmente uma mais jovem do que ele. E uma que era — pelo menos de acordo com os boatos — completamente psicótica. Mas ao telefone ela certamente não soara assim. Completamente acordado agora, Johnny meditou sobre isso.

— Ela provavelmente é muito bonita — previu Sarah Belle. — Você provavelmente vai se apaixonar por ela e me deserdar.

— Por favor, não comece com isso — disse ele. — Provavelmente vou trabalhar para ela durante alguns meses sofridos, e então me demitir e procurar emprego em outro lugar.

E enquanto isso, O QUE SERÁ DO LOUIS? perguntou-se. Vamos conseguir revivê-lo, afinal?

Era uma grande incógnita.

Se o velho fosse revivido, poderia dirigir sua neta. Mesmo jurídica e fisicamente morto, poderia continuar gerindo sua complexa esfera econômica e política. Mas neste momento isto simplesmente não estava dando certo, e o velho planejara ser revivido imediatamente, com certeza antes da Convenção Democrata-republicana. Louis certamente sabia — ou tinha sabido — que tipo de pessoa era sua herdeira. Sem ajuda, ela não conseguiria fazer nada.

E há pouco que eu possa fazer por ela, pensou Johnny. Claude St. Cyr poderia, mas segundo os termos do testamento, ele está completamente fora do jogo. Então o que sobrou? Precisamos continuar tentando ressuscitar o velho, mesmo se para isso tivermos de visitar cada funerária nos Estados Unidos, Cuba e Rússia.

— Você está tendo pensamentos confusos — disse Sarah Belle. — Posso dizer pela sua expressão. — Ela ligou o abajur ao lado da cama, e agora estava esticando o braço para pegar seu roupão. — Não tente resolver problemas sérios

no meio da noite.

Deve ser assim que se sente um semivivo, pensou, um tanto grogue.

Balançou a cabeça, tentando clarear os pensamentos, acordar completamente.

Na manhã seguinte Johnny Barefoot estacionou seu carro na garagem subterrânea do Beverely e subiu de elevador até o saguão. Dirigiu-se ao balcão de recepção e o atendente da manhã o cumprimentou com um sorriso. Não era um hotel muito bom, concluiu Johnny. Mas era limpo; um respeitável hotel familiar que provavelmente alugava muitos de seus quartos para períodos de um mês, alguns certamente para idosos aposentados. Ele deduziu que Kathy estivesse acostumada a viver modestamente.

Em resposta à pergunta de Johnny, o atendente apontou para a sala adjacente, a cafeteria.

— Vai encontrá-la lá. Está tomando o café da manhã. Ela disse que o senhor deveria aparecer a qualquer momento, Sr. Barefoot.

Na cafeteria ele encontrou muitas pessoas tomando café. Perguntou-se qual delas seria Kathy. A garota de cabelos negros com feições frias, no canto mais distante? Ele caminhou até ela. Seu cabelo, ele decidiu, era pintado. Sem maquiagem ela parecia sobrenaturalmente pálida. Sua pele era marcada por linhas de expressão, como se ela tivesse conhecido muito sofrimento, mas não do tipo que tornava alguém uma pessoa "melhor". Tinha sido dor pura, sem aspectos redentores, decidiu.

— Kathy?

A garota virou a cabeça. Seus olhos, vazios; sua expressão absolutamente inexpressiva.

— Sim — disse numa voz baixa e fina. — Você é John Barefoot?

Enquanto ele se sentava de frente para ela à mesa, a mulher o observou como se temesse que ele fosse saltar contra ela, espancá-la e — *Deus me livre*, pensou — atacá-la sexualmente.

É como se ela fosse apenas um animal pequeno e solitário, pensou Johnny. — Acuado num canto para enfrentar o mundo inteiro.

A cor, ou a falta dela, poderia provir da dependência de drogas. Mas isso não explicava sua voz desprovida de entonação, sua carência absoluta de expressão facial. Mas ainda assim... ela era bonita. Possuía feições delicadas e regulares, que animadas seriam interessantes. E talvez tenham sido um dia, anos

atrás.

— Só me restam cinco dólares — disse Kathy. — Depois que paguei a passagem até aqui, o quarto de hotel e o café da manhã. Você poderia... — Ela hesitou. — Não tenho certeza do que fazer. Você poderia me dizer se... eu já possuo alguma coisa? Qualquer coisa que fosse do meu avô? Alguma coisa que eu pudesse tomar emprestado?

— Vou lhe passar um cheque pessoal de cem dólares e você pode me pagar depois — disse Johnny, pegando o talão de cheques.

— É mesmo? — Ela pareceu surpresa, e esboçou um leve sorriso. — Obrigado pela confiança. Ou você está tentando me impressionar? Você era o RP do meu avô, não era? Como foi a sua inclusão no testamento? Eu não consigo lembrar; foi tudo tão rápido.

— Bem, eu não fui despedido, como aconteceu com Claude St. Cyr.

— Então você vai continuar na empresa. — Isso pareceu aliviá-la. — Seria correto... dizer que você agora está trabalhando para *min*?

— Sim, você pode dizer isso. Considerando que você sinta que precisa de um RP. Talvez não precise. Louis nem sempre tinha certeza disso.

— Fale-me sobre as tentativas de ressuscitá-lo. Ele lhe explicou, sucintamente, tudo que fora feito.

— E isso já foi levado a público?

— Não. Eu sei, um papa-defuntos com o nome sobrenatural de Herb Schoenheit von Vogelsang sabe, e possivelmente a notícia vazou para algumas pessoas importantes no ramo de transportes de carga, como Phil Harvey. Até Claude St. Cyr deve saber a esta altura. Obviamente, depois de passar algum tempo sem que Louis tenha se manifestado, ou feito qualquer declaração política à imprensa...

— Vamos precisar inventar essas declarações — disse Kathy. — E fingir que vieram dele. Esse será o seu trabalho, senhor *Funnyfoot* — Ela sorriu mais uma vez — Emita *releases* para a imprensa com declarações do meu avô até que consigamos revivê-lo ou que desistamos. Você acha que teremos de desistir? — Fez uma pausa. — Gostaria de vê-lo, se você julgar adequado — disse, serena, em seguida.

— Vou levá-la até a Casa Funerária Sagrados Irmãos. Preciso estar lá daqui a uma hora, de qualquer jeito.

Kathy assentiu com a cabeça e voltou a comer seu desjejum.

Enquanto a garota fitava intensamente o caixão transparente, Johnny Barefoot, a seu lado, teve um pensamento bizarro:

— Talvez ela bata no vidro e diga "Vovô, acorde". E talvez isso dê certo. Nada mais deus.

— Eu não entendo, simplesmente não entendo, Sr. Barefoot - Herb Schoenheit von Vogelsang torcendo as mãos, resmungou atormentado. - Nós trabalhamos a noite inteira, em turnos, e não conseguimos uma única centelha. Ainda assim, fizemos um eletroencefalograma e ele apresentou uma atividade cerebral fraca, mas inconfundível. Colocamos sondas em todas as partes do crânio, como vocês podem ver. — Apontou para o labirinto de fios finos conectando a cabeça do morto ao equipamento de amplificação que cercava o esquife. — Não sei mais o que podemos fazer, senhor.

— Existe metabolismo cerebral mensurável? — perguntou Johnny.

— Sim, senhor. Chamamos especialistas de fora e eles detectaram o metabolismo. Também é uma quantidade normal, exatamente como pode se esperar depois da morte.

— Sei que é inútil — disse Kathy, calmamente. — Ele é um homem grande demais para isto. Isto é para velhos aposentados. Para vovozinhas que são retiradas daqui uma vez por ano, no Dia da Ressurreição. — Ela deu as costas para o esquife e disse a Johnny: — Vamos embora.

Juntos, ele e a garota caminharam pela alameda diante da funerária, sem trocar uma palavra. Era um dia calmo de primavera, e algumas árvores já estavam salpicadas com flores cor-de-rosa.

*Cerejeiras*, deduziu Johnny.

— Morte — murmurou Kathy, finalmente. — E renascimento. Um milagre tecnológico. Talvez quando Louis viu como o outro lado era, ele tenha mudado de idéia quanto a voltar... talvez não tenha querido voltar.

— Bem, a fagulha elétrica ainda está lá no cérebro dele. Está lá dentro, pensando alguma coisa. — Ele deixou Kathy segurar seu braço enquanto atravessavam a rua. — Alguém me disse que você está interessada em religião.

— Estou sim — disse Kathy em voz baixa. — Quando eu era viciada em narcóticos tomei uma overdose. Isso fez o meu coração parar de bater. Estive oficial e medicamente morta durante vários minutos. Eles me trouxeram de volta através de massagem cardíaca de peito aberto e eletrochoque. Você sabe como é. Durante esse período eu tive uma experiência, provavelmente muito parecida com a das pessoas semivivas.

— Lá era melhor que aqui?

— Não. Mas era diferente. Como num sonho. Não estou dizendo que era vago ou irreal. Estou me referindo à lógica, à imponderabilidade. Essa é a diferença principal. Você se vê livre da gravidade. É difícil compreender o quanto isso é importante, mas pense em quantas características do sonho derivam desse fato.

— E isso mudou você — disse Johnny.

— Consegui superar os aspectos de vício oral de minha personalidade, se é o que você está dizendo. Aprendi a controlar meus apetites. Minha voracidade. — Quando passaram diante de uma banca de jornais, Kathy parou. — Veja — falou ela.

### VOZ DO ESPAÇO SIDERAL INTRIGA CIENTISTAS.

— Interessante — disse Johnny.

Kathy, pegando o jornal, leu o artigo abaixo da mancha.

— Estranho — disse ela. — Eles captaram uma entidade sensiente, viva... aqui, leia. — Ela passou o jornal para ele. — Eu fiz isso quando morri... Vaguei para longe, livre do sistema solar. Primeiro me liberei da gravidade planetária, e em seguida da gravidade do sol. Eu queria saber quem é.

Pegando o jornal de volta, ela releu o artigo.

— Dez cents, senhor ou senhora — disse subitamente o robô-jornaleiro.

John introduziu uma moeda na ranhura da banca de jornais.

— Acha que é o meu avô? — perguntou Kathy.

— É difícil — disse Johnny.

— Pois eu acho que é — disse Kathy, olhando através dele, imersa em pensamentos. — Eu sei que é. Veja, isso começou uma semana depois da morte dele, e a voz está sendo emitida a uma semana-luz daqui. O tempo condiz, e aqui está uma transcrição do que a voz está dizendo. — Ela apontou a coluna. — Fala sobre você, Johnny, sobre mim e sobre Claude St. Cyr, aquele advogado que ele despediu. Está tudo aqui, mas de forma confusa. Essa é a forma como os seus pensamentos fluem quando você está morto. Tudo condensado, ao invés de em seqüência. — Ela sorriu para Johnny. — Temos um problema terrível. Podemos ouvi-lo, através do radiotelescópio em Brejo Kennedy. Mas ele não pode nos ouvir.

— Você realmente não acredita...

— Acredito sim — disse, convicta. — Eu sabia que ele não ia se contentar com uma semivida. Ele está levando uma vida completa, diferente, lá no espaço, além do último planeta de nosso sistema. E não temos nenhuma forma de interferir com isso. O que ele estiver fazendo... — Ela voltou a caminhar, e John a seguiu. — Seja lá o que for, será pelo menos equivalente ao que fazia quando estava vivo em Terra. Pode ter certeza disso. Você está com medo?

— Diabos, não estou nem convencido, quanto mais com medo.

Mas mesmo assim... provavelmente ela estava certa. Parecia tão certa disso. Ele não podia evitar ficar um pouco impressionado, um pouco convencido.

— Pois você devia estar com medo — disse Kathy. — Ele pode ser muito forte lá fora. Ele pode ser capaz de fazer muita coisa. Pode afetar muita coisa. Pode afetar a todos nós, o que fazemos e no que acreditamos. Mesmo sem o radiotelescópio... ele pode nos alcançar. Subliminarmente. Pode estar fazendo isto neste momento.

— Eu não acredito nisso — disse Johnny.

Mas ele acreditava, contra sua própria vontade. Ela estava certa; esse era exatamente o tipo de coisa que Louis Sarapis faria.

— Vamos saber mais quando a Convenção começar, porque ele estava preocupado com ela. Ele não conseguiu eleger Gam na última vez. E foi uma das raras ocasiões que conheceu a derrota.

— Gam! — ecoou John, surpreso. — Aquele fracassado? Ele ainda existe? Ora, ele desapareceu completamente, há quatro anos...

— Meu avô não desistiria dele — disse Kathy, meditativa. — E ele está vivo. Está em Io. Tem uma fazenda de criação de perus ou algo do gênero. Patos, talvez. Em todo caso, ele está lá. Esperando.

— Esperando o quê?

— Que meu avô entre em contato com ele novamente. E ele fez isso antes, há quatro anos, na Convenção.

— Ninguém votaria em Gam novamente! — retrucou, fitando Kathy.

Kathy sorriu sem dizer nada. Mas ela apertou o braço dele, com força. Como se estivesse com medo, como na noite anterior, quando telefonara para ele. Talvez ainda mais.

O homem de meia-idade, bonito e em boa forma física, usando colete e uma gravata antiquada, levantou-se quando Claude St. Cyr entrou no escritório externo da St. Cyr e Faine, a caminho do tribunal.

— Sr. St. Cyr...

— Estou com pressa. Você terá de marcar uma reunião com minha secretária — murmurou St. Cyr, olhando para ela.

E então ele reconheceu o homem. Estava falando com Alfonse Gam.

— Recebi um telegrama de Louis Sarapis — disse enfiando a mão no bolso.

— Desculpe — disse St. Cyr com indiferença. — Trabalho agora para o Sr. Phil Harvey. Meu relacionamento profissional com o Sr. Sarapis foi terminado há algumas semanas.

Mesmo assim ele parou de andar. Estava curioso. Já se encontrara antes com Gam. Durante a campanha eleitoral, quatro anos antes, estivera várias vezes com o homem. Na verdade, representara Gam em vários processos legais, um com Gam como queixoso, o outro como acusado. Ele não gostava desse homem.

— Recebi o telegrama anteontem — disse Gam.

— Mas Sarapis está... — Claude St. Cyr se calou. — Deixe-me ver. — Ele estendeu a mão, e Gam lhe passou o telegrama.

Era uma declaração de Louis Sarapis a Gam, assegurando Gam a respeito do apoio completo e absoluto de Louis na próxima Convenção. E Gam estava correto; o telegrama estava com a data de apenas três dias atrás. Aquilo não fazia o menor sentido.

— Eu não posso explicar isso, St. Cyr — disse Gam secamente. — Mas o texto parece o estilo de Louis. Ele quer que eu concorra novamente. Como você está vendo. Isso jamais me ocorreu. No que me diz respeito estou fora da política e no ramo de criação de galináceos. Achei que você talvez soubesse alguma coisa a respeito deste telegrama. Quem o enviou e o porquê. — Acrescentou: — Considerando que não foi o velho Louis.

— Como Louis poderia ter mandado esta carta?

— Ele pode tê-la escrito antes de morrer e instruir alguém a remetê-la num determinado dia. Ele poderia ter dado essa instrução a você. — Gam deu com os ombros — Evidentemente, não foi a você. Talvez o senhor Barefoot.

— Você realmente planeja concorrer de novo? — perguntou St. Cyr.

— Se Louis quiser.



— E perder novamente? Arrastar o partido para a derrota novamente, só por causa de um velho teimoso e vingativo? Volte para as suas galinhas e esqueça a política. Você é um perdedor, Gam. Todo mundo no partido sabe disso. Todo mundo nos Estados Unidos sabe disso.

— Como posso contatar o Sr. Barefoot?

— Não tenho a menor idéia — disse St. Cyr e começou a caminhar.

— Vou precisar de auxílio legal — disse Gam.

— Para o quê? Quem está processando você agora? Você não precisa de auxílio legal, Sr. Gam. Precisa de auxílio médico, um psiquiatra que lhe explique porque deseja concorrer de novo. Ouça... — ele se inclinou na direção de Gam. — Se Louis não conseguiu colocar você na presidência quando estava vivo, imagine agora, morto.

Então ele se afastou, deixando Gam parado em pé ali.

— Espere — disse Gam. Relutantemente, Claude St. Cyr se virou.

— Desta vez eu vou ganhar — disse Gam.

E pareceu falar sério. Sua voz, ao invés de vacilante como de costume, souu firme.

— Bem, então boa sorte — disse St. Cyr, um tanto incomodado. — Boa sorte para você e para Louis.

Os olhos de Gam faiscaram.

— Então ele está vivo.

— Eu não disse isso. Estava sendo irônico.

— Mas ele está vivo — disse Gam, pensativo — tenho certeza disso. Eu vou encontrá-lo. Fui a algumas funerárias, mas ele não estava em nenhuma delas, ou então elas não admitiram isso. Vou continuar procurando. Preciso conversar com ele. — E então acrescentou: — Foi por causa disso que vim de Io.

Nesse momento, St. Cyr conseguiu livrar-se de Gam e ir embora.

Que João-ninguém, disse a si mesmo. Um zero à esquerda, um mero fantoche de Louis. Ele estremeceu. Deus nos proteja desse destino: esse homem como nosso presidente.

Imagine todos nós ficando iguais a Gam!

Não era um pensamento agradável. Ele não o inspirava para o dia à frente. E ele tinha muito trabalho sobre os ombros.

Este era o dia em que ele, advogado de Phil Harvey, faria à Srta. Kathy

Sharp — ex-Kathy Egmont — uma oferta pela Wilhelmina Securities. Isso envolveria uma troca de parcelas acionárias, redistribuídas de tal forma que Harvey adquiriria o controle da Wilhelmina. O valor da corporação era praticamente impossível de ser calculado, e Harvey estava oferecendo não apenas dinheiro, mas também propriedades. Ele tinha imensas porções de terra em Ganimedes, que dez anos antes ganhara da União Soviética em pagamento por assistência técnica provida a esse governo e suas colônias.

As chances de Kathy aceitar a oferta eram nulas.

E ainda assim, ele precisava fazer a oferta. O passo seguinte — e ele sentia um arrepio só de pensar nele — envolvia um combate monumental na área da competição econômica, entre a firma de transporte de carga de Harvey e a de Kathy. E a de Kathy, ele sabia, estava agora em decadência. Eles tinham enfrentado problemas com o sindicato desde a morte do velho. A coisa que Louis mais temia começara a acontecer: os sindicalistas tinham começado a penetrar na Archimedean.

Ele mesmo simpatizava com os sindicalistas. Já era tempo de entrarem na cena. Apenas as táticas sujas do velho e sua energia sem limites, para não falar de sua obstinação e imensa imaginação, tinham-nos impedido. Kathy não possuía nenhuma dessas características. E quanto a Johnny Barefoot...

O que se pode esperar de um sem-grau? perguntou-se causticamente St. Cyr. Como se pode esperar que o gênio nasça de terreno inculto?

E Barefoot estava muito ocupado criando uma imagem para Kathy perante o público. Ele mal tinha começado a conseguir isso quando os confrontos com os sindicalistas começaram. Uma ex-viciada em drogas e atualmente fanática religiosa, com ficha criminal... Limpar a imagem dessa mulher exigia todas as forças de Johnny.

Mas ele lograra sucesso na área da aparência física da mulher. Ela parecia bonita, gentil e pura, quase uma santa. E Johnny aproveitara-se disso. Ao invés de divulgar comentários dela para a imprensa, apresentara fotos dela, em mil poses saudáveis: com cães, crianças, em feiras agrestes, em hospitais, envolvida em atividades beneficentes.

Mas infelizmente Kathy estragara a imagem que ele tinha criado, estragara de uma forma muito incomum.

Kathy argumentava — simplesmente — que mantinha comunicação com seu avô. Que era ele quem estava a uma semana-luz no espaço. Eram dele as mensagens captadas por Brejo Kennedy. Ela o ouvia, como o restante do mundo... e graças a algum milagre, ele também a ouvia.

St. Cyr, subindo o elevador de serviço até o heliporto no telhado, riu alto. As

arengas religiosas dessa mulher eram largamente comentadas pelas colunas de fofocas dos jornais. Kathy já falara demais em lugares públicos, em restaurantes, bares famosos. E mesmo com Johnny a seu lado. Nem ele conseguia mantê-la calada.

Além disso, também houvera aquele incidente na festa, quando ela tirara as roupas, declarando que a hora da purificação estava chegando. Ela tinha pintado certos locais com esmalte de unhas vermelho, como parte de algum tipo de cerimônia ritual. Obviamente, ela tinha bebido.

E esta é a mulher que dirige a Archimedean, pensou St. Cyr.

A mulher que precisamos destituir dessa posição, para o nosso bem e o do público.

Ele via isso praticamente como uma missão em nome do povo, virtualmente um serviço público a ser executado. E o único que não parecia ver isso dessa maneira era Johnny.

Johnny GOSTA dela, pensou St. Cyr. Esse é o motivo.

Eu queria saber o que Sarah Belle pensa disso.

Sentindo-se animado, St. Cyr entrou em seu minicíptero, fechou a escotilha e inseriu sua chave na ignição. E então pensou mais uma vez em Alfonse Gam. E seu bom humor desapareceu imediatamente.

Duas pessoas guiando seus atos a partir da crença de que o velho Louis Sarapis está vivo: Kathy Egmont Sharp e Alfonse Gam.

Duas pessoas muito desagradáveis, também. E ele parecia estar sendo forçado a se associar a elas. O que era isso, uma maldição?

Não sou melhor que o velho Louis, pensou ele. Sob alguns aspectos, sou ainda pior.

O minicíptero alçou vôo, rumo ao prédio de Phil Harvey, no centro de Denver.

Estando atrasado, ele ativou o rádio, pegou o microfone e contactou Harvey.

— Phil, está me ouvindo? Aqui é St. Cyr. Estou indo para oeste.

E se pôs a ouvir.

E escutou, saindo do fone, um murmúrio distante, como se muitas palavras se misturando de forma confusa. Ele reconheceu o murmúrio; já o escutara muitas vezes, nos noticiários de TV.

— ...a despeito de ataques pessoais, muito superior a Chambers, que não conseguiria ser eleito síndico de prédio. Tenha mais fé em si mesmo, Alfonse. As

pessoas conhecem um bom homem quando vêem um. Aguarde. A fé move montanhas. Eu sei disso. Veja o que consegui na minha vida...

St. Cyr compreendeu que era a entidade a uma semana-luz, agora emitindo um sinal ainda mais poderoso. Como manchas solares, o sinal da entidade ocupava os canais de transmissão normal. Ele praguejou, fez uma careta, e desligou o rádio.

Obstruir comunicações deve ser contra a lei, disse a si mesmo. Vou consultar meu advogado.

Abalado, continuou pilotando o minicíptero, agora sobre um terreno de fazenda.

Meu Deus, a voz falava igualzinho ao velho Louis!

Será que Kathy Egmont Sharp tinha razão?

Na fábrica de Michigan da Archimedean, Johnny Barefoot apareceu para sua reunião de negócios com Kathy, e a encontrou melancólica.

— Você não vê o que está acontecendo? — perguntou, olhando para o escritório que já fora de Louis. — Eu não estou gerindo nada, e todo mundo sabe disso. Você não sabe disso?

E fitou Johnny de olhos arregalados.

— Não sei de nada. — Mas por dentro ele sabia; ela tinha razão. — Sente e se acalme. Harvey e St. Cyr estarão aqui a qualquer minuto, e você vai querer estar sob controle quando se encontrar com eles.

Era uma reunião que ele adoraria evitar. Mas sabia que teria de acontecer mais cedo ou mais tarde, e fizera Kathy concordar em receber os dois.

— Tenho uma coisa terrível para lhe contar — disse Kathy.

— O que é? Não pode ser tão terrível assim. Ele se sentou, morrendo de medo que iria ouvir.

— Voltei a tomar drogas, Johnny. Toda essa responsabilidade e pressão está sendo grande demais para mim. Sinto muito.

Ela olhou tristemente para o chão.

— Qual é a droga?

— Prefiro não dizer. É uma anfetamina. Li a respeito dela. Sei que pela quantidade que estou tomando ela pode induzir psicose. Mas não me importo.

Ofegante, deu-lhe as costas. Ele via agora como ela tinha emagrecido. As

faces estavam chupadas, os olhos estavam fundos. Ele agora entendia o porquê. A overdose de anfetaminas desgastava o corpo, transformava matéria em energia. O metabolismo de Kathy estava alterado de tal modo que, quando o vício retornou, ela se tornou uma pseudo-hipertireóidea, com todos os processos somáticos acelerados.

— Sinto muito por ouvir isso — disse Johnny.

Ele temia que isto acontecesse. E ainda assim, não conseguia entender por que tinha acontecido. Teria de esperar até que ela lhe contasse.

— Acho que você deve procurar tratamento médico — disse a ela.

Ele tentou adivinhar onde ela tinha conseguido a droga. Mas provavelmente isso não tinha sido difícil para ela, com todos seus anos de experiência.

— A droga deixa o usuário muito instável emocionalmente — disse Kathy. — Propenso a ataques de fúria e a surtos de choro. Eu quero que você saiba disso para não me culpar quando acontecer. Quero que entenda que a culpada é a droga.

Ele percebeu que ela estava tentando sorrir. Aproximou-se de Kathy e pôs a mão no ombro dela.

— Escute, quando Harvey e St. Cyr chegarem, acho melhor você aceitar a oferta deles.

— Oh — disse ela, meneando a cabeça. — Certo.

— E então quero que você se interne num hospital.

— Uma casa de loucos — disse Kathy amargamente.

— É melhor você se livrar da responsabilidade que tem aqui na Archimedean. O que você precisa é de um descanso profundo e longo. Você está num estado de fadiga mental e física, mas enquanto estiver tomando essa anfetamina...

— ...a fadiga não vai acabar comigo — finalizou Kathy. — Johnny, eu não posso vender para Harvey e St. Cyr.

— Por que não?

— Louis não gostaria disso. Ele... — ela ficou em silêncio por um momento — ...diz não.

— A sua saúde, talvez a sua vida...

— Você está se referindo à minha sanidade.

— Você tem muita coisa em jogo — disse ele. — Que se dane o Louis.

Que se dane a Archimedean. Você quer acabar numa funerária, também, semiviva? Não vale a pena. São apenas bens, e você é uma criatura viva.

Ela sorriu. E então uma luz acendeu na mesa e uma campainha soou. A recepcionista no lado de fora disse:

— Srta. Sharp, o Sr. Harvey e o Sr. St. Cyr estão aqui. Devo mandá-los entrar?

— Sim — respondeu.

A porta abriu, e Claude St. Cyr e Phil Harvey apareceram rapidamente.

— Oi, Johnny — disse St. Cyr.

Ele parecia confiante. Ao lado dele, Harvey expressava o mesmo estado de espírito.

— Vou deixar Johnny falar em meu nome — disse Kathy. Ele olhou para ela.

Isso significa que ela concordou em vender?

— Que tipo de acordo é esse? — perguntou. — O que vocês vão oferecer em troca de uma cota controladora da Wilhelmina Securities de Delaware? Não posso imaginar o que seja.

— Ganimedes — disse St. Cyr. — Virtualmente, uma lua inteira.

— Ah, sim — disse Johnny. — O acordo das terras da União Soviética. Ele não foi julgado num tribunal internacional?

— Sim, e considerado inteiramente válido — disse St. Cyr. — O valor está acima de qualquer estimativa. E a cada ano ele irá aumentar, talvez duplicar, em valor. Meu cliente está oferecendo essas terras. É uma boa oferta, Johnny. Você e eu nos conhecemos, e você sabe que quando digo uma coisa é porque ela é verdade.

Provavelmente era verdade, decidiu Johnny. Era, sob muitos aspectos, uma oferta generosa. Harvey não estava tentando passar a perna em Kathy.

— Falando pela Srta. Sharp... — começou Johnny. Mas Kathy o cortou.

— Não — disse ela num tom rude. — Não posso vender. Ele diz para eu não fazer isso.

— Você já meu deu autoridade para negociar, Kathy.

— Bem, então estou desautorizando você.

— Se eu vou trabalhar com você e para você apenas, você precisa seguir meus conselhos. Já conversamos sobre isso e concordamos...

O telefone do escritório tocou.

— Ouça-o você mesmo — disse Kathy. Ela atendeu o telefone e o passou a Johnny. — Ele vai dizer a você.

Johnny aceitou o telefone e o colocou no ouvido.

— Quem é? — inquiriu.

E então escutou um som estranho e ritmado que parecia menos uma voz que alguma coisa arranhando um longo fio metálico.

— ...imperativo reter controle. Você está dizendo absurdos. Ela pode se recobrar. Ela tem o que é preciso. Reação de pânico. Você está com medo porque ela está doente. Um bom médico pode cuidar dela. Consiga um médico para ela; consiga ajuda médica. Consiga um advogado e procure cuidar para que ela fique longe das garras da lei. Corte o suprimento de drogas dela. Insista em...

Johnny afastou abruptamente o fone do ouvido, recusando-se a ouvir mais. Trêmulo, desligou o aparelho.

— Você o ouviu — disse Kathy. — Não ouviu? *Era Louis*.

— Era — disse Johnny.

— Ele evoluiu — disse Kathy. — Agora nós podemos ouvi-lo diretamente, não apenas através daquele radiotelescópio em Brejo Kennedy. Eu o ouvi ontem à noite, pela primeira vez com clareza, enquanto me deitava para dormir.

A St. Cyr e Harvey, Johnny disse:

— Precisamos pensar na sua proposta, evidentemente. Precisamos proceder uma avaliação do valor da propriedade que vocês estão oferecendo. Quanto a vocês, certamente querem realizar uma auditoria da Wilhelmina. Isso demandará tempo.

Ele ouviu sua própria voz tremer. Não conseguia esconder o choque de ter atendido o telefone e ouvido a voz viva de Louis Sarapis.

Depois de marcar uma reunião com St. Cyr e Harvey para encontrar com eles mais uma vez no final do dia, Johnny levou Kathy para um desjejum tardio. Ela admitiu, relutantemente, que não comera nada desde a noite anterior.

— Simplesmente não estou com fome — explicou enquanto beliscava seu prato de ovos com *bacon*, e torradas com geléia.

— Mesmo se aquele era Louis Sarapis, você não... — disse Johnny a ela.

— Era. Não venha com essa de "se". Você sabe que era ele. Ele está

ganhando poder o tempo todo, lá fora. Talvez esteja extraindo energia do sol.

— Então é Louis — disse Johnny, meio grogue. — Apesar disso, você precisa agir no seu próprio interesse, não no dele.

— Os interesses dele e os meus são os mesmos — disse Kathy. — Eles envolvem manter a Archimedean.

— Ele pode lhe dar a ajuda de que você precisa? Ele pode suprir o que está faltando? Ele não leva sua dependência de drogas a sério; isto está óbvio. Tudo que ele fez foi me passar um sermão. — Johnny estava com raiva. — E isso nos ajuda muito pouco nesta situação.

— Johnny, eu o sinto perto de mim o tempo inteiro. Eu não preciso da TV ou do telefone. Eu *sinto* ele. É minha inclinação mística, acho. Minha intuição religiosa. Ela está me ajudando a manter contato com ele.

Ela bebericou um pouco de suco de laranja.

— Será que não é a sua psicose induzida por anfetaminas? — disse Johnny, abruptamente.

— Eu não vou para um hospital, Johnny. Eu não vou me submeter a nenhum tratamento. Estou doente, mas não tão doente assim. Posso sair desta sinuca sem ajuda médica, porque não estou sozinha. Tenho meu avô. E... — Ela sorriu para Johnny. — Tenho você. Apesar de Sarah Belle.

— Você não vai me ter, Kathy, a não ser que venda a Harvey. A não ser que aceite as propriedades em Ganimedes.

— Você se demitiria?

— Sim.

Depois de uma pausa, Kathy disse, com os olhos muito escuros, arregalados e frios:

— Meu avô disse, vá em frente e se demita.

— Não acredito que ele diria isso.

— Então fale com ele.

— Como?

Kathy apontou para o televisor num canto do restaurante.

— Ligue a tevê e escute. Levantando, Johnny disse:

— Não preciso fazer isso; já tomei minha decisão. Estarei no meu hotel, caso você mude de idéia.

Ele se afastou da mesa, deixando-a sentada sozinha lá.



Será que ela vai me chamar de volta? perguntou-se enquanto caminhava.

Ela não chamou.

Instantes depois ele estava fora do restaurante, em pé na calçada. Ela tinha percebido que ele estava blefando, de modo que deixara de ser um blefe para se tornar verdadeiro. Ele realmente tinha se demitido.

Estarrecido, continuou andando sem destino. Mesmo assim... ele tinha razão. Sabia disso. Era apenas que...

Desgraçada, pensou. Por que ela não desistiu?

Por causa de Louis, compreendeu Johnny. Sem o velho ela teria trocado suas ações majoritárias pelas propriedades em Ganimedes.

O desgraçado é Louis Sarapis, não ela, pensou furiosamente. E agora?

Voltar a Nova York? Procurar um novo emprego? Por exemplo, procurar Alfonse Gam? Poderia ganhar muito dinheiro trabalhando para Gam. Ou deveria ficar aqui em Michigan, torcendo para Kathy mudar de idéia?

Ela não pode continuar, decidiu ele. Não importa o que Sarapis lhe diga. Ou o melhor, o que ela acredita que ele está lhe dizendo. Qualquer das duas alternativas.

Fez sinal para um táxi e deu ao motorista o endereço do hotel em que estava hospedado. Alguns momentos mais tarde estava entrando no saguão do Hotel Antier, de volta ao local onde começara bem cedo este dia. De volta ao seu quarto vazio, desta vez apenas para sentar-se e aguardar. Para torcer que Kathy mudasse de idéia e telefonasse para ele. Desta vez ele não tinha nenhum compromisso marcado; o compromisso tinha acabado.

Quando entrou no quarto, ouviu seu telefone tocar.

Durante um momento Johnny permaneceu no outro lado da porta, o som arrepiante alcançando-o no corredor.

Será Kathy? perguntou-se. Ou será ele?

Introduziu a chave na fechadura, girou-a e entrou no quarto. Tirando o telefone do gancho, ele disse:

— Alô.

A voz trêmula e distante, em meio a seu monólogo monótono, sua recitação para si mesma, estava murmurando:

— "...nada bom abandoná-la, Barefoot. Traição ao seu trabalho. Pensei que

você compreendia suas responsabilidades. As responsabilidades que você tem com ela são as mesmas que tinha comigo. E você nunca deu chique e me abandonou. Eu deixei meu corpo sob sua guarda porque confiava que você não iria me abandonar. Você não pode..."

Nesse momento, Johnny desligou, trêmulo.

O telefone imediatamente tornou a tocar.

Desta vez ele não o tirou do gancho.

Vá pro inferno.

Caminhou até a janela e olhou para a rua lá embaixo, pensando na conversa que tivera com o velho Louis anos atrás, aquela que deixara uma impressão tão forte em sua mente. A conversa sobre os motivos para ele não ter ingressado na faculdade porque queria morrer. Olhando para a rua lá embaixo, ele pensou:

Talvez eu devesse pular. Pelo menos não haveria mais telefonemas... e eu estaria livre dele.

A pior parte, pensou, é a senilidade dele. Seus pensamentos não são claros, não são distintos. Parecem alguma coisa dita em sonho; irracional. O velho não está genuinamente vivo. Ele não está nem semivivo. Ele está num estado intermediário entre consciência e sonho. E nós somos forçados a ouvi-lo, à medida que ele espirala, passo a passo, rumo à sua morte total.

Contudo, mesmo neste estado degenerativo, ele tinha desejos. Ele *queria*, e queria fortemente. Ele queria que Johnny fizesse alguma coisa; queria que Kathy fizesse alguma coisa; os restos de Louis Sarapis estavam vivos e ativos, e suficientemente argutos para encontrar formas de perseguir Johnny, de induzi-lo a fazer o que queria. Era um mero arremedo da vontade de Louis durante sua vida, e mesmo assim não era possível ignorá-lo.

O telefone continuou a tocar.

Talvez não seja Louis, pensou. Talvez seja Kathy.

Caminhou até o fone e o pegou. E o colocou mais uma vez no lugar. O som monótono continuava, os fragmentos da personalidade de Louis Sarapis. Ele estremeceu.

E está apenas aqui. Será que ele é seletivo?

Ele tinha uma sensação terrível de que ele *não* era seletivo.

Caminhou até o televisor no canto mais distante do quarto e o ligou. A tela acendeu, mas se revelou estranhamente borrada. E suas linhas difusas pareciam... pareciam formar um rosto.

E todo mundo está vendo isto, deduziu Johnny .

Ele trocou de canal. Mais uma vez as feições difusas, o velho materializado aqui na tela de tevê. E da caixa de som do televisor vinha o murmúrio de palavras indistintas.

— ...lhe disse tantas vezes que a sua responsabilidade principal é...

Johnny desligou o aparelho. O rosto e as palavras difusas afundaram da existência, e tudo que permaneceu, uma vez mais, foi o telefone tocando.

Ele pegou o telefone e disse:

— Louis, você consegue me ouvir?

— ...quando chegar a hora da eleição eles vão ver. Um homem com o espírito para fazer a campanha uma segunda vez e assumir a responsabilidade financeira, afinal é só para os ricos o custo de concorrer...

E voz continuava se arrastando. Não, o velho não era capaz de ouvi-lo. Aquilo não era uma conversa. Era um monólogo. Não era uma forma autêntica de comunicação.

E ainda assim o velho sabia o que estava acontecendo na Terra. Ele parecia compreender. De algum modo parecia ver que Johnny tinha pedido demissão.

Não posso voltar para Kathy, a não ser que eu esteja disposto a mudar de idéia e aconselhá-la a não vender. E isso é impossível. Não posso fazer isso. Portanto isso não é opção. O que me resta?

Por quanto tempo Sarapis pode me assombrar? Há algum lugar para aonde eu possa ir?

Caminhou mais uma vez até a janela e olhou para a rua lá embaixo.

Numa banca de jornais, Claude St. Cyr inseriu moedas na ranhura e coletou o jornal.

— Obrigado, senhor ou senhora — disse o jornalista-robô. O artigo principal... St. Cyr piscou e se perguntou se tinha perdido a razão. Ele não conseguia acreditar no que estava lendo... ou talvez fosse incapaz de ler. Não fazia qualquer sentido. O sistema automático de impressão de notícias certamente tinha quebrado. Tudo que ele encontrou foi uma procissão de palavras, conectadas aleatoriamente. Era pior que *O Despertar de Finnegan*. Mas seria aleatório? Um parágrafo capturou sua atenção.

Na janela do quarto de hotel agora preparado para saltar. Se você espera fazer mais negócios com ela é melhor ir até lá. Ela está dependente dele, precisa de um homem desde que foi abandonada pelo marido, aquele tal Paul Sharp. Hotel Antier, quarto 604. Acho que você tem tempo. Johnny é esquentado demais; não devia ter tentado blefar com ela. Você não pode blefar com meu sangue e ela tem meu sangue, eu...

— Johnny Barefoot está num quarto do Hotel Antier pensando em pular, e quem está nos avisando isso é o velho Sarapis. Precisamos ir até lá — disse St Cyr rapidamente a Harvey, que estava a seu lado.

— Barefoot está do nosso lado. Não podemos permitir que ele se mate. Mas por que Sarapis iria... — disse Harvey, fitando-o.

— Vamos até lá sem discutir, certo? — disse St. Cyr, começando a caminhar até seu minicíptero estacionado.

Harvey seguiu-o.

#### IV

De repente o telefone parou de tocar. Johnny deu as costas para a janela... e viu Kathy Sharp em pé ao lado do aparelho, o fone em sua mão.

— Johnny, ele ligou para mim e me disse onde você estava e o que ia fazer.

— Loucura — disse Johnny. — Eu não ia fazer nada. Ele se afastou da janela.

— Ele achou que você ia — disse Kathy.

— Sim, e isso prova que ele pode estar errado.

Ele viu que seu cigarro tinha queimado até o filtro. Caminhou até a penteadeira e apagou a brasa no cinzeiro que havia sobre ela.

— Meu avô sempre gostou de você — disse Kathy. — Ele não gostaria que nada ruim lhe acontecesse.

Johnny deu com os ombros.

— Até onde me diz respeito, eu não tenho mais nenhuma relação com Louis Sarapis — disse.

Kathy tinha encostado o telefone no ouvido. Ela agora não estava prestando atenção a Johnny; estava ouvindo seu avô. Johnny se calou, ciente da futilidade de continuar falando.

Kathy olhou para Johnny e lhe disse:

— Ele falou que Claude St. Cyr e Phil Harvey estão vindo para cá. Ele também disse a eles que viessem.

— Gentileza dele.

— Eu também gosto de você, Johnny. Posso ver o que meu avô via em você que lhe despertava afeto e admiração. Você realmente está preocupado com o meu bem-estar, não está? Talvez eu possa me internar voluntariamente num hospital, por um período curto de tempo, talvez uma semana ou alguns dias.

— Isso seria suficiente?

— Pode ser. — Ela lhe ofereceu o telefone. — Ele quer falar com você. Acho que você deveria ouvi-lo. De qualquer maneira, ele vai achar uma forma de alcançar você. E você sabe disso.

Relutantemente, Johnny aceitou o telefone.

— ...problema é que você acabou de largar um trabalho e isso o deprime. Quando não está trabalhando, você não se sente merecedor de viver. Esse é o tipo de pessoa que você é. Eu gosto disso. Também sou assim. Ouça, eu tenho um trabalho para você. Na Convenção. Fazendo publicidade para garantir que Alfonse Gam seja indicado. Você fará um trabalho fantástico, tenho certeza. Telefone para Gam. Telefone para Alfonse Gam, Johnny, telefone para Gam. Telefone...

Johnny desligou o telefone.

— Arranjei um emprego — disse a Kathy. — Como RP de Gam. Pelo menos foi o que Louis disse.

— Faria isso? — perguntou Kathy. — Seria o RP dele na convenção?

Ele deu com os ombros. Por que não? Gam tinha dinheiro. Ele podia pagar bem. E certamente não era pior que o presidente, Kent Margrave. E...

Eu preciso de um emprego, compreendeu Johnny. Preciso viver. Tenho mulher e duas filhas; isto não é brincadeira.

— Acha que Gam tem uma chance desta vez? — perguntou Kathy.

— Não, na verdade não. Mas milagres na política acontecem. Veja o retorno extraordinário de Richard Nixon em 1968.

— Qual é a melhor rota para Gam seguir? Ele a fitou.

— Isso eu vou tratar com ele. Não com você.

— Você ainda está zangado porque eu não vendi a empresa. Escute,

Johnny. Suponhamos que eu entregue a Archimedean a você.

Depois de um momento, ele perguntou:

— O que Louis disse sobre isso?

— Eu não perguntei a ele.

— Você sabe que ele diria não. Sou inexperiente demais. Conheço a operação, é claro. Estou na empresa desde o começo, mas...

— Não faça pouco caso de você mesmo.

— Por favor, não me passe um sermão — pediu Johnny. — Vamos tentar continuar amigos. Amigos frios e distantes.

E se há alguma coisa que eu não suporto, disse Johnny a si mesmo, é ouvir um sermão de uma mulher. Mesmo quando é para o meu bem.

A porta do quarto foi aberta repentinamente. Claude St. Cyr e Phil Harvey irromperam no quarto, viram Kathy, viram Johnny com ela, e se acalmaram.

— Então ele também mandou você vir aqui — disse St. Cyr a ela, ofegante.

— Sim — disse Kathy. — Ele estava muito preocupado com Johnny. — Ela lhe deu um tapinha no braço.— Vê quantos amigos você tem? Amigos quentes e frios?

— Sim — respondeu.

Mas por algum motivo sentia-se profunda e miseravelmente triste.

Naquela tarde, Claude St. Cyr encontrou tempo para passar na casa de Elektra Harvey, a ex-esposa de seu atual patrão.

— Ouça, boneca, estou tentando fazer algo bom por você. — Ele a abraçou calorosamente. — Se o que eu estou fazendo der certo, você vai recuperar um pouco do que perdeu. Não tudo, mas o bastante para deixá-la um pouquinho mais feliz com a vida em geral.

St. Cyr a beijou e, como acontecia sempre, ela correspondeu. Elektra contorceu o corpo e apertou o seu amante com mais força contra si, de uma forma satisfatória, quase sobrenatural. Foi muito agradável, e além disso, durou muito tempo. E *isso* não acontecia sempre.

Finalmente desfazendo o abraço, Elektra disse:

— A propósito, pode me dizer o que anda errado com o telefone e a tevê? Eu não consigo falar com ninguém. Sempre parece haver alguém na linha. E a

imagem na tela de tevê está difusa e distorcida. E é sempre a mesma, apenas um tipo de *rosto*.

— Não se preocupe com isso — disse Claude. — Estamos trabalhando nisso. Temos uma equipe operando em campo.

Os homens de St. Cyr estavam visitando todas as funerárias do país; cedo ou tarde achariam o corpo de Louis. E então esse absurdo todo chegaria a um fim... para o alívio de todos.

— O Phil sabe sobre nós? — disse Elektra Harvey enquanto caminhava até o bar para fazer alguns drinques.

— Não. De qualquer modo, não é da conta dele.

— Mas Phil tem um preconceito muito forte contra ex-esposas. Ele não iria gostar disso. Ele acharia que você está sendo desleal. Como ele não gosta de mim, você também não pode gostar. É isso que Phil chama de "integridade"

— Fico feliz em saber disso, mas existe muito pouco que eu possa fazer a respeito. Em todo caso, ele não vai descobrir.

— Eu não tenho como não ficar preocupada — disse Elektra, dando-lhe sua bebida. — Eu estava ligando a TV e... bem, eu sei que isso parece maluquice, mas realmente tive a impressão... Bem, eu realmente achei que o apresentador do noticiário mencionou nós dois. Mas ele estava resmungando alguma coisa, ou a recepção estava ruim. De qualquer maneira, eu ouvi o seu nome e o meu.

Ela o fitou solenemente enquanto, distraída, ajustava a alça do vestido.

Arrepiado, St. Cyr disse:

— Querida, isso é ridículo.

E caminhou até a tevê para ligá-la.

Deus do céu, pensou. Será que Louis Sarapis está em toda parte? Será que ele vê tudo que fazemos daquele seu posto lá no espaço sideral?

Não era exatamente um pensamento reconfortante, especialmente quando ele estava tentando envolver a neta de Louis num negócio que o velho desaprovava.

*Ele está se vingando de mim*, concluiu St. Cyr enquanto seus dedos trêmulos ajustavam o seletor de canais do televisor.

Alfonse Gam disse:

— A bem da verdade, Sr. Barefoot, eu pretendia ligar para você. Recebi

um telegrama do Sr. Sarapis aconselhando-me a contratá-lo. Contudo, creio que teremos de pensar em alguma coisa inteiramente nova. Margrave tem uma vantagem considerável sobre nós.

— É verdade — admitiu Johnny. — Mas sejamos realistas. Nós vamos conseguir ajuda desta vez. Ajuda de Louis Sarapis.

— Louis ajudou da outra vez — lembrou Gam. — E não foi suficiente.

— Mas agora ele oferece um tipo diferente de ajuda. *Afinal de contas*, pensou Johnny, *o velho controla todas as* mídias de comunicação, jornais, rádio e TV. Até os telefones. Deus nos perdoe.

Com tamanho poder, Louis poderia fazer praticamente qualquer coisa que quisesse.

Ele mal precisa de mim, pensou cáustico.

Mas não disse isso a Alfonse Gam; aparentemente Gam não compreendia o que Louis era agora e o que podia fazer. E, afinal de contas, um trabalho era um trabalho.

— Você tem ligado a tevê ultimamente? — perguntou Gam. — Ou tentou usar o telefone, ou até comprar um jornal? Não se recebe nada além de uma espécie de algaravia sem sentido. Se isso é Louis, ele não vai nos ajudar muito na Convenção. Ele está... descontrolado. Tudo que faz é dizer coisas sem sentido.

— Eu sei — disse Johnny, cauteloso.

— Temo que o esquema que o Louis tinha para a sua semivida, qualquer que fosse ele, deu errado — Gam parecia sombrio, não um homem que esperava ganhar uma eleição. — Sua admiração por Louis, nesse ponto, com certeza, é maior que a minha. Para ser honesto, Sr. Barefoot, eu tive uma longa conversa com o Sr. St. Cyr, e seus conceitos não foram nada animadores. Estou determinado a ir em frente, mas honestamente... — Ele fez um gesto. — Claude St. Cyr disse que eu tinha que me conformar em ser um perdedor.

— O senhor vai acreditar em St. Cyr? Agora, ele está do outro lado, com Phil Harvey. — Johnny estava impressionado com a ingenuidade do homem, era tão manipulável.

— Eu disse a ele que vou ganhar — murmurou Gam —, mas juro por Deus, essa sandice em todos os aparelhos de TV e telefones... é horrível. Isso me desencoraja. Quero ficar o mais longe possível disso.

— Eu entendo — disse Johnny.

— Louis não era assim — disse Gam, tristemente. — Agora, ele só diz bobagem. Mesmo se conseguir virar a indicação para o meu lado... Será que eu



quero mesmo? Estou cansado, Sr. Barefoot. Muito cansado. — Ele, então, ficou em silêncio.

— Se o senhor está querendo que eu lhe dê entusiasmo, escolheu o homem errado — disse Johnny. A voz no telefone e na TV o havia afetado muito, também. Demais para que conseguisse dizer algo estimulante para Gam.

— Você é o RP — disse Gam. — Você pode gerar entusiasmo onde não há nenhum? Convença-me, Barefoot, e então eu vou convencer o mundo. — Ele tirou do bolso um telegrama dobrado. — Recebi este telegrama de Louis no outro dia. É evidente que ele pode interferir com as linhas de telégrafo exatamente da mesma forma que faz com outras mídias. Ele deu o telegrama a Johnny.

— Louis estava mais coerente quando escreveu isto — disse Johnny.

— É o que estou querendo dizer! Ele está deteriorando muito rápido. Quando a Convenção começar, e agora só falta um dia, como ele vai estar? Sinto que alguma coisa terrível vai acontecer. E não gostaria de estar envolvido nela. — Depois de uma pausa, acrescentou: — Mesmo assim, quero concorrer. Então, Barefoot, você lidará com Louis por mim. Você pode ser o intermediário. O médium RP.

— O que é isso?

— O intermediário entre Deus e o homem.

— Se você usar palavras como essa, eu não vou conseguir que você seja indicado como candidato. *Isso* eu posso prometer.

— Que tal bebermos alguma coisa? — disse Gam, com um leve sorriso. — Começou a caminhar da sala até a cozinha. — Uísque? Bourbon?

— Bourbon — disse Johnny.

— O que você acha da garota, a neta de Louis?

— Gosto dela.

E ele certamente estava sendo sincero. Certamente.

— Ainda que ela seja psicótica, viciada em drogas, já tenha sido presa e, como se não bastasse, ainda seja uma fanática religiosa?

— Sim — disse Johnny com convicção.

— Eu acho que você é maluco — disse Gam enquanto retornava com as bebidas. — Mas concordo com você. Ela é boa gente. Eu há conheço há algum tempo. Francamente, não sei porque ela escolheu esse estilo de vida. Não sou psicólogo... mas acho que provavelmente teve alguma relação com Louis. Ela tem uma espécie peculiar de devoção a ele, um tipo de lealdade que é a um só

tempo infantil e fanática. E eu acho isso adorável.

— Que bourbon horrível! — disse Johnny bebericando seu drinque.

— Old Sir Muskrat — falou Gam com uma careta. — Concordo.

— É melhor servir uma bebida melhor se não quiser realmente acabar de vez com sua carreira de político.

— Vê como preciso de você?

— Vejo — disse Johnny, carregando sua bebida até a cozinha para colocá-la de volta na garrafa... e dar uma olhada no uísque.

— Como você vai fazer com que eu seja eleito? — perguntou Alfonse Gam.

— Acho... acho que a nossa melhor tática, nossa *única* tática, é explorar o sentimentalismo do povo em relação à morte de Louis. Eu vi as filas de pessoas que foram se despedir dele. Foi uma coisa impressionante, Alfonse. As pessoas continuavam indo, dia após dia. Quando ele estava vivo, muitas pessoas o temiam, temiam seu poder. Mas agora elas podem respirar melhor. Ele se foi, e os aspectos assustadores do...

Gam interrompeu.

— Mas, Johnny, ele não se foi. A questão é justamente essa. Você sabe que essa *coisa* balbuciante nos telefones e na tevê... é ele!

— Mas ninguém mais sabe disso — argumentou Johnny. — O público está atônito, exatamente como ficou a primeira pessoa que captou o sinal: o técnico do radiotelescópio em Brejo Kennedy — fez uma pausa e concluiu, enfático: — Por que eles deveriam associar uma emanção elétrica a uma semana-luz da Terra com Louis Sarapis?

— Acho que você está cometendo um erro, Johnny — disse Gam, depois de pensar durante um momento. — Mas Louis me mandou contratá-lo, e é o que farei. E você tem carta branca. Estou me colocando completamente em suas mãos.

— Obrigado. Você pode confiar em mim.

Mas, por dentro, ele não tinha tanta certeza assim.

Talvez o público seja mais esperto do que eu penso. Talvez eu esteja cometendo um erro.

Mas de que outra tática ele dispunha? Nenhuma com a qual pudesse sonhar. Ou eles exploravam a associação de Gam com Louis ou não tinham absolutamente nada para recomendá-lo.

Uma base muito fraca na qual cimentar uma campanha de indicação... e apenas um dia antes da Convenção. Ele não estava gostando disso.

O telefone na sala de Gam tocou.

— Deve ser ele — disse Gam. — Você quer falar com ele? Para ser sincero, sinto medo de tirar o fone do gancho.

— Deixe tocar — disse Johnny.

Ele concordou com Gam. Aquilo era tremendamente desagradável.

— Por outro lado, é impossível fugir dele — lembrou Gam.

— Quando ele quer entrar em contato por telefone e não consegue, usa até o jornal. E ontem tentei usar minha máquina de escrever elétrica... e ao invés da carta que eu estava tentando redigir, saiu o mesmo palavreado sem sentido. Um texto escrito por *ele*.

Nenhum deles se moveu até o telefone. Deixaram-no tocar.

— Você quer um adiantamento? — perguntou Gam. — Algum dinheiro?

— Eu gostaria. Acabo de me demitir de meu trabalho na Archimedean.

Gam enfiou a mão no bolso do casaco para pegar a carteira.

— Vou fazer um cheque — disse, fitando os olhos de Johnny.

— Você gosta dela, mas não pode trabalhar com ela... é isso?

— É isso — disse Johnny.

E não entrou em detalhes, e Gam não o pressionou. Gam era um cavalheiro. E Johnny apreciava isso.

Quando o cheque mudou de mãos o telefone parou de tocar.

As duas coisas estariam relacionadas, ou teria sido apenas coincidência? Provavelmente a primeira alternativa. Louis parecia saber de tudo. De alguma maneira, isto era exatamente o que Louis queria, e comunicara isso a ele e a Gam.

— Acho que fizemos a coisa certa — disse Gam. — Escute, Johnny. Espero que você possa reatar sua relação com Kathy Egmont Sharp. Pelo bem dela. Ela precisa de apoio. Muito.

Johnny resmungou.

— Agora que você não está trabalhando para ela, faça pelo menos mais uma tentativa — disse Gam. — Certo?

— Vou pensar no assunto.

— Ela é uma garota muito doente, e agora está com muita responsabilidade sobre os ombros. Você também sabe disso. Não sei o que causou o desentendimento de vocês, mas espero que cheguem a algum entendimento *antes que seja tarde demais*. É a única coisa certa a fazer.

Johnny não disse nada. Mas ele sabia, bem no fundo, que Gam tinha razão.

E ainda assim... como ia fazer isso? Ele não sabia.

Como lidar com uma psicótica? perguntou-se. Como reparar danos tão profundos?

Já era muito difícil reparar problemas, e os de Kathy tinham muitas nuances.

E muito possivelmente, os problemas de Kathy tinham relação com Louis. Ela nutria uma adoração cega por ele. Isso precisava mudar.

— O que a sua esposa pensa dela? — perguntou Gam.

— Sarah Belle? Ela nunca conheceu Kathy. Por que a pergunta? — respondeu Johnny, assustado.

Gam fitou seus olhos sem dizer nada.

— Mas que pergunta estranha — comentou Johnny.

— E que garota estranha, essa Kathy — disse Gam. — Mais estranha do que você imagina, meu amigo. Há muita coisa que você não sabe.

Ele não entrou em detalhes.

Phil Harvey disse a Claude St. Cyr:

— Há uma coisa que quero saber. Uma coisa que precisamos responder, ou jamais obteremos controle sobre as ações majoritárias da Wilhelmina. *Onde está o cadáver?*

— Estamos procurando — respondeu St. Cyr pacientemente. — Estamos verificando todas as funerárias, uma a uma. Mas há dinheiro envolvido. Com toda certeza, alguém está pagando os donos das funerárias para ficarem de bico fechado. E se nós quisermos que eles falem...

— Aquela garota está recebendo instruções do além-túmulo — disse Harvey. — Apesar de Louis estar definhando, ela ainda o escuta. — Ele balançou a cabeça, repugnado. — Isso é... sórdido.

— Concordo — disse St. Cyr. — Na verdade, acho que você expressou perfeitamente. Esta manhã, quando eu estava me barbeando... eu o sintonizei na

TV. — Ele estremeceu visivelmente.

— Parece que estamos cercados agora.

— Hoje é o primeiro dia da Convenção — disse Harvey. Ele olhou pela janela, para os carros e as pessoas. — A atenção de Louis estará concentrada nisso, tentando influenciar a votação em favor de Alfonse Gam. Johnny também está na Convenção, trabalhando para Gam... o que, aliás, foi idéia de Louis. Agora talvez possamos agir com mais sucesso. Está me entendendo? Talvez ele esqueça de Kathy. Meu Deus, ele não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

— Mas Kathy não está agora na Archimedean — disse St. Cyr em voz baixa.

— Então onde ela está? Em Delaware? Na Wilhelmina Securities? Deve ser fácil encontrá-la.

— Ela está doente — disse St. Cyr.— Está num hospital, Phil. Deu entrada onde à noite. Devido à sua dependência por drogas, presumo.

Houve silêncio.

— Você sabe muita coisa — disse Harvey, finalmente. —Onde soube disso, afinal de contas?

— Ouvindo o telefone e a TV. Mas não sei onde fica o hospital. Pode até ser fora da Terra, na Lua ou em Marte, até mesmo mais longe ainda, de onde ela veio. Tenho a impressão de que ela está muito doente. Acho que ela ficou muito abatida quando foi abandonada por Johnny. — Ele fitou gravemente o patrão. — Isso é tudo que eu sei, Phil.

— Acha que Johnny Barefoot sabe onde ela está?

— Duvido.

— Aposto que ela vai tentar ligar para ele. Ou ele ou já sabe ou saberá em breve. Se pudermos colocar uma escuta no telefone dele... fazer suas ligações passarem por aqui... — disse Harvey, ponderando.

— Mas os telefones não estão funcionando — disse St. Cyr. — Agora só se escuta aquele palavreado infundável. A interferência de Louis.

Ele se perguntou o que seria da Archimedean Enterprises se Kathy fosse declarada incapaz de administrá-la, se ela fosse forçada a permanecer internada. Isso seria muito complicado, dependendo de sob qual legislação ela estivesse, a da Terra ou...

Harvey estava dizendo:

— Não conseguimos encontrar Kathy e não conseguimos encontrar o cadáver — dizia Harvey. — E enquanto isso a Convenção está em andamento, e eles vão indicar aquele maldito Gam, a criatura de Louis. E um belo dia nós acordamos e descobrimos que ele é o presidente. — Ele fitou St. Cyr com antagonismo. — Até agora você não tem me sido muito útil, Claude.

— Vamos verificar todos os hospitais. Mas há dezenas de milhares deles. E se não for nesta área, pode ser em qualquer lugar.

Ando, ando, ando e não saio do lugar, pensou Sr. Cyr. Ele se sentia absolutamente indefeso. Bem, ao menos podemos continuar monitorando a TV, decidiu. Isso pode ajudar.

— Estou indo à convenção — anunciou Harvey. — Nos vemos depois. Se você pensar em alguma coisa, o que duvido, entre em contato comigo lá.

Ele foi até a porta, e um momento depois o Sr. Cyr se viu a sós.

Filho da puta, pensou St. Cyr. E agora, o que farei? Talvez deva ir à Convenção, também.

Mas havia mais uma funerária que ele queria checar. Seus homens tinham estado lá, mas ele também queria verificá-la pessoalmente. Era exatamente do tipo que Louis teria gostado, administrada por um indivíduo pomposo chamado, revoltantemente, Herbert Schoenheit von Vogelsang, que significava, em alemão, "Herbert, Beleza do Canto do Pássaro", um nome adequado para um homem que dirigia a Casa Funerária Sagrados Irmãos no centro de Los Angeles, com filiais em Chicago, Nova Yorke Cleveland.

Quando chegou à funerária, Claude St. Cyr exigiu ver Schoenheit von Vogelsang pessoalmente. O lugar estava cheio; o Dia da Ressurreição estava próximo, e a pequena burguesia, que afluía em grande número para esse tipo de cerimônia, fazia fila para retirar seus parentes semivivos.

— Senhor, quer falar comigo? — disse Schoenheit von Vogelsang, quando finalmente apareceu no balcão de atendimento.

St. Cyr pousou seu cartão comercial sobre o balcão. O cartão ainda descrevia-o como consultor jurídico da Archimedean Enterprises.

— Sou Claude St. Cyr — declarou. — Já deve ter ouvido falar de mim.

Olhando para o cartão, Schoenheit von Vogelsang empalideceu.

— Dou-lhe minha palavra, senhor, que estamos tentando, estamos realmente tentando — murmurou. — Estamos gastando milhares de dólares de nossos próprios fundos para tentar fazer contato com ele. Importamos do Japão a

última palavra em equipamentos de ampliação de ganho, e, mesmo assim, não obtivemos resultados. — Trêmulo, ele recuou do balcão. — O senhor pode vir ver com seus próprios olhos. Francamente, acredito que alguém fez isso de propósito. Um completo fracasso como este não pode acontecer naturalmente, se é que me entende.

— Deixe-me vê-lo — disse St. Cyr.

— É claro.

O dono da funerária, pálido e agitado, conduziu St. Cyr até a caixa, o local onde os corpos eram mantidos sob refrigeração. Depois de caminharem algum tempo, St. Cyr finalmente viu o esquife de Louis Sarapis.

— O senhor está planejando algum tipo de atitude litigiosa? — perguntou trêmulo o proprietário da funerária. — Eu asseguro que nós...

— Estou aqui meramente para levar o corpo — disse St. Cyr.

— Mande seus homens colocarem-no num carro fúnebre.

— Sim, Sr. St. Cyr — disse obedientemente Herb Schoenheit von Vogelsang.

Acenou para dois funcionários e lhes passou instruções.

— Trouxe um veículo, Sr. St. Cyr?

— Espero que vocês ofereçam o veículo — disse St. Cyr, ameaçador.

Dentro em pouco o corpo no esquife estava num carro fúnebre, e o motorista ouvia as instruções de St. Cyr.

— O senhor não vai nos processar por negligência, vai, Sr. St. Cyr? Porque se o senhor for...

— No que me diz respeito, o caso está encerrado — disse St. Cyr laconicamente, e gesticulou para que o motorista partisse.

Assim que saiu da funerária, St. Cyr começou a rir.

— O que é engraçado? — perguntou o motorista do carro fúnebre.

— Nada — disse St. Cyr, ainda rindo.

Quando o corpo em seu esquife, ainda com o mantenedor de sinais vitais ativado, foi deixado na casa de Harvey e o motorista partiu, St. Cyr pegou o telefone e discou. Mas se descobriu incapaz de falar com o Salão de Convenções. Tudo que ele ouvia era a voz estranha e distante de Louis Sarapis, desfiando seu monólogo interminável. Ele desligou, repugnado, mas ao mesmo tempo decidido

a seguir com seu plano.

Já agüentamos isso por muito tempo, pensou St. Cyr. Não vou esperar pela aprovação de Harvey. Não preciso dela.

Vasculhando a sala, ele encontrou, numa gaveta de escrivaninha, uma pistola de raios. Apontou-a para o caixão de Louis Sarapis e apertou o gatilho.

A fina camada de gelo que cobria o esquife entrou em ebulição, e o plástico derreteu. Lá dentro, o corpo queimou e murchou, sendo finalmente reduzido a uma massa compacta semelhante a carvão.

Satisfeito, St. Cyr guardou a pistola de raios de volta na gaveta da escrivaninha.

Mais uma vez, pegou o telefone e discou um número.

Em seu ouvido, a voz monótona entoou:

— ...Ninguém senão Gam é capaz de fazer isso. Gam o bambambã... um grande *slogan* para você, Johnny. Gam, o bambambã, lembre disso. Deixe que eu falo. Dê-me o microfone e eu direi a eles: Gam, o bambambã. Gam...

Claude St. Cyr bateu o telefone e se virou para a massa negra que fora Louis Sarapis. Ficou mudo diante daquilo que não compreendia. A voz, quando St. Cyr ligou o televisor, emanou também de seu alto-falante. Nada havia mudado.

A voz de Louis Sarapis não provinha do cadáver.

Porque o corpo já não existia. Simplesmente não havia conexão entre eles.

Sentando-se em uma cadeira, Claude St. Cyr pegou um cigarro e o acendeu com uma mão trêmula, tentando entender o que isto significava. Ele teve a impressão de quase chegar à explicação.

Mas não completamente.

## V

De monotrilha — ele deixara seu minicíptero na Casa Funerária Sagrados Irmãos — Claude St. Cyr seguiu até o Salão de Convenções. O lugar, obviamente, estava lotado. O ruído era terrível. Mas ele conseguiu obter os serviços de um pajem-robô. Através do sistema de alto-falantes, a presença de Phil Harvey foi requisitada a uma das salas usada como local de reunião pelas delegações que queriam negociar em segredo.

Harvey apareceu, cansado pelo esforço de atravessar a multidão densa de espectadores e representantes.



— O que é, Claude? — perguntou, e quando viu a expressão no rosto de seu advogado, acrescentou: — É melhor me contar logo.

— A voz que ouvimos. Ela não é Louis. É alguma outra pessoa tentando parecer Louis! — disse St. Cyr.

— Como você sabe? Ele lhe disse?

Meneando a cabeça positivamente, Harvey disse:

— E o corpo que você destruiu era o de Louis. Você não foi enganado na funerária... tem certeza absoluta disso.

— Não tenho certeza absoluta — admitiu. — Mas eu acho que era. Acredito nisso agora e acreditei na hora.

Em todo caso, era tarde demais para comprovar que o corpo era realmente de Louis. Não restava muita coisa do cadáver para realizar esse tipo de análise.

— Mas de quem seria essa voz? — questionou Harvey. — Meu Deus, ela está vindo de além do sistema solar. Podem ser alienígenas? Algum tipo de eco, uma reação não-viva desconhecida? Um processo inerte sem propósito?

St. Cyr soltou uma gargalhada.

— Agora é você quem está falando coisas sem sentido, Phil. Procure se controlar.

Harvey assentiu positivamente.

— Claude, você acha que é alguém que está aqui? — perguntou, quando sentiu que tinha se recomposto.

— Eu não sei — disse St. Cyr com toda franqueza. — Mas aposto que é alguém aqui mesmo deste planeta, alguém que conhecia Louis bem o bastante para intrometer suas características para nos enganar.

Então ele se calou. Era até aí que seus processos lógicos tinham chegado. Além disso, ele não conseguia ver nada. Era um vazio, um vazio assustador.

Existe um elemento de desequilíbrio nisso, pensou. O que tomamos por deterioração dos padrões mentais... é mais uma forma de loucura do que de degeneração. Ou a loucura em si é degeneração?

Ele não sabia. Não era treinado no campo da psiquiatria, exceto em seus aspectos jurídicos. E aspectos jurídicos não tinham nenhuma aplicação aqui.

— Alguém já indicou Gam? — perguntou a Harvey.

— Ainda não. Mas espera-se que isso aconteça em algum momento de

hoje. Corre o rumor de que um representante de Montana vai fazer isso.

— Johnny Barefoot está aqui?

— Está. — Harvey assentiu com a cabeça. — Está muito ocupado, reunindo-se com representantes. Entra e sai de delegações diferentes, colocando-se em evidência. Nenhum sinal de Gam, é claro. Ele não chega antes do final do discurso de indicação quando, é claro, isto aqui virar uma loucura. Aplausos, brados e acenos de bandeira... os apoiadores de Gam estão preparados.

— Nenhuma indicação de... — St. Cyr hesitou. — Do que presumimos que seja Louis? A presença dele?

Ou a presença da coisa, pensou, seja lá o que for?

— Ainda não — disse Harvey.

— Acho que vamos ouvir falar dela antes que o dia acabe — disse St. Cyr.

Harvey assentiu positivamente. Também acreditava nisso.

— Você tem medo da coisa? — indagou St. Cyr.

— É claro — disse Harvey. — Mil vezes mais do que antes, agora que nem mesmo sabemos quem ou o que ela é.

— Você está certo em tomar essa atitude — disse St. Cyr. Ele sentia-se do mesmo jeito.

— Talvez devêssemos contar a Johnny — disse Harvey.

— É melhor deixar que ele descubra sozinho — sugeriu St. Cyr.

— Muito bem, Claude — disse Harvey. — O que você disser. Afinal, agora que finalmente encontrou o cadáver de Louis, eu tenho confiança plena em você.

De certa forma, eu preferia não tê-lo encontrado, pensou St. Cyr. Eu queria não saber o que sei agora. Era melhor quando pensávamos ouvir Louis falando conosco de cada telefone, jornal e aparelho de tevê.

Isso tinha sido ruim... mas isto agora era muito pior, continuou pensando. Afinal, tenho a impressão de que a resposta está lá fora, em algum lugar, esperando.

Eu preciso tentar, disse a si mesmo. Tentar encontrar a resposta. TENTAR!

Sozinho numa sala lateral, Johnny Barefoot assistia, tenso, aos eventos da Convenção através de um circuito fechado de TV. A distorção, a presença invasora oriunda de uma semana-luz de distância, tinha parado momentaneamente, e ele podia ver e ouvir o representante de Montana realizar o

discurso de indicação para Alfonse Gam.

Estava cansado. O processo inteiro da Convenção, seus discursos e paradas, sua formalidade, exigia muito de seus nervos, contrariava a sua natureza.

Gam quisera obter a indicação e a conseguiria. Isto estava resolvido. Mas para Johnny, todo o resto era desprovido de sentido.

Seus pensamentos estavam focados em Kathy Egmont Sharp.

Ele não a via desde sua partida para o U.C. Hospital em San Francisco. Neste momento ele não tinha a menor idéia da condição em que ela se encontrava, se respondera ou não à terapia.

Uma intuição profunda dizia-lhe que ela não conseguira.

O quanto Kathy estava realmente doente? Provavelmente muito, com ou sem drogas. Talvez ela jamais fosse liberada do U.C. Hospital. Ele podia imaginar isso.

Por outro lado... se ela queria sair...

...ela encontrará uma forma de sair.

Ele também intuía isso, de forma ainda mais profunda.

Então tudo dependia dela. Ela tinha se internado voluntariamente. E ela iria sair — se saísse um dia — da mesma maneira. Ninguém daria ordens a Kathy... ela não era o tipo de pessoa capaz de acatar ordens. E isso, ele compreendeu, poderia muito bem ser um sintoma do processo da doença.

A porta da sala abriu. Ele desviou os olhos do televisor.

E viu Claude St. Cyr parado na porta. St. Cyr estava segurando uma pistola de raios, apontada para Johnny.

— Onde está Kathy? — perguntou St. Cyr.

— Eu não sei — disse Johnny. Ele se levantou devagar e cambaleante.

— Você sabe. Eu vou matar você se não me disser.

— Por quê? — disse ele, perguntando-se o que havia trazido St. Cyr até este ponto, até este comportamento extremado.

— Ela está na Terra? — perguntou St. Cyr.

E caminhou até Johnny, ainda empunhando a pistola.

— Está — respondeu Johnny, relutante.

— Diga o nome da cidade.

— O que você vai fazer? — perguntou Johnny. — Você não é assim,

Claude. Você sempre trabalhou dentro da lei.

St. Cyr disse:

— Acho que a voz que ouvimos é de Kathy. Eu agora sei que não é de Louis. Além disso, só podemos presumir. *Kathy é a única pessoa que conheço demente a ponto de fazer isso.* Diga o nome do hospital.

— A única forma de saber que a voz não é de Louis seria destruindo o corpo — presumiu Johnny.

— Exatamente — confirmou St. Cyr, assentindo com a cabeça.

Então você destruiu o corpo. Você encontrou a funerária certa. Você chegou a Herb Shoenheit von Vogelsang.

A porta foi aberta novamente. Um eufórico grupo de representantes, correligionários de Gam, entrou soprando cometas e brandindo bandeirinhas, carregando enormes faixas pintadas a mão. St. Cyr virou-se para eles, apontando-lhes sua arma — e Johnny Barefoot passou correndo pelos representantes, alcançou a porta e saiu para o corredor.

Desceu correndo o corredor e um momento depois emergiu no grande saguão central no qual a indicação de Gam era comemorada calorosamente. Dos alto-falantes fixados no teto uma voz dizia repetidamente: "Vote em Gam, Gam, vote em Gam, vote em Gam, o bom homem, vote em Gam, Gam o bambambã."

Kathy, não pode ser você. Simplesmente não pode.

Continuou correndo. Saiu do salão, espremeu-se entre os representantes que dançavam em delírio, passou pelos homens e mulheres com olhos vítreos e chapéus engraçados, brandindo flâmulas... e alcançou a rua, os minicípteros e carros estacionados. Havia uma multidão lá fora tentando entrar.

Se for você, então está doente demais para se recuperar, pensou Johnny. Mesmo se quiser realmente. Você esteve esperando Louis morrer? Você nos odeia? Você nos teme? É isso? O que explica o que você está fazendo... Qual é o motivo para isso?

Fez sinal para um minicíptero marcado TÁXI.

— Para San Francisco — instruiu ao piloto.

Talvez você não esteja consciente de que está fazendo isso, pensou. Talvez seja um processo autônomo, emergindo de sua mente inconsciente. Sua mente se divide em suas partes, uma fica na superfície e é aquela que vemos, a outra...

A outra é aquela que nós ouvimos.

Devemos sentir pena de você? Ou devemos odiá-la, temê-la? QUANTO MAL VOCÊ PODE CAUSAR? Acho que a verdadeira questão é essa. Eu te amo. Sinto ao menos alguma forma de amor por você. Eu gosto de você, não como gosto de minha esposa e de minhas filhas, mas gosto. Droga, isto é horrível. Talvez St. Cyr esteja errado. Talvez não seja você.

O minicóptero decolou, alcançou uma altura superior à dos edifícios e rumou para oeste, hélices girando a toda velocidade.

No solo, em pé diante do salão de convenções, St. Cyr e Phil Harvey observaram o minicóptero partir.

— Então funcionou — disse St. Cyr. — Conseguimos fazer com que ele agisse. Aposto que está indo para Los Angeles ou San Francisco.

Phil Harvey fez sinal para um segundo minicóptero. Os dois homens embarcaram nele e Harvey disse:

— Está vendo aquele táxi que decolou? Fique atrás dele, mantendo-o sob vista. Mas se puder, não deixe que vejam você.

— Diabos, se eu posso vê-lo, ele pode me ver. Mas ligue o taxímetro e comece a subir.

— Eu não gosto deste tipo de coisa — disse o piloto. — Pode ser perigoso.

— Ligue o rádio se quiser ouvir alguma coisa que seja perigosa — disse-lhe St. Cyr.

— Ah, o rádio não está funcionando — resmungou o piloto. — Algum tipo de interferência, como manchas solares ou talvez algum operador amador. Deixei de fazer muitas corridas porque a central não conseguiu falar comigo. Você não acha que a polícia devia fazer alguma coisa a respeito?

St. Cyr não disse nada. Ao lado dele, Harvey mantinha os olhos fixos no helicóptero à frente.

Quando chegou no U.C. Hospital em San Francisco, e pousou no heliporto no terraço do prédio principal, Johnny viu o segundo minicóptero circular em vez de passar direto, e soube que tinha razão. Tinha sido seguido o tempo inteiro. Mas não se importou com isso. Não fazia diferença.

Descendo pela escadaria, saiu no terceiro andar e abordou uma enfermeira.

— A Srta. Sharp — disse ele. — Onde ela está?

— O senhor terá de perguntar a uma atendente — disse a enfermeira. — E o horário de visitas só começa...

Deixou a enfermeira falando sozinha e foi até a atendente no balcão de informações.

— A Srta. Sharp está na sala 309 — disse uma enfermeira idosa e de óculos com lentes grossas. — Mas o senhor precisa da permissão do Dr. Gross para vê-la. E creio que o doutor está almoçando agora e provavelmente não voltará antes da uma hora. — Apontou para uma sala de espera. — Se o senhor quiser aguardar...

— Obrigado — disse Johnny. — Eu vou aguardar.

Ele passou direto pela sala de espera e seguiu o corredor, atento aos números nas portas até ver o quarto 309. Abriu a porta e entrou no quarto. Fechou a porta atrás de si e procurou pela ocupante do quarto.

Havia uma cama, mas estava vazia.

— Kathy — disse ele.

À janela, vestida com seu roupão, ela se virou, o rosto cheio de malícia e ódio.

— Eu quero Gam porque ele é o bambambã.

Kathy avançou contra ele, braços levantados, mãos crispadas.

— Gam, um homem, um homem de *verdade* — sussurrou ela. Enquanto observava os olhos de Kathy, Johnny viu os restos dissolvidos de sua personalidade expirarem.

— Gam, Gam, Gam — murmurou Kathy, e esbofeteou Johnny.

Ele recuou.

— É você — disse Johnny. — Claude St. Cyr tinha razão. Me largue. Eu vou embora.

Ele caminhou de costas, braços esticados para trás, tentando abrir a porta. Estava tomado pelo pânico; tudo que queria era fugir dali.

— Kathy, me solta — disse ele.

As unhas de Kathy afundaram em seu ombro. Ela continuou segurando-o, fitando-o profundamente, sorrindo para ele.

— Você está morto — disse ela. — Vá embora. Sinto o seu cheiro, o cheiro de morte dentro de você.

— Eu vou embora — disse ele, e conseguiu encontrar a maçaneta da porta

às suas costas. Ela o soltou. Ele então viu a mão direita de Kathy elevar-se no ar, as unhas direcionadas contra seu rosto, possivelmente seus olhos. Ele se abaixou, esquivando-se do golpe.

— Eu quero ir embora — disse ele, cobrindo o rosto com os braços.

— Eu sou Gam — sussurrou Kathy. — Sou o bambambã. Estou vivo, vivo.  
— Ela riu. — Eu quero ir embora — disse ela, imitando perfeitamente a voz de Johnny. — Claude St. Cyr tinha razão; certo, eu vou embora. Vou embora.

Ela agora estava entre ele e a porta.

— A janela — disse Kathy. — Faça agora. O que queria fazer quando eu o impedi.

Ela se atirou contra ele, e Johnny recuou, e de novo e de novo, até sentir a porta às suas costas.

— Todo esse ódio está na sua mente — disse ele. — Todo mundo gosta de você. Eu gosto, Gam gosta, até St. Cyr e Harvey gostam. Qual é o sentido de tudo isto?

— O sentido é que eu mostro como vocês realmente são — disse Kathy. — Você ainda não sabe? Você é ainda pior do que eu. Eu apenas estou sendo honesta.

— Por que fingiu ser Louis?

— Eu sou Louis. Quando morreu, ele não entrou em semivida porque eu o comi. Ele se tornou eu. Eu estava esperando por isso. Alfonse e eu tínhamos preparado tudo. O transmissor lá fora com o gravador preparado. Nós assustamos você, não assustamos? Vocês estão assustados. Assustados demais para se opor a ele. Ele vai ser indicado. Ele já foi indicado. Eu sinto isso, eu sei disso.

— Ele ainda não foi indicado.

— Mas não vai demorar. E eu vou ser a mulher dele. Ela sorriu. — E você vai estar morto, você e os outros.

Pôs-se a caminhar até ele, cantarolando.

— Sou Gam, sou Louis, e quando você estiver morto eu vou ser você, Johnny Barefoot, e vou ser todos os outros. Vou comer todos vocês.

Ela abriu a boca para exibir dentes afiados e brancos como a morte.

— E vai governar os mortos — disse Johnny, e a esbofetou com toda sua força, atingindo-a no lado do rosto, perto do queixo.

Ela girou para trás, caiu, e então de repente estava em pé e avançando

contra ele. Antes que ela conseguisse alcançar Johnny, ele se moveu rápido para um lado, vislumbrando suas feições distorcidas e inchadas, arruinadas pela força de seu golpe — e então a porta do quarto se abriu, e St. Cyr e Phil Harvey, acompanhados de duas enfermeiras, entraram. Kathy parou. Ele parou também.

— Venha, Barefoot — disse St. Cyr, chamando-o com a cabeça. Johnny atravessou o quarto e se juntou a eles.

— Então estava tudo planejado; ele ia me matar; Johnny ia me matar. E vocês todos iam ficar parados, observando e apreciando — disse Kathy calmamente, amarrando a cinta de seu robe.

— Eles têm um transmissor imenso lá fora — informou Johnny. — Eles o posicionaram há muito tempo, provavelmente anos atrás. Durante todo esse tempo eles esperaram que Louis morresse. Talvez eles tenham acabado matando-o. A idéia era fazer Gam ser indicado e então eleito, enquanto mantinham todos aterrorizados com a transmissão. Ela é doente, muito mais doente do que imaginávamos, ainda mais doente do que *vocês* imaginaram. A maior parte da loucura dela estava sob a superfície, onde não aparecia.

St. Cyr deu com os ombros.

— Bem, ela terá de ser examinada. — Ele estava calmo, mas falando devagar, o que não lhe era normal. — O testamento me nomeou como curador. Eu posso representar o Estado contra ela, preencher os documentos de compromisso e mandar iniciar seu tratamento.

— Eu vou exigir um julgamento — disse Kathy. — Posso convencer um júri de minha sanidade. Isso é bem mais fácil do que parece, e eu já fiz antes.

— É possível — disse St. Cyr. — Mas o transmissor será uma prova irrefutável de sua culpa.

— Vocês levarão meses para alcançar o transmissor — disse Kathy. — Mesmo com a nave mais rápida que existe. E a essa altura a eleição já terá terminado. Alfonse será presidente.

St. Cyr olhou para Johnny Barefoot.

— Talvez — murmurou St. Cyr.

— Foi por causa disso que o colocamos tão longe — disse Kathy. — Conseguimos tudo com o dinheiro de Alfonse e a rainha habilidade. Eu herdei a habilidade de Louis. Eu sou capaz de fazer qualquer coisa. Nada é impossível para mim se eu quero Tudo que preciso é querer *bastante*.

— Você queria que eu pulasse — disse Johnny. — E eu não pulei.

— Você teria pulado — disse Kathy. — Em mais um minuto. Se eles não



tivessem entrado. Ela agora parecia completamente senhora de si. — E vai acabar pulando. Vou continuar perseguindo você. E você não terá onde se esconder. Sabe que eu irei perseguir e encontrar vocês. Os três.

Kathy correu os olhos de um homem para o outro, como se quisesse absorver os três.

— Eu também tenho um pouco de riqueza e poder — disse Harvey. — Acho que podemos derrotar Gam, mesmo se ele for indicado.

— Você tem poder, mas não tem imaginação — disse Kathy. — O que você tem não é bastante. — Ela estava falando baixo, com a voz carregada de confiança. — Não contra mim.

— Vamos embora — disse Johnny.

Ele começou a caminhar pelo corredor, afastando-se do quarto 309 e de Kathy Egmont Sharp.

Johnny percorria as ruas de San Francisco, subindo e descendo ladeiras, mãos enfiadas nos bolsos, ignorando os prédios e as pessoas, vendo nada, meramente caminhando sem parar. A tarde escureceu e se tornou noite. As luzes da cidade estavam acesas e ele também ignorou isso. Ele caminhou por quarteirões e mais quarteirões até seus pés estarem doendo, queimando, até ele se aperceber que sentia muita fome — eram quase dez da noite e não comia nada desde o começo da manhã. Ele parou e olhou em volta.

Onde estavam Claude St. Cyr e Phil Harvey? Ele não conseguia lembrar de ter se separado deles. Não conseguia se lembrar nem mesmo de quando saíra do hospital. Mas Kathy, de Kathy ele lembrava. Ele não poderia esquecê-la nem se quisesse. E ele não queria. Era importante que Kathy jamais fosse esquecida pelas pessoas que a tinham visto como ela era realmente.

Numa banca de jornais ele viu a manchete em letras negras e garrafais:

## GAM OBTÉM INDICAÇÃO, PROMETE CAMPANHA PODEROSA PARA ELEIÇÃO DE NOVEMBRO

Então ela conseguiu, pensou Johnny. Eles conseguiram, os dois. Eles conseguiram exatamente o que queriam. E agora... tudo que precisam fazer é derrotar Kent Margrave. E aquela coisa está lá fora, a uma semana luz daqui. Ainda está emitindo sinais. E continuará a fazê-lo por meses a fio.

Eles vão triunfar, compreendeu.

Numa lanchonete, encontrou uma cabine telefônica. Introduziu uma moeda na ranhura e discou o número de sua própria casa, para falar com Sarah Belle.

O telefone clicou em seu ouvido. E então a voz familiar e monótona entoou:

— Gam em novembro, Gam em novembro. Ganhe com Gam. Presidente Alfonse Gam, o bambambã. Gam, bambambã, *GAM!*

Ele desligou e saiu da cabine telefônica. Não tinha chances.

No balcão da lanchonete pediu um sanduíche e um café. Sentou-se para comer mecanicamente, satisfazendo as exigências de seu corpo sem prazer ou desejo, comendo por reflexo até a comida desaparecer e chegar a hora de pagar a conta.

O que posso fazer? Perguntou a si mesmo. O que qualquer um pode fazer? Todos os meios de comunicação deixaram de funcionar.

Todas as mídias foram ocupadas. Eles têm o rádio, a TV, os jornais, os telefones, os telégrafos... tudo que depende de transmissão por microondas ou circuitos elétricos. Eles capturaram todas as mídias, não deixaram nada com que nós, a oposição, possamos contra-atacar.

Derrota, pensou. Essa é a realidade terrível que nos aguarda. E então, quando ele assumir a presidência, será a hora da nossa... morte.

— Um dólar e dez cents — disse a garçonete. Ele pagou a refeição e saiu da lanchonete.

Quando viu um minicíptero marcado TÁXI pairando nas proximidades, fez sinal.

— Leve-me para casa.

— Certo — disse o piloto. — Mas onde é a sua casa, companheiro?

Ele lhe deu o endereço em Chicago e se recostou. Ia ser uma viagem longa. Estava desistindo, estava voltando para Sarah Belle, para sua esposa e filhas. A luta — para ele — aparentemente estava terminada.

— Deus do Céu, Johnny! Você parece péssimo — disse Sarah Belle quando o viu parado em pé na porta. — Ela o beijou, conduziu-o para dentro, para a sala aquecida e familiar. — Achei que você estava celebrando.

— Celebrando? — perguntou rouco.

— O seu candidato foi indicado. Ela foi à cozinha fazer café para ele.

— Ah, sim — disse ele, assentindo. — Eu era o RP dele. Tinha esquecido.

— É melhor deitar — disse Sarah Belle. — Johnny, nunca vi você tão abatido. Não consigo entender. O que aconteceu?

Ele se sentou no sofá e acendeu um cigarro.

— O que eu posso fazer por você? — perguntou, nervosa.

— Nada.

— Era o Louis Sarapis na TV e nos telefones? A voz parecia a dele. Conversei com os Nelsons e eles me disseram que a voz era idêntica à de Louis.

— Não — disse ele. — Não era Louis. Louis está morto.

— Mas seu período de semivida...

— Não. Ele está morto. Esqueça-o.

— Você sabe quem são os Nelsons, não sabe? Os novos vizinhos que se mudaram para o apartamento que...

— Eu não quero falar — disse ele. — Nem ouvir nada. Sarah Belle se calou, por um minuto. E então disse:

— Eles disseram uma coisa. Acho que você não vai gostar de ouvir. Os Nelsons são pessoas simples, humildes. Eles disseram que se Alfonse Gam fosse indicado, eles não votariam nele. Eles simplesmente não gostam dele.

Johnny resmungou.

— Isso não preocupa você? — perguntou Sarah Belle. — Acho que eles estão reagindo à pressão, a pressão exercida por Louis na TV e nos telefones. Eles simplesmente não gostam disso. Acho que vocês exageraram na campanha, Johnny. — Ela o fitou, hesitante. — Essa é a verdade. Eu precisava dizer isso.

— Vou visitar Phil Harvey — Volto mais tarde — disse ele, levantando-se.

Ela o observou caminhar até a porta, olhos assombrados de preocupação.

Quando foi admitido à casa de Phil Harvey, encontrou Phil e Gertrude Harvey, mais Claude St. Cyr, sentados na sala de estar, cada um com um copo na mão, mas nenhum deles falando. Harvey levantou os olhos, viu Johnny, e então desviou o olhar.

— Vocês vão desistir? — perguntou a Harvey.

— Estou em contato com Kent Margrave — disse Harvey. — Vamos

tentar destruir o transmissor. Mas a esta distância, a nossa chance de acertá-lo é uma em um milhão. E mesmo usando o míssil mais rápido que existe, isso levará um mês.

— Pelo menos isso é alguma coisa — disse Johnny.

Ao menos seria antes da eleição. Isso daria a eles várias semanas para promover a campanha.

— Margrave compreende a situação? — perguntou Johnny.

— Sim — respondeu Claude St. Cyr. — Contamos absolutamente tudo a ele.

— Mas isso não é suficiente — disse Phil Harvey. — Há mais uma coisa que precisamos fazer. Você quer participar? Quer tirar a sorte no palitinho?

Ele apontou a mesa de café. Nela, Johnny viu três palitos de fósforo, um deles partido ao meio. Agora Phil Harvey acrescentou um quarto palito, este inteiro.

— Primeiro ela. Ela antes, o mais cedo possível. E em seguida, se necessário, Alfonse Gam — disse St. Cyr.

Um pavor frio tomou o corpo de Johnny Barefoot.

— Pegue um palito — disse Harvey, pegando os quatro palitos.

Harvey posicionou e reposicionou os quatro palitos na mão, e então ofereceu as quatro pontas superiores às pessoas na sala.

— Vamos, Johnny. Como foi o último a chegar, deve ser o primeiro a tirar.

— Não eu — disse ele.

— Então nós vamos tirar sem você — disse Gertrude Harvey e pegou um palito. Phil estendeu os remanescentes para St. Cyr, que também tirou um. Dois sobraram na mão de Phil Harvey.

— Eu estava apaixonado por ela — confessou Johnny. — Ainda estou.

Phil Harvey meneou a cabeça positivamente.

— Sim, eu sei — falou.

— Certo, eu tiro — disse Johnny, com um peso enorme no coração.

Esticou o braço e escolheu um dos dois palitos.

Foi o quebrado.

— Eu peguei o pequeno — disse ele. — Sou eu.

— Você consegue fazer? — perguntou-lhe Claude St. Cyr. Ele ficou calado

por um momento. Então deu com os ombros e disse:

— Claro. Eu posso fazer. Por que não?

Realmente, por que não? perguntou-se. Uma mulher por quem eu estava me apaixonando. Certamente posso assassiná-la. Porque isso precisa ser feito. Nós não temos outra saída.

— Pode não ser tão difícil quanto achamos — disse St. Cyr. — Consultamos alguns dos técnicos de Phil e obtivemos um conselho interessante. A maior parte das transmissões deles está vindo de um local próximo, e não de uma semana-luz no espaço. Vou dizer como sabemos. As transmissões deles acompanharam a evolução dos acontecimentos. Por exemplo, a sua tentativa de suicídio no Hotel Antier. Não houve lapso de tempo nesse momento, nem em nenhum outro.

— E eles não são sobrenaturais, Johnny — disse Gertrude Harvey.

— Portanto, a primeira coisa que precisamos fazer é encontrar a base deles aqui na Terra ou pelo menos aqui no sistema solar — continuou St. Cyr. — Pode ser no rancho de galináceos de Gam lá em Io. Se você descobrir que ela saiu do hospital, procure-a lá.

— Certo — disse Johnny, assentindo levemente.

— Que tal uma bebida? — ofereceu Phil Harvey. Johnny aceitou.

Os quatro, sentados num círculo, beberam, lenta e silenciosamente.

— Você tem uma arma? — perguntou St. Cyr.

— Tenho — respondeu, levantando-se e pousando o copo.

— Boa sorte — disse Gertrude.

Johnny caminhou até a porta, abriu-a e saiu sozinho. Sozinho na noite escura e fria.

\* \* \*

Ah, Ser um Bolho!

Ele introduziu uma moeda de platina de vinte dólares na ranhura e, após uma pausa, o analista foi ligado. Seus olhos reluziram com sociabilidade enquanto ele girou na cadeira, pegou uma caneta e um bloco de papel amarelo na mesa e disse:

— Bom dia, senhor. Pode começar.

— Bom dia, Dr. Jones. Creio que o senhor não é o mesmo Dr. Jones que escreveu a biografia definitiva de Freud... isso foi há um século. — Riu de nervoso. Sendo um homem muito pobre, não estava acostumado a lidar com os novos psicanalistas totalmente automáticos. — Eu... devo associar livremente, contar meus antecedentes ou o quê?

— Talvez você possa começar contando-me quem é *und warum mich...* e por que me selecionou — disse o Dr. Jones.

— Sou George Munster, da Rua Suspensa 4, edifício WEF-395, condomínio San Francisco, inaugurado em 1996.

— Como vai, Sr. Munster?

O Dr. Jones estendeu o braço e George Munster apertou sua mão. A mão possuía uma temperatura corporal agradável e era macia, mas o cumprimento foi muito másculo.

— Sou militar reformado, ex-combatente — disse Munster. — Foi assim que consegui meu apartamento de condomínio em WEF-395: privilégio de ex-combatente.

— Ah, sim — disse o Dr. Jones, estalando a língua em intervalos regulares, como se estivesse mensurando a passagem do tempo. — A guerra com os bolhos.

— Lutei três anos nessa guerra — disse Munster, alisando nervosamente os cabelos longos e negros que começavam a escassear. — Eu odiava os bolhos e me apresentei como voluntário. Eu tinha apenas 19 anos e possuía um bom emprego... mas a cruzada para livrar o Sistema Sol dos bolhos era mais importante para mim.

— Hum... — exprimiu o Dr. Jones, estalando a língua e acenando com a cabeça.

— Lutei bem — continuou George Munster. — Na verdade, fui agraciado com duas condecorações e uma citação de bravura. Cabo. Isso porque varri, de mãos vazias, um satélite de observação cheio de bolhos. É claro que nunca saberemos exatamente quantos eles eram porque, sendo bolhos, eles tendem a se

fundir e a se dividir de forma confusa.

Ele se calou de repente; estava emocionado. Até lembrar e falar sobre a guerra era muito forte para ele. Deitou-se no divã, acendeu um cigarro e tentou acalmar-se.

Os bolhos tinham emigrado originalmente de outro sistema solar, provavelmente Próxima. Há vários milhares de anos haviam se instalado em Marte e em Titã, saindo-se muito bem em suas empreitadas agrárias. Eram aperfeiçoamentos da ameba unicelular original. Eram muito grandes e detentores de um sistema nervoso altamente organizado, mas ainda assim eram amebas, com pseudópodos, reproduzindo-se por divisão celular, e absolutamente repulsivos aos colonos terrestres.

A guerra tinha irrompido devido a considerações ecológicas. O Departamento de Auxílio Externo das Nações Unidas quisera mudar a atmosfera de Marte, de modo a torná-la mais adequada a colonos terrestres. Contudo, esta mudança seria prejudicial aos colonos bolhos já estabelecidos lá; daí a divergência.

E, refletiu Munster, não foi possível mudar *metade* da atmosfera de um planeta, devido à natureza do movimento browniano. Dentro de um período de dez anos a atmosfera alterada tinha se difundido pelo planeta, causando sofrimento aos bolhos... ou ao menos era o que eles alegavam. Em retaliação, uma armada de bolhos tinha se aproximado da Terra e posto em órbita uma série de satélites de tecnologia muito avançada, cujo propósito era alterar a atmosfera da Terra. Evidentemente, essa alteração jamais foi concretizada graças à ação imediata do Gabinete de Guerra das Nações Unidas. Os satélites foram detonados por mísseis auto guiados... e a Terra venceu a guerra.

— É casado, Sr. Munster? — perguntou o Dr. Jones.

— Não, senhor. Porque... — Ele estremeceu. — O senhor vai entender o porquê depois que eu tiver acabado de contar minha história. Vou ser franco, doutor. — Ele amassou o cigarro no cinzeiro. — Eu era um espião terrestre. Essa era a minha atribuição. Eles me escolheram para o trabalho devido à minha bravura no campo de batalha... eu não me tornei voluntário.

— Entendo — disse o Dr. Jones.

— Entende? — A voz de Munster falhou na garganta. — Sabe o que era necessário naquela época para fazer de um terrestre um espião entre os bolhos?

Assentindo com a cabeça, o Dr. Jones disse:

— Sim, Sr. Munster. Era preciso abdicar da forma humana e assumir a forma repelente de um bolho.

Munster não disse nada. Ele fechou e abriu o punho, num reflexo de sua tensão. Diante dele, o Dr. Jones estalava a língua.

Naquela noite, de volta ao seu pequeno apartamento em WEF-395, Munster abriu uma garrafa de uísque Teacher's, e se sentou sozinho para beber numa xícara de café, porque carecia da energia necessária para pegar um copo no armário sobre a pia.

Que benefício extraíra da sessão com o Dr. Jones hoje? Aparentemente, nenhum que pudesse perceber. E tinha depauperado seus míseros recursos financeiros... míseros porque...

Porque durante quase 12 horas por dia ele revertia — apesar de todos os esforços seus e da Agência de Hospitalização de Veteranos das Nações Unidas — à forma de bolho de seus tempos da guerra. Ele se transformava numa bolha unicelular amorfa, bem no meio de seu apartamento no WEF-395.

Seus recursos financeiros consistiam de uma pequena pensão do Ministério da Guerra. Conseguir um trabalho era uma tarefa impossível, porque assim que ele era contratado, a tensão fazia-o reverter bem na frente do seu novo patrão e colegas de trabalho.

Isso não ajudava a formar boas relações no ambiente de trabalho.

Com toda certeza, agora, às oito da noite, ele se sentia mais uma vez começando a reverter; era uma experiência antiga e familiar, mas que ele odiava. Apressadamente, terminou de beber seu uísque e pousou a xícara na mesa... e se sentiu derreter numa poça homogênea.

O telefone tocou.

— Não posso atender — disse ao telefone.

O microfone no aparelho captou sua mensagem angustiada e a transmitiu à pessoa no outro lado da linha. Agora Munster tornara-se uma única massa gelatinosa transparente no meio do tapete; ele ondulou na direção do telefone, que ainda tocava, apesar do que tinha lhe dito. Sentiu uma raiva ardente; com todos os seus problemas, ainda precisava lidar com um telefone tocando!

Alcançando o telefone, estendeu um pseudópodo e tirou o fone do gancho. Com grande esforço, formou uma substância plástica com a aparência de um aparato vocal.

— Estou ocupado — ressoou gravemente para o bocal do telefone. — Ligue mais tarde.

Ligue amanhã de manhã, quando eu serei capaz de readquirir a forma



humana, pensou enquanto desligava.

Agora o apartamento estava silencioso.

Suspirando, Munster fluiu de volta através do tapete, até a janela, onde subiu num objeto alto para apreciar a paisagem. Havia um ponto sensível à luz em sua superfície externa, e embora ele não possuísse uma lente, era capaz de apreciar — nostálgicamente — a visão da Baía de San Francisco, a Ponte Golden Gate, o *playground* para crianças pequenas que era a Ilha Alcatraz.

Mas que merda, pensou amargamente. Não posso me casar. Não posso levar uma vida genuinamente humana, porque sempre revento à forma que o Ministério da Guerra me forçou a assumir na época do conflito.

Quando aceitou a missão, ele não sabia que a transformação deixaria este efeito permanente. Tinham lhe assegurado que era "apenas temporário, transitório".

Transitório o cacete, pensou Munster com ressentimento furioso e impotente. Já faz 11 anos que levo esta droga de vida.

Os problemas psicológicos criados para ele, a pressão em sua psique, eram imensos. Daí a sua visita ao Dr. Jones.

Mais uma vez o telefone tocou.

— Tá legal! — disse Munster em voz alta.

E se pôs a fluir laboriosamente de volta através da sala até o aparelho.

— Quer falar comigo? — disse enquanto se aproximava mais e mais. A viagem, para alguém em forma de bolho, era longa. — Vou falar com você. Você pode até ligar a tela de vídeo e *olhar* pra mim.

Ao chegar ao telefone, pressionou o botão que permitiria comunicação visual, além de auditiva.

— Encha seus olhos — disse, e exibiu sua forma amorfa ao tubo de escaneamento do vídeo.

A voz do Dr. Jones soou:

— Sinto incomodá-lo, Sr. Munster, especialmente quando está nessa... situação incômoda. — O analista automático fez uma pausa. — Mas dediquei algum tempo a pensar no seu problema. Posso ter ao menos uma solução parcial.

— O quê? — disse Munster, tomado pela surpresa. — Está dizendo que a ciência médica agora pode...

— Não, não — o Dr. Jones se apressou em dizer. — Não esqueça, Sr. Munster, que os aspectos físicos da sua condição ficam fora de meu domínio.

Quando o senhor me consultou sobre os seus problemas, era o ajuste psicológico que...

— Estou indo agora mesmo ao seu consultório para conversarmos — disse Munster.

E então percebeu que não poderia fazer isso. Em sua forma de bolho ele levaria dias até ondular pelo percurso todo até o consultório do Dr. Jones.

— Jones, o meu problema está na cara — disse Munster. — Fico preso neste apartamento todas as noites, das oito até as sete da manhã. Eu nem posso visitá-lo em seu consultório para...

— Cale-se, Sr. Munster — interrompeu o Dr. Jones. — Estou tentando lhe dizer algo. *Você não é o único nesta condição.* Sabia disso?

— Claro que sei. Ao todo, 83 terráqueos foram transformados em bolhos em algum momento durante a guerra. Dos 83 — ele sabia os dados de cor — sessenta e um sobreviveram e agora existe uma organização chamada Veteranos das Guerras Antinaturais, dos quais 50 são membros. Eu sou membro. Nós nos reunimos duas vezes ao mês, revertemos em conjunto...

Ele começou a desligar o telefone. Então foi para isso que servira seu dinheiro: ouvir notícias velhas.

— Adeus, doutor — murmurou.

— Sr. Munster, não estou me referindo a outros terráqueos — disse o Dr. Jones, agitado. — Já pesquisei isso para o senhor, e descobri que de acordo com registros capturados na Biblioteca do Congresso 50 *bolhos* foram transformados em pseudo-terráqueos para agir como espíões para o lado *deles*. O senhor está entendendo?

Depois de um momento, Munster disse:

— Não exatamente.

— Você tem um bloqueio mental contra ser ajudado — disse o Dr. Jones. — Mas vou lhe dizer o que quero, Munster. Esteja no meu consultório amanhã, às onze da manhã. Cuidaremos então da solução do seu problema. Boa noite.

— Quando estou em minha forma de bolho meu raciocínio não é muito rápido, doutor. O senhor terá de me desculpar — disse, entediado.

Ele desligou, ainda intrigado. Então neste momento havia 50 bolhos caminhando por Titã, amaldiçoados a ocupar formas humanas. E daí? Em que isso o ajudava?

Talvez ele pudesse descobrir às onze horas do dia seguinte.

Quando entrou na sala de espera do Dr. Jones viu, sentada numa poltrona ao lado de um abajur, lendo um exemplar da *Fortune*, uma jovem muito atraente.

Automaticamente, Munster encontrou um lugar para se sentar de onde pudesse vê-la. Cabelos pintados de branco cascateavam por trás do pescoço da jovem. Munster manteve-se a admirá-la com deleite, fingindo que também lia um exemplar da *Fortune*. Pernas bem torneadas, cotovelos pequenos e delicados. E um rosto de feições delicadas. Olhos inteligentes, narinas pequenas...

Que garota linda, pensou.

Ele se regalou com a visão dela... até que de repente a moça levantou a cabeça e se pôs a fitá-lo.

— É chato esperar, não é? — balbuciou Munster.

— Você vem sempre ao Dr. Jones?

— Não — admitiu ele. — Esta é apenas a segunda vez.

— Nunca vim aqui antes — disse a garota. — Frequento outro psicanalista completamente automático em Los Angeles. Ontem à noite, o Dr. Bing, meu analista, telefonou para mim e me disse para voar para cá e me encontrar com o Dr. Jones esta manhã. Ele é bom?

— Bem, acho que sim — disse Munster.

Veremos pensou. É exatamente isso que não sabemos neste momento.

A porta da sala interna abriu, revelando Dr. Jones, em pé.

— Srta. Arrasmith — disse o analista automático, meneando a cabeça para a garota. — Sr. Munster. — Também cumprimentou George com um aceno. — Vocês dois podem entrar juntos?

Levantando-se, a Srta. Arrasmith disse:

— Então, quem paga os vinte dólares?

Mas o analista tinha se emudecido. Estava desligado agora.

— Eu pago — disse a Srta. Arrasmith, enfiando a mão na bolsa.

— Não, não — disse Munster. — Permita-me.

Ele pegou uma moeda de vinte dólares e a introduziu na ranhura do analista.

Imediatamente, o Dr. Jones disse:

— É um cavalheiro, Sr. Munster.

Sorrindo, o analista automático conduziu os dois até seu consultório.

— Sentem-se, por favor. Srta. Arrasmith, sem preâmbulos, por favor, deixe-me explicar a sua... condição... ao Sr. Munster.

A Munster, o mecanismo disse:

— A Srta. Arrasmith é uma bolho. Munster só conseguiu fitar a garota, mudo.

— Obviamente, no momento em forma humana — continuou o Dr. Jones. — Este, para ela, é o estado de reversão involuntária. Durante a guerra ela operou em território terrestre, atuando pela Liga de Guerra Bolho. Foi descoberta e aprisionada, mas então a guerra acabou e ela não foi julgada nem sentenciada.

— Eles me libertaram — disse a Srta. Arrasmith num tom baixo, cuidadosamente controlado. — Ainda assumo a forma humana, e por isso permaneci na Terra, por vergonha. Simplesmente não posso voltar para Titã e...

— A condição na qual ela se encontra é um motivo de grande vergonha para qualquer bolho de casta elevada — explicou o Dr. Jones.

Confirmando com um meneio de cabeça, a Srta. Arrasmith se sentou, segurando um lençinho de linho irlandês e tentando aparentar autocontrole.

— Correto, doutor. Eu cheguei a visitar Titã para discutir minha condição com as autoridades médicas de lá. Depois de me submeterem a uma terapia cara e prolongada, eles conseguiram induzir um retorno à minha forma natural por um período de... — Ela hesitou. — De cerca de um quarto do tempo. Mas durante os outros três quartos... eu sou como vocês me vêem agora.

Ela abaixou a cabeça e levou o lenço ao olho direito.

— Caramba, você tem sorte! — protestou Munster. — Uma forma humana é infinitamente superior a uma forma bolho. Eu descobri isso na carne. Como um bolho você precisa se arrastar para onde quiser ir. Você é como uma água-marinha, sem esqueleto para mantê-lo ereto. E a divisão celular... é nojenta, nojenta mesmo, quando comparada com a forma terrestre de... você sabe.

— Ele corou. Reprodução.

O Dr. Jones estalou a língua e comentou:

— Durante um período de cerca de seis horas as suas formas humanas coincidem. E então, durante cerca de uma hora, as suas formas bolho coincidem. Portanto, no todo, vocês dois possuem sete horas de 24 nas quais ambos possuem formas idênticas. Na minha opinião... — O analista automático tamborilou sua

caneta no papel. — Sete horas não é tão ruim assim. Se vocês entendem o que estou dizendo.

Depois de um momento, a Srta. Arrasmith disse:

— Mas o Sr. Munster e eu somos inimigos naturais.

— Isso foi anos atrás — disse Munster.

— Correto — concordou o Dr. Jones. — Na verdade, a Srta. Arrasmith é basicamente uma bolha e o senhor, Munster, um terráqueo, mas... — Ele fez um gesto largo. — Ambos são párias em suas civilizações. Predigo para ambos uma deterioração gradual terminando finalmente num problema mental grave. A não ser que vocês possam desenvolver um relacionamento.

O analista se calou.

— Acho que temos muita sorte, Sr. Munster — disse a Srta. Arrasmith, suavemente. — Como o Dr. Jones disse, nós coincidimos durante sete horas por dia. Podemos desfrutar desse tempo juntos, e não vamos ficar mais em isolamento.

Ela sorriu esperançosa para ele, enquanto ajustava seu casaco. Com toda certeza, tinha um corpo e tanto; o vestido, um tanto curto, concedia-lhe uma bela pista disso.

Estudando-a, Munster ponderou.

— Dê-lhe tempo — disse o Dr. Jones à Srta. Arrasmith. — Minha análise é que ele verá que isto é correto e fará a coisa certa.

Ainda ajustando seu casaco e piscando seus olhos grandes e escuros, a Srta. Arrasmith aguardou.

Alguns anos depois, o telefone do consultório do Dr. Jones tocou. Ele o atendeu da forma habitual.

— Por favor, senhor ou senhora, deposite vinte dólares se quiser falar comigo.

— Ouça, eu sou do gabinete jurídico das Nações Unidas e nós não depositamos vinte pratas para falar com ninguém. Assim, acione aquele mecanismo dentro de você, Jones — disse uma voz grossa de homem, do outro lado da linha.

— Sim, senhor — disse Jones, e com a mão direita puxou a alavanca atrás da orelha, que fazia-o operar gratuitamente.

— Em 2003, você aconselhou um homem e uma mulher a se casarem?

Um George Munster e uma Vivian Arrasmith, agora Sra. Munster?

— Ora, sim — disse o Dr. Jones, depois de consultar seus bancos de dados embutidos.

— Já investigou as ramificações legais do caso deles?

— Bem, não era minha obrigação preocupar-me com isso.

— Você pode ser desativado por ter aconselhado qualquer ação contrária à lei das Nações Unidas.

— Não existe lei que proíba uma fêmea bolho e um macho humano de se casarem.

— Muito bem, doutor, quero dar uma olhada nos históricos dos casos dos dois — disse o advogado das Nações Unidas.

— Absolutamente não — disse o Dr. Jones. — Isso seria antiético.

— Então vou conseguir um mandado e apreender os históricos.

— Faça isso — disse o Dr. Jones, levando a mão até atrás de sua orelha para se desligar.

— Espere. Pode interessar a você saber que os Munsters agora têm quatro filhos. E, segundo a Lei de Mendel, a cria segue uma razão rígida de um, dois, um. Uma menina bolho, um menino híbrido, uma menina híbrida, uma menina terráquea. O problema jurídico provém do fato de que o Conselho Supremo dos Bolhos alega que a menina bolho de sangue puro é uma cidadã de Titã e também sugere que um dos dois híbridos seja doado à jurisdição da corte. Entenda, o casamento dos Munsters está se dissolvendo. Eles estão se divorciando e é difícil descobrir quais leis se aplicam a eles e ao seu caso.

— Sim, creio que deve ser realmente difícil — admitiu o Dr. Jones. — Mas o que causou o fim de seu casamento?

— Não sei e não me importo. Possivelmente o fato de que ambos os adultos e duas das crianças alternem diariamente fisiologias bolho e humana. Talvez a tensão que isso provoca tenha sido demais. Se quiser dar-lhes conselhos psicológicos, entre em contato com eles. Adeus.

E o advogado das Nações Unidas desligou.

Terei cometido um erro ao aconselhá-los a se casarem? perguntou-se o Dr. Jones. Talvez eu deva contatá-los. Devo ao menos isso a eles.

Abrindo o catálogo telefônico de Los Angeles, começou a correr o dedo pelos assinantes com inicial M.

Os últimos seis anos tinham sido muito difíceis para os Munsters.

Primeiro, George tinha se mudado de San Francisco para Los Angeles. Ele e Vivian alugaram um apartamento num condomínio com três cômodos ao invés de dois. Vivian, mantendo-se em forma humana durante três quartos do tempo, conseguiu um trabalho. Ela trabalhava em contato direto com o público, dando informações no Quinto Aeroporto de Los Angeles. Mas George...

Sua pensão correspondia a cerca de um quarto do salário de sua esposa, o que ele considerava humilhante. Para aumentar seus rendimentos, começou a procurar por uma forma de ganhar dinheiro em casa. Finalmente encontrou numa revista este anúncio:

FAÇA DINHEIRO EM SEU PRÓPRIO CONDOMÍNIO! CRIE SAPOS-BOIS GIGANTES JUPITERIANOS, CAPAZES DE SALTOS DE VINTE E QUATRO METROS. PODEM SER USADOS EM CORRIDAS DE SAPOS (ONDE AS LEIS PERMITIREM) E EM...

Assim, em 2038 ele tinha comprado seu primeiro casal de sapos importados de Júpiter e iniciara uma criação, visando lucro rápido, no seu próprio condomínio, num canto do porão que Leopold, o servente automático, deixava-o usar gratuitamente.

Mas na gravidade razoavelmente baixa da Terra, os sapos eram capazes de saltos imensos, e o porão se revelou pequeno demais para eles. Os bichos ricocheteavam de uma parede para outra como grandes bolsas de pingue-pongue e morriam logo. George concluiu que era preciso mais do que um canto do porão do condomínio QEK-604 para fazer uma criação desses malditos bichos.

E então nasceu a primeira filha do casal. Ela se revelou uma bolho puro-sangue. Durante 24 horas por dia, ela era uma massa gelatinosa e George se flagrava esperando em vão que ela assumisse uma forma humana, ainda que por um só momento.

Ele discutiu acaloradamente com Vivian a esse respeito, durante um período em que ambos estavam sob forma humana.

— Como posso considerá-la minha filha? — perguntou a Vivian. — Ela é... uma forma alienígena para mim. — Ele estava desanimado e até horrorizado. — O Sr. Jones devia ter previsto isso. Talvez ela seja filha *sua*... ela é igualzinha a você.

Lágrimas encheram os olhos de Vivian.

— Você diz isso como um insulto.

— É claro que digo como um insulto. Quando lutamos contra vocês, nós os considerávamos criaturas no mesmo nível que as arraias — ele vestiu o casaco. — Vou à sede dos Veteranos das Guerras Anti Naturais — informou à esposa — tomar uma cerveja com os rapazes.

Logo depois ele estava indo rever seus companheiros dos tempos de guerra, feliz da vida por sair de seu apartamento.

A sede do VGAN era um decrepito edifício de cimento no centro de Los Angeles remanescente do século XX e tristemente necessitado de uma mão de tinta. A VGAN tinha poucos fundos porque a maioria de seus membros estava, como George Munster, vivendo de pensões das Nações Unidas. Contudo, eles tinham uma mesa de sinuca, um velho televisor 3-D, algumas dúzias de fitas de música popular e também um tabuleiro de xadrez. George costumava tomar sua cerveja e jogar xadrez com seus colegas, ou na forma humana ou de bolho; este era o único lugar em que ambas eram aceitas.

Nesta noite específica ele se sentou com Pete Ruggles, um colega que também se casara com uma fêmea-bolho que revertia, assim como Vivian, à forma humana.

— Pete, eu não agüento mais. Tenho uma bolha de gelatina como filha. Durante minha vida inteira eu quis uma criança, e agora o que tenho? Uma coisa que parece algo que achei encalhada na praia.

Bebericando sua cerveja — ele também estava sob forma humana no momento — Pete respondeu:

— É, George, admito que é uma droga. Mas você sabia no que estava se metendo quando casou com ela. E, Deus do céu, segundo a Lei de Mendel, o seu próximo filho...

— O que estou dizendo — cortou-o George — é que eu não respeito a minha própria esposa. Essa é a base da coisa. Eu penso nela como uma *coisa*. E também penso em mim assim. Nós dois somos coisas.

Ele bebeu sua própria cerveja num só gole.

— Mas do ponto de vista dos bolhos... — disse Pete, meditativo.

— Ei, de que lado você está?

— Ei, não grita comigo — disse Pete —, senão eu te estouro. Um momento depois os dois estavam brigando. Felizmente Pete reverteu para a forma bolho bem a tempo de impedir que os dois se machucassem. Agora George estava sentado sozinho, em forma humana, enquanto Pete escorria para algum outro



lugar, provavelmente para juntar-se a um grupo de rapazes que também tinham assumido a forma bolho.

Talvez possamos fundar uma nova sociedade em algum satélite remoto, disse George a si mesmo. Uma sociedade nem humana nem bolho.

Preciso voltar para Vivian, resolveu George. Qual outra opção me resta? Tenho sorte de tê-la encontrado. Não sou nada além de um veterano de guerra que enche a cara de cerveja na sede da VGAN todo dia e toda noite, sem futuro, sem esperança, sem vida real...

Ele tinha um novo esquema de ganhar dinheiro. Era um negócio de venda postal. Ele tinha colocado um anúncio no *Saturday Evening Post* anunciando MAGNETITAS MÁGICAS QUE ATRAEM SORTE. ORIUNDAS DE OUTRO PLANETA! As pedras tinham vindo de Próxima e eram obtidas em Titã; fora Vivian quem fizera o contato comercial para ele com o povo dela. Mas até agora, poucas pessoas tinham enviado o dólar e cinquenta *cents* pelas pedras.

*Sou um fracassado*, disse George a si mesmo.

Felizmente a criança seguinte, nascida no inverno de 2039, revelou-se uma híbrida; assumia a forma humana cinquenta por cento do tempo, e assim, finalmente George tinha uma criança que era — ao menos ocasionalmente — pertencente à sua própria espécie.

Ele ainda estava no processo de celebrar o nascimento de Maurice quando uma delegação de seus vizinhos do condomínio QEK-604 bateu em sua porta.

— Trouxemos uma petição para que o senhor e a Sra. Munster saiam do QEK-604 — disse o dirigente da delegação.

— Mas por quê? — perguntou George, atônito.— Vocês não fizeram qualquer objeção contra nós até agora.

— A razão é que vocês agora têm uma criança híbrida que irá brincar com as nossas, e consideramos isso insalubre para nossos filhos.

George bateu a porta na cara deles.

Mas ainda assim ele sentia a pressão, a hostilidade das pessoas que os cercavam.

E pensar que lutei na guerra para salvar essa gente. Com toda certeza, não valeu a pena.

Uma hora depois ele estava mais uma vez na seda da VGAN, tomando uma cerveja e conversando com seu camarada Sherman Downs, que também era casado com uma bolho.

— Sherman, a coisa está feia. Eles não nos querem aqui. Precisamos emigrar. Talvez tentemos Titã, o mundo de Vivian.

— Deus do céu, George! — protestou Sherman. — Eu odeio te ver caído desse jeito. A sua empresa de venda de cintos redutores não está começando a dar lucro?

Durante os últimos meses, George vinha fabricando e vendendo um instrumento eletrônico complexo que Vivian ajudara-o a projetar; era baseado no princípio de um dispositivo bolho popular em Titã, mas desconhecido na Terra. E o produto começara a vender bem; George tinha mais encomendas do que podia atender. Mas...

— Eu tive uma experiência horrível, Sherm — confidenciou George. — Outro dia eu estava num supermercado, negociando uma grande encomenda de meu cinto redutor. E quando fechamos negócio, eu fiquei tão empolgado que... que... Bem, você imagina o que aconteceu. Eu reverti. Bem ali, na frente de uma centena de clientes. E quando viu aquilo, o comprador cancelou o pedido. Você devia ver o medo que eles sentiram de mim quando eu mudei.

— Contrate alguém para vender para você — aconselhou Sherm. — Um humano puro-sangue.

— Eu *sou* um humano de puro-sangue, e não esqueça! — gritou George, furioso.

— Eu só quis dizer.

— Eu sei o que você quis dizer! — bradou George, e desferiu um soco contra Sherman.

Felizmente, ele errou, e no meio da empolgação, ambos reverteram para formas de bolho. Eles escorreram furiosamente um contra o outro durante algum tempo, mas finalmente alguns colegas veteranos conseguiram separá-los.

— Sou tão humano quanto qualquer outro terrestre! — pensou/irradiou George ao modo bolho para Sherman. — E eu achato qualquer um que disser o contrário!

Sob forma de bolho George era incapaz de ir para casa. Ele precisou telefonar para pedir a Vivian que fosse pegá-lo. Isso foi humilhante.

Suicídio, decidiu. Essa é a resposta.

Qual seria a melhor maneira de fazer isso? Sob a forma de bolho ele era incapaz de sentir dor, portanto seria melhor matar-se assim. Várias substâncias seriam capazes de dissolvê-lo... ele podia mergulhar numa piscina cheia de cloro, como a que o condomínio QEK-604 mantinha na sala de recreação.

Certa madrugada, Vivian, em sua forma humana, flagrou-o parado hesitante na borda da piscina.

— George, pelo amor de Deus... volte ao Dr. Jones.

— Bobagem — respondeu formando com uma porção de seu corpo um aparato quase vocal. — Não adianta, Viv. Eu não quero ir.

Até os cintos tinham sido idéia de Viv, e não sua. Ele era inferior até nisso. Sentia-se mais inferior à esposa a cada dia que passava.

— Você tem muito a oferecer às crianças — disse Vivian. Isso era verdade.

— Talvez eu faça uma visita ao Gabinete de Guerra das Nações Unidas — decidiu. — Vou falar com eles, e ver se há alguma novidade na ciência médica que possa ser usada para me estabilizar.

— Mas se você estabilizar como um humano, o que será de mim?

— Nós passaríamos *18 horas inteiras* juntos por dia. Todas as horas em que você está sob forma humana!

— Mas você não iria querer continuar casado comigo. Porque você então poderia conhecer uma mulher humana.

Ele reconheceu que isso não era justo com ela. Abandonou a idéia.

Na primavera de 2041, sua terceira criança nasceu, também uma menina, e como Maurice, híbrida. Era bolho à noite e humana de dia.

Enquanto isso, George encontrou uma solução para alguns de seus problemas.

Arrumou uma amante.

Ele e Nina encontravam-se no Hotel Elísio, um carcomido prédio de madeira no coração de Los Angeles.

— Nina, você me deu um novo motivo para viver — disse George, bebericando uísque Teacher's sentado ao lado dela no sofá velho do quarto de hotel.

Ele começou a abrir os botões da blusa da amante.

— Eu respeito você — disse Nina Glaubman, ajudando-o com os botões. — Apesar de... bem... de você ter sido inimigo de meu povo.

— Deus do Céu! — protestou George. — Não devemos pensar nos velhos tempos. Precisamos esquecer de nosso passado.

Nada senão o futuro, refletiu.

A empresa de cintos redutores tinha crescido tanto que agora George empregava 15 funcionários humanos em tempo integral e possuía uma fábrica pequena e moderna nos arrabaldes de San Fernando. Se os impostos das Nações Unidas fossem razoáveis, ele agora seria um homem rico. Pensando nisso, George se perguntou como seria a taxa de impostos nas terras dos bolhos, Io, por exemplo. Talvez ele devesse investigar isso.

Certa noite, na sede da VGAN, ele discutiu o assunto com Reinholt, marido de Nina, que obviamente ignorava o *modus vivendi* entre George e Nina.

— Reinholt, eu tenho grandes planos — disse George com dificuldade enquanto bebia sua cerveja. Este socialismo totalitário imposto pelas Nações Unidas... não é para mim. O sistema está me sufocando. O Cinco Magnético Mágico Munster é — ele fez um gesto largo — grande demais para a civilização humana. Está me entendendo?

— Mas, George... você é um terrestre — argumentou Reinholt. Se emigrar para um território rígido por bolhos com a sua fábrica você vai trair o seu...

— Pense bem, eu tenho uma criança bolho autêntica, duas crianças meio-bolhos, e uma quarta a caminho. Eu possuo traços *emocionais* fortes com essas pessoas lá em cima, em Titã e Io.

— Você é um traidor! — acusou-o Reinholt, e lhe deu um soco na boca. — E não apenas isso — continuou, socando George no estômago. — Você anda saindo com a minha mulher. Eu vou matar você.

Para escapar, George reverteu à sua forma de bolho. Os golpes de Reinholt trespassaram inofensivamente a sua substância úmida e gelatinosa. Em seguida, Reinholt também reverteu, e fluiu para ele com sanha assassina, tentando consumir e absorver o nucléolo de George.

Felizmente, os outros veteranos separaram seus corpos antes que qualquer dano permanente fosse causado.

Mais tarde naquela noite, ainda tremendo, George sentou-se com Vivian na sala de estar de sua suíte de oito quartos no grande novo condomínio de apartamentos ZGF-900. Seu caso fora descoberto, e certamente Reinholt iria contar a Viv; era apenas uma questão de tempo. O casamento, até onde George podia ver, estava terminado. Este provavelmente era seu último momento juntos.

— Viv, você precisa acreditar em mim — disse George, a voz carregada com emoção. — Eu te amo. Você e as crianças — e mais o negócio dos cintos, naturalmente — são toda a minha vida.— Uma idéia desesperada lhe ocorreu.— Vamos emigrar agora, esta noite. Faça as malas das crianças e vamos para Titã,

agora mesmo.

— Não posso ir — disse Vivian. — Eu sei como meu povo iria me tratar, e a você e as crianças, também. George, *vá você*. Mude a fábrica para Io. — Lágrimas afloraram de seus olhos negros. — Eu vou ficar aqui.

— Merda, que tipo de vida seria essa? — disse George. — Com você na Terra e eu em Io... não há casamento. E quem ficará com as crianças?

Provavelmente Viv ficaria com elas, mas a firma de George contava em seu corpo de empregados com advogados de altíssimo gabarito — talvez ele pudesse usá-los para resolver seus problemas domésticos.

Na manhã seguinte, Vivian descobriu sobre Nina. E contratou ela própria um advogado.

— Ouça — disse George, ao telefone falando com seu consultor legal, Henry Ramarau — consiga-me a custódia da quarta criança; ela será humana. E nós faremos acordo com as duas híbridas; ficarei com Maurice e ela poderá ficar com Kathy. E, naturalmente, ela ficará com aquela bolha, que para todos os efeitos foi a primeira criança. Até onde me diz respeito, é só dela mesmo.

Bateu o telefone e se virou para a junta de diretores de sua companhia.

— E então, onde estávamos? — indagou. — Ah, sim, analisando os impostos de Io.

Durante as semanas seguintes a idéia de uma mudança para Io pareceu cada vez mais viável de um ponto de vista de lucro e investimento.

— Vá a Io comprar terras — instruiu George a seu agente de campo, Tom Hendricks. — E consiga barato; queremos começar com o pé direito.

— Agora mantenha todo mundo fora do meu escritório até segunda ordem — disse à sua secretária, Srta. Nolan. — Estou sentindo que vou ter um ataque. Devido à ansiedade por causa desta mudança da Terra para Io... e a problemas pessoais.

— Sim, Sr. Munster — disse a Srta. Nolan, conduzindo Tom Hendricks para fora do gabinete particular de George. — Ninguém vai perturbá-lo.

Ela já estava acostumada a manter todos fora do gabinete enquanto George revertia à sua forma de bolho dos tempos da guerra. Isso vinha acontecendo muito nos últimos dias, devido à pressão intensa que ele estava sofrendo.

Quando, mais tarde naquele dia, reassumiu a forma humana, George soube pela Srta. Nolan que um Dr. Jones havia ligado.

— Macacos me mordam! — exclamou George, pensando em seis anos atrás. — Pensei que a esta altura ele estava no ferro-velho.

À Srta. Nolan ele disse:

— Ligue para o doutor Jones e me passe a ligação quando conseguir. Vou tirar um minuto para conversar com ele.

Seria como nos velhos tempos, em San Francisco. Dali a pouco a Srta. Nolan tinha o Dr. Jones na linha.

— Doutor — disse George, recostando-se na cadeira e girando de um lado para o outro enquanto encontrava a melhor posição para uma orquídea em sua mesa. — Que bom falar com o senhor.

A voz do analista automático chegou ao ouvido de George.

— Sr. Munster, notei que agora tem uma secretária.

— Sim, eu sou um magnata. Estou no jogo dos cintos redutores. É parecido com a coleira antipulgas que os gatos usam. Bem, o que posso fazer pelo senhor?

— Soube que você tem quatro filhos agora...

— Na verdade três, mais um quarto a caminho. Ouça, doutor, esse quarto é vital para mim. Segundo as Leis de Mendel, ele será um humano puro-sangue. Juro por Deus que farei tudo que puder para conseguir a custódia sobre ele. — George acrescentou: — Vivian, o senhor se lembra dela, agora está de novo em Titã. Com a própria gente dela, onde ela pertence. E estou pagando os melhores médicos do mundo para me estabilizarem. Estou cansado de reverter constantemente, dia e noite. Já aturei muito essa vida.

— Pelo seu tom, posso ver que é um homem importante e atarefado, Sr. Munster. Certamente subiu na vida, desde a última vez em que o vi.

— Chega de rodeios — disse George, impacientemente. — Por que telefonou?

— Eu... bem... achei que talvez pudesse juntar novamente você e Vivian.

— Bah! — resmungou George. — Aquela mulher? Jamais. Ouça, doutor, preciso desligar. Estamos no processo de finalizar algumas táticas comerciais estratégicas aqui na Munster, Inc.

— Sr. Munster, há outra mulher em sua vida?

— Não outra mulher, outro bolho — disse George, desligando o telefone.

Duas bolhos são melhores que nenhuma, disse a si mesmo. E agora, de volta aos negócios...

Pressionou um botão em sua mesa e a Srta. Nolan imediatamente apareceu no escritório.

— Srta. Nolan, ligue para Hank Ramarau. Quero saber...

— O Sr. Ramarau está aguardando na outra linha — disse a Srta. Nolan. — Disse que é urgente.

— Oi, Hank Como vão as coisas? — Disse George, passando para a outra linha.

— Acabo de descobrir que para operar sua fábrica em Io você precisa ser cidadão de Titã — respondeu o consultor legal de George.

— Somos capazes de providenciar isso — disse George.

— Mas para ser um cidadão de Titã... — Ramarau hesitou. — Acho que é bom lhe dizer isso da forma mais direta, George. Você precisa ser um bolho.

— Mas que merda, eu já sou um bolho! — argumentou George, — Ao menos em parte do tempo. Isso não basta?

— Não. Eu já chequei, e é preciso que você seja um bolho cem por cento do tempo. Noite e dia.

— Hum! — exprimiu George. — Isso é ruim. Mas vamos superar esse contratempo, de alguma maneira. Ouça, Hank, tenho uma consulta marcada com Eddy Fullbright, meu coordenador médico. Falo com você depois disso, certo?

Desligou o telefone e ficou sentado à sua mesa, esfregando o queixo.

Bem, se precisa ser, que seja, decidi. Fatos são fatos, e não podemos deixar que eles fiquem em nosso caminho.

Pegou o telefone e discou o número de Eddy Fullbright, seu médico.

A moeda de platina de vinte dólares entrou na ranhura e acionou o circuito. O Dr. Jones foi ligado, levantou a cabeça e viu uma mulher estonteante, de seios pontudos, a quem reconheceu — graças à rapidez de acesso de seus bancos de dados — como a Sra. George Munster, anteriormente conhecida como Vivian Arrasmith.

— Bom dia, Vivian — disse o Dr. Jones cordialmente. — Mas eu achava que você estava em Titã.

O analista automático se levantou e ofereceu uma cadeira à cliente. Ela enxugou seus olhos grandes e negros.

— Doutor, a minha vida inteira está ruindo. Meu marido está tendo um caso com outra mulher. Tudo que sei é que o nome dela é Nina e que todos os rapazes lá da sede da VGAN estão falando disso. Só posso deduzir que ela seja humana. Nós dois demos entrada no processo de divórcio. E estamos travando uma batalha violenta pela custódia das crianças — ela arrumou o casaco, para timidamente cobrir os seios. — Estou grávida. Uma quarta criança.

— Sei disso — disse o Dr. Jones. — Desta vez será um humano de puro sangue, se a Lei de Mendel for confiável... embora geralmente seja aplicada apenas a filhotes.

— Estive em Titã conversando com especialistas jurídicos e médicos, ginecologistas e especialmente conselheiros de problemas matrimoniais. Durante o mês passado ouvi todo tipo de conselho. Agora estou de volta em Terra, mas não consigo encontrar George... *ele partiu* — disse a Sra. Munster, arrasada.

— Gostaria de poder ajudá-la, Vivian — disse o Dr. Jones. — Conversei rapidamente com seu marido outro dia, mas ele falou apenas trivialidades. Evidentemente ele é um empresário tão importante agora que é difícil falar com ele.

— E pensar que ele conseguiu tudo por causa de uma idéia que *eu* dei a ele. Uma idéia de bolho.

— As ironias do destino. Agora, se quiser manter seu marido, Vivian...

— Estou determinada a qualquer coisa para continuar casada com ele, doutor. Em Titã eu me submeti a uma terapia intensa, a mais avançada e mais cara. Fiz isso porque amo demais George, mais do que qualquer pessoa de meu próprio planeta.

— E...? — perguntou o analista automático.

— Através dos avanços mais modernos em ciência médica no Sistema Sol, eu fui estabilizada, Dr. Jones. Agora sou uma humana 24 horas por dia, ao invés de 18. Renunciei à minha forma natural para manter meu casamento com George.

— O sacrifício supremo — disse o analista, comovido.

— Agora, doutor, se ao menos eu puder descobrir onde ele *está*...

Na cerimônia de inauguração em Io, George Munster fluiu lentamente até a pá, estendeu um pseudópodo até ela, segurou-a, e com a ferramenta cavou uma quantidade simbólica de solo.

— Este é um grande dia — ressoou gravemente, através do aparato vocal



que ele formara com a substância maleável e pegajosa que compunha seu corpo unicelular.

— É verdade, George — concordou Hank Ramarau, em pé ao lado dele, segurando os documentos legais.

O oficial ioano — como George uma bolha grande, gelatinosa e transparente — escorreu até Ramarau e pegou os documentos.

— Passarei estes documentos ao meu governo. Estou certo de que eles estão em ordem, Sr. Ramarau — ressoou.

— Eu garanto — disse Ramarau ao oficial. — O Sr. Munster jamais reverte à forma humana. Ele fez uso das técnicas mais avançadas da medicina para obter estabilidade na fase unicelular de sua rotação anterior. A Munster Inc. jamais iria trapacear.

— Este momento histórico significa uma grande melhoria de vida a todos os ioanos que serão empregados por nossa fábrica — pensou/irradiou a bolha enorme que era George Munster aos bolhos locais que assistiam à cerimônia. — Nossa empresa trará prosperidade a esta área, mais um senso de orgulho nacional na fabricação daquilo que reconhecemos como uma invenção nativa, o Cinto Magnético Mágico Munster!

A multidão de bolhos pensou/irradiou aplausos.

— Este é um dia importante em minha vida — informou-lhes George Munster, e começou a escorrer em fases de volta até seu carro, onde o chofer aguardava-o para conduzi-lo a seu quarto de hotel permanente em Cidade do Io.

Algum dia ele seria o dono do hotel. Ele estava aplicando os lucros de seu negócio em terras. Essa era a coisa mais patriótica — e mais lucrativa — que poderia ser feita, conforme haviam lhe informado outros ioanos, outros bolhos.

— Finalmente sou um homem de sucesso — pensou/irradiou George Munster àqueles que estavam próximos o bastante para captar suas emanações.

E entre aplausos frenéticos, George Munster deslizou rampa acima até seu carro fabricado em Titã.

\* \* \*

Ele acordou... e desejou Marte. *Aqueles vales*, pensou. *Qual será a sensação de explorá-los?* Maior, cada vez maior, o sonho cresceu à medida que ele ficou plenamente consciente, o sonho e também o desejo. Ele quase sentia a presença envolvente do outro mundo, até hoje visto apenas por políticos e agentes secretos. Um escriturário como ele? Nem pensar.

— Vai levantar ou não? — perguntou Kirsten, sua esposa, num tom solento e com o mau humor de costume. — Se vai, aperta o botão de café quente na merda do fogão.

— Tá—disse Douglas Quaid, e caminhou descalço do quarto de seu miniapt até a cozinha.

Depois de ter apertado obedientemente o botão de café quente, sentou-se à mesa da cozinha e abriu uma latinha amarela de rape Dean Swift. Inalou com força, e a mistura subiu por suas mucosas nasais até queimar-lhe o céu da boca. Inalou mais uma vez; aquilo o despertava e fazia com que seus sonhos, desejos noturnos e fantasias aleatórias se condensassem numa aparência de racionalidade.

Antes de morrer, verei Marte, disse a si mesmo.

Obviamente isso era impossível, e ele sabia disso mesmo durante seus sonhos. Mas, a luz do dia e os resmungos de sua esposa — que agora escovava os cabelos diante do espelho do quarto — conspiravam para lembrá-lo do que ele era.

Um assalariado de merda, disse a si mesmo com amargura.

Kirsten lembrava-o desse fato ao menos uma vez por dia, e ele não a culpava; era função da esposa manter o marido com os dois pés no chão.

No chão da Terra, pensou, e riu. Um trocadilho absolutamente apropriado.

— Está rindo de quê? — perguntou a esposa ao deslizar para dentro da cozinha, a barra de seu robe cor-de-rosa arrastando no chão atrás dela. — Um sonho, aposto. Você vive sonhando.

— É — disse ele, e olhou pela janela para os carros flutuantes e os túneis de tráfego, e para todas as pessoas pequenas e apressadas correndo para o trabalho. Dali a pouco ele estaria entre elas. Como sempre.

— Aposto que havia alguma mulher nesse sonho — disse Kirsten, só para implicar com o marido.

— Não havia nenhuma mulher — retrucou. — Mas havia um deus. O deus da guerra. Nas suas crateras maravilhosas crescem todos os tipos de vida vegetal.

Kirsten agachou-se ao lado dele.

— Escute, o fundo do oceano, do nosso oceano, é infinitamente mais bonito — falou francamente, o tom de escárnio abandonando momentaneamente sua voz — Você sabe disso. Todo mundo sabe disso. Alugue uma roupa com guelras artificiais para nós dois, tire uma semana de folga do trabalho, e então poderemos passar alguns dias no fundo do mar, num daqueles resorts que funcionam o ano inteiro. E além disso... — ela se calou. — Você não está prestando atenção. Devia estar. Eu proponho uma coisa muito melhor do que aquela compulsão, aquela obsessão que você tem por Marte, e você nem me escuta! — Agora ela tinha perdido a paciência. — Deus do céu, Doug, você está condenado! O que vai ser de você?

— Eu vou trabalhar — disse Doug, levantando-se, o café da manhã completamente esquecido. — É isso que vai ser de mim.

Kirsten fitou os olhos do marido.

— Você está piorando. Está mais fanático a cada dia. Aonde isso vai levar você?

— A Marte — disse ele, e abriu a porta do armário para pegar uma roupa limpa para trabalhar.

Depois de descer do táxi, Douglas Quaid caminhou lentamente por três túneis para pedestres muito movimentados e chegou à entrada moderna e convidativa. Parou ali, obstruindo o fluxo de pessoas, e leu com cuidado o letreiro em néon policromático oscilante. Quaid já tinha visto este letreiro ao passar por aqui... mas nunca se aproximara tanto dele. Agora estava bem perto das letras brilhantes, e isto era algo que, cedo ou tarde, precisaria acontecer.

## REKORDAÇÕES S.A.

Seria realmente esta a resposta? Afinal, uma ilusão, por mais convincente que fosse, continuava sendo uma ilusão. Ao menos em termos objetivos. Mas subjetivamente... era exatamente o contrário.

E, de qualquer forma, ele tinha hora marcada. Dentro de cinco minutos.

Inspirou profundamente o ar ligeiramente poluído de Chicago, atravessou a névoa luminosa e policromática da entrada, e se dirigiu ao balcão da recepcionista.

— Bom dia, Sr. Quaid — disse com simpatia a loura bonita atrás do balcão,

chique e com os seios completamente expostos.

— Bom dia — respondeu ele. — Estou aqui por causa de um serviço oferecido pela Recordação. Acho que você sabe.

— Não é "Recordação", é Rekordações — corrigiu a recepcionista.

Ela se virou para o viva-voz do videofone que ficava ao lado de seu cotovelo imaculado e disse:

— O Sr. Douglas Quaid está aqui, Sr. McClane. Ele pode entrar agora? Ou é muito cedo?

— Giz wetwa wum-wum vamp — zumbiu o aparelho.

— Sim, Sr. Quaid — disse a recepcionista. — Pode entrar. O Sr. McClane o aguarda.

— Sala D, Sr. Quaid. À sua direita, gritou a recepcionista às suas costas, quando, inseguro, ele começou a andar.

Depois de um momento de desorientação frustrante, mas breve, Quaid encontrou a sala certa. A porta estava aberta, e atrás de uma escrivaninha de mogno legítimo havia um homem de meia-idade, mas de aparência jovial, vestindo um terno cinza de corte elegante, em pele de rã marciana; apenas seus trajés já deixaram claro a Quaid que ele procurara a pessoa certa.

— Sente-se, Douglas — disse McClane, acenando com sua mão rechonchuda para uma cadeira diante da escrivaninha. — Então você quer viajar a Marte. Muito bom.

Quaid sentou. Sentia-se tenso.

— Não tenho certeza se vale a pena — disse ele. — Custa muito caro, e até onde entendi, eu realmente não recebo nada de verdade em troca do meu dinheiro.

Custa quase tão caro quanto ir até lá, pensou.

— Você terá provas tangíveis da viagem — discordou McClane. — Todas as provas de que irá precisar. Deixe-me mostrar.

Abriu uma gaveta de sua mesa e vasculhou seu interior.

— Canhoto da passagem — disse, tirando de uma pasta de cartolina um pequeno quadrado de papel gravado em relevo. — Prova de que você foi... e voltou. Cartões-postais. — Dispôs sobre a mesa quatro cartões-postais franqueados, com fotografias tridimensionais coloridas. — Filmes. Cenas que você registrou em paisagens locais de Marte com uma câmera alugada. — Mostrou-os a Quaid. — Mais os nomes de pessoas que você conheceu, duzentos

pós-créditos em lembranças, que chegarão de Marte dentro do prazo de um mês. E passaporte, certidões das vacinas que você tomou. E mais. Ele ergueu os olhos penetrantes para Quaid — Você pensará que foi. Você não se lembrará de nós, não se lembrará de mim ou de ter estado aqui. Em sua mente, será uma viagem real, isto nós garantimos. Duas semanas completas de memória, até o último e insignificante detalhe. Lembre-se disto: se a qualquer momento você duvidar que fez realmente uma viagem longa a Marte, poderá voltar aqui e ser reembolsado completamente.

— Mas eu não fui a Marte — replicou Quaid. — Não terei ido, a despeito das provas que você forneça. — Ele respirou fundo, como se quisesse inalar coragem. — E eu nunca fui um agente secreto da Interplan.

Parecia impossível para ele que o implante de memória extrafactual da Rekordações S.A. cumprisse sua função, apesar de tudo que ouvira as pessoas dizerem.

— Sr. Quaid, como explicou em sua carta para nós, o senhor não tem nenhuma chance, nem mesmo a mais remota possibilidade, de um dia realmente viajar a Marte — disse McClane em tom paciente. — O senhor não tem condições financeiras para isso, e, o que é muito mais importante, jamais poderá se qualificar como um agente disfarçado para a Interplan ou para qualquer outra agência. Esta é a única forma que o senhor tem de alcançar o seu sonho... o sonho de toda uma vida, não estou certo? O senhor não pode ser esta pessoa, não pode realmente executar esta ação. — Ele soltou uma risadinha. — Mas o senhor pode *ter sido* esta pessoa, e pode *ter executado* esta ação. Nós providenciaremos isso. — E sorrindo encorajadoramente, acrescentou: — E nosso preço é razoável, e sem taxas adicionais.

— Uma memória extrafactual é tão convincente assim? — perguntou Quaid.

— É mais convincente do que a realidade. Se tivesse realmente ido a Marte como agente secreto da Interplan, já teria esquecido muita coisa. Nossas análises de memo-veras, recordações autênticas de eventos importantes na vida de uma pessoa, mostraram que uma variedade de detalhes é esquecida rapidamente pela pessoa. Para sempre. Parte do pacote que oferecemos é um implante de memória tão profundo que nada é esquecido. As recordações que serão implantadas em sua mente enquanto o senhor estiver em estado comatoso foram criadas por especialistas treinados, homens que passaram anos em Marte. Mesmo assim, revisamos cada detalhe até a última vírgula. E o senhor escolheu um sistema extrafactual muito simples. Se tivesse escolhido Plutão, por exemplo, ou se quisesse ser Imperador da Aliança dos Planetas do Sistema Solar, nossa dificuldade seria bem maior... e nossos preços consideravelmente mais altos.

Enfiando a mão no bolso para pegar a sua carteira, Quaid disse:

— Muito bem. Esta viagem é a grande ambição da minha vida e sei que jamais poderei realizá-la de verdade. Portanto, acho que terei de me contentar com isto.

— Não pense desta forma — disse McClane com severidade. — Você não está aceitando um material de segunda. A memória verdadeira, que é vaga e repleta de omissões e elipses, para não dizer distorções, é que é material de segunda.

McClane recebeu o pagamento e apertou um botão na sua mesa. E enquanto a porta de seu escritório abria e dois homenzarrões entravam, ele disse:

— Muito bem, o senhor agora vai viajar para Marte como agente secreto. — Ele se levantou para apertar a mão trêmula e úmida de Quaid. — Ou melhor, o senhor já viajou para Marte como agente secreto. Esta tarde, lá pelas quatro e meia, o senhor chegará à Terra, após uma viagem de regresso muito agradável.

Terá à sua disposição um táxi que irá deixá-lo no seu apartamento, e como já lhe disse, jamais se lembrará de ter vindo aqui falar comigo. Melhor ainda, nem sequer se lembrará de ter ouvido falar de nossa existência.

Com a boca ressequida devido ao nervosismo, Quaid saiu do escritório, atrás dos dois técnicos; o que estava para acontecer dependeria deles.

Será que vou acreditar mesmo que estive em Marte? perguntou-se Quaid. Que finalmente consegui realizar a maior ambição da minha vida?

Tinha o pressentimento de que alguma coisa ia dar errado. Mas não sabia exatamente o quê.

Teria de esperar para descobrir.

O intercomunicador da secretária de McClane, que o conectava com a área de trabalho da empresa, soou.

— O Sr. Quaid está sendo sedado, senhor — disse uma voz masculina. — Quer supervisionar este caso ou podemos continuar?

— É apenas um caso de rotina, Lowe — respondeu McClane. — Você pode prosseguir sozinho. Não acredito que vá acontecer qualquer problema.

Programar a memória artificial de uma viagem a outro planeta, com ou sem o estímulo adicional de o cliente ser um agente secreto, era um tipo de serviço rotineiro na empresa, para não dizer monótono.

Em um mês devemos fazer uns 20 serviços como este, calculou McClane.

As viagens interplanetárias de faz-de-conta garantem o nosso pão de cada dia.

— Como quiser, Sr. McClane — disse a voz, e em seguida o intercomunicador foi desligado.

McClane se levantou e caminhou até o cofre no fundo de seu escritório. Nele, procurou um pacote de número Três — viagem a Marte — e um pacote Sessenta e Dois — espião da Interplan. Encontrando os dois pacotes, retornou com eles à sua mesa, sentou-se confortavelmente e espalhou sobre ela o conteúdo — o material que seria plantado no miniapt de Quaid enquanto os técnicos do laboratório estivessem ocupados instalando a memória falsa.

Uma pistola silenciosa comprada em Marte por um pós-créd, refletiu McClane. Este é o maior objeto. Foi o que nos custou mais caro importar.

Em seguida, um transmissor do tamanho de uma pílula, que podia ser engolido caso o agente fosse pego. Um livro de código que se assemelhava surpreendentemente aos reais... Os modelos da firma eram altamente precisos: baseados, sempre que possível, em tecnologia de ponta das Forças Armadas dos Estados Unidos. Artigos diversos que isoladamente não faziam sentido, mas que juntos ajudariam a compor a trama da viagem imaginária de Quaid e iriam coincidir com dados de sua memória: metade de uma antiga moeda de prata de 50 cents, várias citações dos sermões de John Donne anotadas com incorreções, cada uma num pedaço de papel de seda fino e transparente, diversas caixas de fósforos de bares de Marte, uma colher de aço inoxidável com a gravação PROPRIEDADE DO KIBBUZIM NACIONAL DOMO MARTE, uma escuta eletrônica que...

O intercomunicador zumbiu.

— Sinto muito incomodar o senhor, mas aconteceu uma coisa horrível. Talvez seja melhor o senhor vir até aqui. Quaid já está sedado. Ele reagiu bem à narquidrina, está completamente inconsciente, descontraído e receptivo, mas...

— Já estou indo.

Pressentindo problemas, McClane saiu de seu escritório; um instante depois estava na área de trabalho.

Douglas Quaid estava deitado numa cama higienizada, respirando lenta e regularmente, os olhos quase fechados. Ele parecia um pouco — apenas um pouco — consciente dos dois técnicos, e agora do próprio McClane.

— Não há espaço para inserir padrões de memória falsos? — perguntou McClane, irritado. — Ora, basta eliminar uma ou duas semanas de trabalho. Ele tem um emprego como escriturado no Birô de Emigração da Costa Oeste, uma agência governamental. Portanto, ele teve uma ou duas semanas de férias no ano

passado. Isso deve resolver o problema.

McClane ficava irritado com detalhes banais; sempre fora assim.

— Nosso problema é algo muito diferente — disse Lowe, também com um tom de impaciência na voz.

Curvando-se sobre a cama, Lowe disse a Quaid:

— Conte ao Sr. McClane o que nos falou — disse a McClane: — Preste atenção.

Os olhos cinza-esverdeados do homem deitado inerte na cama focaram o rosto de McClane. Os olhos, McClane observou com certo incômodo, tinham se tornado cruéis; possuíam agora um brilho polido, inorgânico, como pedras semipreciosas. McClane não tinha certeza se estava gostando do que via; aquele brilho era frio demais.

— O que querem agora? — perguntou Quaid, ríspido. — Vocês revelaram o meu disfarce. Vão embora senão eu acabo com vocês. — Ele fitou McClane antes de continuar. — Especialmente você. Você é o encarregado desta contra-  
operação!

— Quanto tempo você esteve em Marte? — perguntou McClane.

— Um mês — respondeu Quaid a contragosto.

— Qual era a sua missão? — inquiriu Lowe.

Os lábios finos se contorceram. Quaid fitou McClane, mas não abriu a boca. Finalmente, arrastando as palavras de tal maneira que elas pareciam embebidas com hostilidade.

— Agente da Interplan. Já disse a vocês. Vocês não registram tudo que é dito? Assista a sua fita de vid-aud e me deixe em paz.

Quaid cerrou os olhos, deixando de emitir o brilho cruel. McClane sentiu, instantaneamente, uma onda de alívio. Lowe disse, serenamente:

— Este homem é duro na queda, Sr. McClane.

— Não vai ser depois que o fizermos perder sua cadeia de memória outra vez. Ela ficará tão dócil quanto antes.

E virando-se para Quaid, McClane disse:

— Então, é por causa *disso* que você queria tanto ir a Marte. Sem abrir os olhos, Quaid respondeu:

— Eu nunca quis ir para Marte. Fui designado para essa missão. Eles me enviaram e fiquei encahalado lá. Claro, admito que estava curioso, quem não



estaria? — Novamente abriu os olhos e examinou os três homens, McClane em particular. — Vocês usam um soro da verdade muito eficiente. Trouxeram à tona coisas das quais eu não tinha a menor recordação.

E Kirsten? perguntou-se Quaid. Será que ela está envolvida nisto? Será um contato da Interplan de olho em mim... para ter certeza de que não recuperei minha memória? Não admira que ela tenha caçoado tanto de minha vontade de ir para lá.

Quaid esboçou um sorriso leve, de compreensão, que esvaeceu quase imediatamente.

— Por favor, acredite em mim, Sr. Quaid — rogou McClane.

— Troçamos nisto inteiramente por acidente. No tipo de trabalho que fazemos.

— Eu acredito em você — disse Quaid. Ele agora parecia cansado; a droga continuava a puxá-lo, cada vez mais fundo. Murmurou: — Onde eu disse que estive? Marte? Difícil lembrar. Sei que gostaria de viajar para lá, assim como todo mundo, mas eu...

— A voz enfraqueceu. — Sou apenas um assalariado. Um assalariado de merda.

Lowe eupertigou-se.

— Quaid quer um implante de memória falsa que corresponda a uma viagem que ele realmente fez — disse para seu chefe. — E uma razão falsa que na verdade é a razão real. O que ele diz é verdade: está sob os efeitos da narquidrina. A viagem está muito vivida em sua mente... pelo menos sob sedação. Aparentemente ele não se lembra dessas coisas em seu estado normal. Alguém, provavelmente algum cientista militar, apagou suas memórias conscientes. Tudo que ele sabia era que ir a Marte significava alguma coisa especial para ele, assim como ser um agente secreto. Eles não conseguiram apagar isso, porque não é uma memória, e sim um desejo, sem dúvida o mesmo que o motivou a se apresentar como voluntário para essa missão.

Keeler, o outro técnico, perguntou a McClane:

— O que vamos fazer? Enxertar um padrão falso de memória por cima da memória real? É impossível prever os resultados disso. Ele pode se lembrar de parte da viagem genuína, e a confusão pode induzi-lo a um surto psicótico. Ele teria que manter em sua mente duas premissas contraditórias: que foi a Marte e que não foi. O fato de que é um agente secreto genuíno e o fato de que é um agente secreto falso. Acho melhor acordá-lo sem implantar qualquer memória falsa e chutá-lo daqui. Esta coisa é perigosa demais.

— Concordo — disse McClane. — Então uma coisa lhe ocorreu: — Mas você pode prever o que ele vai se lembrar quando sair da sedação?

— É impossível prever isso — admitiu Lowe. — Ele provavelmente vai ter uma lembrança difusa da viagem que fez realmente, com sérias dúvidas quanto à sua realização. E talvez conclua que a nossa operação não foi perfeita, deixando lacunas. E ele vai se lembrar de ter vindo aqui, porque não vamos apagar isso... a não ser que o senhor queira.

— Quanto menos na cabeça desse homem, melhor — disse McClane. — É muito arriscado lidar com esse tipo de coisa. Por incompetência, ou azar, revelamos um agente secreto genuíno da Interplan que tinha um disfarce tão perfeito que até agora nem ele sabia quem era... ou quem é.

Quanto mais cedo lavassem as mãos e se livrassem do homem que se dizia Douglas Quaid, melhor.

— O senhor vai plantar os pacotes Três e Sessenta e Dois no miniapt dele? — indagou Lowe.

— Não. E vamos devolver cinqüenta por cento do pagamento.

— Cinqüenta por cento? Por que cinqüenta por cento?

— Porque parece um bom acordo — respondeu McClane, sem muita convicção.

Enquanto o táxi o levava de volta ao seu miniapt na área residencial de Chicago, Douglas Quaid disse a si mesmo:

Como é bom voltar para a Terra!

O período de um mês em Marte já começava a fugir de sua memória; ele tinha apenas uma imagem vaga de crateras amplas e profundas, das paisagens corroidas por séculos de erosão, da vitalidade e dos movimentos do lugar. Um mundo de pó onde pouco ou nada acontecia, onde se passava a maior parte do dia verificando e reverificando o suprimento portátil de oxigênio. E as formas de vida: mirrados cactos cinzento-acastanhados e minhocas carnívoras.

Ele trouxera consigo diversos espécimes moribundos da fauna marciana, que conseguira contrabandear através da alfândega. Eles não representavam qualquer ameaça, sendo incapazes de sobreviver na atmosfera pesada da Terra.

Metendo a mão no bolso do paletó, vasculhou-o em busca da caixinha com minhocas carnívoras...

E em seu lugar encontrou um envelope.

Ao abri-lo, descobriu, para sua absoluta surpresa, que continha quinhentos e setenta pós-créditos em cédulas de valor baixo.

De onde veio isto? perguntou-se. Eu não gastei até o último pós-crédito na minha viagem?

Junto com o dinheiro havia um recibo no qual estava escrito: *Cinquenta por cento de devolução do pagamento*. Assinado: *McClane*. E a data. Data de hoje.

— Recordações — disse Quaid em voz alta.

— Recordações do quê, senhor ou senhora? — perguntou respeitosamente o motorista-robô do táxi.

— Você tem uma lista telefônica?

— Certamente, senhor ou senhora.

Uma fenda se abriu no painel do veículo e ejetou um catálogo telefônico do Condado de Cook em microfita.

— O nome se escreve de forma estranha — disse Quaid enquanto passava as páginas da seção de classificados. Ele sentia medo, que de repente ficou ainda mais profundo. Finalmente disse: — Achei. Mudei de idéia, não quero ir para casa. Leve-me para o endereço da REKORDAÇÕES S.A.

— Sim, senhor ou senhora, como quiser — disse o motorista. Um momento depois o táxi estava zunindo na direção oposta.

— Posso usar seu telefone? — perguntou Quaid.

— Sinta-se à vontade — disse o motorista-robô, indicando-lhe o último modelo de telefone colorido tridimensional.

Quaid discou o número de seu miniapt. E depois de uma pausa viu na telinha uma imagem pequena, mas arrepiantemente realista, de Kirsten.

— Estive em Marte — disse a ela.

— Você está bêbado — concluiu Kirsten, os lábios torcidos de escárnio. — Ou pior.

— Juro por Deus.

— Quando você esteve lá?

— Eu não sei. — Ele se sentia confuso. — Uma viagem simulada, acho. Através de uma daquelas firmas que oferecem memórias artificiais, extrafactuais ou sei lá como chamam. Mas não deu muito certo.

— Você está bêbado mesmo — disse Kirsten, a voz carregada de desprezo, e cortou a ligação.

Quaid também desligou, sentindo seu rosto corar de raiva.

Sempre o mesmo tom de voz, disse a si mesmo. Sempre se reservando a última palavra, como se ela soubesse tudo e eu não soubesse droga nenhuma. Kristo, que casamento!

Um momento depois, o táxi encostou no meio-fio diante de um edifício rosado de estilo moderno, sobre o qual havia um letreiro em néon policromático oscilante: REKORDAÇÕES S.A.

A recepcionista loura, chique e com os seios completamente expostos, levou um susto quando o viu, mas rapidamente readquiriu o autocontrole:

— Olá, Sr. Quaid — disse, tensa. — C-como vai? Esqueceu alguma coisa?

— O restante da devolução de meu pagamento.

— Pagamento? Acho que o senhor está enganado, Sr. Quaid — disse a recepcionista, agora mais composta. — O senhor veio aqui se informar a respeito de uma viagem extrafatural, mas... — Ela encolheu os ombros imaculados e brancos. — Até onde sei, não foi realizada nenhuma viagem.

— Eu lembro de tudo, moça. Lembro de minha carta à Rekordações S.A., que começou esta lambança toda. Lembro da minha chegada aqui, minha visita ao Sr. McClane, os dois técnicos do laboratório me conduzindo até uma mesa e me administrando uma droga.

Não era de admirar que haviam lhe devolvido cinquenta por cento do pagamento. A memória falsa de sua viagem a Marte não tinha dado certo, pelo menos inteiramente, como lhe fora garantido.

— Sr. Quaid, embora seja um mero assalariado, é um homem atraente, e ficar zangado desfigura o seu rosto. Se isto o fizer sentir-se melhor, posso deixar o senhor me levar...

Quaid ficou furioso.

— Eu me lembro de você! — disse com selvageria. — Por exemplo, lembro de que os seus peitos estavam pintados de azul; isso ficou marcado na minha mente. E lembro da promessa feita pelo Sr. McClane de que se eu recordasse minha visita à Rekordações S.A., eu receberia cem por cento do meu dinheiro de volta. Onde está o Sr. McClane?

Depois de uma espera — provavelmente a mais longa possível — Quaid se viu mais uma vez sentado diante da imponente mesa de mogno, exatamente como estivera há aproximadamente uma hora antes naquele mesmo dia.

— Muito boa a técnica de vocês — disse Quaid sardônico. Sua decepção e seu ressentimento eram imensos agora. — Minha "memória" de uma viagem a

Marte como agente disfarçado para a Interplan está enevoada, vaga e salpicada com contradições. Eu me lembro claramente de minhas negociações com vocês. Eu vou reclamar no Departamento de Defesa do Consumidor.

Quaid estava ardendo de raiva; a sensação de ter sido ludibriado vencera sua aversão habitual a travar conflitos, mesmo em nome de seus interesses pessoais.

— Sr. Quaid, nós voltaremos atrás em nossa decisão — disse McClane moroso, e também cauteloso. — Vamos restituir seu pagamento inteiramente. — E acrescentou, em tom resignado: — Concordo que não fizemos absolutamente nada por você.

— Vocês nem mesmo me forneceram os tais objetos que iriam "provar" que estive em Marte! — acusou Quaid. — Vocês me prometeram mundos e fundos e eu não ganhei porcaria alguma. Nem mesmo um canhoto de passagem. Ou cartões-postais. Ou passaporte. Nenhum comprovante de vacinas de imunização. Nem...

— Escute aqui, Quaid — disse McClane. — Suponha que eu lhe dissesse... — Mas ele se calou. — Esqueça. — Pressionou um botão do intercomunicador. — Shirley, por favor, restitua mais quinhentos e setenta pós-crédts na forma de um cheque nominativo a Douglas Quaid. Obrigado.

McClane soltou o botão e ficou encarando Quaid intensamente.

O cheque não demorou a chegar. A recepcionista colocou-o diante de McClane e desapareceu novamente de vista, deixando os dois homens sozinhos, ainda se defrontando sobre a superfície lustrosa da mesa de mogno.

— Permita-me dar-lhe um conselho — disse McClane enquanto assinava o cheque e o passava para Quaid. — Não fale sobre sua... viagem recente a Marte com ninguém.

— Que viagem?

— A viagem da qual você lembra apenas parcialmente. Aja como se não lembrasse, faça de conta que ela nunca aconteceu. Não me pergunte o motivo, apenas siga o meu conselho. Será melhor para todos nós. — Ele tinha começado a transpirar em abundância. — E agora, Sr. Quaid, eu preciso atender outros clientes.

Levantou-se e conduziu Quaid até a porta.

— Uma firma que presta serviços tão ruins não deveria ter cliente algum — disse Quaid, enquanto abria a porta.

E fechou-a ao passar.

Enquanto voltava para casa de táxi, Quaid pensou em como redigir a carta de reclamação ao Departamento de Defesa do Consumidor, Divisão Terra. Começaria assim que pudesse se sentar à máquina de escrever. Sentia que era seu dever prevenir outras pessoas contra a Rekordações S.A.

Quando chegou ao seu miniapt, sentou diante de sua Hermes Rocket portátil. Enquanto vasculhava suas gavetas em busca de papel-carbono, encontrou uma caixinha familiar. A caixa que ele havia enchido cuidadosamente com espécimes da fauna marciana e depois contrabandeado através da alfândega.

Abriu a caixa e viu, para o seu assombro, seis minhocas carnívoras mortas e diversos exemplares de vida unicelular dos quais se alimentavam as minhocas marcianas. Os protozoários estavam secos e cobertos de pó, mas ele os reconheceu. Lembrava de que havia passado um dia inteiro de quatro, catando-os entre rochas. Uma jornada de conhecimento maravilhosa e iluminadora.

Mas eu não fui a Marte.

Ainda assim...

Kirsten apareceu na porta do quarto, carregando sacolas marrons com compras de supermercado.

— O que você está fazendo em casa no meio da tarde?— sua voz, como sempre, acusadora.

— Eu estive em Marte?— perguntou Quaid. — Você deveria saber.

— É claro que você não esteve em Marte. Ora,  *você*  saberia disso. Não está sempre se lamentando da sorte por não poder ir?

— Meu Deus, eu acho que estive em Marte — disse ele. — E ao mesmo tempo, acho que não estive lá — acrescentou depois de uma pausa.

— Decida-se de uma vez.

— Como poderia? Tenho duas trilhas de memória gravadas dentro da minha cabeça; uma é real e a outra não é, mas não tenho como dizer qual é qual. Por que não posso confiar em você? Eles não mexeram na sua cabeça.

Ela podia ao menos apoiá-lo nisso, apoiá-lo pela primeira vez.

— Doug, se você não raciocinar, o nosso casamento vai acabar — disse Kirsten numa voz monótona, contida. — Eu vou deixar você.

— Eu estou com problemas — disse Quaid, a voz soando rouca e áspera. — Provavelmente estou à beira de um surto psicótico. Espero que não, mas... talvez seja isso. Mas isso, pelos menos, explicaria tudo.

Kirsten pousou as compras no chão e caminhou resolutamente até o armário.

— Não estou brincando — disse ela, calmamente. — Pegou um casaco, vestiu-o e caminhou até a porta do miniapt. — Te ligo um dia desses — disse, sem modificar o tom da voz. — Isto é um adeus, Doug. Espero que você resolva seus problemas. Espero mesmo. Por você.

— Kirsten, espera! — rogou Quaid, desesperado. — Só me diga uma coisa. Me diga a verdade: eu estive ou não estive em Marte? Por favor, me diga!

Mas eles podem ter alterado também as suas trilhas de memória, percebeu.

A porta se fechou. Sua esposa o tinha deixado, finalmente! Uma voz soou atrás dele:

— Bem, acabou. Mãos ao alto, Quaid. E se vire para mim, por favor.

Quaid se virou, instintivamente, sem levantar mãos.

O homem que estava diante dele usava o uniforme cor de ameixa da Agência Policial Interplan, e sua arma parecia pertencer ao arsenal das Nações Unidas. E, por alguma razão estranha, ele parecia familiar a Quaid; familiar de uma forma borrada, distorcida, que ele não conseguia compreender. Assim, trêmulo, levantou as mãos.

— Você se lembra de sua viagem a Marte — disse o policial. — Sabemos tudo o que você fez hoje, e todos os seus pensamentos, particularmente aqueles, importantíssimos, que lhe ocorreram enquanto voltava para Rekordações S.A. — explicou. — Um teletransmissor implantado no seu crânio nos mantém informados constantemente.

Um plasma vivo, descoberto na Lua, que funcionava como um transmissor telepático. Quaid estremeceu, com nojo de si mesmo. Essa coisa viva estava dentro dele, instalada em seu próprio cérebro, alimentando-se, ouvindo, alimentando-se. Até os jornais audiovisuais já tinham divulgado que a Agência Policial Interplan usava essas coisas. Portanto, provavelmente era verdade, por mais terrível que fosse.

— Por que eu? — perguntou Quaid, a voz falhando em sua garganta.

O que ele tinha feito, ou pensado? E que relação isto tinha com a Rekordações S.A.?

— Na verdade, isto não tem nada a ver com a Rekordações — esclareceu o tira. — É entre você e nós.

Ele deu um tapinha leve no ouvido direito e continuou:

— Ainda estou captando os seus processos mentais através do seu teletransmissor encefálico. — Quaid viu, no ouvido do homem, um pequeno receptor de plástico branco. — Portanto, tenho a obrigação de avisá-lo: tudo o que pensar pode ser usado contra você. — Ele sorriu. — Não que isto tenha importância agora: você já falou e pensou coisas suficientemente graves para se condenar à morte. O problema é que, sob a ação da narquidrina você confessou ao pessoal da Rekordações S.A. os pormenores da sua viagem. Especialmente ao dono, o Sr. McClane. Você disse a eles aonde foi, a mando de quem, o que fez lá. Eles ficaram apavorados, claro. Aposto que devem estar muito arrependidos por terem atendido você... e têm toda razão para estar — acrescentou, pensativo.

— Mas eu nunca fiz viagem nenhuma! — protestou Quaid.

— Os técnicos do McClane implantaram uma memória falsa defeituosa na minha mente.

Nesse momento Quaid lembrou da caixa guardada na gaveta, a caixa com os restos das formas de vida marcianas. E se lembrou de todo o trabalho que tivera para catá-las entre rochas. A recordação parecia-lhe real. E a caixa, definitivamente, era real. A não ser que tivesse sido plantada por McClane.

Talvez esta fosse uma das "provas" que McClane havia prometido.

A recordação de minha viagem a Marte não me convence, mas infelizmente convenceu a Agência Policial Interplan. Eles acreditam que eu viajei realmente a Marte, e acham que eu, ao menos parcialmente, acredito nisso.

— Nós não apenas sabemos que você viajou para Marte — concordou o policial da Interplan em resposta aos seus pensamentos — como sabemos que você agora lembra o suficiente para se tornar um empecilho para nós. E não adiantaria expurgar todas essas coisas da sua mente, porque você provavelmente acabaria reaparecendo na Rekordações S.A. e tudo voltaria à estaca zero. E não podemos fazer nada contra McClane e sua empresa, porque não temos jurisdição sobre ninguém, a não ser sobre nossa própria gente. De qualquer modo, McClane não cometeu nenhum crime. — Ele fitou Quaid profundamente. — A bem da verdade, nem você. Você não foi à Rekordações S.A. com o intuito de recuperar a memória. Pelo que entendemos, você foi até lá pelo mesmo motivo que a maioria vai: o desejo por aventura que fascina as pessoas burras e ignorantes.

— Infelizmente, você não é nem burro nem ignorante, e já teve emoções demais — continuou o policial, depois de uma breve pausa. — A última coisa de que você precisava era de um serviço prestado pela Rekordações S.A. Nada poderia ser mais letal para você ou para nós. Ou para McClane.

— Por que sou um "empecilho"; só porque lembro dessa viagem que vocês



alegam que eu fiz?

— Porque as coisas que você fez lá não estão de acordo com a nossa imagem paternalista e de defesa dos interesses públicos — explicou o agente da Interplan. — Você fez, por nós, o que nós jamais fazemos. Coisas que você irá se lembrar mais tarde, graças à narquidrina. Aquela caixa cheia de minhocas mortas já está dentro da sua gaveta há mais de seis meses, desde que você voltou de Marte. Pense bem: durante todo esse tempo você não manifestou a menor curiosidade por ela. Nem mesmo sabia que ela estava lá até que voltou da Rekordações S.A. Foi nesse momento que decidimos vir lhe prestar uma visita, para tirarmos a caixa daqui. É uma pena que não tenhamos chegado a tempo — acrescentou, desnecessariamente.

Um segundo policial da Interplan se juntou ao primeiro, e ambos conversaram rapidamente. Enquanto isso, os pensamentos de Quaid voavam. Ele recordava mais agora; o policial estava certo quanto à narquidrina. Eles — a Interplan — provavelmente também usavam essa droga. Provavelmente? Quaid sabia muito bem que eles a usavam; já os vira aplicá-la num prisioneiro. Onde teria sido *isso*? Em algum lugar da Terra? Mais provavelmente na Lua, decidiu, vendo a imagem subir à tona de sua memória ainda defeituosa, mas agora menos enevoadá.

E lembrou de mais uma coisa. A razão pela qual o tinham enviado a Marte, e o trabalho que fizera.

Não admira que tivessem expurgado sua memória.

— Meu Deus! — disse o primeiro dos dois policiais da Interplan, interrompendo sua conversa com o companheiro. Obviamente ele havia captado os pensamentos de Quaid.

— O problema está muito grave agora; pior não seria possível — disse o policial enquanto caminhava até Quaid, novamente apontando a arma para ele. — Precisamos matá-lo, e imediatamente.

— Por que agora mesmo? Não podemos simplesmente levá-lo para a Interplan e deixar que eles... — disse o companheiro do policial, com a voz carregada de tensão.

— *Ele* sabe por que tem que ser agora mesmo — disse o primeiro tira, que agora também parecia nervoso.

Mas Quaid percebeu que o policial estava nervoso por uma razão inteiramente diferente. Sua memória agora tinha voltado quase inteiramente. E ele entendia a tensão do policial.

— Eu matei um homem em Marte — disse Quaid, a voz rouca. — Depois

de passar por 15 guarda-costas. Alguns deles estavam armados com pistolas silenciosas, exatamente como você.

A Interplan o havia treinado durante cinco longos anos até o transformar num assassino profissional. Quaid sabia como liquidar adversários armados... como os dois que tinha agora pela frente. E o que tinha um receptor no ouvido também sabia disso.

Se ele se movesse suficientemente rápido...

A pistola disparou. Mas ele já tinha se movido para o lado enquanto, ao mesmo tempo, derrubava com um golpe o policial que empunhava a arma. Em um instante tinha a pistola em seu poder, e a estava apontando para o outro policial.

— Captou os meus pensamentos, sabia o que eu ia fazer, mas mesmo assim consegui dominar você — disse Quaid, ofegante.

— Sam, ele não vai usar a arma contra você! — gritou o policial ferido, sentado no chão. — Também posso captar isto. Ele sabe que não tem escapatória, e também sabem que sabemos DISSO.

Com grande esforço, gemendo de dor, levantou-se, trôpego, e estendeu a mão.

— Vamos, Quaid, me dê a arma. Você não pode usá-la, e se a entregar, prometo que não vou matá-lo. Você vai ser julgado, e alguém mais elevado na hierarquia da Interplan vai decidir, não eu. Talvez eles possam apagar a sua memória mais uma vez. Mas você sabe a razão pela qual eu ia matá-lo, e não posso evitar que você se lembre dela. Assim, minha razão para querer matá-lo acabou.

Quaid arremessou a arma para fora do miniapt e correu até o elevador.

Se você me seguir, eu vou te matar, pensou. Portanto, não faça isso.

Apertou o botão do elevador; um instante depois, as portas deslizaram.

Os policiais não seguiram Quaid. Obviamente eles captaram seus pensamentos nervosos e decidiram não correr riscos.

O elevador desceu. Quaid estava seguro por hora. Mas e agora? Para aonde podia ir?

O elevador chegou ao térreo. Um momento depois, Quaid tinha se juntado à multidão de pedestres caminhando apressada pelos túneis. Sua cabeça doía, e ele se sentia enjoado. Mas ao menos conseguira escapar da morte; eles quase o mataram ali mesmo, em seu próprio miniapt.

E provavelmente vão me pegar de novo, compreendeu. Assim que

descobrirem onde estou. E como tenho um teletransmissor na cabeça, isso não vai demorar muito.

Ironicamente, acabara por obter precisamente aquilo que pedira à Rekordação S.A.: aventura, perigo, policiais da Interplan, uma viagem secreta a Marte durante a qual sua vida estivera em jogo... tudo o que sempre desejara como falsas memórias.

Compreendia agora as vantagens de que tudo isso fosse uma mera recordação... sem qualquer ligação com a realidade.

Sozinho, sentado num banco de praça, Quaid observava desatento um bando de perts, um semipássaro importado das duas luas de Marte, capaz de voar baixo, mesmo na gravidade mais forte da Terra.

Talvez eu possa voltar para Marte, ponderou.

Mas então, o que faria? Seria pior em Marte; a organização política cujo líder ele assassinara iria localizá-lo no momento em que saltasse da nave. Ele teria a Interplan e *eles* em seu encaicho.

Vocês podem ouvir meus pensamentos?

Um caminho fácil para a paranóia: sentado sozinho aqui ele os sentia sintonizados nele, monitorando-o, gravando seus pensamentos. Quaid estremeceu, levantou-se e começou a andar sem destino, mãos afundadas nos bolsos.

Não importa para aonde eu vá, vocês sempre estarão comigo. Contanto que eu tenha este dispositivo instalado dentro da minha cabeça.

Vou fazer um negócio com vocês, disse para seus botões... e para eles. Vocês podem implantar em mim uma memória falsa, como fizeram antes. Uma memória de que vivi uma vida medíocre, rotineira, de que nunca viajei para Marte. De que nunca vi um uniforme da Interplan de perto, de que nunca mexi com uma arma.

Uma voz dentro de seu cérebro respondeu:

— Conforme já explicamos detalhadamente, isso não bastará. —Atônito, Quaid parou de andar.

— Nós já nos comunicamos com você desta forma — prosseguiu a voz. — Durante sua operação de campo em Marte, meses atrás. Tínhamos decidido não fazer isto de novo. Onde você está?

— Passeando — disse Quaid, e acrescentou: — Na direção da minha morte, pelas mãos de vocês. Como podem ter tanta certeza de que não é bastante? As técnicas da Rekordações S.A. não funcionam?

— Se derem a você um conjunto de memórias vulgares, você acabará ficando inquieto de novo, e procurará a Rekordações ou qualquer outra firma desse ramo. Não podemos nos dar ao luxo de passar de novo por tudo isto.

— Suponha que depois que minhas recordações autênticas tenham sido canceladas, vocês me implantem qualquer coisa muito mais empolgante. Qualquer coisa que satisfaça o meu ego... cujo tamanho enorme deve ter sido justamente o motivo que fizeram vocês me contratarem inicialmente. Mas vocês teriam de bolar alguma coisa equivalente à realidade. Por exemplo, eu ter sido o homem mais rico da Terra e ter doado todo meu dinheiro a organizações educacionais. Ou eu ter sido um famoso explorador do espaço sideral. Você não acha que qualquer coisa do tipo daria conta do recado?

Silêncio.

— Tente! — disse Quaid, desesperado. — Reúna seus melhores psiquiatras militares. Descubra qual é o meu verdadeiro sonho. — Ele tentou pensar. — Mulheres. Milhares delas, como Don Juan. Um *playboy* interplanetário. Uma amante em cada porto da Terra, Lua e Marte. Só desisti de tudo isso porque fiquei exausto. Tente, pelo amor de Deus!

— Nesse caso você iria se entregar voluntariamente? — perguntou a voz dentro de sua cabeça. — Se concordarmos em arranjar uma solução como esta? Se isto for possível?

Depois de um momento de hesitação ele disse:

— Sim. — E acrescentou em pensamento: — Vou correr o risco de que vocês possam simplesmente querer me matar.

— Dê o primeiro passo — disse a voz num tom agradável. — Entregue-se a nós. Iremos investigar essa linha de possibilidade.

— Porém, se não conseguirmos fazer isso, se as suas recordações autênticas começarem a aflorar novamente, como fizeram desta vez, então... — Houve silêncio, e então a voz finalizou: — Teremos de destruir você. Você deve entender. Bem, Quaid, ainda quer tentar?

— Sim — disse ele.

Porque a alternativa era a morte... morte certa. Pelo menos desta forma ele tinha uma chance, por mais tênue que fosse.

— Apresente-se ao nosso quartel-general em Nova York — continuou a voz do policial da Interplan. — O endereço é Quinta Avenida, número 580, décimo segundo andar. Depois que tiver se rendido, nossos psiquiatras começarão a tratá-lo. Procederemos testes de perfil psiquiátrico. Tentaremos determinar qual é seu desejo absoluto, final, e então o enviaremos de volta à

Rekordações S.A. Eles implantarão em você esse seu desejo como retrospectiva substituta. E... boa sorte. Nós lhe devemos algo; você foi um instrumento eficaz para nós.

Não havia malícia na voz; aparentemente a organização sentia alguma simpatia por ele.

— Obrigado — disse Quaid.

E começou a procurar por um táxi-robô.

O psiquiatra da Interplan era um homem idoso, de expressão solene.

— Sr. Quaid, o senhor possui uma fantasia subconsciente interessantíssima. Provavelmente o seu consciente jamais se apercebeu dela. Não se preocupe. Costuma ser assim na grande maioria dos casos. Espero que não fique perturbado demais ao ouvir sobre isso.

— É melhor não ficar perturbado demais, senão eu mesmo lhe dou um tiro — disse o oficial de alta patente da Interplan, sem papas na língua.

— Ao contrário da fantasia em que o senhor desejava ser um agente secreto da Interplan, qual sendo um produto da maturidade, trazia associada uma certa plausibilidade, esta que acabamos de desvendar é uma criação grotesca de sua infância — prosseguiu o psiquiatra. — Não é de admirar que o senhor não se lembre dela. A sua fantasia é a seguinte: tem nove anos de idade e passeia por uma alameda rústica. Uma nave espacial de aspecto alienígena, proveniente de outro sistema solar, aterrissa diretamente à sua frente. Ninguém na Terra vê a nave, a não ser o senhor. As criaturas lá dentro são pequenas e indefesas, como ratinhos do campo, embora estejam tentando invadir a Terra. Dezenas de milhares de outras espaçonaves logo virão em seguida, depois que este grupo avançado der o sinal verde.

— E suponho que eu impeça isso — disse Quaid, sem saber se achava aquilo divertido ou repugnante. — Eu acabo com todos eles com as mãos nuas. Provavelmente esmagando-os com os pés.

— Não — disse o psiquiatra, pacientemente. — O senhor impede a invasão, mas não os destruindo. Pelo contrário. O senhor demonstra bondade e misericórdia, apesar de ter sido informado por telepatia do motivo para a vinda deles. Eles nunca tinham visto essas características exibidas por qualquer outro organismo consciente. Para demonstrar sua gratidão, eles fazem uma aliança com o senhor.

— Eles não vão invadir a Terra enquanto eu estiver vivo.

— Exatamente. — O psiquiatra se virou para o oficial da Interplan. — O senhor pode ver que isto se ajusta à personalidade dele.

— E assim, meramente pelo fato de existir — disse Quaid, sentindo um prazer crescente — simplesmente por estar vivo, eu mantenho a Terra a salvo da dominação alienígena. E então eu sou, com efeito, a pessoa mais importante da Terra. Sem mover um músculo.

— Precisamente, Sr. Quaid — disse o psiquiatra. — A fantasia está enraizada profundamente na sua psique. Trata-se de uma fantasia nascida ainda na infância e que desde então o tem acompanhado sem que o senhor se aperceba dela. Aliás, sem as drogas que ministramos no senhor, jamais teria se recordado disso. Isso não significa que a fantasia não existisse. Pelo contrário, ela sempre esteve lá, nas profundezas do seu subconsciente.

— O senhor pode implantar um padrão de memória extrafatural que se ajuste a um tipo de fantasia tão absurda quanto essa? — disse o oficial de polícia a McClane, que, sentado, ouvia tudo com atenção.

— Nós lidamos com todos os tipos de fantasia possíveis e imagináveis — respondeu McClane. — Para falar francamente, já vi fantasias muito piores do que essa. Dentro de 24 horas Quaid não *desejará* ter salvo a Terra. Ele vai *acreditar* que isso realmente aconteceu.

— Nesse caso pode arregaçar as mangas e trabalhar — decidiu o agente. — Como preparação, já apagamos as recordações da viagem que ele fez a Marte.

— Qual viagem a Marte? — perguntou Quaid.

Como ninguém lhe respondeu, ele arquivou a pergunta. De qualquer forma, uma viatura de polícia acabara de chegar. Ele, McClane e o oficial da Interplan entraram. Logo estavam a caminho de Chicago e da Rekordações S.A.

— É melhor não cometer erros desta vez — disse o oficial de polícia a McClane.

— Não vejo o que poderia dar errado — murmurou McClane, transpirando. — Isto não tem nada a ver com Marte ou com a Interplan. Impedir de mãos vazias a invasão da Terra por uma raça de outro sistema solar... — Meneou a cabeça, admirado. — Uau, as coisas que um garoto pode sonhar! E, ainda por cima, vitorioso sem ter feito uso da força, mas sim de tolerância e compreensão... estranho, não lhe parece?

McClane se calou e enxugou a testa com um lenço de linho puro.

Ninguém disse nada.

— Na verdade, é comovente — concluiu McClane.

— Mas arrogante — disse o policial com rispidez. — Afinal de contas, quando ele morrer, a invasão prosseguirá. Não me admira que ele não se lembre. É a fantasia mais pretensiosa da qual já ouvi falar. — Ele olhou para Quaid com desaprovação: — E pensar que pusemos este homem na nossa folha de pagamento!

Quando chegaram ao edifício da Rekordações S.A., a recepcionista recebeu-os esbaforida no saguão de entrada.

— Seja bem-vindo, Sr. Quaid — disse ela, alvoroçada, os seios grandes como melões, agora pintados de um laranja berrante, balançando com a agitação. — Sinto muito por tudo ter dado errado antes. Tenho certeza de que desta vez vai ser melhor.

— Será melhor — garantiu McClane, ainda enxugando a testa com o lenço de linho irlandês dobrado com capricho.

Ele rapidamente convocou Lowe e Keeler, e os acompanhou juntamente com Douglas Quaid até a área de trabalho. Então, juntamente com Shirley e o oficial de polícia, retornou ao seu escritório. Para esperar.

— Nós temos um pacote pronto para esse tipo de fantasia, Sr. McClane? — perguntou Shirley, tão empolgada que esbarrou nele, e então corou, tímida.

— Sim, acho que temos alguma coisa — ele tentou se lembrar, desistiu e por fim consultou a planilha formal. — Uma combinação dos pacotes Oitenta e Um, Vinte e Seis.

Abriu o cofre atrás de sua mesa, retirou os pacotes apropriados e os levou até a mesa para inspeção.

— Do oitenta e um — explicou —, uma varinha mágica que realiza curas, que foi dada, ao cliente em questão, o Sr. Quaid, pela raça de seres de um outro sistema. Um símbolo de gratidão.

— Funciona? — perguntou, curioso, o policial da Interplan.

— Antes funcionava. Mas ele o esgotou completamente depois de passar anos curando a torto e a direito. Agora é apenas um souvenir. Mas ele se lembra de quando a varinha funcionava. — Deu uma risadinha antes de abrir o pacote Vinte e Um — Documento do Secretário Geral das Nações Unidas agradecendo-lhe por salvar a Terra. Este, na verdade, não é muito adequado, porque faz parte da fantasia de Quaid que ninguém sabe da invasão exceto ele, mas vamos incluí-lo para garantirmos a verossimilhança.

Ele inspecionou o pacote Seis. O que sairia dali? Não conseguia se lembrar.

De testa franzida, vasculhou a sacola de plástico enquanto Shirley e o oficial da Interplan observavam-no atentamente.

— Escritos em uma língua esquisita — disse Shirley.

— Isto nos conta quem são eles e de onde vieram — disse McClane. — Incluindo um detalhado mapa estelar registrando seu vôo para cá e o sistema de origem. Naturalmente, está na língua *deles*, de modo que nosso cliente não consegue ler. Mas vai se lembrar que eles lhe deram o documento e o leram para ele em nossa língua.

McClane colocou os três artefatos no centro da mesa.

— Estas coisas devem ser plantadas no miniapt de Quaid, para que as encontre quando chegar em casa — disse ao policial. — Isso vai confirmar a sua fantasia. Chamamos de POP: Procedimento Operacional Padrão.

McClane deu uma risadinha enquanto se perguntava como as coisas estariam indo com Lowe e Keeler. O intercomunicador zumbiu.

— Sr. McClane, desculpe incomodá-lo. — Era a voz de Lowe. McClane ficou pálido e mudo ao reconhecê-lo. — Acho que temos um problema. Talvez seja melhor o senhor vir até aqui para assumir o comando da operação. Como da outra vez, Quaid reagiu bem à narquidrina; está inconsciente, descontraindo e receptivo. Mas...

McClane correu até a área de trabalho.

Douglas Quaid estava deitado numa cama higienizada, respirando lenta e regularmente, os olhos quase fechados, ligeiramente cômico das pessoas à sua volta.

Lowe estava pálido.

— Começamos a interrogá-lo para descobrir exatamente quando colocar a memória da fantasia de ele ter salvo a Terra de mãos vazias. Mas, por mais estranho que pareça...

— Eles me disseram para não contar — murmurou Douglas Quaid, a voz arrastando devido ao efeito das drogas. — Esse foi o acordo. Eu não deveria nem mesmo me lembrar. Mas como poderia esquecer um evento como aquele?

Acho que seria difícil refletir McClane. Mas você esqueceu... até agora.

— Eles até me deram um pergaminho de agradecimento — murmurou Quaid. — Ele está escondido no meu miniapt. Vou dizer onde.

McClane disse ao oficial da Interplan, que o havia seguido:

— Bem, minha sugestão é que é melhor vocês não o matarem. Se fizerem



isso, os alienígenas voltarão.

— Eles também me deram uma varinha mágica invisível de destruição — murmurou Quaid, agora com os olhos completamente fechados. — Foi assim que cuidei daquele homem que vocês me mandaram matar em Marte. Está na minha gaveta, junto com a caixa de minhocas carnívoras e as criaturas vegetais desidratadas.

Mudo de estupefação, o agente da Interplan girou sobre os calcanhares e saiu da área de trabalho.

É melhor eu destruir os pacotes com os artefatos comprobatórios, pensou McClane, resignado, enquanto voltava lentamente ao seu escritório. Incluindo a carta de agradecimento do Secretário Geral das Nações Unidas. Afinal...

A carta verdadeira provavelmente não tardaria a chegar.

\* \* \*

### **A Fé dos Nossos Pais**

Nas RUAS de Hanói, quando deu por si, olhava para um vendedor ambulante sem pernas, em cima de um pequeno carrinho de madeira, gritando com voz aguda para cada pessoa que passava. Chien reduziu o passo, escutou, mas não parou. Coisas a fazer no Ministério de Artefatos Culturais surgiram em sua mente e desviaram a atenção: era como se estivesse sozinho e não houvesse mais nenhuma dessas pessoas montadas em bicicletas, scooters e motos a jato. E, também, como se o vendedor sem pernas não existisse.

— Camarada — gritou o vendedor, e perseguiu-o no carrinho. Movido por uma bateria a hélio, o carrinho, dirigido com habilidade, veio atrás de Chien. — Eu tenho uma grande variedade de remédios fitoterápicos, juntamente com depoimentos de milhares de clientes satisfeitos e fiéis. Diga qual é a sua doença e eu posso ajudá-lo.

— Tudo bem, mas eu não tenho doença nenhuma — respondeu Chien, parando.

Exceto, pensou, a doença crônica dos funcionários subordinados ao Comitê Central, a do carreirismo, submetendo constantemente à prova os portões de todos os cargos oficiais. Incluindo o meu.

— Eu posso, por exemplo, curar doença de radiação — entou o ambulante, ainda perseguindo-o. — Ou aumentar, se necessário, o elemento da potência sexual. Posso reverter carcinomas, até mesmo os temidos melanomas,

o que chamam por aí de cânceres pretos. — Ergueu uma bandeja de vidros, pequenas latas de alumínio e uma grande variedade de pós em recipientes plásticos. — Se um rival persistir em usurpar seu cargo burocrático remunerado, posso fornecer um unguento que, parecendo um bálsamo epidérmico, é na verdade uma toxina tremendamente potente — cantarolou o ambulante. E meus peços, camarada, são baixos. E como um favor especial a um cavalheiro de aparência tão distinta como o senhor, aceito as notas de dólar inflacionárias do pós-guerra, reputadamente com cotação internacional, mas que na realidade não valem mais do que papel higiênico.

— Vá pro o inferno — disse Chien.

Fez sinal para um hovertáxi que passava. Já estava três minutos e meio atrasado para a primeira reunião do dia e seus vários superiores bundas-moles já estariam tomando notas mentais... como também, em um grau ainda maior, seus subordinados.

— Camarada, o senhor *tem* que comprar — respondeu tranqüilamente o ambulante.

— Por quê? — perguntou Chien, indignado.

— Porque, camarada, eu sou veterano de guerra. Lutei na Guerra Final Colossal de Libertação Nacional, da Frente Unida Democrática Popular, contra os imperialistas. Perdi minhas extremidades pedais na batalha de São Francisco. — Nesse momento, seu tom de voz era triunfante e astucioso. — *É a lei*. Se recusar-se a comprar mercadorias oferecidas por um veterano, o senhor se arrisca a levar uma multa e, possivelmente, ser condenado a uma pena de prisão... e, além disso, cair no desagrado.

Cansado, Chien chamou com um gesto o hovertáxi.

— Admito isso — disse. — Muito bem, tenho que lhe comprar alguma coisa. — Olhou por um momento para a escassa mostra de remédios fitoterápicos, escolhendo um ao acaso. — Isso — resolveu, apontando para alguma coisa dentro de um saquinho de papel, na última fileira dos medicamentos.

O ambulante soltou uma risada.

— Isso, camarada, é supermatócido, comprado por mulheres que, por razões políticas, não se qualificam para A Pilula. Seria de pouco uso para o senhor, na verdade, de nenhum uso, porque o senhor é um cavalheiro.

— A lei — retrucou secamente Chien — Não estabelece que tenho que lhe comprar alguma coisa útil, mas apenas que eu compre. Levo isso.

Enfiou a mão no casaco acolchoado para pegar a carteira de notas, cheias

de notas inflacionárias do pós-guerra, que, quatro vezes por mês, ele, como servidor público, recebia sob a forma de salário.

— Diga quais são seus problemas — pediu o ambulante. Chien fitou-o, espantado com essa invasão de privacidade — E isso feito por alguém de fora do governo.

— Muito bem, camarada — respondeu o ambulante, notando-lhe a expressão. — Não vou querer saber mais nada. Queira me desculpar. Mas, como médico — como terapeuta fitoterápico é correto que eu saiba tanto quanto possível. — Pensou por um momento, sua fisionomia encovada e sombria. — O senhor assiste demais à TV? — perguntou bruscamente.

— Todas as noites — respondeu Chien, tomado de surpresa. — Exceto nas sextas-feiras, quando vou ao meu clube treinar a arte esotérica importada de subir na corda, do Ocidente derrotado.

Era o único prazer a que se entregava, à parte a dedicação total às atividades do Partido.

O ambulante escolheu um embrulho em papel cinzento.

— Sessenta dólares comerciais — disse. — Com garantia total. Se não der o resultado prometido, devolva a porção não usada para reembolso completo e cordial da importância paga.

— E isso — perguntou asperamente Chien — garante produzir o quê?

— Aliviará olhos fatigados por ter que tolerar monólogos oficiais sem sentido — respondeu o ambulante. — É um preparado tranquilizante. Tome-o logo que se sentir exposto aos habituais sermões secos e demorados que...

Chien pagou, pegou o pacote e afastou-se. Droga, disse para si mesmo. É uma trama desonesta, concluiu, a disposição legal que transforma os veteranos de guerra em classe privilegiada. Eles nos exploram — os jovens — como se fossem dinossauros raptos.

Esquecido, o pacotinho de papel cinzento permaneceu no bolso do casaco quando entrou no imponente edifício do ministro de Artefatos Culturais do Pós-Guerra e no seu gabinete, bastante luxuoso, para iniciar a jornada de trabalho.

Um corpulento caucasiano de meia-idade, usando um jaquetão de seda de Hong Kong com colete, esperava-o no gabinete. Juntamente com o caucasiano desconhecido estava seu superior imediato, Su-Ma Tso-pin. Falando em cantonês, um dialeto que falava muito mal, Tso-pin fez as apresentações.

— Sr. Tung Chien, este cavalheiro é o Sr. Darius Pethel. O Sr. Pethel será o diretor de um novo estabelecimento ideológico e cultural de caráter didático, que

será brevemente inaugurado em San Fernando, Califórnia. — E acrescentou: — O Sr. Pethel dedicou toda sua fecunda vida a derrubar os países imperialistas através da mídia pedagógica. Daí, esse alto cargo.

Os dois trocaram um aperto de mão.

— Chá? — perguntou Chien.

Apertou o botão de seu *hibachi* infravermelho e, um instante depois, a água na chaleira de cerâmica altamente ornamental — de origem japonesa — começou a borbulhar. Sentando-se à mesa, notou que a eficiente Srta. Hsi havia posto ali um currículo (confidencial) do camarada Pethel. Lançou um olhar rápido ao papel, enquanto fingia que nada fazia de especial.

— O Benfeitor Absoluto do Povo — disse Tso-pin — conhece pessoalmente o Sr. Pethel e confia nele. Este fato é raro. A escola em San Fernando aparentemente ensinará filosofias taoístas costumeiras, embora, na realidade, mantenha para nós um canal de comunicação com o segmento liberal e intelectual da juventude na região Oeste dos Estados Unidos. Muitos deles ainda estão vivos, de San Diego a Sacramento. Calculamos que cheguem a dez mil. A escola vai ter capacidade para aceitar dois mil deles. A matrícula vai ser obrigatória para os que selecionarmos. Sua relação com a programação do Sr. Pethel é muito importante. Ah, a água do chá está fervendo.

— Obrigado — murmurou Chien, deixando cair o saquinho de chá Lipton na chaleira.

— Embora o Sr. Pethel deva supervisionar a instalação dos cursos de instrução que serão fornecidos pela escola ao corpo estudantil, todas as provas de conhecimentos serão, estranhamente, encaminhadas para seu gabinete e estudo especializado, cuidadoso, ideológico — continuou Tso Pin. — Em outras palavras, sr. Chien, o senhor identificará, entre os dois mil alunos, quem merece confiança, quais os que estão ou não reagindo realmente à programação.

— Permita-me servir-lhe o chá — disse cerimoniosamente Chien.

— O que o senhor precisa compreender é que — disse em voz grossa Pethel, falando em um cantonês ainda pior do que o de Tso-pin — logo que perdeu a guerra global conosco, a juventude americana desenvolveu um talento para *dissembling*.

Disse esta última palavra em inglês. Não a compreendendo, Chien virou olhos inquisidores para seu superior.

— Mentir — explicou Tso-pin.

— Repetir os *slogans* apropriados para dar na vista, mas, por dentro, saber que são falsos — continuou Pethel. — As provas escritas desse grupo se

parecerão muito com as dos autênticos...

— O senhor quer dizer que as provas escritas de *dois mil estudantes* passarão por meu gabinete? — perguntou Chien. Não conseguiu acreditar nisso. — Isso em si é um trabalho em tempo integral. Não tenho tempo para nada que mesmo de longe se pareça com isso. — Estava estupefato. — Dar aprovação crítica, oficial, à aceitação ou recusa da variedade ardilosa que imagina... Fez um gesto bem conhecido. — *Screw that* — disse, também em inglês.

Tso-Pin pestanejou ao ouvir o vulgar e forte palavrão ocidental.

— O senhor dispõe de um quadro de pessoal — voltou a falar. — Além disso, pode requisitar vários outros do pessoal do ministério. O orçamento do ministério, reforçado este ano, permite isso. E não se esqueça de que o Benfeitor Absoluto do Povo escolheu pessoalmente o Sr. Pethel.

Nesse momento, o tom de voz tornou-se ameaçador, embora apenas sutilmente. Apenas o suficiente para penetrar na histeria de Chien e transformá-la em submissão. Pelo menos, temporariamente. Como que para frisar esse argumento, Tso-pin foi até a extremidade mais distante da sala e postou-se em frente ao retrato de corpo inteiro, em 3-D, do Benfeitor Absoluto. Após um intervalo, sua proximidade disparou um gravador de fita atrás do retrato. O rosto do Benfeitor ganhou vida e de seus lábios saiu a conhecida homilia, em um tom mais do que conhecido. "Lutem pela paz, meus filhos", disse ele em tom suave, mas firme.

— Ah! — disse Chien, nervoso, mas escondendo esse fato. Possivelmente, um dos computadores do ministério poderia classificar as provas escritas, usando uma estrutura tipo sim-não-talvez, em conjunto com um gabarito do padrão de correção — e incorreção — ideológica. A questão poderia ser transformada em rotina. Provavelmente.

— Trouxe comigo algum material que gostaria que o senhor examinasse, Sr. Chien — Darius Pethel voltou a falar, correndo o fecho de uma pasta de documentos, de plástico, modelo antigo. — Duas provas escritas — disse, entregando os papéis a Chien. — Elas nos dirão se o senhor está à altura do trabalho. — Virou-se para Tso-pin. Os olhos dos dois se encontraram. — Pelo que sei — continuou Pethel — se o senhor tiver sucesso neste trabalho, será nomeado vice-conselheiro do ministério e Sua Grandeza, o Ben-feitor Absoluto do Povo, conferirá ao senhor a Medalha Kisterigian. Ele e Tso-pin sorriram em cauteloso uníssono.

— A Medalha Kisterigian — repetiu Chien — Pegou as provas e lançou-lhes um olhar de estudada indiferença. Mas, por dentro, o coração vibrava com uma tensão mal disfarçada. — Por que essas duas? Com isso o que quero dizer é:

o que devo procurar, senhor?

— Uma delas — explicou Pethel — é trabalho de um progressista dedicado, um membro leal do Partido, com convicções amplamente pesquisadas. A outra é de um jovem *stilyagi*, que suspeitamos de abrigar criptoidéias degeneradas, imperialistas, da pequena burguesia. Cabe-lhe, senhor, descobrir quem é quem.

Obrigadíssimo, pensou Chien. Mas, inclinando a cabeça, leu o título da primeira prova.

DOCTRINAS DO BENFEITOR ABSOLUTO,  
PROFETIZADAS NA POESIA DE BAHÁ AD-PIN ZUHAYR,  
DA ARÁBIA DO SÉCULO XIII

Lançando um olhar para a página inicial da prova, Chien encontrou uma quadra conhecida. Intitulada "Morte", conhecia-a praticamente desde o início de sua vida de homem educado.

*Uma vez, ele deixará passar, duas vezes deixará,  
Ele escolhe só uma de muitas horas.  
Para ele não há colina alta nem baixa,  
Mas apenas a planície onde procura flores.*

— Impressionante — comentou Chien. — Este poema.

— Ele usa o poema — disse Pethel, observando os movimentos dos lábios de Chien enquanto relia o poema — para indicar a sabedoria antiquíssima demonstrada pelo Benfeito Absoluto em nossa vida corrente, de que nenhum indivíduo está seguro. Que todos são mortais e que só a causa suprapessoal, historicamente essencial, sobreviverá. Como deve ser. O senhor concorda com ele? Com esse estudante, quero dizer? Ou — Pethel fez uma pausa — ele está de fato satirizando as declarações do Benfeito Absoluto? Cautelosamente, Chien respondeu:

— Deixe-me examinar a outra prova.

— O senhor não precisa de mais informações. Decida. Em voz hesitante, Chien começou:

— Eu... nunca pensei nesse poema dessa maneira. — Sentiu-se irritado. — De qualquer modo, não é de autoria de Bahá ad-Din Zuhayr. Faz parte da antologia das *Mil e uma noites*. Mas é, de fato, do século XIII. Isso eu sei.

Rapidamente leu o texto da prova que acompanhava o poema. Parecia ser um requeijamento rotineiro, sem nenhuma novidade, dos clichês do Partido, dele conhecidos desde seu nascimento. O monstro imperialista, cego, que abatia e suprimia (metáfora mista) as aspirações humanas, as maquinações do ainda existente grupo antiPartido na região leste dos Estados Unidos... Sentiu-se devidamente entediado e tão sem inspiração quanto o trabalho do estudante. Temos que perseverar, dizia a prova escrita. Eliminar os resquícios do Pentágono nas Catskills, derrotar o Tennessee e, principalmente, o bolsão de obstinada resistência nas colinas vermelhas de Oklahoma. Deixou escapar um suspiro.

— Eu acho — disse Tso-pin —, que devemos dar ao Sr. Chien a oportunidade de resolver sem pressa essa difícil questão. — Voltou-se para Chien — O senhor tem permissão de levar as provas para seu apartamento, esta noite, e avaliá-las em seu próprio tempo de folga.

Fez uma mesura, meio zombeteira, meio solícita. De qualquer modo, insultuosa ou não, soltou Chien do anzol e por isso seu subordinado ficou grato.

— O senhor é muito bondoso — murmurou —, em permitir que eu realize este novo e inspirador trabalho em minhas horas de lazer. Mikoyan, se vivo hoje, aprovaria isso.

Seu canalha, pensou, incluindo tanto seu superior quanto o caucasiano Pethel. Passando para mim uma batata quente como esta, e para descascar em minhas horas de descanso. Obviamente, o PC EUA. estava com problemas. Suas academias de doutrinação não estavam conseguindo dar conta do recado junto aos jovens ianques, sabidamente teimosos e excêntricos. E passou esta batata quente de uma mão para outra até que chegou na minha.

Obrigado por nada, pensou azedamente.

Naquela mesma noite, em seu pequeno e confortável apartamento leu a segunda das duas provas, esta assinada por uma certa Marion Culper e descobriu que, também, falava em poesia. Obviamente, esta era, especiosamente, uma classe de estudo de poesia, e se sentiu mal. Jamais tolerou o emprego da poesia — ou de qualquer outra arte — para fins sociais. De qualquer modo, sentado confortavelmente na cadeira espreguiçadeira de couro sintético construída especialmente para corrigir desvios de coluna, acendeu um enorme charuto corona Cuesta Rey Number One English Market e começou a ler.

A Srta. Culper, que assinara a prova, selecionou como texto parte de um poema de John Dryden, o poeta inglês do século XVII, os versos finais do conhecido "A Song for St. Cecilia's Day".

*...E assim, quando a última e pavorosa hora  
a desmoronante pompa devorar,  
As trombetas serão ouvidas, altas,  
Os mortos renascerão, os vivos morrerão,  
E a Música desafinará o céu.*

Que droga de coisa, pensou irritado Chien. Será que devemos supor que Dryden previu a queda do capitalismo? Teria sido nisso que ele pensou com a "desmoronante pompa"? Cristo. Inclinou-se para pegar o charuto, que havia se apagado. Procurando no bolso o isqueiro de fabricação japonesa, levantou-se parcialmente.

*Têvéêêêêê!* disse o receptor de TV no canto mais distante da sala de estar.

Ah, pensou Chien. O Líder vai falar para nós. O Benfeitor Absoluto do Povo, lá em Pequim, onde vive há 90 anos, ou 100? Ou, como gostamos às vezes de pensar, o Abs...

— Que os dez mil botões da abjeta flor da pobreza auto-imposta floresçam em seu jardim espiritual — disse o apresentador da TV.

Com um gemido, Chien levantou-se e fez a mesura obrigatória em resposta. Todos os aparelhos de TV eram equipados com dispositivos de monitoração que diziam à Polsec, a Polícia de Segurança, se o dono estava fazendo a mesura e/ou assistindo.

Na tela, um rosto muito conhecido manifestou-se, as feições largas, lisas, sadias, do líder de 120 anos de idade do PC Leste, o governante de muitos... de um número grande demais, refletiu Chien. Uau para você, pensou, voltou a sentar-se na espreguiçadeira de couro sintético, nesse momento de frente para a TV.

— Meus pensamentos — disse o Benfeitor Absoluto, em tom sonoro e lento — estão com vocês, meus filhos. E, especialmente, com o Sr. Tung Chien, de Hanói, que tem pela frente uma tarefa difícil, uma tarefa que tornará mais rico o povo do Oriente Democrático, além da Costa Oeste americana. Temos que pensar em unísono com esse homem nobre e dedicado e no duro trabalho que ele enfrenta. E por isso resolvi reservar vários momentos de meu tempo para homenageá-lo e inspirá-lo. Está ouvindo, sr. Chien?

— Estou, Vossa Grandeza — disse Chien e pensou nas contraprobabilidades de o Líder do Partido *escolhê-lo* nessa noite particular. As probabilidades despertaram-lhe um cinismo nada camarada. Aquilo não convencia. Provavelmente, essa transmissão estava sendo transmitida apenas para seu prédio de apartamentos — ou pelo menos para aquela cidade. E poderia



ser também um trabalho de sincronização hipócrita, realizado na Hanói TV, Incorporated. De qualquer modo, tinha que escutar e assistir — e também absorver. E foi o que fez, condicionado por uma vida inteira de prática. Por fora, parecia rigidamente atento. Por dentro, continuava a remoer as duas provas escritas, perguntando a si mesmo qual delas continha a interpretação correta, onde o entusiasmo devoto pelo Partido terminava, e a difamação irônica começava? Era difícil saber... o que, claro, explicava por que haviam jogado o trabalho em seu colo.

Mais uma vez, enfiou a mão no bolso à procura do isqueiro — e encontrou o pequeno envelope cinzento que o ambulante veterano de guerra lhe havia vendido. Deus, pensou, lembrando-se de quanto aquilo lhe custou. Dinheiro derramado pelo ralo e para o que aquele remédio fitoterápico serviria? Para nada. Virou o envelope e viu no verso algumas palavras impressas. Ora, ora, pensou, e começou a abrir o envelope com cuidado. As palavras haviam lhe despertado o interesse — e, evidentemente, era para isso que estavam ali.

*Falhando como membro do Partido e ser humano?  
Receoso de tornar-se obsoleto e de ser jogado no  
Monte de lixo da história pelo...*

Leu rapidamente o texto, ignorando as indicações, tentando descobrir o que havia comprado.

Enquanto isso, o Benfeitor Absoluto continuava a falar em tom monótono.

Rapé. O envelope continha rapé. Incontáveis milhares grãos minúsculos, parecendo pólvora, dos quais desprendia-se um aroma interessante, que lhe provocou uma coceira gostosa no nariz.

O nome dessa mistura particular era Princes Special, descobriu. E muito agradável, concluiu. No passado havia usado rapé — fumar, durante algum tempo, foi ilegal por questões de saúde —, mas, nos seus dias de estudante na Universidade Pequim, era a moda, especialmente as misturas feitas por amadores em Chunquim, só Deus sabe com o quê. Seria essa a mesma mistura? Praticamente qualquer aroma podia ser acrescentado ao rapé, de essência de organela a caranguejo-mirim pulverizado... ou como parecia no caso de algumas, especialmente a mistura inglesa chamada High Dry Toste, que havia por si mesma acabado mais ou menos com essa ânsia por fumo nasal, inalado.

Na tela da TV, o Benfeitor continuava a falar tediosamente, enquanto Chien experimentava cautelosamente o pó, lia as indicações sobre o mesmo... curava tudo, de chegar tarde ao trabalho a apaixonar-se por uma mulher de

antecedentes políticos duvidosos. Interessante. Mas típicos das indicações...

A campanha tocou nesse momento.

Levantando-se, dirigiu-se à porta, sabendo com absoluta certeza o que seria. E ali, sem a menor dúvida, estava Mou Kuei, o síndico, baixote, olhos duros e consciencioso em seu trabalho. Trazia a braçadeira com o nome de seu cargo e capacete de metal na cabeça, o que dizia que era grave o que o trazia até ali.

— Sr. Chien, camarada trabalhador do Partido, recebi um telefonema do serviço de televisão. O senhor não está olhando para a tela de seu aparelho e, sim, mexendo em um envelope de conteúdo duvidoso. — Pegou uma prancheta e uma caneta esferográfica. — Duas marcas vermelhas e, de agora em diante, sob ordem sumária de sentar-se em uma postura confortável, livre de estresse, diante de sua tela e dar ao Líder total atenção. As palavras dele nesta noite são dirigidas especialmente ao senhor, senhor, ao senhor.

— Duvido muito disso — Chien ouviu sua voz responder.

— O que é que o senhor quer dizer com isso? — perguntou Kuei, pestanejando.

— O Líder governa oito bilhões de camaradas. Ele não vai me escolher entre todos eles.

Sentia-se raivoso. A pontualidade da reprimenda do síndico irritava-o.

— Mas eu ouvi claramente, com meus próprios ouvidos — disse Kuei. — Seu nome foi mencionado.

Dirigindo-se ao aparelho de TV, Chien aumentou o volume.

— Mas agora ele está falando sobre fracassos na Índia Popular. Esse assunto não tem relevância para mim.

— Tudo que o Líder diz é relevante. — Mou Kuei riscou uma marca no papel da prancheta, curvou-se formalmente e virou-se para ir embora. — Meu telefonema para vir aqui e confrontá-lo com sua falta de exaltação no cumprimento do dever veio da Central. Obviamente, eles lá consideram importante sua atenção. Tenho que ordenar que ligue seu circuito automático de gravação de transmissão e que volte a ouvir as partes anteriores do discurso do Líder.

Chien peidou. E fechou a porta.

De volta à TV, disse a si mesmo. Ao lugar onde passamos nossas horas de lazer. E ali estavam duas provas escritas de estudantes. Esse fato aborrecia-o, também. E tudo isso em minhas horas de lazer, pensou furioso. O diabo que os carregue. Que enfiem isso naquele lugar. Dirigiu-se ao aparelho de TV e fez

menção de desligá-lo. Imediatamente, uma luz vermelha piscou, informando-o de que ele não tinha permissão de desligar o aparelho... que não podia, na verdade, acabar com o longo discurso e a imagem mesmo que tirasse o plugue da tomada. Discursos de escuta obrigatória, pensou, vão matar todos nós, enterrar todos nós. Se eu pudesse me livrar do ruído dos discursos, me livrar do barulho dos ganidos do Partido acuando a humanidade...

Mas não havia regulamento conhecido que o proibisse de cheirar rapé enquanto ouvia o Líder falar. De modo que, abrindo o pequeno embrulho cinzento, pôs um montinho dos grânulos pretos nas costas da mão esquerda. Em seguida, como se fosse um profissional da coisa, levou a mão às narinas e inalou profundamente, levando o rapé para bem fundo nos seios nasais. Esses seios estão ligados ao cérebro e, por isso, uma inalação de rapé afeta diretamente o córtex cerebral. Sorriu, sentou-se mais uma vez, fixou a vista na tela da TV e no indivíduo gesticulante que todos conheciam tão bem.

A face tornou-se indistinta, desapareceu. O som parou. Chien viu-se diante do vazio, de um vácuo. A tela, preta e branca, continuava à sua frente e do alto-falante escapava um silvo baixo.

A droga do rapé, pensou. Inalou profundamente o resto do pó nas costas da mão, puxando-o avidamente para o nariz, os seios nasais ou, pelo menos, foi o que pareceu, para o cérebro. Mergulhou no rapé, absorvendo-o gostosamente.

A tela permaneceu vazia. Em seguida, aos poucos, uma imagem formou-se mais uma vez e se fixou. Não do Líder. Não do Benfeitor Absoluto do Povo, na verdade, de maneira nenhuma uma figura humana.

Olhava para uma construção mecânica morta, feita de circuitos em estado sólido, de pseudomembros que giravam, de lentes, e de uma caixa de fala. E a caixa começou, em um ruído monótono, a lhe passar um sermão bombástico.

Olhando-a fixamente, pensou: *O que é isso?* Realidade? Alucinação, pensou também. O ambulante descobriu por acaso algumas drogas psicodélicas usadas durante a Guerra de Libertação... Ele está vendendo esse troço e eu tomei um pouco dela, tomei uma barbaridade!

Dirigindo-se em passos titubeantes para o videofone, discou o número da estação da PolSec mais próxima de seu prédio.

— Desejo denunciar um passador de drogas alucinogênicas — disse.

— Seu nome, senhor, e localização apartprédio? — Um burocrata da polícia, eficiente, seco, impessoal.

Chien deu a informação solicitada e, mais uma vez em passos vacilantes, voltou à espreguiçadeira de couro sintético, mais uma vez para ver as aparições

na tela da TV. Este é letal, pensou. Tem que ser um preparado aperfeiçoado em Washington, D.C. ou em Londres — mais forte e mais estranho do que o LSD-25 que eles jogaram com tanta generosidade em nossos reservatórios d'água. E eu pensava que ia me aliviar da chatura dos discursos do Líder... Isto é muito pior, essa monstruosidade eletrônica, falador a, giradora, de metal e plástico, falando sem parar... É apavorante.

Ter que enfrentar *isso* durante o resto de minha vida...

A dupla da PolSec precisou de dez minutos para bater à sua porta. Por essa altura, em um conjunto de imagens que se deterioravam, a imagem conhecida do Líder voltou a entrar em foco na tela, tendo suplantado a horrível construção artificial que mexia seus membros, falava sem parar, interminavelmente. Trêmulo, mandou os dois policiais entrarem e levou-os à mesa onde havia deixado o resto do rapé, dentro do embrulho.

— Toxina psicodélica — disse em voz rouca. — De curta duração. Absorvida diretamente pela corrente sanguínea através das capilares nasais. Darei aos senhores todos os detalhes sobre onde a comprei, de quem, e tudo mais.

Tomou uma profunda e trêmula respiração. A presença da polícia era confortante.

Canetas esferográficas em posição, os dois policiais esperaram. Durante todo o tempo, no fundo, o Líder prosseguia no discurso interminável. Como havia feito em milhares de noites antes na vida de Tung Chien. Mas, pensou, isso nunca mais será o mesmo, pelo menos para mim. Não depois de ter cheirado o rapé quase tóxico.

E perguntou a si mesmo: Era essa a intenção deles?

Pareceu-lhe estranho pensar em uns tantos *eles*... embora, de alguma maneira, correto. Por um instante hesitou em dar todos os detalhes, em não dizer à polícia o bastante para localizar o tal homem. Um ambulante, começou. Não sei onde. Não consigo me lembrar. Mas ele se lembrava, lembrava-se exatamente da esquina. De modo que, com uma relutância inexplicável, contou tudo.

— Obrigado, camarada Chien — o mais graduado da dupla pegou com todo cuidado o resto do rapé, havia sobrado a maior parte, e colocou-o em um bolso do uniforme, um uniforme elegante, vistoso. — Vamos mandar analisar isso na primeira ocasião disponível e o informaremos imediatamente no caso de medidas médicas preventivas serem indicadas para o senhor. Algumas drogas psicodélicas do tempo da guerra acabaram por se revelarem fatais, como o senhor sem dúvida leu.

— Li — confirmou Chien. Era nisso, especificamente, que havia pensado.

— Boa sorte e obrigado por nos ter notificado — disseram os dois policiais, e saíram.

O caso, a despeito de toda eficiência por eles demonstrada, não parecia tê-lo abalado. Obviamente, queixas desse tipo eram rotineiras.

O laudo do laboratório chegou rápido... e surpreendentemente, dada a vasta burocracia do Estado. Chegou-lhe através do videofone, antes de o Líder terminar o discurso na TV.

— Não é um alucinógeno — informou o técnico de laboratório da PolSec.

— Não? — perguntou Chien, perplexo com, estranhamento e sem se sentir aliviado. Não, absolutamente.

— Ao contrário. É uma fenotiazina, que o senhor sem dúvida sabe que é antialucinógena. Uma dose forte por grama da mistura, mas inócua. Pode reduzir sua pressão arterial e deixá-lo sonolento. Provavelmente, roubada de um depósito de suprimentos médicos do tempo da guerra. Deixado pelos bárbaros em retirada. Eu não me preocuparia com isso.

Pensativo, Chien, em um movimento lento, desligou o videofone. Em seguida, dirigiu-se para a janela de seu prédio — a janela que tinha uma excelente vista de outros prédios residenciais — a fim de pensar.

A campanha da porta tocou nesse momento. Sentindo-se como se em transe, cruzou a sala de estar atapetada e foi ver quem era.

A moça à porta, usava capa de chuva com uma *babushka* cobrindo os cabelos compridos e muito brilhosos — perguntou ela, em voz tímida e baixa:

— Humm, camarada Chien? Tung Chien? Do Ministério da... — Agindo por reflexo, Chien convidou-a a entrar e fechou a porta.

— Você esteve monitorando meu videofone — disse ele. Era um tiro no escuro, mas alguma coisa, uma certeza muda, lhe disse que ela havia feito isso.

— Eles... eles levaram o resto do rape? — A moça olhou em volta. — Oh, tomara que não. É tão difícil consegui-lo nestes dias.

— Rapé — disse ele — é fácil de conseguir. Fenotiazina, não. É isso o que você quer dizer?

A moça levantou a cabeça e examinou-o com grandes e sombrios olhos.

— É, Sr. Chien... — Hesitou, obviamente tão insegura quanto os policiais da PolSec estiveram seguros. — Conte-me o que viu. Para nós é de grande importância ter certeza.

— Eu tinha opção? — perguntou agudamente ele.

— Tinha, e muita. E é isso que nos deixa confusos. Isso não é o que nós planejamos. Não compreendemos o que aconteceu. Não se ajusta à teoria de ninguém. — Os olhos tornando-se ainda mais escuros e profundos, ela continuou: — Foi a forma de horror aquático? A coisa com lodo e dentes, a forma de vida extraterrestre? Por favor, me diga. Nós temos que saber.

A moça respirava de maneira entrecortada, com esforço, a capa de chuva subindo e descendo. Quando deu por si, Chien seguia atentamente esse ritmo com os olhos.

— Uma máquina — disse.

— Oh! — Ela baixou a cabeça, inclinando-a vigorosamente para baixo. — Isso mesmo, compreendo. Um organismo mecânico de nenhuma maneira parecido com um ser humano. Não um simulacro nem uma coisa construída para parecer um homem.

— A coisa não parecia um homem — concordou Chien.

E acrescentou para si mesmo: E a coisa não conseguiu — não tentou — falar como um homem.

— O senhor compreende que não foi uma alucinação?

— Fui oficialmente informado de que o que tomei foi fenotiazina. Isso é tudo que sei.

Falou tão pouco quanto possível. Não queria falar, mas ouvir. Ouvir o que aquela moça tinha a dizer.

— Muito bem, Sr. Chien... — A moça tomou uma respiração profunda, difícil. — Se não foi uma alucinação, então o que foi? O que é que isso nos deixa? O que é chamado de "extra-consciência"... poderia ser isso?

Chien ficou calado. Dando-lhe as costas, pegou displicentemente as provas dos dois estudantes, passou a vista por elas, ignorando-a. Esperando pela tentativa seguinte da visitante.

Sentiu-a atrás de seus ombros, despreendendo um aroma de chuva de primavera, um aroma de doçura e agitação. Era linda a maneira como exalava esses perfumes, assim como sua aparência e, pensou ele, o jeito como falava. Tão diferente dos padrões repetidos e monótonos que ouvimos na TV... e que ele ouvia desde os tempos de menino.

— Alguns — continuou ela, naquela voz rouca — que tomam estelazina — e foi estelazina o que o senhor tomou, Sr. Chien — vêem uma única aparição, outros vêem coisas diferentes. Categorias separadas, porém, surgiram. Não há,

porém, uma variedade infinita. Alguns vêem o que o senhor viu. Nós os chamamos de Estrepitosos. Alguns vêem o horror aquático. Esse é o Engolidor. Mas há também a Ave, o Tubo Ascendente, e... — Calou-se por um momento. — Mas as reações dos outros pouco nos dizem. Dizem a *nós* muito pouco. — Hesitou e em seguida continuou: — Agora que isso lhe aconteceu, Sr. Chien, nós gostaríamos que viesse a uma de nossas reuniões. Junte-se ao seu grupo particular, formado pelos que vêem o que o senhor vê. O Grupo Vermelho. Queremos saber o que essa coisa *realmente* é e... — Fez um gesto com os dedos finos, macios como cera. — A coisa não pode ser *todas* essas manifestações. — O tom era agudo, ingenuamente agudo. Chien sentiu sua cautela relaxar... um pouco.

— O que é que vocês vêem? Você, em particular? — perguntou ele.

— Eu faço parte do Grupo Amarelo. Eu vejo... uma tempestade. Um redemoinho de vento violento, uivante. Que arranca tudo pela base, esmaga prédios de apartamentos construídos para durar um século. — Sorriu cansada. — O Esmagador. Doze grupos no todo, Sr. Chien. Dois experimentos inteiramente diferentes, todos eles produzidos pelas mesmas fenotiazinas, tudo isso acontece quando o Líder fala na TV. Quando a *coisa* fala, melhor dizendo.

Ergueu a cabeça e sorriu para ele, os cílios longos — provavelmente alongados artificialmente — o olhar encantador, mesmo confiante. Como se ela soubesse de alguma coisa ou pudesse fazer alguma coisa.

— Eu devia exercer meu direito de cidadão e prendê-la — disse ele logo em seguida.

— Não há lei, não contra isso. Estudamos a jurisprudência soviética antes de... encontrarmos pessoas para distribuir a estelazina. Não temos muito dela. Temos que tomar todo cuidado com as pessoas a quem a damos. Nós achamos que o senhor era uma boa escolha... um funcionário de carreira jovem, dedicado, do pós-guerra, bem conhecido, em ascensão. — Tirou-lhe dos dedos as provas escritas. — Estão obrigando o senhor a poli-ler? — perguntou ela.

— Poli-ler?

Chien desconhecia a palavra.

— Estudar alguma coisa dita ou escrita para verificar se está de acordo com a visão política atual do Partido. Na hierarquia, vocês chamam a isso meramente de "ler", não? — Mais uma vez, ela sorriu. — Quando subir um degrau mais alto, mais alto junto ao Sr. Tso-pin, o senhor vai conhecer essa expressão. — E acrescentou sombriamente: — E com o Sr. Pethel. Ele está situado muito alto na hierarquia. Sr. Chien, não há nenhuma escola ideológica em San Fernando. Essas provas escritas são forjadas, destinadas a fornecer a eles

uma análise exaustiva de *sua* ideologia política. Conseguiu distinguir qual das provas é a ortodoxa e a herética? — A voz dela era brincalhona, provocando-o com uma malícia divertida. — Escolha a errada e sua carreira em ascensão morre e esfria no meio do caminho. Escolha a certa...

— Você sabe qual é a certa? — perguntou ele.

— Sei. — Ela inclinou, séria, a cabeça. — Temos aparelhos de escuta no gabinete particular do Sr. Tso-pin. Monitoramos a conversa dele com o Sr. Pethel... que não é nenhum Sr. Pethel, mas o inspetor altamente graduado Judd Craine, da PolSec. O senhor provavelmente ouviu falar nele. Ele foi o principal assessor do juiz Vorlavsky no processo por crimes de guerra em Zurique, em 1998.

— Eu... entendo — disse Chien, com dificuldade. Bem, isso explicava tudo.

— Meu nome é Tanya Lee — apresentou-se a jovem. Chien ficou calado. Inclinou simplesmente a cabeça, confuso demais para pensar.

— Tecnicamente, sou uma pequena escrituraria — continuou a Srta. Lee — em seu ministério. O senhor nunca passou por mim, contudo, pelo menos que eu me lembre. Nós temos que ocupar postos, sempre que podemos. Tão altos quanto possível. Meu próprio chefe...

— Você deveria estar me contando isso? — Chien indicou com um gesto o aparelho de TV, que permanecia ligado, — Eles não estão nos ouvindo?

— Nós introduzimos um fator de ruído na recepção de material de vídeo e áudio neste prédio. Eles precisarão de quase uma hora para localizar a blindagem. De modo que — consultou o relógio minúsculo no pulso esguio — temos mais 15 minutos. Para ainda ficar em segurança.

— Diga-me — pediu ele — qual das provas é a ortodoxa?

— É isso o que o preocupa? Realmente?

— Com o que é que eu devo me preocupar? — perguntou ele.

— O senhor não compreendeu, Sr. Chien? O senhor aprendeu uma coisa. O Líder não é o Líder. Ele é outra coisa, mas não sabemos o quê. Ainda não. Sr. Chien, com todo o devido respeito, o senhor já mandou analisar a água que bebe? Reconheço que isso parece paranóico, mas, mandou?

— Não — respondeu ele. — Claro que não — continuou, sabendo o que ela iria dizer.

— Nossos testes — prosseguiu vivamente a Srta. Lee — apuraram que ela está saturada com alucinógenos. Está, esteve, e continuará a estar. Não os que foram usados durante a guerra, não os que causam desorientação, mas um



derivado sintético do espigão do centeio chamado Datrox-3. O senhor o bebe aqui no prédio desde o momento em que acorda, bebe no restaurante e em outros apartamentos que visita. Bebe-o no ministério. Ele é distribuído pela canalização a partir de uma fonte central. — O tom de voz era frio e raivoso. — Nós solucionamos esse problema. Sabíamos, logo que o descobrimos, que qualquer boa fenotiazina combateria seus efeitos. O que não sabíamos, claro, foi isso... a grande *variedade* de experiências autênticas. Racionalmente, isso não faz sentido. É a alucinação que deve diferir de uma pessoa a outra e a experiência de realidade que deve ser onipresente... mas tudo acontece ao contrário. Não pudemos nem mesmo formular uma teoria *ad hoc* que explique isso e só Deus sabe como nos esforçamos. Doze alucinações mutuamente exclusivas... isso poderia ser facilmente compreendido. Mas não uma única alucinação e 12 realidades. — Interrompeu-se, examinou as duas provas escritas, a testa enrugando-se. — A que traz o poema árabe é a ortodoxa — afirmou. — Se disser isso a eles, eles confiarão no senhor e lhe darão um cargo mais alto. Subirá um degrau na hierarquia do mundo oficial do Partido. — Sorrindo, seus dentes eram perfeitos e lindos, ela concluiu: — Veja só o que você recebeu em troca de seu dinheiro essa manhã. Sua carreira está comprometida por um tempo. E por nós.

— Não acredito em você — disse ele. Instintivamente, sua cautela entrou em ação. Cautela de uma vida inteira. Vivida em meio aos homens difamadores de filial de Hanói do PC Leste. Eles conheciam uma infinidade de métodos de liquidar um rival alguns dos quais ele mesmo usara, outros que ele tinha visto serem usados contra ele e outras pessoas. Mas este podia ser um método novo, que desconhecia. Isso podia sempre acontecer.

— Esta noite — disse a Srta. Lee —, no discurso, o Líder falou de você. Isso não parece estranho? Um pequeno chefe de serviço, em um ministério secundário...

— Reconheço isso — concordou Chien. — Também pensei nisso. De fato. — Isso foi legítimo.

— Sua Grandeza está preparando um quadro de elite de homens mais jovens, homens do pós-guerra, na esperança de infundir nova vida na hierarquia mesquinha, moribunda, de indivíduos sem nenhuma idéia na cabeça, de mercenários do Partido. Sua Grandeza escolheu-o pela mesma razão que o escolhemos. Se conduzida de forma correta, sua carreira pode levá-lo ao mais alto cargo. Pelo menos, durante algum tempo... como sabemos. A coisa é assim.

Então, pensou Chien, aparentemente todos têm fé em mim. Exceto eu mesmo. E, certamente, não depois de tudo isso, de experiência com o rapé anti-alucinógeno. Que abalou anos de confiança e, sem dúvida, corretamente. Não obstante, começava a recuperar a posse de si mesmo. Sentiu que voltava a si, um

pouco no início, depois de uma só vez.

Dirigindo-se ao videofone, levantou o aparelho e começou, pela segunda vez naquela noite, a discar o número da Polícia de Segurança, de Hanói.

— Entregar-me a polícia — disse a srta. Lee — seria a segunda decisão mais regressiva que o senhor poderia tomar. Eu direi que o senhor me trouxe aqui para me subornar, porque pensou que, devido a meu trabalho no ministério, eu saberia que prova escrita deveria escolher.

— E qual foi minha primeira decisão mais regressiva? — perguntou ele.

— Não tomar outra dose de fenotiazina — respondeu calmamente a moça.

Pondo o telefone no gancho, Tung Chien pensou: não estou entendendo o que está acontecendo comigo. Duas forças, o Partido e Sua Grandeza de um lado — e essa moça com seu suposto grupo, do outro. Uma quer que eu suba tanto quanto possível na hierarquia do Partido. A outra — *O que é que Tanya Lee quer?* Por trás das palavras, no interior da membrana de um desprezo quase trivial pelo Partido, pelo Líder, pelos padrões éticos da Frente Democrática Unida Popular... o que queria ela no que lhe dizia respeito?

Curioso, perguntou:

— Você é anti-Partido?

— Não.

— Mas... — Com um gesto enfático das mãos, ele continuou: — Tudo o que existe é o seguinte: Partido e Anti-Partido. — Confuso, fitou-a. Calmamente, ela sustentou seu olhar. — Vocês têm uma organização — prosseguiu — e vocês se reúnem. O que é que querem destruir? A função regular do governo? Vocês são iguais aos estudantes traiçoeiros dos Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã, que detinham trens conduzindo tropas, faziam protestos...

— Não foi assim — respondeu, cansada, a Srta. Lee. — Mas, esqueça, a questão não é essa. O que queremos saber é o seguinte: quem ou o que está nos conduzindo? Temos que nos infiltrar o suficiente para recrutar alguém, algum jovem teórico em ascensão do Partido, que possa ser convidado para um *tête-à-tête* com o líder. Será que o senhor não compreende isso? — Aumentou o tom da voz. Tanya consultou novamente o relógio. Os 15 minutos estavam quase no fim. — Na verdade, pouquíssimas pessoas vêem o Líder, como o senhor sabe. Quero dizer, vê-lo realmente em carne e osso.

— Reclusão — disse Chien. — Devido à sua idade avançada.

— Temos a esperança de que — continuou ela — se o senhor passar no falso exame que lhe prepararam, e com minha ajuda, já passou, vai ser

convidado para uma das festas só para homens que o Líder oferece de vez em quando, e que os jornais, evidentemente, não noticiam. Agora, compreendeu? — a voz ergueu-se, estridente, em um frenesi de desespero. — Nesse caso, o senhor saberá. Se for lá sob a influência da droga antialucinatória, poderá ver cara a cara quem ele realmente é...

— E terminar minha carreira no serviço público. Se não for a minha vida — Chien respondeu, pensando em voz alta.

— O senhor nos deve alguma coisa — retrucou secamente Tanya, o rosto lívido. — Se eu não tivesse lhe dito que prova escrita escolher, o senhor teria escolhido a errada e sua dedicada carreira no serviço público acabaria de qualquer maneira, o senhor teria fracassado — fracassado em um teste ao qual nem mesmo saberia que estava sendo submetido.

Chien sorriu tranqüilamente.

— Eu tinha uma chance de cinqüenta por cento — respondeu.

— Não. — Tanya sacudiu ferozmente a cabeça. — A prova herética está recheada do jargão do Partido. Eles prepararam deliberadamente os dois textos como uma armadilha para o senhor. Eles *queriam* que o senhor fracassasse.

Confuso, Chien examinou mais uma vez as duas provas. Teria ela razão? Possivelmente. Provavelmente. O que ela dizia parecia verdade, conhecendo os funcionários do Partido como conhecia, e Tso-pin, seu superior, em particular. Sentiu-se muito cansado. Derrotado.

— O que você está tentando extrair de mim é um *quid pro quo* — disse, após um momento. — Você fez uma coisa por mim — você tem, ou diz que tem, a resposta a essa coisa que o Partido quer saber. Mas já fez sua parte. O que é que me impede de expulsá-la daqui a pontapés? Não tenho que fazer coisa nenhuma.

Ouviu sua própria voz, monótona, ressoando com a pobreza de emoção empática tão comum nos círculos do Partido.

— Haverá outros testes — lembrou a Srta. Lee — enquanto continuar a subir na carreira. E nós os monitoraremos também para o senhor.

Ela estava calma, à vontade. Evidentemente, havia previsto aquela reação.

— De quanto tempo disponho para pensar a fundo nesse problema? — perguntou.

— Estou indo embora agora. Não temos pressa. O senhor não está para receber um convite para ir à casa de campo do Líder, às margem do rio Yangtze, na próxima semana ou mesmo no próximo mês. — Dirigindo-se para a

porta e abrindo-a, ela parou por um momento. — Na medida em que o submeterem a testes de classificação, nós entramos em contato, fornecendo as respostas... e nessas ocasiões vai conhecer um ou mais de um de nós. Provavelmente, não eu. Aquele veterano de guerra inválido é que lhe dará as folhas com as respostas certas quando deixar o prédio do ministério. — Sorriu levemente por um momento. — Mas, um destes dias, sem dúvida inesperadamente, o senhor vai receber um convite oficial, formal, caprichado, para ir à casa de campo e, quando for, será fortemente sedado com estelazina... possivelmente a última dose de nosso suprimento cada vez menor. Boa noite.

Fechando a porta às suas costas, ela desapareceu.

Deus do céu, pensou Chien. Eles podem me chantagear. Pelo que eu fiz. E ela nem mesmo se deu ao trabalho de mencionar isso. Em vista daquilo em que estão envolvidos, nem mesmo valeria a pena mencionar.

Mas chantagear para obter o quê? Já havia dito aos policiais da PolSec que lhe tinham fornecido uma droga que, mais tarde, foi identificada como fenotiazina. *Neste caso, eles sabem*, compreendeu. Vão me vigiar, vão ficar alertas. Tecnicamente, não infringi lei nenhuma, mas... eles vão me vigiar, quanto a isso, nenhuma dúvida.

Mas, também, eles vigiavam todo mundo. Relaxou ligeiramente ao pensar nessa possibilidade. Ao longo dos anos, acostumou-se a isso, como virtualmente todas as pessoas.

Eu verei o Benfeitor Absoluto do Povo como ele realmente é, disse a si mesmo. O que, possivelmente, ninguém mais fez. O que será? Qual das subclasses de não-alucinação? Classes que nem mesmo sei quais sejam... uma visão que talvez me derrube inteiramente. Como é que vou conseguir chegar ao fim da noite, manter o equilíbrio, se a coisa for como a forma que vi na tela da TV? O Esmagador, o Estrepitoso, a Ave, o Tubo Ascendente, o Engolidor... ou pior ainda?

Pensou na forma em que as outras visões seriam constituídas... e em seguida abandonou essa linha de especulação. Não valia a pena. E provocava ansiedade demais.

Na manhã seguinte, o Sr. Tso-pin e o Sr. Darius Pethel vieram ao seu gabinete, ambos calmos, mas expectantes. Sem pronunciar palavra, Chien entregou-lhe uma das "provas escritas". A ortodoxa, com seu curto e triste poema árabe.

— Esta — disse concisamente — é produto de um dedicado membro do Partido ou de candidato a membro. A outra... — bateu nas páginas restantes. —

Lixo reacionário. — Sentiu que ficava zangado. — A despeito de uma superficial...

— Tudo bem, Sr. Chien — disse Pethel, inclinando a cabeça.

— Não temos que examinar cada uma e todas as ramificações. Sua análise está correta. Ouviu a menção de seu nome no discurso do Líder noite passada na TV?

— Certamente que sim — respondeu Chien.

— De modo que o senhor indubitavelmente inferiu — continuou Pethel — que há muita coisa envolvida no que estamos tentando fazer aqui. O Líder escolheu-o. Isso é claro. Para dizer a verdade, ele me comunicou o fato, a seu respeito. — Abriu a gorda pasta de documentos e procurou alguma coisa. — Não estou achando. De qualquer maneira... — lançou um olhar a Tso-pin, que inclinou a cabeça, ligeiramente — Sua Grandeza gostaria que fosse jantar com ele em seu rancho à margem do rio Yangtze na noite da próxima quinta-feira. A sra. Fletcher, em particular, gosta...

— Sra. Fletcher? — perguntou Chien. — Quem é a sra. Fletcher?

— A esposa do Benfeitor Absoluto — respondeu secamente Tso-pin, após uma pausa. — O nome dele, que o senhor, claro, nunca ouviu, é Thomas Fletcher.

— Ele é caucasiano — explicou Pethel. — Originariamente, do Partido Comunista da Nova Zelândia. Ele participou da difícil tomada do poder naquele país. Essa informação não é, em sentido estrito, secreta, mas, por outro lado, não foi badalada por aí.

— Hesitou, brincando com a corrente do relógio. — Provavelmente, seria melhor que o senhor esquecesse esse fato. Claro, logo que o conhecer pessoalmente, quando o vir face a face, vai ver que ele é um cauca. Como eu. Como muitos de nós.

— A raça — observou Tso-pin — nada tem a ver com lealdade ao Líder e ao Partido. Como serve de prova o Sr. Pethel, aqui.

Mas Sua Grandeza, pensou Chien, sacudiu-se. Ele não pareceu, na tela da TV, ser ocidental. — Na TV... — começou.

— A imagem — interrompeu-o Tso-pin — é submetida a uma série variada de refinamentos hábeis. Para finalidades ideológicas. A maioria das pessoas que ocupa altos cargos sabe disso.

E fitou Chien com uma crítica impiedosa.

De modo que todos concordam, pensou Chien. O que vemos todas as noites

não é real. A pergunta é: Até que ponto é irreal? Parcialmente? Ou... totalmente?

— Estarei preparado — disse formalmente. E pensou: houve um pequeno erro. Eles não estavam preparados para que eu... a quem Tanya Lee representa — ganhasse acesso tão rápido assim. Onde está o anti-alucinógeno? Eles podem me dar isso ou não? Provavelmente, não, com um aviso tão curto.

Sentiu, estranhamente, alívio. Ia à presença de Sua Grandeza em condições de vê-lo como um ser humano, vê-lo como ele — e todo mundo mais — via-o na TV. Seria um jantar muito estimulante e alegre, com alguns dos membros mais influentes do Partido na Ásia. Acho que podemos dispensar a fenotiazina, disse para si mesmo. E aumentou sua sensação de alívio.

— Aqui está, finalmente — disse de repente Pethel, tirando um envelope branco da pasta. — Seu cartão de admissão. O senhor será levado de sinofoguete para a casa de campo do Líder na manhã de quinta-feira. Lá, o chefe do protocolo lhe dará instruções sobre o comportamento apropriado. Será usado traje formal, casaca, mas a atmosfera será cordial. Há sempre muitas pessoas famosas nessas ocasiões. — E acrescentou: — Eu compareci a duas dessas reuniões apenas para homens. O Sr. Tso-pin — sorriu ironicamente — não foi ainda agraciado dessa maneira. Mas, como dizem por aí, tudo chega para aquele que espera. Foi Ben Franklin quem disse isso.

— A honraria chegou prematuramente ao Sr. Chien, é o que eu diria. — Tso-pin encolheu filosoficamente os ombros. — Mas nunca ninguém pediu minha opinião.

— Outra coisa — disse Pethel a Chien. — É possível que, quando conhecer pessoalmente Sua Grandeza, o senhor fique desapontado de algumas maneiras. Cuidado para não demonstrar essa reação, se a sentir. Nós sempre tendemos — fomos treinados — a considerá-lo mais do que um homem. Mas, na mesa, ele é — fez um gesto — um comilão e tanto. Em certos aspectos, como nós. Ele, por exemplo, pode entregar-se a atividade oral-agressiva e passiva moderadamente humana. Possivelmente, poderá contar uma piada pesada ou beber demais... Para ser franco, nunca ninguém sabe antes como essas festas vão acabar, mas geralmente duram muito, até fins da manhã seguinte. De modo que seria prudente aceitar a dosagem de anfetaminas que o chefe do protocolo vai lhe oferecer.

— Ahn? — disse Chien. Isso era novidade para ele, e interessante.

— Para fortalecer a resistência. E para contrabalançar as bebidas alcoólicas. Sua Grandeza tem uma notável capacidade de resistência. Ele freqüentemente continua de pé e animado depois que todos já caíram.

— Um homem notável — disse Tso-pin, entrando na conversa. — Acho

que essa entrega a prazeres por parte dele demonstra que é uma excelente pessoa. E inteiramente natural. Ele se parece com o homem ideal da Renascença, como, por exemplo, Lorenzo de Medici.

— Esse pensamento nos ocorreu — disse Pethel.

E olhou para Chien com tanta atenção que voltou parte do arrepio da noite anterior. Estou sendo levado de uma armadilha para outra? pensou Chien. Aquela moça... seria ela na verdade uma agente da PolSec, me investigando, tentando descobrir em mim algum vestígio desleal, anti-Partido?

Acho que vou dar um jeito para que aquele vendedor ambulante de fitoterápicos não me arme um laço quando eu deixar o trabalho. Vou tomar um caminho inteiramente diferente para casa.

Conseguiu. Naquele dia, evitou o ambulante, fez a mesma coisa no dia seguinte e até a quinta-feira.

Na manhã de quinta-feira, o ambulante saiu rápido em seu carrinho, de baixo de um caminhão estacionado, e cortou-lhe o caminho.

— Minha medicação? — perguntou ele. — Ajudou? Eu sabia que ia ajudar. A fórmula retroage à dinastia Sung... Tenho certeza de que deu resultado. Certo?

— Saia de meu caminho — disse Chien.

— Pode fazer o favor de me responder?

O tom não era o esperado, a cantilena chorona de um vendedor ambulante que trabalha na marginalidade. O tom que ele ouviu foi alto e claro... como diziam há muito tempo os soldados-títeres dos imperialistas...

— Eu sei o que foi que você me deu — disse Chien. — E não quero mais. Se mudar de idéia, posso ir a uma farmácia. Obrigado.

Começou a afastar-se, mas o *cart*, com seu ocupante sem pernas, começou a persegui-lo.

— A Srta. Lee conversou comigo — disse ele em voz alta.

— Hummm — respondeu Chien e, automaticamente, apressou o passo. Viu um hovertáxi e levantou o braço para chamá-lo.

— Hoje à noite o senhor vai ao jantar só para homens na casa de campo à margem do rio Yangtze — disse o ambulante, respirando com dificuldade no esforço para acompanhá-lo. — Tome a medicação... agora! — Estendeu-lhe um embrulho fino, implorando. — Por favor, membro do Partido Chien. Para seu próprio bem, por todos nós. Para que possamos saber o que é que estamos enfrentando. Deus do céu, a coisa pode ser extraterrena. Esse é o nosso maior medo. Será que não compreende, Chien? O que é sua maldita carreira

comparada com isso? Se nós não pudermos descobrir...

O táxi parou com um solavanco na rua. As portas deslizaram para os lados. Chien começou a entrar no táxi.

O pacote voou à sua frente, caiu sobre a soleira da porta, onde permaneceu por um momento e, em seguida, escorregou para dentro do veículo, úmido ainda com a chuva de momentos antes.

— Por favor — disse o ambulante. — E não vai lhe custar nada. Hoje é gratuito. Simplesmente, aceite-o e use-o antes do jantar. E não use as anfetaminas. Elas são estimulantes do tálamo, contra-indicadas sempre que um supressor do hormônio da glândula supra-renal, como a fenotiazina, é...

A porta do carro foi fechada logo que Chien entrou e se sentou.

— Para aonde, camarada? — perguntou o robô-mecanismo de direção.

Chien deu o número-código de seu prédio de apartamentos.

— Aquele ambulante débil mental conseguiu infiltrar sua mercadoria ordinária em meu interior limpo — disse o táxi. — Note: ela está ao lado de seu pé.

Chien viu o pacotinho — não mais do que um envelope de tipo comum. Acho, pensou, que é assim que drogas são distribuídas. De repente, elas aparecem. Por um momento, continuou apenas sentado. Em seguida, pegou o envelope.

Como antes, encontrou dentro um texto escrito, embora, desta vez, manuscrito. Letra feminina... da Srta. Lee:

Ficamos surpresos com a rapidez do convite. Mas, graças a Deus, estávamos prontos. Onde esteve na terça e quarta-feira? De qualquer modo, aqui está, e boa sorte. Entrarei em contato mais tarde nesta semana. Não quero que tente me encontrar.

Chien queimou a nota e pôs as cinzas no cinzeiro do carro.

E guardou os grânulos escuros.

E durante todo esse tempo pensou: alucinógenos em nosso suprimento de água. Ano após ano. Décadas. E não em tempos e guerra, mas de paz. E não no campo inimigo, mas no nosso.

Canalhas, disse para si mesmo. Talvez eu deva aceitar isso, talvez eu deva descobrir o que ele é, ou a coisa é, e dizer ao grupo de Tanya.



E é o que vou fazer, resolveu. E... estava curioso, também.

Uma má emoção, sabia. A curiosidade era muitas vezes, especialmente sobre atividades do Partido, o fim de uma carreira no serviço público.

Um Estado que, no momento, dominava-lhe por completo a vida. E perguntou a si mesmo se duraria até o fim da noite, se, quando descobrisse, tomaria realmente o inalante.

O tempo diria. Diria isso e tudo mais. Somos flores que desabrocham, pensou, na planície, e que ele colhe. Como diz o poema árabe. Tentou lembrar-se do resto do poema, mas não conseguiu.

E, provavelmente, para todos os efeitos, tanto fazia lembrar-se como não.

O chefe do protocolo da casa de campo, um japonês chamado Kimo Okubara, alto, forte e bonito, examinou-o com uma hostilidade inata, mesmo quando ele apresentou o convite gravado e conseguiu com sucesso provar sua identidade.

— Estou surpreso que tenha se dado ao trabalho de vir — murmurou ele. — Por que não ficou em casa e assistiu pela TV? Ninguém vai sentir falta do senhor. Até agora, estamos passando muito bem sem sua presença.

— Eu já assisti pela TV — respondeu Chien, secamente.

E, de qualquer maneira, reuniões só para homens raramente eram televisadas. Debochadas demais.

Os subordinados de Okubara submeteram-no a uma segunda inspeção, em busca de armas, incluindo a possibilidade de um supositório, e lhe devolveu as roupas. Não encontraram, contudo, a fenotiazina. Porque ele já a havia tomado. Os efeitos da droga, sabia, duravam aproximadamente por quatro horas. Esse tempo seria mais do que suficiente. E, como disse Tanya, seria uma dose reforçada. Sentia-se lento, incapaz, tonto, com a língua movendo-se em espasmos de pseudoparkinsonismo — um efeito colateral desagradável que se esqueceu de prever.

Uma moça, nua da cintura para cima, com longos cabelos acobreados descendo pelos ombros, passou por ele. Interessante.

Vindo de outra direção, uma moça nua das nádegas para cima apareceu. Interessante, também. Ambas de fisionomias inexpressivas, parecendo entediadas e no total controle de si mesmas.

— O senhor entra também dessa maneira — disse-lhe Okubara.

Espantado, Chien respondeu:

— Pelo que me disseram, o traje era casaca.

— Piada — retrucou Okubara. — À sua custa. Só as moças é que ficam nuas. E pode ficar nu também, se quiser, a menos que seja homossexual.

Bem, pensou Chien, acho que é melhor eu gostar disso. Começou a andar sem destino certo em companhia dos outros convidados — que, como ele, usavam casaca ou, se mulheres, longos até o chão — e sentiu-se constrangido, a despeito do efeito tranqüilizante da estelazina. Por que é que eu estou aqui? perguntou a si mesmo. Não lhe passou despercebida a ambigüidade da situação. Estava ali para promover sua carreira no aparelho do Partido, para obter a inclinação de cabeça íntima, pessoal, de Sua Grandeza... e além disso, para decifrar a fraude que era Sua Grandeza. Não sabia que variedade de fraude, mas ela havia, fraude contra o Partido, contra todos os povos democráticos de Terra amantes da paz. Irônico, pensou. E continuou a entrar em contato com as outras pessoas.

Uma moça de seios pequenos, brilhantes, iluminados, aproximou-se dele e lhe pediu um fósforo. Distraindo, tirou do bolso o isqueiro.

— O que é que faz com que seus seios brilhem? — perguntou ele. — Injeções radioativas?

Ela encolheu os ombros, nada respondeu e continuou seu caminho, deixando-o sozinho. Evidentemente, ele havia reagido da maneira errada.

Talvez ela fosse uma mutação do tempo de guerra, pensou.

— Uma bebida, senhor.

Um garçon estendeu-lhe graciosamente uma bandeja. Pegou um martíni — que era a bola da vez entre as classes mais altas do Partido na República Popular da China — e provou o gosto seco e gelado. Bom gim inglês, também, disse para si mesmo. Ou possivelmente o composto holandês original. Com junípero ou qualquer coisa que acrescentassem à bebida. Nada mau. Continuou a andar preguiçosamente, sentindo-se melhor. Na verdade, achou agradável a atmosfera ali. As pessoas tinham um ar confiante, eram bem-sucedidas na vida e podiam relaxar. Evidentemente era um mito a idéia de que a proximidade de Sua Grandeza gerava ansiedade neurótica. Não via ali prova disso ou, pelo menos, pouco sentia disso.

Um homem corpulento, idoso, calvo, deteve-o, usando o método simples de encostar o copo da bebida em seu peito.

— Aquela coisinha frágil que lhe pediu fogo... — disse o velho, e soltou um risinho debochado. — Aquela belezinha com seios de árvore de Natal... é um rapaz, vestido de *drag queen*. — Solto outra risadinha. — Temos que ter cuidado

por aqui.

— Onde, se em algum lugar — perguntou Chien — vou encontrar mulheres de verdade? Usando casaca?

— Bem próximo — disse o cavalheiro idoso e afastou-se juntando-se a um grupo hiperativo de convidados, deixando Chien sozinho com seu martini.

Uma mulher bonita, alta, bem-vestida, perto dele, tocou-lhe subitamente o braço. Sentiu-lhe os dedos tensos, enquanto ela dizia:

— Ali vem ele. Sua Grandeza. Esta é a minha primeira vez aqui. Estou com um pouco de medo. Meu cabelo está arrumado?

— Está ótimo — respondeu como por reflexo Chien e lhe seguiu os olhos, em busca de um vislumbre, seu primeiro, do Benfeitor Absoluto.

O que cruzou a sala em direção a mesa no centro não era um homem.

E também não era, compreendeu, um constructo mecânico. E nem o que via na TV. Aquilo era evidentemente um dispositivo para oratória, da mesma forma que Mussolini usou outrora um braço artificial para saudação em longos e tediosos desfiles.

Deus do céu, pensou, e teve vontade de vomitar. Seria isso o que Tanya Lee chamava de "horror aquático"? A coisa não tinha forma. Nem pseudópodos, nem carne nem metal. Em certo sentido, não estava ali absolutamente. Quando conseguiu olhá-la diretamente, a forma desapareceu. Viu através dela, viu pessoas no lado mais distante... mas não a coisa. Ainda assim, se virasse a cabeça, captava-a na visão periférica e podia lhe determinar os limites.

A coisa era terrível. E sugou-o com sua percepção das coisas. À medida que se movia, sugava a vida de todas as pessoas em volta, devorava as pessoas ali reunidas, continuava a mover-se, comia novamente, comia mais, com um apetite insaciável. E a coisa odiava. Sentia-lhe o ódio. A coisa abominava, sentia-lhe a abominação por todos ali — na verdade, compartilhava de sua abominação. De repente, ele e todos ali na grande casa de campo eram, cada um deles, uma lesma, e das carcaças tombadas das lesmas a criatura se alimentava, sem pressa, mas o tempo todo vindo em sua direção — ou seria isso uma ilusão? Se isso é uma alucinação, pensou Chien, é a pior que jamais tive. Se não é, então é a realidade do mal, uma coisa má, que mata e fere. E viu a trilha dos restos pisados, esmagados de homens e mulheres que a coisa deixava para trás. Viu-os tentando se remontar, pôr em funcionamento seus corpos mutilados, tentando falar.

Eu sei quem você é, pensou Tung Chien. Você, o cabeça supremo da estrutura mundial do Partido. Você, que destrói toda criatura viva que toca.

Compreendo agora aquele poema árabe, aquela busca das flores da vida para comê-las... vejo-o andar pela planície que a Terra é para você, uma planície sem colinas, sem vales. Você vai a qualquer lugar, aparece em qualquer tempo, devora tudo, você gera vida e em seguida se empanturra dela, e gosta disso.

E pensou: Você é Deus.

— Sr. Chien — disse a voz, mas ela vinha de dentro de sua cabeça, não do espírito destituído de boca que se formou diretamente à sua frente. — É bom voltar a vê-lo. Você nada sabe. Vá embora. Você não me interessa. Por que deveria eu me importar com lodo? Lodo. Estou atolado em lodo. Tenho que excretá-lo e é isso que resolvo fazer. Eu poderia quebrá-lo. Posso quebrar até a mim mesmo. Há pedras afiadas embaixo de mim. Eu espalho coisas afiadas e pontudas no pântano. Faço com que os esconderijos, os lugares profundos, fervam como uma chaleira. Para mim, o mar é como um bocado de unguento. Os flocos de minha carne estão ligados a tudo. Você sou eu. Eu sou você. Não faz diferença, da mesma maneira que não faz diferença se a criatura com seios iluminados é uma moça ou um rapaz. Você poderia aprender a gostar de ambos.

E a coisa riu.

Chien não podia acreditar que ela estava lhe falando. Não podia imaginar — era terrível demais — que ela o houvesse escolhido.

— Eu escolhi todos — disse a coisa. — Ninguém é pequeno demais, todos caem e morrem e eu estou presente para vigiar. Não preciso fazer coisa alguma, exceto vigiar. É automático, organizado dessa maneira.

A coisa deixou de lhe falar. Soltou-se de si mesma. Mas ele ainda a via, sentia-lhe a presença múltipla. Era um globo pendente na sala, com 50 mil olhos, um milhão de olhos — bilhões. Um olho para cada coisa viva, enquanto esperava que cada uma delas caísse e então pisar na coisa viva caída em seu estado quebrado. Por causa disso, ela criou as coisas, e ele soube, compreendeu. O que, no poema árabe, pareceu morte não era morte, era Deus, ou melhor, Deus era a morte, era uma força, um caçador, uma coisa canibal, e dava o bote errado muitas, muitas vezes, mas, tendo toda a eternidade, podia se dar o luxo de errar. Em ambos os poemas, compreendeu, no de Dryden, também. O desmoronamento, este é o nosso mundo e você está fazendo isso. Entortando-o para que isso aconteça, dobrando-nos.

Mas, pelo menos, pensou, ainda tenho minha dignidade. Com dignidade, pôs o copo de lado, virou-se e dirigiu-se para as portas da sala. Passou por elas. Percorreu o longo corredor atapetado. Um empregado da casa de campo, vestido de púrpura, abriu uma porta para ele. Descobriu que estava fora da casa, na escuridão da noite, numa varanda, sozinho.

Sozinho, não.

A coisa o havia seguido. Ou, quem sabe, já estava ali antes de ele chegar. Sim, estava à sua espera. Não tinha acabado ainda com ele.

— Lá vou eu — disse Chien e mergulhou pelo balaústre. Ele ficava a seis andares abaixo e onde brilhava o rio e a morte, e não o que o poema árabe havia retratado.

Enquanto caía, a coisa estendeu uma parte de si mesma e segurou-o pelo ombro.

— Por quê? — perguntou ele.

Mas, na verdade, parou no ar. Curioso. Sem entender, absolutamente.

— Não caia por minha causa — disse a coisa.

Não podia vê-la porque ela havia se movido para um lugar às suas costas. Mas a parte dela em seu ombro... começou a parecer uma mão humana.

E, nesse momento, a coisa riu.

— Qual é a graça? — perguntou Chien, enquanto pendia do corrimão, sustentado pela pseudomão.

— Você está fazendo por mim o meu trabalho — disse a coisa. — Não está esperando, não é? Não tem tempo para esperar? Eu lhe darei preferência entre os outros. Você não precisa acelerar o processo.

— E se eu fizer isso? — perguntou Chien. — Por nojo de você?

A coisa riu. Mas não respondeu.

— Nem mesmo quer responder — continuou Chien.

Mais uma vez, nenhuma resposta. Chien começou a deslizar para cima, para a varanda. E, imediatamente, desapareceu a pressão da pseudomão.

— Você fundou o Partido? — perguntou Chien.

— Eu fundei tudo. Fundei o anti-Partido e o Partido que não é Partido, os que são por ele e os que são contra ele, os que você chama de imperialistas ianques, os do campo da reação, e assim por diante, interminavelmente. Eu fundei tudo. Como se fossem folhas de grama.

— E está aqui para saborear isso? — perguntou Chien.

— O que eu quero — disse a coisa — é que você me veja como eu sou, como me viu, e em seguida confie em mim.

— O quê? — perguntou Chien, tremendo. — Confiar para quê?

— Você não acredita em mim? — inquiriu a coisa.

— Acredito — respondeu. — Posso vê-lo.

— Neste caso, volte para seu emprego no ministério. Diga a Tanya Lee que viu um velho esgotado de trabalho, obeso, que bebe demais e gosta de dar beliscão na bunda de moças.

— Oh, Cristo! — exclamou Chien.

— Enquanto você viver, incapaz de parar, eu o atormentarei — disse a coisa. — Eu o privarei, um item após outro, de tudo que possui ou quer. E quando estiver esmagado e para morrer eu desvendarei um mistério.

— Que mistério?

— Os mortos viverão, os vivos morrerão. Eu mato o que vive e salvo o que morre. E lhe digo o seguinte: *há coisas piores do que eu*. Mas não as conhecerei porque, antes, eu o matarei. Agora, volte para a sala e prepare-se para o jantar. Não questione o que faço. Eu fiz isso muito antes de haver um Tung Chien e o farei muito tempo depois.

Chien atacou-a com toda força que possuía.

E sentiu uma violenta dor na cabeça.

E escuridão, com a sensação de que estava caindo.

Depois disso, mais uma vez, escuridão. E pensou: vou pegá-lo. Vou dar um jeito de você morrer, também. De sofrer. Você vai sofrer, exatamente igual a nós. Eu o pego. Juro por Deus que vou pegá-lo, de alguma maneira. E vai doer. Tanto quanto me dói agora.

Fechou os olhos.

Rudemente, alguma coisa ou alguém o sacudiu. E ouviu a voz do sr. Kimo Okubara:

— Levante-se, seu bêbado ordinário. Vamos!

— Chame um táxi para mim — disse Chien, sem abrir os olhos.

— O táxi já está esperando. Você volta para casa. Em desgraça. E morra de vergonha.

Levantando-se trêmulo, Chien abriu os olhos e passou uma revista em si mesmo. Nosso Líder, aquele a quem seguimos, pensou, é o Único e Verdadeiro Deus. E o inimigo que combatemos hoje, e combatemos antes, é Deus, também. Eles têm razão. Ele está em toda parte. Mas eu não compreendia o que isso significava. Olhando fixamente para o chefe do protocolo, pensou: você é Deus, também. De modo que não há maneira de escapar, provavelmente nem mesmo

saltando para a morte. Como eu, instintivamente, tentei fazer. Estremeceu.

— Misture bebidas com drogas — disse Okubara, ameaçador — e vai arruinar a carreira. Já vi isso acontecer muitas vezes. Fora daqui.

Em passos trôpegos, Chien dirigiu-se para a grande porta central da casa de campo à margem do rio Yangtze. Dois empregados, vestidos como cavaleiros medievais, usando elmos emplumados, abriram cerimoniosamente a porta e um deles disse:

— Boa noite, senhor.

— Vão se foder — respondeu Chien, e saiu para a noite.

Às quinze para as três da madrugada, sentado, insone, na sala de estar do apartamento, fumando um Cuesta Rey Astoria após outro, Chien ouviu uma batida à porta.

Abrindo-a, viu Tanya Lee, usando capa de chuva, o rosto encolhido de frio. Os olhos, porém, queimavam, interrogadores.

— Não me olhe assim — disse ele asperamente. O charuto tinha apagado. Voltou a acendê-lo. — Já me olharam demais — disse.

— Você a viu — disse ela.

Chien confirmou com um gesto de cabeça. Tanya sentou-se em um braço do sofá e, após um momento, perguntou:

— O que é que você tem a dizer sobre ela?

— Vá para tão longe daqui quanto possível — respondeu ele. — Para muito longe. — Mas lembrou-se em seguida: não havia lugar suficientemente longe. Lembrou-se de ter lido isso, também. — Esqueça — disse, levantando-se. Foi em passos desajeitados para a cozinha e ligou a cafeteira. Tanya seguiu-o.

— Foi... tão ruim assim? — perguntou ela.

— Nós não podemos vencer — respondeu Chien. — Vocês não podem vencer. Não me refiro a mim. Eu não estou nesta. Eu simplesmente quero fazer meu serviço no ministério e esquecer. Esquecer toda essa maldita coisa.

— A coisa é extraterrestre?

— É... — disse ele, e inclinou a cabeça em um gesto afirmativo.

— Hostil a nós?

— É... — respondeu Chien. — Não. Ambas as coisas. Principalmente, hostil.

— Neste caso, temos que...

— Volte pra casa — disse Chien — e vá dormir. Examinou-a atentamente. Ele havia ficado sentado ali por um longo tempo e pensado muito. Sobre um bocado de coisas.

— Você é casada?

— Não. Atualmente, não. Fui.

— Fique comigo esta noite — pediu ele. — O resto da noite, pelo menos. Até o sol aparecer. — E acrescentou: — A parte da noite é horrível.

— Eu fico — disse Tanya, soltando o cinto da capa — mas você vai ter que me dar algumas respostas.

— O que Dryden disse — perguntou Chien — sobre a música desafinando o céu? Não entendi isso. O que é que a música faz com o céu?

— Toda a ordem celestial do universo acaba — disse ela, pendurando a capa no armário do quarto. Sob a capa, usava suéter alaranjado de listras e calça *stretch*.

— E isso é ruim?

Ela ficou calada por um momento e, em seguida, respondeu pensativa:

— Não sei. Acho que sim.

— Isso significa — disse ele — dar um bocado de poder à música.

— Você conhece aquela velha história pitagórica sobre a "música das esferas".

Sentou-se tranquilamente na cama e tirou os sapatos tipo sandália.

— Você acredita nisso? — perguntou ele. — Ou em Deus?

— Deus! — Tanya riu. — Isso acabou com o motor a vapor. Do que é que você está falando? Deus, ou deus?

Aproximou-se dele, examinando-lhe o rosto.

— Não me olhe de tão perto assim — disse ele secamente, recuando. — Eu nunca mais vou querer que alguém olhe para mim.

E afastou-se, irritado.

— Eu acho que — disse Tanya — se houver um Deus, Ele se interessa muito pouco por assuntos humanos. De qualquer modo, essa é a minha teoria. Quero dizer, Ele não parece se importar se o mal triunfa ou se pessoas ou animais são machucados e morrem. Eu, para ser franca, não O vejo em lugar nenhum. E o Partido sempre negou toda forma de...



— Você O viu alguma vez? — quis saber Chien. — No tempo de criança?

— Claro, quando era criança. Mas eu acreditava também...

— Já lhe ocorreu que o bem e o mal são nomes da mesma coisa? Que Deus, simultaneamente, pode ser bom e mau?

— Vou lhe preparar um drinque — disse Tanya, indo descalça até a cozinha.

— O Esmagador. O Estrepitoso. O Engolidor, a Ave e o Tubo Ascendente... além de outros nomes, formas, não sei. Eu tive uma alucinação. No jantar só para homens. Uma grande alucinação. Uma alucinação terrível.

— Mas a estelazina...

— Provocou uma alucinação pior — disse Chien.

— Há alguma maneira — perguntou sombriamente Tanya — de podermos combater essa coisa que você viu? Essa aparição que você chama de alucinação, mas que obviamente não era isso?

— Acredite nela — disse Chien.

— O que é que isso vai fazer?

— Nada — respondeu ele, cansadamente. — Nada, absolutamente. Estou cansado. Não quero beber... Vamos simplesmente para a cama.

— Tudo bem. — Tanya voltou para o quarto e começou a puxar a suéter por cima da cabeça. — Vamos discutir isso depois, mais a fundo.

— Uma alucinação — disse Chien — é compassiva. Eu gostaria de tê-la. Quero a minha de volta. Quero ser como era antes que seu ambulante me desse aquela fenotiazina.

— Simplesmente, venha para a cama. A cama está quente. Quente e gostosa.

Chien tirou a gravata, a camisa — e viu no ombro direito a marca, o estigma, que a mão deixou quando o impediu de saltar. Marcas lívidas que davam a impressão de que jamais desapareceriam. Vestiu o pijama. Que escondeu as marcas.

— De qualquer maneira — disse Tanya, quando ele se deitou a seu lado —, sua carreira recebeu um imenso empurrão. Não está contente com isso?

— Claro — respondeu ele, olhando sem ver para a escuridão. — Muito contente.

— Encoste-se em mim — disse Tanya, abraçando-o. — E esqueça tudo

mais. Pelo menos, por agora.

Chien puxou-a, fazendo o que ela queria, e ele, também. Ela era limpa, e muito ativa, teve sucesso e fez o que lhe competia. Não se deram ao trabalho de falar, até que ela disse "Oh!" e relaxou.

— Eu gostaria — disse Chien — que pudéssemos continuar assim para sempre.

— Continuamos — garantiu Tanya. — Isso está fora do tempo. Não tem limites, é como o oceano. É a maneira como éramos nos tempos cambrianos, antes de migrarmos para a terra. São as águas antigas, primevas. Esta é a única ocasião que conseguimos voltar, quando isto é feito. Esse o motivo de significar tanto. E naqueles tempos nós não éramos separados, era como uma enorme geléia, como aquelas bolhas que chegam flutuando à praia.

— Flutuam acima da água — disse Chien — e ficam ali para morrer.

— Você poderia me arranjar uma toalha? — perguntou Tanya. — Serve de rosto. Preciso de uma.

Chien foi de pés descalços até o banheiro pegar uma toalha. Ali — estava nu — olhou novamente para o ombro, para o lugar onde a coisa o segurou, sustentou e puxou-o de volta, possivelmente para brincar um pouco mais com ele.

As marcas, inexplicavelmente, sangravam.

Secou o sangue. Mais sangue escorreu imediatamente e, vendo isso, perguntou a si mesmo quanto tempo mais tinha de vida. Provavelmente, apenas horas.

Voltando para a cama, perguntou:

— Você poderia continuar?

— Claro. Se você ainda tiver alguma energia. Cabe a você decidir.

Tanya continuou deitada, olhando-o, sem pestanejar, mal visível à fraca luz noturna.

— Eu tenho — disse ele. E puxou-a para si.

## A História Que Acaba com Todas as Histórias

### **Para a Antologia *Dangerous Visions*, de Harlan Ellison**

Em um mundo destruído por uma guerra nuclear, uma jovem casadoura visita um zoológico futurista e faz amor nas jaulas com várias formas de vida deformadas e não-humanas. Nesta história particular, uma mulher que foi remendada com os corpos defeituosos de várias mulheres tem relações sexuais em uma jaula com uma alienígena. Mais tarde, a mulher, com recursos da ciência do futuro, concebe um filho. A criança nasce, e a fêmea da jaula luta pela criança, para decidir quem fica com ela. A jovem humana vence e, imediatamente, devora a criança, cabelos, dentes, dedos dos pés, e tudo mais. Pouco depois de terminar o horrendo banquete, descobre que o filho é Deus.

\* \* \*

## A Formiga Elétrica

Às quatro e quinze da tarde, T.S.T. [131](#), Garson Poole acordou em sua cama de hospital. Sabia que estava em uma cama de hospital em uma enfermaria de três leitos e percebeu outras duas coisas: que não tinha mais a mão direita e que não sentia dor.

Eles me deram um analgésico forte, ele disse para si mesmo enquanto olhava para a parede do outro lado do quarto com sua janela que mostrava a parte baixa da cidade de Nova York Teias pelas quais veículos e pedestres rodavam e zuniam reluziam ao sol do fim de tarde, e o brilho da luz que envelhecia o agradou. Ainda não está acabado. E nem eu.

Há um fone na mesinha de cabeceira. Ele hesitou, então o pegou e discou para conseguir uma linha externa. Em um instante estava diante de Louis Danceman, encarregado das atividades da Tri-Plan enquanto ele, Garson Poole, estava em outro lugar.

— Graças a Deus você está vivo — disse Danceman ao vê-lo. Seu rosto grande e carnudo, como uma superfície lunar, coberta de marcas de varíola, suavizou-se com o alívio. — Tentei ligar todo...

— Só não tenho mais uma mão direita — disse Poole.

— Mas você vai ficar bem. Quer dizer, eles podem enxertar outra no lugar.

— Há quanto tempo eu estou aqui? — perguntou Poole. Ele se perguntou para onde teriam ido todos os médicos e enfermeiras, por que não estavam reclamando por ele ter feito uma ligação?

— Quatro dias — disse Danceman. — Aqui na fábrica, está tudo indo *splunkshly*. Na verdade, nós *splunked* encomendas de três sistemas policiais diferentes, todos aqui em Terra. Dois em Ohio, um em Wyoming. Encomendas boas e certas, com um terço adiantado e a opção de três anos de *leasing* de praxe.

— Venha me tirar daqui — disse Poole.

— Não posso tirar você daí até que a mão nova...

— Eu faço isso depois. — Estava desesperado para voltar para um ambiente familiar, a memória do foguete comercial que assomava de forma grotesca na tela do piloto girava no fundo da sua mente. Se ele fechava os olhos, se sentia de volta à sua nave avariada, arremetendo de um veículo para outro, deixando uma pilha de estragos pelo caminho. As sensações cinéticas... ele estremeceu ao recordá-las. Acho que tenho sorte, disse para si mesmo.

— Sarah Benton está aí com você? — perguntou Danceman.

— Não — claro, sua secretária particular, mesmo que apenas para assuntos de trabalho, estaria rondando por perto, tratando-o como uma mãe naquele seu jeito imaturo e infantil. Todas as mulheres grandes gostam de agir assim, pensou ele. E são perigosas. Se caírem em cima de você, podem matá-lo. — Talvez tenha sido isso o que aconteceu comigo — disse em voz alta. — Talvez a Sarah tenha caído em cima da minha nave.

— Não, não, um cabo do leme de controle do seu veículo se rompeu no meio do tráfego pesado da hora do *rush* e você...

— Eu me lembro — ele se vira na cama quando a porta da enfermaria se abre. Um médico vestido de branco e duas enfermeiras de azul apareceram e foram até a cama dele. — Falo com você depois — disse Poole, e desligou. Ele deu um suspiro profundo e esperançoso.

— O senhor não deveria estar ligando tão cedo — disse o médico, enquanto estudava seu prontuário. — Sr. Garson Poole, dono da Tri-Plan Electronics. Fabricante de dardos de identificação randômicos que perseguem sua presa num raio de mil e quinhentos quilômetros, guiados por padrões cerebrais únicos. O senhor é um homem de sucesso, Sr. Poole. Mas, Sr. Poole, o senhor não é um homem. O senhor é uma formiga elétrica.

— Meu Deus — disse Poole, surpreso.

— Então, na verdade, não podemos tratar do senhor aqui, agora que descobrimos. Soubemos, é claro, assim que examinamos a sua mão direita ferida. Vimos os componentes eletrônicos, então fizemos raios X do torso e, é claro, eles confirmaram nossa hipótese.

— O que é uma formiga elétrica? — perguntou Poole. Mas ele sabia. Podia decifrar o termo.

— Um robô orgânico — disse uma enfermeira.

— Sei — disse Poole, um suor frígido surgindo na superfície da sua pele, por todo o seu corpo.

— O senhor não sabia — disse o médico.

— Não. — Poole balançou a cabeça.

— Recebemos uma formiga elétrica a cada uma ou duas semanas — disse o médico. — Ou são trazidas por causa de acidentes com suas naves, como o senhor, ou vêm de forma voluntária, procurando uma internação... alguém como o senhor, a quem nunca contaram, e que funcionou junto com humanos, acreditando ser humano também. Quanto à sua mão — fez uma pausa.

— Esqueça a minha mão — disse Poole, com um tom selvagem.

— Acalme-se — o médico inclinou-se sobre ele e inspecionou cuidadosamente o rosto de Poole. — Vamos mandar um barco do hospital levar o senhor até uma oficina onde o conserto ou a substituição da sua mão podem ser feitos a um custo razoável, ou para o senhor, se for seu próprio dono, ou para seus proprietários, se existirem. De qualquer forma, logo o senhor estará de volta e funcionando à sua escrivaninha da Tri-Plan como antes.

— Só que, agora, eu sei. — Ele se perguntou se Danceman, Sarah ou algum dos outros no escritório, sabiam. — Será que eles, ou um deles, o teria comprado? Ou projetado? Um testa de ferro, é isso o que eu sempre fui. Na verdade, eu nunca devo ter comandado a empresa. Era uma ilusão implantada em mim quando fui feito... Junto com a ilusão de que sou humano e estou vivo.

— Antes de sair para a oficina de reparos, o senhor poderia fazer a gentileza de fechar a sua conta na recepção?

— Como pode haver uma conta se vocês não cuidam de formigas, aqui? — disse um Poole ácido.

— Por nossos serviços, até o momento em que descobrimos — disse a enfermeira.

— Podem mandar a conta para mim ou para a minha empresa — disse furioso, uma raiva impotente. Com um esforço enorme, conseguiu sentar, sua cabeça girando. Ele desceu vacilante da cama para o chão. — Vou adorar sair daqui — disse ao erguer-se de pé. — E obrigado por sua atenção humana.

— Muito obrigado, também, senhor Poole. Ou deveria dizer apenas Poole — falou o médico.

Na oficina de reparos, ele substituiu a mão que faltava.

A mão demonstrou ser fascinante. Ele a examinou por um bom tempo antes de deixar que os técnicos a instalassem. Na superfície, parecia orgânica — na verdade, na superfície, ela era. Pele natural cobria carne natural, e sangue de verdade preenchia as veias e os capilares. Mas por baixo disso, cabos e os circuitos, componentes miniaturizados, brilhavam... Olhando com atenção para o pulso, ele conseguia ver controladores de movimentos, motores, válvulas de estágios múltiplos, tudo muito pequeno. Intrincado. E... a mão custava quarenta Frogs<sup>[4]</sup>. O salário de uma semana, que, até aquele momento, ele sempre recebia na folha de pagamentos da empresa.

— Tem garantia? — Perguntou aos técnicos enquanto estes ajustavam a parte *óssea* da mão ao equilíbrio do seu corpo.

— Noventa dias, peças e mão-de-obra — disse um dos técnicos. — A

menos que seja submetida a algum uso não previsto, mesmo que não intencional.

— Isso me soa um pouco sugestivo — disse Poole.

— Você estava posando? — perguntou o técnico (eram todos humanos) enquanto o observava com interesse.

— Sem querer.

— Mas agora, vai ser intencional.

— Exato — disse Poole.

— Sabe por que você nunca descobriu? Deve ter havido sinais... cliques e zumbidos dentro de você, de vez em quando. Você nunca descobriu porque foi programado para não notar. Agora, você vai ter a mesma dificuldade para descobrir por que foi construído e para quem você tem operado.

— Um escravo. Um escravo mecânico — disse Poole.

— Você se divertiu.

— Tinha uma vida boa. Trabalhava muito — disse Poole. Ele pagou os 40 Frogs à oficina, flexionou os novos dedos, testou-os pegando vários objetos, como moedas, e então partiu. Dez minutos mais tarde, estava indo para casa a bordo de um transporte público. Tinha sido um dia e tanto.

Em casa, em seu apartamento de um só aposento, ele se serviu uma dose de Jack Daniel's Purple Label — 60 anos — e sentou a bebericá-lo, enquanto olhava através de sua única janela para o edifício do outro lado da rua. Devo ir para o escritório? ele se perguntou. Se devo, por quê? Se não, por que não devo? Escolha uma. Meu Deus, pensou, acaba com você, saber uma coisa dessas. Sou uma armação, ele se deu conta. Um objeto inanimado fingindo ser animado. Ele, porém, se sentia vivo, mas mesmo assim, agora era diferente. Em relação a ele mesmo. Conseqüentemente, em relação a todo mundo, especialmente Danceman e Sara, todos na Tri-Plan.

Acho que vou me matar, disse a si mesmo. Mas, provavelmente, estou programado para não fazer isso. Seria um desperdício caro que meu dono teria de absorver. E ele não ia querer fazê-lo.

Programado. Em algum lugar em mim, pensou, há uma matriz encaixada no lugar, uma grade de controle de corrente que me impede de ter certos pensamentos, de tomar certas ações. E me força a fazer outras coisas. Não sou livre. Nunca fui, mas agora, eu sei. Isso faz toda a diferença.

Após deixar opaca a sua janela, ele ligou a luz no teto e começou a tirar a roupa com cuidado, peça por peça. Ele tinha prestado atenção nos técnicos da oficina quando estes prenderam sua nova mão. Agora, fazia uma idéia clara de

como o seu corpo tinha sido montado. Dois painéis principais, um em cada coxa. Os técnicos removeram os painéis para checar os complexos de circuitos por baixo deles. Se eu fui programado, concluiu, a matriz, provavelmente, deve estar ali.

O labirinto de circuitos o deixava confuso. Preciso de ajuda, disse para si mesmo. Vamos ver... qual o telefone do computador classe BBB que usamos no escritório?

Ele pegou o fone, discou o número do computador em sua locação permanente em Boise, Idaho.

— O uso deste computador custa cinco Frogs por minuto. Por favor, segure sua placamastercrédito em frente a tela — disse uma voz mecânica.

Ele fez como indicado.

— Ao som da campainha, você estará conectada ao computador — continuou a voz. — Por favor, faça suas consultas o mais rápido possível. Se levar em conta que as respostas serão dadas em microssegundos, enquanto sua consulta irá... — ele abaixou o volume. Mas logo o aumentou, quando surgiu na tela o sinal de que podia alimentar o computador com sua pergunta. Nesse instante, o computador tinha se tornado um ouvido gigante, ouvindo-o, assim como a outros 50 mil consultantes em toda a Terra.

— Me escaneie visualmente — ordenou ao computador. — E diga-me onde eu posso encontrar o mecanismo de programação que controla meu pensamento e meu comportamento.

Ele aguardou. Na tela do fone, um olho grande e ativo, de múltiplas lentes, olhava para ele, que se expunha totalmente naquele seu apartamento de apenas um cômodo.

— Remova seu painel peitoral. Pressione seu esterno e então solte — disse o computador.

Ele fez isso e uma seção de seu peito saiu. Aturdido, ele a pousou no chão.

— Posso identificar os módulos de controle — disse o computador — mas não consigo dizer qual. — Ele fez uma pausa enquanto seu olho perambulava pela tela do fone. — Posso identificar um rolo de fita perfurada montado acima do mecanismo do coração. Você consegue vê-lo?

Poole esticou o pescoço e olhou. Ele também viu.

— Tenho que desconectar o senhor agora. Vou examinar toda a informação disponível e, então, entro em contato com a resposta. Bom dia. — E a tela escureceu.



Vou arrancar a fita de mim, disse Poole para si mesmo. Era pequena, não maior do que dois carretéis de linha, com um *scanner* montado entre o rolo de onde saía, e o outro em que se enrolava. Ele não conseguia ver nenhum sinal de movimento. Os carretéis pareciam inertes. Eles devem ser bloqueados em caso de sobrecarga, refletiu, quando ocorrem situações específicas. Sobrecarga do meu processo encefálico. E eles fizeram isso a minha vida inteira.

Ele baixou a mão e tocou o rolo de onde saía a fita. Tudo o que tenho que fazer é arrancar, pensou, e...

A tela do fone reacendeu.

— Placamastercrédito número 3-BNX-882-HQR446-T — chegou a voz do computador. — Aqui é BBB-307DR restabelecendo contato em resposta à sua consulta feita em um lapso de 16 segundos em 4 de novembro de 1992. O rolo de fita perfurada acima do mecanismo do seu coração não é uma central de programação, mas, na verdade, um módulo de suprimento de realidade. Todos os estímulos sensoriais recebidos pelo seu sistema nervoso central emanam dessa unidade e mexer com ela seria arriscado, se não fatal — acrescentou.

— O senhor parece não ter circuito de programação. Consulta respondida. Bom dia. — E desligou.

Poole, nu e de pé diante da tela do fone, tocou o rolo de fita novamente, com grande e calculado cuidado. Entendi, pensou furioso. Ou não? Essa unidade...

Se eu cortar a fita, ele se deu conta, meu mundo vai desaparecer. A realidade vai continuar para os outros, mas não para mim. Porque minha realidade, meu universo, estão chegando para mim desta minúscula unidade. Entra no *scanner* e, daí, vai para o meu sistema nervoso central à medida que vai se desenrolando, lenta como uma lesma.

Ela está se desenrolando há anos, ele concluiu.

Pegando suas roupas, ele se vestiu novamente, sentou-se em sua poltrona grande, um luxo importado da sede da Tri-Plan para seu apartamento, e acendeu um cigarro de tabaco. Suas mãos tremiam quando ele guardou o isqueiro com suas iniciais. Recostado, soprou fumaça para a frente, criando um nimbo cinzento.

Tenho que ir devagar, disse consigo mesmo. O que estou tentando fazer? Ponte em meu programa? Mas o computador não encontrou circuito de programação algum. Será que eu quero interferir com a fita de realidade? E se quero, por quê?

Porque, pensou, se eu controlar isso, vou controlar a realidade. Pelo menos

a que me interessa. Minha realidade subjetiva... mas é só isso. A realidade objetiva é uma construção sintética, que lida com a universalização hipotética de uma multidão de realidades subjetivas.

Meu universo está ao alcance dos meus dedos, ele percebeu. Se eu apenas conseguir descobrir como a maldita coisa funciona. Originalmente, tudo o que eu queria fazer era procurar e localizar meus circuitos de programação para, assim, ganhar um funcionamento homeostático verdadeiro: controle sobre mim mesmo. Mas com isso...

Com isso ele não apenas ganhava controle sobre si mesmo. Ganhava controle sobre tudo.

E isso me diferencia de todos os humanos que já viveram e morreram, pensou sombrio.

Indo até o fone, ele ligou para seu escritório.

— Quero que você me mande um conjunto completo de microferramentas e uma tela ampliadora para meu apartamento — disse animado quando Danceman surgiu na tela. — Tenho que trabalhar em uns microcircuitos — então cortou a ligação, sem vontade de discutir o assunto.

Meia hora mais tarde, uma batida soou em sua porta. Quando abriu, viu-se diante de um dos encarregados da oficina, que vinha trazendo microferramentas de todos os tipos.

— O senhor não disse exatamente o que queria — disse o encarregado, ao entrar no apartamento — por isso, o Sr. Danceman me mandou trazer tudo.

— E o sistema de lentes ampliadoras?

— No caminhão, lá em cima no telhado.

Talvez o que eu queira fazer, pensou Poole, seja morrer. Acendeu um cigarro, ficou fumando e esperando enquanto o encarregado da oficina arrastava a pesada tela de ampliação, com sua unidade de energia e painel de controle, para dentro do apartamento. Isso é suicídio, o que eu estou fazendo aqui? Ele deu de ombros.

— Alguma coisa errada, Sr. Poole? — perguntou o encarregado ao se levantar, livre do fardo do sistema de lentes ampliadoras. — O senhor deve ainda estar fraco das pernas por causa do acidente.

— É — disse Poole, lacônico. Ele ficou esperando mal-humorado até o encarregado sair.

Sob o sistema de lentes ampliadoras, a fita plástica assumiu uma nova forma: uma larga pista na qual centenas de milhares de perfurações faziam seu

caminho. Achei que era assim, pensou Poole. Não gravado como cargas sobre uma camada de óxido ferroso, mas perfurações de verdade.

Sob as lentes, a tira de fita movia-se visivelmente para a frente. Muito devagar, mas avançava em velocidade uniforme na direção do *scanner*.

Do jeito que vejo as coisas, pensou, essas perfurações são bloqueadores. Funcionam como uma pianola: sólido é não, perfuração é sim. Como posso testar isso?

Obviamente, cobrindo algumas das perfurações.

Ele mediu a quantidade de fita que restava no carretel de saída. Calculou, com grande esforço, a velocidade do movimento da fita, e chegou a um número. Se ele alterasse a fita visível na extremidade de entrada do *scanner*, de cinco a sete horas se passariam até que chegasse aquele período. Ele, na verdade, estaria alterando estímulos que ocorreriam dentro de algumas horas.

Com um micropincel, ele cobriu uma grande — relativamente grande — seção da fita com verniz opaco... obtido do *kit* de suprimentos que vinha com as microferramentas. Cobriu estímulos para cerca de meia hora, avaliou. Tinha pintado pelo menos umas mil perfurações.

Seria interessante ver que mudanças, se houvesse alguma, ocorreriam em sua volta dentro de seis horas.

Cinco horas e meia depois, ele estava sentado no Kracker's, um bar excelente em Manhattan, tomando um drinque com Danceman.

— Você não parece bem — disse Danceman.

— Eu não estou bem — disse Poole. Ele terminou o seu drinque, um *scotch sour*, e pediu outro.

— Por causa do acidente?

— De certa forma, sim.

— É algo que... descobriu a respeito de você mesmo? Erguendo a cabeça, Poole o encarou à luz sombria do bar.

— Então você sabe.

— Sei — disse Danceman — que eu deveria chamar você de Poole ao invés de Sr. Poole, mas prefiro este último, e vou continuar a fazer assim.

— Há quanto tempo você sabe? — disse Poole.

— Desde que você assumiu a companhia. Eles me contaram que os

verdadeiros donos da Tri-Plan, que estão localizados no Sistema Prox, queriam que a Tri-Plan fosse administrada por uma formiga elétrica que eles pudessem controlar. Queriam alguém brilhante, esforçado...

— Os verdadeiros donos? — Era a primeira vez que ele ouvia falar disso. — Temos dois mil acionistas. Espalhados por todos os lugares.

— Marvis Bay e seu marido Ernan, em Prox 4, controlam cinquenta e um por cento das ações com direito a voto. Sempre foi assim.

— Por que eu não sabia?

— Me disseram para não contar. Você devia achar que tinha determinado todas as políticas da empresa. Com minha ajuda. Mas, na verdade, eu estava alimentando você com o que os Bays passavam para mim.

— Sou uma figura decorativa.

— De certa maneira, é, sim — Danceman balançou a cabeça — Mas para mim, você sempre vai ser o Sr. Poole.

Um pedaço da parede ao fundo desapareceu. E com ela, várias pessoas nas mesas próximas. E...

Através da grande lateral de vidro do bar, a silhueta de Nova York se apagou e deixou de existir.

— O que aconteceu? — perguntou Danceman ao ver seu rosto.

— Olhe em volta. Você está vendo alguma mudança? — disse Poole, meio rouco.

— Não, como o quê? — perguntou Danceman após olhar em torno do salão.

— Você ainda está vendo a silhueta da cidade?

— Claro. Poluída como sempre. As luzes piscam...

— Agora eu entendi — disse Poole. Ele estava certo. Cada perfuração coberta significava o desaparecimento de algum objeto no mundo de sua realidade. — Vejo você mais tarde, Danceman — falou, de pé. — Preciso voltar para o meu apartamento. Tenho trabalho a fazer. Boa noite. — Ele saiu do bar e andou até a rua, à procura de um táxi.

Não havia táxis.

Eles também, pensou. Gostaria de saber o que mais eu pinteí. Prostitutas? Flores? Cadeias?

Ali, no estacionamento do bar, a nave de Danceman. Vou pegar isso,

decidiu. Ainda há táxis no mundo de Danceman, ele pode tomar um mais tarde. De qualquer jeito, é um carro da empresa, e eu tenho uma cópia da chave.

Em um instante, ele estava no ar, fazendo a volta para seu apartamento.

Nova York não tinha voltado. À esquerda e à direita, veículos e prédios, ruas, pedestres com seus transportes, placas... e no meio, nada. Como posso voar para dentro disso? perguntou a si mesmo. Eu vou desaparecer.

Vou mesmo? Ele voou rumo ao nada.

Fumando um cigarro atrás do outro, ele voou em círculos por quinze minutos... E então, em completo silêncio, Nova York reapareceu. Ele podia terminar sua viagem. Jogou fora a guimba do seu cigarro (um desperdício de algo tão valioso) e rumou na direção de seu apartamento.

Se eu enfiar uma pequena tira opaca, avaliou, enquanto destrancava a porta do apartamento, posso...

Seus pensamentos cessaram. Alguém estava sentado na cadeira de sua sala de estar, vendo o Capitão Kirk na TV.

— Sarah — disse ele, irritado.

Ela levantou, corpulenta, mas graciosa.

— Você não estava no hospital, então vim para cá. Ainda estou com aquela chave que você me deu em março depois que tivemos aquela discussão horrível. Ai... você parece tão deprimido — ela aproximou-se dele e olhou, ansiosa, dentro de seu rosto.

— Seus ferimentos estão doendo tanto assim?

— Não é isso — ele tirou o casaco, a gravata, a camisa e então o painel peitoral. Ajoelhando, ele começou a enfiar as mãos nas luvas das microferramentas. Fez uma pausa, ergueu os olhos para ela e disse: — Descobri que sou uma formiga elétrica. O que, de um certo ponto de vista, abre certas possibilidades, que eu estou explorando agora. — Ele flexionou os dedos e, na extremidade do indicador esquerdo, uma microchave de fenda se moveu, ampliada, para a visibilidade pelo sistema de lentes ampliadoras.

— Você pode olhar, se quiser — informou a ela.

Ela tinha começado a chorar.

— Qual o problema? — ele perguntou, furioso, sem erguer os olhos de seu trabalho.

— É que é... tão, tão triste. Você foi um patrão tão bom para todos nós na Tri-Plan. Nós respeitamos muito você. E, agora, tudo fica diferente.

A fita plástica tinha uma margem não-perfurada no alto e em baixo. Ele cortou uma tira horizontal, muito fina, então, depois de um instante de grande concentração, cortou a fita a quatro horas de distância da cabeça do *scanner*. Em seguida, girou a tira cortada fazendo um ângulo para a direita em relação ao *scanner*, soldou no lugar com um microelemento de calor, então prendeu novamente a fita do lado esquerdo e direito. Na verdade, ele tinha inserido vinte minutos mortos no fluxo de sua realidade que se desenrolava. Faria efeito, segundo seus cálculos, alguns minutos após a meia noite.

— Você está se consertando? — perguntou Sarah, tímida.

— Estou me libertando — disse Poole. Além daquela, ele tinha várias outras alterações em mente. Mas primeiro tinha que testar sua teoria. Fita em branco, sem perfurações, significavam que não havia estímulos, então no caso de *falta* de fita...

— Esse olhar no seu rosto — disse Sarah. Ela começou a juntar sua bolsa, casaco, uma revista aud-vid enrolada. — Vou embora. Eu entendi o que você pensou de me encontrar aqui.

— Fique — disse ele — vou ver o Capitão Kirk com você.

— Ele vestiu a camisa. — Você se lembra, há anos, quando havia — quantos eram? Vinte ou vinte e dois canais de TV? Antes de o governo fechar os independentes?

Ela concordou com a cabeça.

— Como seria se esse aparelho de TV projetasse todos os canais sobre a tela de raios catódicos *ao mesmo tempo*? Será que conseguiríamos distinguir algo nessa mistura?

— Acho que não.

— Talvez nós pudéssemos aprender como. Aprender a ser seletivos. Fazer o próprio trabalho de perceber o que queríamos e o que não queríamos. Pense nas possibilidades, se nosso cérebro puder processar vinte imagens ao mesmo tempo. Pense na quantidade de conhecimento que poderia ser acumulada durante um determinado período. Eu me pergunto se o cérebro, o cérebro humano... — ele ficou sem terminar. — O cérebro humano não pode fazer isso — disse, naquele momento refletindo consigo mesmo.

— Mas, em teoria, talvez um cérebro *quase-orgânico* possa.

— É isso o que você tem? — perguntou Sarah.

— É — respondeu Poole.

Eles viram o Capitão Kirk até o final, e depois foram para cama. Mas

Poole ficou recostado em seus travesseiros, fumando e meditando. Do seu lado, não conseguia relaxar, imaginando porque ele não tinha apagado a luz.

Dezpara a meia-noite. Deveria acontecer a qualquer momento, agora.

— Sarah — disse ele. — Quero a sua ajuda. Em alguns minutos, algo estranho vai acontecer comigo. Não vai durar muito, mas quero que você me observe com cuidado. Veja se eu... — ele gesticulou — aparento alguma mudança. Se eu parecer estar dormindo, ou se falar coisas sem sentido, ou... — ele queria dizer se eu desaparecer. Mas não disse. — Não vou machucar você, mas acho que pode ser uma boa idéia se você estiver armada. Você está com sua pistola antiassalto?

— Na minha bolsa — ela, agora, estava completamente acordada. Sentada na cama, olhava para ele com um medo selvagem, os ombros largos bronzeados e cobertos de sardas à luz do quarto.

Ele pegou a pistola para ela.

O quarto firmou-se em completa imobilidade. Então as cores começaram a se esvaír. Objetos diminuíram até que, como fumaça, desapareceram nas sombras. A escuridão filmava tudo enquanto os objetos no quarto iam ficando cada vez mais fracos.

Os últimos estímulos estavam morrendo, percebeu Poole. Ele apertou os olhos, tentando enxergar. Percebeu Sarah Benton, sentada na cama: uma figura bidimensional que, como uma boneca, tinha sido colocada naquela posição, para minguar e desvanecer. Rajadas aleatórias de substância desmaterializada redemoínham em nuvens instáveis; os elementos se reuniram, se desfizeram, depois se reuniram de novo. E então, o último calor, energia e luz sumiram. O quarto fechou-se e caiu em si mesmo, como se tivesse sido trancado fora da realidade. Naquele ponto, o negro absoluto substituiu tudo, espaço sem profundidade, não noturno, mas um tanto quanto rígido e inflexível. E, além disso, ele nada ouvia.

Estendendo a mão, ele tentou tocar em algo. Mas não tinha nada a estender. A consciência de seu próprio corpo tinha desaparecido junto com tudo mais no universo. Ele não tinha mãos, e mesmo que tivesse, não haveria nada para ele sentir.

Ainda estou certo sobre o funcionamento dessa maldita fita, disse para si mesmo, usando uma boca não-existente para comunicar uma mensagem invisível.

Será que isso vai passar em dez minutos? perguntou a si mesmo. Estou certo em relação a isso também? Ele esperou... mas sabia, por intuição, que seu sentido de tempo tinha desaparecido com todo o resto. Só posso esperar,

percebeu. E torceu para que não fosse por muito tempo.

Para tentar criar um ritmo de tempo para si mesmo, pensou, Vou fazer uma enciclopédia. Vou tentar listar tudo o que começa com A. Vamos ver. Ele pensou. Abacaxi, automóvel, atmosfera, Atlântico, acelga, anúncio... ele seguiu pensando, categorias resvalavam pela sua mente assombrada; apavorada.

Até que, de repente, a luz se acendeu.

Ele estava deitado no sofá na sala de estar, e uma suave luz do sol jorrava através da única janela. Dois homens estavam inclinados sobre ele, suas mãos cheias de ferramentas. Manutenção, percebeu. Estão trabalhando em mim.

— Ele está consciente — disse um dos técnicos. Ele ficou de pé e afastou-se. Sarah Benton, louca de ansiedade, o substituiu.

— Graças a Deus! — disse ela, com uma respiração úmida no ouvido de Poole. — Estava com tanto medo. Acabei ligando para o Sr. Danceman...

— O que aconteceu? — Poole interrompeu bruscamente. — Comece do princípio e, pelo amor de Deus, fale devagar, para que eu possa assimilar tudo.

Sara se recompôs, fez uma pausa para esfregar o nariz, e então, nervosa, começou.

— Você apagou. Ficou caído aí, como se estivesse morto. Esperei até as duas e meia e você não fez nada. Liguei para o Sr. Danceman e o acordei, infelizmente. Então ele ligou para a manutenção elétrica — quer dizer, o pessoal da manutenção de rob-orgânicos, e esses dois homens chegaram por volta de umas quinze para as cinco, e desde então estão trabalhando em você. Agora são seis e quinze da manhã. E eu estou com muito frio e quero ir para a cama. Não vou conseguir trabalhar, hoje. Não vou mesmo — ela virou-se, fungando. O som o incomodou.

— O senhor andou brincando com a sua fita de realidade — disse um dos homens uniformizados da manutenção.

— Andei — disse Poole. Por que negar? Era óbvio que eles tinham encontrado a pequena tira sólida inserida na fita — mas não era para ter ficado apagado por tanto tempo. Só inseri uma tira de uns dez minutos.

— Ela travou o sistema de transporte — explicou o técnico. — A fita parou de rodar para a frente. Foi travada pela sua intervenção e, imediatamente, o sistema desligou para ela não arrebentar. Por que você estava brincando com isso? Você sabe o que poderia ter feito?

— Não tenho certeza — disse Poole.

— Mas faz uma boa idéia.



— É por isso que eu estou fazendo.

— Sua conta — disse o homem da manutenção. — Vai custar 95 Frogs. Pode pagar em prestações, se quiser.

— Tudo bem — disse. Sentou-se meio grogue, esfregou os olhos e sorriu com uma careta. Sua cabeça doía e o estômago estava completamente vazio.

— Da próxima vez, raspe a fita — disse o técnico superior.

— Assim ela não prende. Você não imaginou que houvesse um mecanismo de segurança embutido? Para breçar, ao invés de...

— O que acontece — interrompeu Poole, sua voz baixa e intencionalmente cheia de cuidados — se não houver fita passando pelo *scanner*? Nenhuma fita... nada. A fotocélula lançando sua luz para cima sem barreiras?

Os técnicos olharam um para o outro.

— Todos os neurocircuitos são conectados simultaneamente e entram em curto.

— O que isso significa?

— Significa que é o fim do mecanismo.

— Já examinei o circuito — disse Poole. — Ele não tem voltagem suficiente para fazer isso. O metal não derrete sob correntes de carga baixa, mesmo se os terminais estiverem se tocando. Estamos falando de um milionésimo de *watt* ao longo de um canal de césio com, talvez, três milímetros de comprimento. Vamos imaginar que há um bilhão de combinações possíveis em um determinado instante, resultado das perfurações da fita. A saída total não é cumulativa. A quantidade de corrente depende do que a bateria detalhar para aquele módulo, e isso não é muito. Com todas as chaves abertas e funcionando.

— Nós estamos mentindo? — perguntou enfasiado um dos técnicos.

— Por que não? — disse Poole. — Agora eu tenho uma oportunidade de experimentar tudo. Simultaneamente. Conhecer o universo em sua totalidade, ficar momentaneamente em contato com toda a realidade. Algo que nenhum humano pode fazer. Uma partitura sinfônica entrando no meu cérebro fora do tempo, todas as notas, todos os instrumentos soando ao mesmo tempo. E todas as sinfonias. Estão entendendo?

— Isso vai queimar você.

— Acho que não — disse Poole.

— Quer uma xícara de café, senhor Poole? — perguntou Sarah.

— Quero — disse ele. Baixou suas pernas, pressionou os pés frios contra o

chão, deu de ombros. Então se levantou. O corpo doía. Eles me deixaram deitado a noite inteira no sofá, percebeu. Considerando tudo, eles podiam ter feito um trabalho um pouco melhor.

Garson Poole estava sentado à mesa da cozinha, na outra extremidade da sala, bebendo café diante de Sarah. Os técnicos já tinham ido havia muito tempo.

— Você não vai mais fazer nenhuma experiência com você mesmo, vai? — perguntou Sarah, triste.

— Eu gostaria de controlar o tempo. Invertê-lo. — Irritou-se Poole. Vou cortar um pedaço da fita, pensou, e colá-la de volta de cabeça para baixo. As seqüências de causa e efeito, então, vão passar ao contrário. Por conseguinte, vou caminhar de costas e descer as escadas desde o campo no telhado, voltar à minha porta, empurrar e abrir uma porta trancada, andar de costas até a pia, de onde vou tirar uma pilha de pratos sujos com a comida produzida pelo meu estômago... então transfiro a comida para a geladeira. No dia seguinte tiro a comida da geladeira, guardo em sacolas e levo as bolsas para um supermercado, distribuo a comida aqui e ali pela loja. E, finalmente, na porta, vão me pagar dinheiro por isso, direto de sua caixa registradora. A comida vai estar embalada com outros alimentos em caixas de plástico, enviadas para fora da cidade até as fábricas de hidropônicos no Atlântico, onde vai se juntar a árvores e arbustos ou o corpo de animais mortos ou enterrada profundamente no solo. Mas o que tudo isso provaria? Uma fita de vídeo andando de trás para frente... eu não saberia mais do que sei agora, o que não é suficiente.

O que quero, ele se deu conta, é a realidade extrema e absoluta, por um microssegundo. Depois disso, nada importa, porque tudo vai ser conhecido. Não faltará nada a ser visto ou compreendido.

Posso experimentar uma outra mudança, disse para si mesmo. Antes de tentar cortar a fita, vou fazer novas perfurações nela e ver o que vai acontecer. Vai ser interessante porque não sei o que significam os furos que vou fazer.

Usando a ponta de uma microferramenta, ele fez na fita vários furos ao acaso. O mais perto do *scanner* que conseguiu... não queria esperar.

— Eu imagino se vou perceber — disse para Sarah. Aparentemente, não, pelo que ele podia extrapolar até a agora. — Talvez alguma coisa apareça — falou para ela. — Só quero avisar você. Não quero que fique com medo.

— Oh, querido — disse Sarah, com uma voz fraca.

Ele olhou para seu relógio de pulso. Um minuto se passou, logo outro, e um terceiro. E então...

No centro da sala surgiu um bando de patos verde e pretos. Eles grasnavam

excitados, ergueram-se do chão, voaram contra o teto em uma massa indecisa e agitada de penas e asas e frenéticas em sua grande urgência instintiva de sair dali.

— Patos — disse Poole, maravilhado. — Eu fiz um furo que é um bando de patos selvagens.

Agora, outra coisa tinha aparecido. Um banco de parque onde havia um velho maltrapilho sentado, lendo um jornal rasgado e amarrotado. Ele ergueu os olhos. Percebendo vagamente Poole, sorriu rapidamente para ele com dentes muito estragados, e então retornou ao seu jornal dobrado. Continuou lendo.

— Você está vendo? — perguntou Poole a Sarah. — E os patos — naquele instante, os patos e o banco de parque desapareceram. Nada restava deles. O intervalo das suas perfurações tinha passado rapidamente.

— Eles não eram reais — disse Sarah. — Eram? Então como...

— Você não é real — falou para ela. — Você é um fator de estímulo em minha fita de realidade. Uma perfuração que pode ser coberta. Você também existe em outra fita de realidade? Ou em uma realidade objetiva? — Ele não sabia. Não podia dizer. Talvez Sarah também não soubesse. Talvez ela existisse em mil fitas de realidade, talvez em todas as fitas de realidade já fabricadas. — Se eu cortar a fita — disse ele — você vai estar em todos os lugares, e em lugar nenhum. Como tudo mais no universo. Pelo menos para a minha consciência.

— Eu sou real — hesitou Sarah.

— Quero conhecer você completamente — disse Poole. — Para fazer isso, tenho que cortar a fita. Se não fizer isso agora, vou fazer em algum outro momento. É inevitável que eu acabe fazendo isso. — Então, por que esperar? perguntou a si mesmo. E sempre há a possibilidade de que Danceman tenha avisado ao meu fabricante, e que eles estejam tomando providências para me decapitar. Porque, talvez, eu esteja ameaçando sua propriedade... eu mesmo.

— Você me faz desejar, no final das contas, que eu tivesse ido trabalhar — disse Sarah, os cantos de sua boca caídos para baixo, com um aspecto melancólico.

— Vá — disse Poole.

— Não quero deixar você sozinho.

— Vou ficar bem.

— Não, não vai. Você vai se desligar da tomada ou algo assim, vai se matar porque descobriu que é apenas uma formiga elétrica, e não um ser humano.

— Talvez — respondeu de imediato. Talvez aquilo resumisse tudo.

— E eu não posso impedir você — disse ela.

— Não — disse, concordando com a cabeça.

— Mas vou ficar. Mesmo que não possa impedir você. Porque se eu for e você se matar, vou passar o resto da minha vida me perguntando o que teria acontecido se eu tivesse ficado com você. Entende?

Ele concordou novamente com a cabeça.

— Vá em frente — disse Sarah. Ele ficou de pé.

— Não, é dor o que eu vou sentir — falou para ela — apesar de poder parecer isso para você. Lembre-se que robôs orgânicos têm circuitos de dor mínimos dentro deles. Eu vou experimentar a mais intensa...

— Não me conte mais nada — interrompeu ela. — Só faça se for mesmo fazer, ou não faça se não for.

Sem jeito, porque estava com medo, ele enfiou as mãos dentro das luvas das microferramentas e pegou uma delas: uma lâmina afiada.

— Vou cortar a fita montada dentro do meu painel peitoral, é isso — disse, olhando através das lentes do sistema de ampliação. Suas mãos tremiam enquanto erguiam a lâmina. Pode ser feito em um segundo, ele percebeu. Tudo acabado. E... eu vou ter tempo para juntar novamente as pontas cortadas da fita, ele concluiu. Tenho meia hora, pelo menos. Se eu mudar de idéia.

Ele cortou a fita.

— Nada aconteceu — sussurrou Sarah, olhando para ele, com medo.

— Tenho uns 30 ou 40 minutos — ele sentou-se novamente à mesa, após tirar suas mãos das luvas. Sua voz, ele percebeu, tremia. Sem dúvida, Sarah tinha percebido, e ele sentiu raiva de si mesmo, por tê-la alarmado. — Desculpe — disse, irracionalmente. Queria se desculpar com ela. — Talvez você devesse ir — disse em pânico. Ele se levantou de novo. Ela também, num reflexo, como se o estivesse imitando. Tonta e nervosa, ela ficou ali parada, palpitante. — Vá embora — disse ele, de um jeito enrolado, difícil de entender. — Volte para o escritório onde você deveria estar. Onde nós dois deveríamos estar. — Vou colar novamente as extremidades da fita, disse para si mesmo. A tensão é grande demais para eu suportar.

Levando suas mãos até as luvas, ele lutou para enfiá-las nos dedos esticados. Olhando para a tela de ampliação, viu a luz fotoelétrica que subia, penetrando diretamente no *scanner*. Ao mesmo tempo, ele viu a extremidade da fita desaparecer dentro do *scanner*... viu e compreendeu. Tarde demais, pensou.

Ela tinha entrado. Meu Deus, refletiu, me ajude. A fita tinha avançado numa velocidade maior do que a que ele tinha calculado. Então é *agora* que...

Ele viu maçãs, e seixos e zebras. Sentiu calor, a textura sedosa de tecido. Sentiu o oceano envolvê-lo e um forte vento do Norte, vergastando-o como se quisesse levá-lo a algum lugar. Sarah estava por toda a sua volta, Danceman também. Nova York brilhava no escuro, e os foguetes acima dele corriam e ricocheteavam através de céus noturnos e diurnos, secos e chuvosos. Manteiga derretida em sua língua e, ao mesmo tempo, cheiros e sabores horrorosos o assaltaram: a presença amarga de venenos e limões e lâminas de capim de verão. Ele se afogou. Caiu. Repousou nos braços de uma mulher em uma enorme cama branca que ao mesmo tempo gemia e gritava em seu ouvido: o som do alarme de um elevador com defeito. Em um dos hotéis velhos e arruinados de Downtown. Estou vivendo, já vivi, nunca vou viver, disse para si mesmo, e com seus pensamentos vieram todas as palavras, todos os sons. Insetos guinchavam e corriam, e ele afundou-se pela metade em um corpo complexo de maquinaria homeostática localizada em algum lugar dos laboratórios da Tri-Plan.

Ele queria dizer alguma coisa para Sarah. Abriu a boca e tentou pronunciar algumas palavras, uma série específica em meio a uma enorme quantidade delas que iluminava de maneira brilhante sua mente, queimando-a com seus significados absolutos.

Sua boca pegou fogo. Ele se perguntou por quê.

Congelada contra a parede, Sarah Benton abriu os olhos e viu a espiral de fumaça que subia da boca semi-aberta de Poole. Então o robô afundou, caiu de quatro sobre os cotovelos e os joelhos, então espalhou-se devagar em um estertor. Ela sabia sem examiná-lo que ele estava morto.

Poole tinha feito aquilo a si mesmo, ela percebeu. E não podia sentir dor, ele mesmo tinha dito. Ou, pelo menos, não muita dor. Talvez um pouco. De qualquer jeito, está acabado.

É melhor ligar para o Sr. Danceman e contar a ele o que aconteceu, decidiu ela. Ainda abalada, ela atravessou a sala até o fone. Ergueu-o e discou de cabeça.

Ele pensou que eu era um fator de estímulo em sua fita de realidade, disse para si mesma. Então ele achou que eu ia morrer quando ele "morresse". Que estranho, pensou ela. Por que ele imaginou isso? Ele nunca tinha sido conectado ao mundo real. Tinha vivido em um mundo eletrônico próprio. Que bizarro.

— Sr. Danceman — disse ela quando o circuito de seu escritório atendeu. — Poole se foi; Ele destruiu a si mesmo bem diante dos meus olhos. O senhor

devia vir até aqui.

— Então, nós, finalmente, estamos livres dele?

— Estamos, não vai ser bom?

— Vou mandar uns homens da oficina até aí — disse Danceman. Ele viu além dela, viu a imagem de Poole caído ao lado da mesa da cozinha. — Você vá para casa e descanse — ele instruiu Sarah. — Deve estar arrasada por causa disso tudo.

— Estou. Obrigada, Sr. Danceman — disse ela, antes de desligar e ficar ali, parada, sem saber o que fazer.

E então ela percebeu algo.

Minhas mãos, pensou. Ergueu-as. Por que posso ver através delas?

As paredes da sala, também, tinham perdido definição.

Tremendo, ela caminhou até o robô inerte, ficou de pé do seu lado, sem saber o que fazer. Podia ver o carpete através de suas pernas, e então o carpete tornou-se difuso e ela viu, através dele, camadas de matéria em desintegração por baixo.

Talvez se eu conseguir soldar as pontas da fita de volta, pensou ela. Mas não sabia como. E Poole já estava sem definição.

O vento do começo da manhã soprou em torno dela. Ela não o sentiu. Agora, tinha começado a parar de sentir.

O vento continuou a soprar.

\* \* \*

## A Segunda Variedade

NERVOSAMENTE, o soldado russo continuou a subir a encosta acidentada do morro, com a arma em posição de tiro. Olhou em volta, passando a língua pelos lábios secos, o rosto rígido. De vez em quando, levantava a mão enluvada e secava o suor do pescoço, empurrando para baixo a gola do casaco. Eric virou-se para o cabo Leone.

— Você quer pegá-lo? Ou eu?

Ajustou o visor da mira e o rosto do russo encheu inteiramente o vidro, com a retícula lhe cortando as feições duras, sombrias.

Leone pensou por um momento. O russo estava perto, movia-se rapidamente, quase correndo.

— Não atire. Espere. — Leone ficou tenso. — Não acho que a gente precise fazer isso.

O russo acelerou o passo, chutando cinzas e montículos de escombros para longe do caminho. Chegou ao cume do morro e parou, arquejante, olhando fixamente em volta. O céu estava coberto de nuvens, partículas cinzentas que se moviam no alto. Troncos desnudos de árvores projetavam-se ocasionalmente no chão plano e estéril, coalhado de entulho, com ruínas de prédios aqui e ali, como se fossem crânios adquirindo tonalidades amareladas.

O russo estava inquieto. Sabia que havia alguma coisa de errado. Olhou para baixo da colina. Nesse momento, estava a apenas alguns passos da casamata. Eric estava ficando nervoso. Mexeu na pistola, olhando para Leone.

— Não se preocupe — disse Leone. — Ele não vai chegar aqui. Elas dão um jeito nele.

— Tem certeza? Ele chegou bem longe.

— Elas ficam por perto da casamata. Ele está entrando agora na pior zona. Prepare-se!

O russo apressou o passo, escorregando morro abaixo, as botas mergulhando em montículos de ruínas acinzentadas, ao mesmo tempo que tentava manter alta a arma. Parou por um momento, levando o binóculo aos olhos.

— Ele está olhando bem para nós — avisou Eric.

O russo entrou em foco. Podiam ver-lhe os olhos, parecendo duas pedras azuis. Abriu um pouco a boca. Precisava barbear-se, tinha o queixo coberto de pêlos. Numa bochecha ossuda, viram um esparadrapo quadrado, mostrando azul nas bordas. Um ponto de fungo. O casaco que usava estava enlameado e

rasgado. Faltava-lhe uma luva. Enquanto corria, o contador de radiação preso ao cinto subia e descia, batendo no corpo.

Leone tocou o braço de Eric.

— Lá vem uma.

Do outro lado do terreno, apareceu alguma coisa pequena e metálica, relampejando à luz mortiça do meio-dia. Uma esfera de metal. Que subiu a colina à procura do russo, seus fios voando. Era pequena, uma das menores. Trazia as garras à vista, duas projeções afiadas como navalhas, girando em uma mancha indistinta de aço branco. O russo ouviu-a. Virou-se no mesmo instante, atirando. A esfera dissolveu-se em partículas. Uma segunda já havia aparecido, seguindo a primeira. O russo atirou outra vez.

A terceira subiu pela perna do russo, tinindo e girando. Saltou para o ombro. As lâminas giratórias desapareceram no pescoço do russo.

Eric relaxou.

— Bem, acabou. Deus, essas drogas de coisas me dão arrepios. Às vezes, penso que era melhor para nós quando elas não existiam.

— Se a gente não as tivesse inventado, eles teriam.— Com mão trêmula, Leone acendeu um cigarro. — Por que será que esse russo veio sozinho por esse caminho? Não vi ninguém lhe dando cobertura.

Subindo pelo túnel, o tenente Scott entrou na casamata.

— O que foi que aconteceu? Alguma coisa apareceu na tela.

— Um russo.

— Só um?

Eric virou a tela. Scott examinou-a. Nesse momento, numerosas esferas de metal rastejavam por cima do corpo caído, globos de metal de cor baça, tinindo e girando, cerrando o russo em pequenas partes para serem levadas da dali.

— Um bocado de garras — murmurou Scott.

— Eles chegaram como se fossem moscas. Não há muito mais coisas para eles fazerem.

Scott empurrou para longe o visor, enojado.

— Como moscas. Eu gostaria de saber por que ele estava ali. Os russos sabem que temos garras por toda parte.

Um robô de maior tamanho havia se juntado às pequenas esferas: um tubo longo e rombudo, munido de aparelhos semelhantes a olhos, dirigia a operação.



Não restava muita coisa do soldado. O que sobrou foi levado morro abaixo por uma infinidade de garras.

— Senhor — disse Leone — se não se importar, eu gostaria de ir até lá dar uma olhada nele.

— Por quê?

— Talvez ele tenha vindo trazer alguma coisa. Scott pensou por um momento. Encolheu os ombros.

— Tudo bem. Mas tenha cuidado.

— Estou com minha proteção. — Leone bateu na argola de metal em volta do pulso. — Vou estar protegido.

Pegou o fuzil e subiu com cuidado até a boca da casamata, esgueirando-se através de blocos de concreto e forçados com dentes torcidos e dobrados. O ar estava frio ali em cima. Cobriu a distância até os restos do soldado, pisando nas cinzas macias. Um vento soprou em volta dele, cobrindo-lhe o rosto com partículas cinzentas. Apertou os olhos e continuou a andar.

As garras afastaram-se quando ele se aproximou, algumas delas tornando-se imóveis e rígidas. Tocou na pulseira. O russo teria dado muita coisa por aquilo! Radiação de curto alcance forte emitida pela pulseira neutralizava as garras, desativava-as. Até mesmo o grande robô armado de olhos mecânicos nas pontas de varetas afastou-se respeitosamente quando ele se aproximou.

Curvou-se sobre os restos do soldado. Viu a mão enluvada, fechada em forma de punho. Havia alguma coisa nela. Soltou os dedos. Um recipiente fechado, de alumínio. E ainda reluzente.

Colocou-o no bolso e voltou para a casamata. Às suas costas, as garras voltaram à vida, entrando novamente em ação. A procissão recomeçou, esferas de metal transportando sua carga através das cinzas. Ouviu o som produzido por seus fios arrastando-se pelo chão. Estremeceu.

Scott observou-o atentamente, quando ele tirou do bolso o tubo lustroso reluzente.

— Ele tinha isso?

— Na mão. — Leone desatarraxou o tubo. — Talvez o senhor deva examinar isso, senhor.

Scott pegou o tubo. Esvaziou-lhe o conteúdo na palma da mão. Um pequeno pedaço de papel de seda, enrolado com cuidado. Sentou-se embaixo da lâmpada e desenrolou-o.

— O que é que diz aí? — perguntou Eric.

Vários oficiais entraram, subindo pelo túnel. O major Hendricks apareceu também.

— Major — disse Scott. — Olhe só para isto. Hendricks leu o pequeno pedaço de papel.

— Isso acaba de chegar?

— Um único mensageiro. Agora mesmo.

— Onde está ele? — perguntou vivamente Hendricks.

— As garras acabaram com ele.

O major Hendricks soltou um grunhido.

— Olhem aqui — disse, passando o papel aos companheiros. — Acho que é isso o que estávamos esperando. E eles certamente não tiveram pressa nenhuma.

— Então eles querem conversar sobre condições — observou Scott. — Vamos negociar?

— Não cabe a nós decidir isso. — Hendricks sentou-se. — Onde está o oficial de comunicações. Quero falar com a Base Lunar.

Leone ficou pensativo, enquanto o oficial de comunicações elevava cautelosamente a antena externa, vasculhando o céu acima da casamata, à procura de sinais de alguma nave espiã russa.

— Senhor — disse Scott, dirigindo-se a Hendricks — é muito estranho que eles, de repente, estejam querendo conversar. Estamos usando as garras há quase um ano. Agora, subitamente, eles começam a pedir arrego.

— Talvez as garras tenham entrado nas casamatas deles.

— Uma das grandes, do tipo munido de pernas, entrou na casamata de um deles na semana passada — lembrou Eric. — E acabou com um pelotão inteiro, antes que eles lhe fechassem a tampa.

— Como é que você sabe disso?

— Um colega me disse. A coisa voltou... com restos humanos.

— Base Lunar, senhor — disse o oficial de comunicações.

Na tela, apareceu o rosto do monitor lunar. O uniforme engomado que ele usava contrastava com os que podiam ser vistos ali na casamata. E tinha o rosto escanhoado.

— Este é o comando avançado L-Whistle. Em Terra. Ligue-me com o general Thompson.

O monitor desapareceu. Quase imediatamente, o rosto carregado do general Thompson entrou em foco.

— O que é, major?

— Nossas garras pegaram um mensageiro russo com uma mensagem. Nós não sabemos se devemos agir com base nela... Já houve trapaças como essa no passado.

— O que é que diz a mensagem?

— Os russos querem que enviemos um único oficial, de patente política, até suas linhas. Para uma conferência. Não dizem qual a natureza da conferência. Dizem que assuntos de... — consultou o papel — grave urgência tornam aconselhável que essa discussão seja iniciada entre um representante das forças da ONU e eles.

Aproximou a mensagem da tela para que o general pudesse lê-la. Os olhos de Thompson moveram-se de um lado para o outro.

— O que é que nós devemos fazer? — perguntou Hendricks.

— Envie alguém.

— O senhor não acha que talvez seja uma armadilha?

— Pode ser. Mas a localização que dão de seu comando avançado está correta. Pelo menos, vale a pena tentar.

— Vou enviar um oficial. E comunicarei os resultados ao senhor, logo que ele voltar.

— Tudo bem, major.

Thompson cortou a ligação. A tela apagou. Lá fora e no alto, a antena começou a descer lentamente.

Hendricks voltou a enrolar o papel, perdido em profundos pensamentos.

— Eu vou — ofereceu-se Leone.

— Eles querem alguém de patente política, com capacidade de tomar uma decisão de política. — Hendricks coçou o queixo. — Capacidade de decisão de política. Há meses que não saio daqui de dentro. Talvez um pouco de ar fresco me faça bem.

— O senhor não acha isso arriscado demais? Hendricks ergueu o periscópio e olhou para fora. Os restos do russo haviam desaparecido. Só conseguiu ver uma única garra, dobrando-se sobre si mesma e desaparecendo nas cinzas como se fosse um caranguejo. Como um horripilante caranguejo de metal...

— Isso é a única coisa que me incomoda. — Coçou o pulso. — Sei que estou seguro enquanto usar esta pulseira. Mas há alguma coisa nelas. Odeio aquelas malditas coisas. Como eu gostaria que nunca as tivéssemos inventado. Há alguma coisa errada nelas. Coisinhas implacáveis.

— Se a gente não as tivesse inventado, os russos teriam. Hendricks recolheu o periscópio.

— Pelo menos, parece que elas estão ganhando a guerra. E acho que isso é bom.

— O senhor dá a impressão de que está ficando tão nervoso como os russos.

Hendricks consultou o relógio de pulso.

— Acho que é melhor eu ir logo, se quero voltar antes de anoitecer.

Respirou profundamente e saiu para o chão coalhado de entulho acinzentado. Após um minuto, acendeu um cigarro e olhou em volta. Viu uma paisagem morta. Nada se mexia. Por quilômetros, só entulhos e cinzas, intermináveis, e ruínas. E também algumas árvores, sem folhas ou galhos. Apenas os troncos. Acima dele, as nuvens cinzentas eternas, rolando entre Terra e o sol.

O major Hendricks começou a andar. À direita, algo correu, algo esférico e metálico. Uma garra, partindo em perseguição a alguma coisa. Provavelmente, um animal pequeno, um rato. Elas pegavam também ratos. Como se fosse uma ocupação secundária.

Chegou ao topo do pequeno morro e ergueu o binóculo. As linhas russas estavam alguns quilômetros à frente. Eles tinham ali um posto de comando avançado. O mensageiro veio dali.

Um robô atarracado de braços ondulantes passou por ele, mexendo os braços inquisidoramente. Mas prosseguiu em seu caminho, desaparecendo sob alguns escombros. Hendricks seguiu-o com os olhos. Não tinha visto ainda aquele tipo. Cada vez havia mais tipos que desconhecia, novas variedades e tamanhos subindo das fábricas subterrâneas.

Apagou o cigarro e apressou o passo. Era interessante o uso desse tipo de formas artificiais de guerra. De que modo teriam começado? Por necessidade. A União Soviética teve grandes sucessos iniciais, o que em geral acontecia com o lado que iniciava a guerra. A maior parte da América do Norte tinha sido varrida do mapa. A retaliação não demorou, claro. O céu já estava cheio de discos bombardeiros muito antes de a guerra começar. Pairavam no alto há anos. Os discos começaram a cair sobre toda a Rússia, horas depois de Washington ter

sido atacada.

Mas esse fato não salvou Washington.

Os governos do bloco americano mudaram-se, já no primeiro ano, para a Base Lunar. Não havia muito mais a fazer. A Europa não existia mais, salvo como montes de entulho, onde ervas escuras cresciam entre cinzas e ossos. A maior parte da América do Norte tornou-se inabitável, um lugar onde ninguém podia plantar nem viver. Uns poucos milhões de habitantes emigraram para o Canadá, ao norte, ou para a América do Sul. No segundo ano, porém, os pára-quedistas soviéticos começaram a descer, no começo, uns poucos e, em seguida, em números cada vez maiores. Eles usavam os primeiros equipamentos realmente eficazes contra radiação. O que restava dos meios de produção das Américas foi transferido para a Lua, juntamente com os governos.

Tudo, menos as tropas. As que ainda existiam ficaram ali, fazendo o melhor que podiam, alguns milhares de soldados aqui, um pelotão ali. Ninguém sabia exatamente onde os russos estavam. Permaneciam onde podiam se manter, movendo-se à noite, escondendo-se nas ruínas, em esgotos, adegas, juntamente com ratos e serpentes. Parecia que a União Soviética já havia, para todos os efeitos, vencido a guerra. Exceto por um punhado de projéteis disparados todos os dias da Lua, praticamente não havia armas para lutar contra os russos. A guerra, para todos os fins, tinha acabado. Nada eficaz se opunha aos russos.

Nessa ocasião, porém, surgiram as primeiras garras. E, da noite para o dia, mudou o tipo de guerra.

No início, elas eram desajeitadas. Lentas. Os russos destruíam-nas quase com a mesma rapidez com que elas emergiam de seus túneis subterrâneos. Mas elas se tornaram mais eficientes, mais rápidas e mais astutas. As fábricas, em Terra, passaram a produzi-las em massa. Eram fábricas que existiam há muito tempo sob a terra, por trás das linhas, que haviam antes produzido mísseis atômicos, nesse momento quase esquecidos.

As garras tornaram-se mais rápidas e maiores. Surgiram novos tipos, alguns com sensores e outras que voavam. E também havia as saltadoras. Os melhores técnicos baseados na Lua trabalhavam nos projetos, tornando-os cada vez mais complexos e flexíveis. E elas se tornaram quase sobrenaturais, causando um sem-número de problemas aos russos. Algumas pequenas garras estavam aprendendo a se esconder, entocando-se no chão, onde ficavam à espreita.

E começaram a penetrar nas casamatas russas, esgueirando-se para dentro quando eram levantadas as tampas para ventilação ou para um olhar em volta.

Uma única garra dentro de uma casamata, uma atmosfera fervente de lâminas e metal — isso era o suficiente. E quando uma entrava, as outras seguiam-na. Com uma arma como essa, a guerra não poderia durar por muito mais tempo.

Talvez já tivesse acabado.

Talvez ele fosse ouvir essa notícia. Quem sabe, o Politburo resolveu jogar a toalha. Era uma pena que tivesse demorado tanto. Seis anos. Um tempo demorado demais para uma guerra como essa, da maneira como havia sido travada. Os discos automáticos de retaliação, caindo como chuva por cima de toda a Rússia, centenas de milhares deles. Cristais de bactérias. Misseis teleguiados soviéticos, silvando pelo ar. As bombas em cadeia. E agora, isso, os robôs, as garras...

As garras em nada se assemelhavam as outras armas. Elas eram *vivas*, de qualquer ponto de vista prático, quisesse ou não o governo reconhecer esse fato. Não eram máquinas. Eram coisas vivas, rodopiando, arrastando-se, sacudindo-se subitamente dentro do entulho cinzento e partindo na direção de um homem, subindo por cima dele, procurando-lhe a garganta. Era para isso que tinham sido projetadas. Para fazer esse trabalho.

E o faziam bem. Especialmente nos últimos tempos, com os novos modelos que surgiam. Neste momento, podiam fazer consertos em si mesmas. Eram independentes. Pulseiras compensadoras de radiação protegiam as tropas da ONU, mas, se algum homem perdesse a sua, tornava-se boa presa para as garras, qualquer que fosse o uniforme. Nas profundezas da terra, maquinaria automática as produzia. Seres humanos permaneciam bem distantes do processo de produção. Era arriscado demais, ninguém queria tê-las em volta. Foram deixadas sozinhas. E pareciam estar se saindo muito bem. Os novos modelos eram mais rápidos, mais complexos. Mais eficientes.

Aparentemente, elas haviam ganho a guerra.

O major Hendricks acendeu o segundo cigarro. A paisagem deixava-o deprimido. Nada, senão cinzas e ruínas. Parecia estar sozinho, o único ser humano em todo o mundo. À direita, as ruínas de uma cidade, algumas paredes e montes de escombros. Jogou fora o fósforo e apressou o passo. De repente, parou, levantando a arma, o corpo tenso. Por um minuto, pareceu...

De trás da concha vazia de um prédio em ruínas, surgiu uma figura, vindo devagar em sua direção, andando hesitante.

Hendricks pestanejou rápido.

— Pare!

O menino parou. Hendricks baixou a arma. O menino permaneceu em silêncio, fitando-o. Era baixo, não muito velho. Talvez oito anos. Mas era difícil calcular a idade. A maioria das crianças que restava era mirrada. Essa usava um suéter azul desbotado, com manchas de sujeira, e bermudas. Cabelos compridos e emaranhados. Castanhos. Caiam-lhes pelos lados do rosto e em volta das orelhas. E trazia alguma coisa nos braços.

— O que é que você tem aí? — perguntou secamente Hendricks.

O menino mostrou o que trazia. Um brinquedo, um ursinho. Um ursinho de pelúcia. Os olhos da criança eram grandes, mas destituídos de expressão.

Hendricks relaxou.

— Eu não o quero. Pode ficar com ele.

O menino abraçou novamente o ursinho.

— Onde é que você mora? — perguntou Hendricks.

— Ali dentro.

— Nas ruínas?

— É...

— Embaixo da terra?

— É...

— Quantos existem por lá?

— Quan... Quantos?

— Quantos são vocês? Qual é o tamanho de seu povoado?

O menino não respondeu.

Hendricks franziu as sobrancelhas.

— Você não vive sozinho, vive?

O menino disse que sim com um movimento de cabeça.

— Como é que você continua vivo?

— Há comida.

— Que tipo de comida?

— Diferente.

Hendricks examinou-o atentamente.

— Qual é a sua idade?

— Treze anos.

Isso não era possível. Ou era? O menino era magro, raquítico. E, provavelmente, estéril. Exposição à radiação, durante anos. Não era de espantar que fosse tão mirrado. As pernas e braços lembravam limpadores de cachimbo, magros e encaroçados. Tocou-lhe o braço. Sentiu pele seca e áspera. Pele de radiação. Curvou-se, olhando dentro dos olhos do menino. Nenhuma expressão. Olhos grandes, grandes e escuros.

— Você é cego? — perguntou.

— Não. Posso ver um pouco.

— Como foi que consegui se livrar das garras?

— Garras?

— Aquelas coisas redondas. Que correm e fazem tocas na terra.

— Não estou compreendo.

Talvez não houvesse garras por ali. Muitas áreas estavam livres delas. Elas se reuniam principalmente em volta de casamatas, onde havia gente. Haviam sido projetadas para perceber calor, calor de coisas vivas.

— Você tem sorte — disse Hendricks, levantando-se. — E então? Para onde está indo? De volta para... para lá?

— Posso ir com você?

— *Comigo?* — Hendricks cruzou os braços. — Eu vou andar muito. Quilômetros. Tenho que correr. — Olhou para o relógio. — Tenho que chegar lá antes da noite.

— Eu quero ir.

Hendricks procurou alguma coisa na mochila.

— Não vale a pena. — Pôs no chão algumas latas que trazia. — Pegue as latas e volte para lá. Certo?

— Eu quero ir com você, agora.

— É uma caminhada muito longa.

— Eu posso andar.

Hendricks mexeu-se, hesitante. Duas pessoas a pé seriam um alvo bom demais. E o menino ia atrasá-lo. Mas ele talvez não voltasse por aquele caminho. E se o menino estivesse realmente sozinho...

— Tudo bem. Venha comigo.



O menino começou a acompanhá-lo. Hendricks continuou a caminhada. O menino andava em silêncio, segurando com força contra o peito o ursinho de pelúcia.

— Qual é o seu nome?

— David Edward Derring.

— David? O que... o que aconteceu com seu pai e sua mãe?

— Morreram.

— Como?

— Na explosão.

— Há quanto tempo?

— Seis anos.

Hendricks encurtou o passo.

— Você está sozinho há seis anos?

— Durante um tempo, havia outras pessoas. Morreram.

— E você está sozinho desde então?

— Estou.

Hendricks olhou para baixo. O menino era estranho, falava pouco. Fechado. Mas as crianças sobreviventes eram assim. Caladas. Estóicas. Eram dominadas por um tipo estranho de fatalismo. Aceitavam tudo o que acontecia. Não havia mais qualquer curso *normaly* natural, das coisas, moral ou físico, que pudessem esperar. Costume, hábito, todas as forças organizadoras haviam desaparecido. Só tinha sobrado a experiência da brutalidade.

— Estou andando rápido demais? — perguntou.

— Não.

— Como foi que você me viu?

— Eu estava esperando.

— Esperando? — Hendricks ficou confuso. — Esperando para o quê?

— Para pegar coisas.

— Que tipo de coisas?

— Coisas para comer.

— Oh!

Hendricks cerrou sombriamente os lábios. Um menino de 13 anos, vivendo

de ratos, marmotas e comida enlatada meio podre. Dentro de um buraco nas ruínas de uma cidade. Com concentrações de radiação e garras, minas explosivas de mergulho dos russos no alto, desenhando círculos no céu.

— Para onde é que você vai? — perguntou David.

— Para as linhas russas.

— Russas?

— Os inimigos. Os que começaram a guerra. Eles lançaram as primeiras bombas de radiação. Eles começaram tudo isso.

O menino inclinou a cabeça. Mas sem nenhuma expressão no rosto.

— Eu sou americano — disse Hendricks.

Nenhum comentário. Os dois continuaram a andar, Hendricks um pouco à frente, David seguindo, apertando o ursinho de pelúcia contra o peito.

Por volta de quatro horas da tarde, pararam para comer. Hendricks preparou uma fogueira num vazio entre duas lajes de concreto. Afastou as ervas e empilhou alguns gravetos. As linhas russas não estavam muito distantes. Em volta dele, o que antes havia sido um comprido vale, hectares de árvores frutíferas e vinhedos. Nada restava agora, exceto algum tocos mortos de árvores e montanhas, que se estendiam no horizonte, no lado mais distante. E as nuvens de cinzas que eram transportadas pelo vento, depositando-se sobre ervas e restos de prédios, paredes aqui e ali e, às vezes, no que tinha sido uma porta.

Fez café e esquentou um pouco de pão e carne de ovelha cozida.

— Tome aqui.

Entregou o pão e a carne a David. Agachado à beira da fogueira, os joelhos encaroçados e brancos aparecendo, David examinou a comida e devolveu-a, sacudindo a cabeça.

— Não.

— Não? Não quer comer nada?

— Não.

Hendricks encolheu os ombros. Talvez o menino fosse um mutante, acostumado à comida especial. Não tinha importância. Quando sentisse fome, ele arranjaría alguma coisa para comer. O menino era estranho. Mas muitas coisas estranhas estavam acontecendo no mundo. A vida não era mais a mesma. Nunca mais seria. A raça humana teria que compreender isso.

— Faça como quiser — disse.

Comeu sozinho o pão e a carne, rebatendo-os com café. Comeu devagar, achando a comida dura. Quando acabou, levantou-se e apagou o fogo com os pés.

David levantou-se devagar, fitando-o com aqueles olhos jovens-velhos.

— Vamos continuar — disse Hendricks.

— Vamos.

Hendricks reiniciou a marcha, a arma nos braços. Estavam perto e, ele, tenso e preparado para qualquer coisa. Os russos deviam estar esperando um mensageiro, uma resposta ao seu próprio mensageiro, mas eles eram traiçoeiros. Havia sempre a possibilidade de um engano. Olhou para a paisagem em volta. Nada, senão detritos e cinzas, alguns morros, árvores calcinadas. Paredes de concreto. Mas, em algum lugar à frente, estava a primeira casamata das linhas russas, o posto de comando avançado. Bem nas profundezas da terra, de onde surgia apenas um peris-cópio, algumas bocas de armas. Talvez, uma antena.

— Vamos chegar logo? — perguntou David.

— Vamos. Está ficando cansado?

— Não.

— Por que pergunta, então?

David permaneceu calado. Continuou a andar com cuidado, escolhendo o caminho por cima das cinzas, as pernas e sapatos cinzentos, cobertos de poeira. Na face encovada, listras de cinza desciam pelo rosto pálido. Não havia cor naquele rosto. O que era típico das novas crianças, criadas em porões, esgotos e abrigos subterrâneos.

Hendricks diminuiu o passo. Levou o binóculo aos olhos e estudou o terreno à frente. Estariam eles ali, em algum lugar, à espera? Observando-o, da maneira como seus homens haviam observado o mensageiro russo? Um calafrio lhe desceu pelas costas. Talvez eles já estivessem lhe apontando as armas, preparando-se para atirar, da mesma maneira que haviam feito seus soldados, preparando-se para matar.

Parou e enxugou o suor do rosto.

— Droga.

Aquela situação o deixava nervoso. Mas ele devia estar sendo esperado. A situação era diferente.

Continuou a andar por cima das cinzas, a arma firmemente segura nas mãos. Atrás dele, David. Hendricks olhou em volta, lábios cerrados. A qualquer segundo, a coisa poderia acontecer. Um relâmpago de luz branca, uma explosão,

cuidadosamente provocada de dentro de uma casamata profunda de concreto.

Ergueu a arma e girou-a no alto, em círculo.

Nada se moveu. À direita, um longo trecho de terra elevada, com troncos de árvores mortas no alto. Algumas lianas selvagens haviam crescido em volta dos restos de árvores. E havia as onipresentes ervas escuras. Examinou atentamente o terreno alto. Haveria alguma coisa ali? O lugar era perfeito como posto de vigia. Aproximou-se cautelosamente, seguido em silêncio por David. Se aquele fosse seu comando, teria posto um sentinela ali em cima, à espreita de tropas que tentassem se infiltrar na área de comando. Claro, se fosse seu comando, haveria garras em volta da área para assegurar proteção total.

Parou, pernas abertas, mãos nos quadris.

— Chegamos? — perguntou David.

— Quase.

— Por que nós paramos?

— Não quero me arriscar.

Hendricks avançou lentamente. Nesse momento, o terreno elevado estava diretamente à sua direita. Acima dele. Aumentou a sensação de inquietude. Se houvesse um russo ali em cima, ele não teria a menor chance. Girou novamente a arma no alto. Eles deviam estar esperando alguém com o uniforme da ONU, como resposta à nota enviada dentro da cápsula. A menos que tudo aquilo fosse uma armadilha.

— Fique junto de mim. — Voltou-se para David. — Não se atrase.

— Junto de você?

— Ao meu lado. Estamos perto. Não podemos nos arriscar. Vamos.

— Vou ficar bem.

David permaneceu atrás, na retaguarda, a alguns passos, ainda abraçando o ursinho.

— Faça como quiser.

Hendricks levantou novamente o binóculo, subitamente tenso. Por um momento... alguma coisa teria se movido? Examinou com todo cuidado o espinhaço de terra. Silêncio total. Morto. Nenhuma vida lá em cima, apenas troncos de árvores e cinzas. Talvez, alguns ratos. Os grandes ratos pretos que haviam escapado das garras. Mutantes... Construíam seus abrigos com saliva e cinzas. Uma espécie de argamassa. Voltou a andar.

Uma figura alta apareceu no terreno alto, o capote batendo no corpo.

Cinza-esverdeado. Um russo. Atrás dele apareceu um segundo soldado, outro russo. Ambas ergueram as armas, fazendo pontaria.

Hendricks endureceu-se todo. Abriu a boca. Os soldados haviam se ajoelhado, a mira das armas apontada para a base da encosta. Uma terceira figura reuniu-se a eles no topo do espinhaço, de estatura mais baixa, também de uniforme cinza-esverdeado. Uma mulher. Ela se colocou às costas dos dois soldados.

Hendricks redescobriu a voz.

— Parem! — Acenou freneticamente para eles.—Eu sou o...

Os dois russos atiraram. Às suas costas, Hendricks ouviu um som baixo, oco. Ondas de calor chocaram-se contra seu corpo, lançando-o ao chão. Cinzas atingiram-lhe o rosto, entrando nos olhos e nariz. Sufocando, pôs-se de joelhos. Aquilo era uma armadilha. Ele estava acabado. Tinha vindo ali para ser morto, como um idiota. Os soldados e a mulher desciam nesse momento a encosta, vindo em sua direção, deslizando pelas cinzas macias. Estava entorpecido. A cabeça latejava. Desajeitado, levantou o fuzil e fez pontaria. A arma pesava mil toneladas. Mal conseguia sustentá-la nas mãos. Nariz e rosto ardiavam. O ar estava sufocante com o cheiro da explosão, um mau cheiro acre, azedo.

— Não atire — disse o primeiro russo, em um inglês de forte sotaque.

Os três chegaram e cercaram-no.

— Solte o fuzil, ianque — disse o outro.

Hendricks sentia-se estonteado. Tudo havia acontecido com tanta rapidez. Tinha sido capturado. E eles haviam matado o menino. Virou a cabeça. David não vivia mais. O que restava dele estava espalhado pelo chão.

Os três russos o examinaram, curiosos. Hendricks sentou-se, enxugando o sangue que escorria pelo nariz, tirando pedaços de cinzas endurecidas. Sacudiu a cabeça, tentando clarear os pensamentos.

— Por que foi que vocês fizeram isso? — murmurou, a voz rouca. — O menino.

— Por quê? — Um dos soldados ajudou-o rudemente a levantar-se. E virou-o. — Olhe.

Hendricks fechou os olhos.

— Olhe! — Os dois russos puxaram-no para a frente.— Está vendo. Depressa. Não há muito tempo a perder, ianque!

Hendricks olhou. E arquejou de espanto.

— Está vendo, agora? Agora você entende?

Dos restos de David rolou uma roda de metal. Relés, metal brilhante. Peças, fiação. Um dos russos chutou o montículo de restos. Partes saltaram, rolando para longe, rodas, molas, varetas. Uma seção plástica caiu, meio calcinada. Trêmulo, Hendricks curvou-se para a frente. A frente da cabeça havia se soltado e viu um cérebro complexo, fios e relés, tubos minúsculos e botões, milhares de peças minúsculas...

— Um robô — disse o soldado que lhe segurava o braço. — Nós observamos que ele o estava seguindo de perto.

— Seguindo-me?

— É assim que eles fazem. Seguem a pessoa. Até dentro da casamata. É assim que eles entram.

Estupefato, Hendricks pestanejou, sem compreender nada.

— Mas...

— Vamos. — Levaram-no para o trecho de terra elevada. — Não podemos ficar aqui. Não é seguro. Deve haver centenas deles em volta de nós.

— O posto de comando avançado — murmurou Hendricks. — Eu vim negociar com o posto de comando avançado soviético...

— Não há mais posto avançado de comando. *Eles* o tomaram. Explicaremos depois. — Chegaram ao alto do espinhaço. — Nós somos tudo que sobrou. Nós três. O resto estava lá embaixo na casamata.

— Por aqui. Por este caminho. — A mulher desparafusou uma tampa de bueiro cinzenta, presa ao chão. — Entre.

Hendricks desceu. Os dois soldados e a mulher vieram atrás dele pela escada. A mulher fechou e aferrolhou cuidadosamente a tampa no lugar, depois que desceram.

— Foi uma boa coisa nós termos visto — grunhiu um dos soldados. — A coisa seguiu-a até o ponto em que queria chegar.

— Me dê um de seus cigarros — pediu a mulher. — Não fumo um cigarro americano há semanas.

Hendricks empurrou o maço na direção dela. Ela pegou um cigarro e passou o maço aos dois soldados. Num canto do pequeno quarto, uma lâmpada brilhava, trêmula. O cômodo era de teto baixo, atravancado de coisas. Os quatro se sentaram em volta de uma pequena mesa de madeira. Viu uma pilha de pratos sujos empilhados em um canto. Por trás de uma cortina rasgada era parcialmente visível um segundo quarto. Hendricks notou a barra de um casaco,

alguns cobertores e roupas penduradas em um gancho.

— Nós estávamos aqui — disse o soldado a seu lado. Tirou o capacete, empurrando para trás os cabelos louros. — Eu sou o cabo Rudi Maxer. Polonês. Recrutado à força, há dois anos, para o Exército Soviético.

E estendeu a mão.

— Klaus Epstein. — O outro soldado lhe apertou também a mão. Era um homem baixo, moreno, com cabelos rareando. Epstein puxou nervosamente o lóbulo da orelha. — Austríaco. Recrutado à força só Deus sabe quando. Não me lembro. Nós três aqui, Rudi, eu, e Tasso. — Fez um gesto na direção da mulher. — Foi assim que escapamos. Todo o resto estava lá na casamata.

— E... *eles* conseguiram entrar? Epstein acendeu um cigarro.

— No início, apenas um deles. O tipo que se colou a você. Em seguida, ele deixou os outros entrarem.

Hendricks ficou alerta.

— O *tipo*? Há mais de um tipo?

— O menino. David. David agarrado a seu ursinho de pelúcia. Aquela é a Variedade Três. A mais eficaz.

— Como são os outros tipos? Epstein enfiou a mão no capote.

— Aqui. — Jogou um maço de fotos, amarrado com barbante, em cima da mesa. — Olhe por si mesmo.

Hendricks desamarrou o barbante.

— Entenda — disse Rudi Maxer — era por isso que queríamos conversar sobre condições. Os russos, quero dizer. Descobrimos há uma semana, mais ou menos. Descobrimos que as garras de vocês estavam começando a criar modelos próprios. Novos tipos exclusivos, mais aperfeiçoados, nas fábricas subterrâneas de vocês, atrás de nossas linhas. Vocês deixaram que eles se estampassem por si mesmos, que fizessem reparos em si mesmos. Tornaram os modelos cada vez mais complexos. É culpa de vocês por isso ter acontecido.

Hendricks examinou as fotos. Elas haviam sido tiradas às carreiras e as cópias eram indistintas e manchadas. As primeiras mostravam... David. David andando por uma estrada, sozinho. David e outro David. Três Davids. Todos exatamente iguais. Todos com um ursinho de pelúcia esfarrapado.

Tudo muito triste.

— Olhe para os outros — disse Tasso.

As fotos seguintes, tiradas de grande distância, mostrava um soldado muito

alto sentado ao lado de uma trilha, um braço numa tipóia, o coto de uma perna estendido e uma muleta grosseira no colo. Em seguida, dois soldados feridos, os mesmos, de pé, lado a lado.

— Essa é a Variedade Um. O Soldado Ferido — Klaus estendeu a mão e pegou as fotos. — Note, as garras foram projetadas para atacar seres humanos. Descobrir onde eles se encontravam. Cada tipo era melhor do que o outro. Eles foram mais longe, chegaram mais perto, passaram pela maioria das nossas defesas, penetraram em nossas linhas. Mas, enquanto eram apenas *máquinas*, esferas de metal com garras e chifres, antenas, podiam ser localizadas como qualquer outro objeto. Podiam ser detectadas como robôs letais logo que eram vistas. Certa vez, capturamos uma delas...

— A Variedade Um destruiu toda nossa ala norte — continuou Rudi. — Passou-se muito tempo, antes que alguém compreendesse o que estava acontecendo. Mas, nessa ocasião, era tarde demais. Eles chegaram, os soldados feridos, batendo à porta e implorando para entrar. E nós deixamos que entrassem. E, logo que entraram, assumiram o controle. Nós estávamos de sobreaviso para máquinas...

— Naquela época, parecia que só havia um tipo — disse Klaus Epstein. — Ninguém desconfiava que houvesse outros. As fotos eram enviadas para nós por meios eletrônicos. Quando enviamos o mensageiro a vocês, só havia um tipo. A Variedade Um. O Soldado Ferido. Nós pensávamos que isso era tudo.

— A linha de vocês foi destruída pela...

— Variedade Três. David e seu ursinho. Ela era ainda mais eficiente do que as outras. — Klaus sorriu amargamente. — Soldados são uns bobocas quando se trata de crianças. Trouxemos elas para aqui e tentamos lhes dar comida. E descobrimos, da pior maneira possível, o que elas queriam fazer. Pelo menos, os que estavam na casamata.

— Nós três tivemos sorte — prosseguiu Rudi. — Klaus e eu estávamos... ahn, fazendo uma visita a Tasso quando aquilo aconteceu. Esta é a casa dela. — Fez gesto circular com a mão enorme. — Esta pequena adega. Acabamos e subimos a escada para começar a caminhada de volta. Do alto do terreno elevado, vimos que eles estavam por toda parte em volta da casamata. E estavam lutando. David e seu ursinho. Centenas deles. Klaus tirou as fotos.

Klaus voltou a amarrar a pilha de fotos.

— E isso está acontecendo em toda a linha de frente russa? — perguntou Hendricks.

— Está...



— Mas o que é que você me diz de *nossas* linhas?— Sem pensar, ele tocou a pulseira no braço. — Eles podem...

— Eles não são afetados por suas pulseiras anti-radiação. Para eles, não faz diferença, sejam russas, americanas, polonesas, alemãs. É tudo a mesma coisa. Eles estão fazendo aquilo que foram projetados para fazer. Levando adiante a idéia original. Eles perseguem vida, onde quer que possam encontrá-la.

— Eles são orientados por calor — explicou Klaus. — Desde o início, foi assim que vocês os construíram. Claro, as que vocês projetaram eram mantidas à distância pelas pulseiras que usam. Agora, elas contornaram esse obstáculo. As novas variedades são revestidas de chumbo.

— E qual é a outra variedade? — perguntou Hendricks. — O tipo David, o Soldado Ferido... Qual é a outra?

— Não sabemos.

Klaus apontou para a parede. Nela, viu duas placas de metal, com lados irregulares. Levantou-se e examinou-as. Dobradas e amassadas.

— A placa da esquerda foi tirada de um Soldado Ferido — disse Rudi. — Pegamos um deles. Estava indo para a nossa velha casamata. Do alto do espinhaço de terra, acabamos com ele, da mesma maneira que fizemos com o David que o estava seguindo.

A placa tinha uma marca estampada: *I-V*. Hendricks tocou a outra placa. — E esta veio do tipo David?

— Exatamente.

A placa era estampada com os seguintes números: *III-V*. Klaus lançou-lhes um olhar, inclinando-se sobre o largo ombro de Hendricks.

— Você pode ver contra o que estamos lutando. Há outro tipo. Talvez tenha sido abandonado. Talvez não tenha funcionado. Mas tem que haver uma Segunda Variedade. Há a Um e a Três.

— Você teve sorte — disse Rudi. — David seguiu-o o tempo todo até aqui e nem o tocou. Provavelmente, pensou que você o introduziria em uma casamata, em algum lugar.

— Uma delas entra e tudo termina — continuou Klaus. — Elas são rápidas. A primeira dá um jeito para o resto entrar. E são inflexíveis. Máquinas com um único objetivo. Foram construídas para um único fim. — Enxugou o suor do lábio. — Nós vimos.

Caiu um silêncio entre eles.

— Me dê outro cigarro, ianque — pediu Tasso. — Eles são gostosos. Quase

tinha me esquecido como são.

Noite, céu negro, nenhuma estrela visível através das nuvens de cinza que rolavam no alto. Klaus levantou cautelosamente a tampa do bueiro para que Hendricks pudesse olhar em volta.

Rudi apontou para a escuridão.

— As casamatas ficam naquela direção. Onde estávamos. A não mais de uns 800 metros daqui de onde estamos. Foi apenas uma questão de sorte que Klaus e eu não estivéssemos lá quando aquilo aconteceu. Fraqueza. Salvos por nosso tesão.

— Todos eles devem estar mortos — disse Klaus em voz baixa. — A coisa ocorreu rapidamente. Naquela manhã, o Politburo chegou a uma decisão. Enviou uma notificação a nós... ao posto de comando avançado. Despachamos imediatamente nosso mensageiro. Vimos quando ele seguia na direção das suas linhas. Demos cobertura a ele até que ele desapareceu de vista.

— Alex Radivsky. Era conhecido de nós dois. Ele desapareceu por volta de seis horas. O sol acabava justamente de aparecer. Por volta de meio-dia, Klaus e eu tivemos uma hora de folga. Deixamos às escondidas as casamatas. Ninguém nos viu. Viemos para aqui. Havia uma pequena cidade por aqui, algumas casas, uma rua. Esta adega fazia parte de uma casa de fazenda. Nós sabíamos que Tasso estaria aqui, escondida em seu lugarzinho. Nós tínhamos vindo aqui antes. Outros da casamata vinham, também. Naquele dia era nossa vez.

— De modo que nos salvamos — disse Klaus. — Por acaso. Poderiam ter sido outros. Nós... nós acabamos, voltamos para a superfície e começamos a voltar pelo terreno elevado. E foi nessa ocasião que os vimos. Os Davids. Compreendemos imediatamente o que havia acontecido. Tínhamos visto fotos da Primeira Variedade, o Soldado Ferido. Nosso comissário distribuiu as fotos, com uma explicação. Se tivéssemos dado outro passo, eles teriam nos visto. Ainda assim, tivemos que destruir dois Davids antes de poder voltar. Havia centenas deles, por toda parte. Como se fossem formigas. Tiramos fotos e voltamos às escondidas para aqui, fechando como melhor podíamos a tampa do bueiro.

— Eles não são lá grande coisa quando os pegamos sozinhos. Nós nos movemos mais rápidos do que eles. Mas eles são implacáveis. Não como coisas vivas. Vieram direto contra nós. E nós os destruimos a tiros.

O major Hendricks encostou-se na borda da tampa, acostumando os olhos à escuridão.

— É seguro levantar absolutamente a tampa?

— Se tomamos cuidado, sim. De que outra maneira você pode usar o transmissor?

Hendricks levantou vagarosamente do cinto o transmissor. Levou-o ao ouvido. Sentiu o metal frio e úmido. Soprou no microfone, levantando a antena curta. Ouviu um zumbido baixo.

— Isso não faz mal, acho? Mas, ainda assim, hesitava.

— Nós vamos puxar você para baixo, se alguma coisa acontecer — disse Klaus.

— Obrigado. — Hendricks esperou mais um momento, descansando o transmissor no ombro. — Interessante, não?

— O quê?

— Isso, os tipos novos. As novas variedades de garras. Estamos inteiramente à mercê delas, não? Por essa hora, elas provavelmente já se infiltraram nas linhas da ONU. E será que não estamos presenciando o início de uma nova espécie? As novas espécies. Evolução. A raça que surgiu após o homem.

Rudi soltou um grunhido.

— Não há raça depois do homem.

— Não? Por que não? Talvez a gente a esteja vendo agora, o fim dos seres humanos, o início de uma nova sociedade.

— Eles não são uma raça. São assassinos mecânicos. Vocês os projetaram para destruir. Isso é tudo que eles podem fazer. São máquinas com um trabalho a realizar.

— De fato, é o que parece agora. Mas, e depois? Quando a guerra terminar? Talvez quando não houver mais seres humanos para destruir, as suas potencialidades reais comecem a aparecer.

— Você fala como se eles fossem vivos!

— E não são? — Seguiu-se um silêncio.

— Eles são máquinas — disse Rudi. — Parecem gente, mas são máquinas.

— Use seu transmissor, major — aconselhou Klaus. — Não podemos ficar aqui em cima para sempre.

Segurando firmemente o transmissor, Hendricks pronunciou o código da casamata de comando. E esperou, à escuta. Nenhuma resposta. Só silêncio. Checou o funcionamento do aparelho. Tudo em ordem.

— Scott! — disse ao microfone. — Você está me ouvindo? Silêncio. Deu potência máxima ao aparelho e tentou mais uma vez. Só estática.

— Não estou recebendo nada. Eles talvez me ouçam, mas talvez não queiram responder.

— Diga a eles que é uma emergência.

— Eles vão pensar que estou sendo forçado a fazer a chamada. Por ordem de vocês.

Tentou mais uma vez, descrevendo em curtas palavras o que havia descoberto. O transmissor, porém, continuou mudo, exceto pela leve estática.

— Pontos de concentração de radiação acabam com a maioria das transmissões — disse Klaus, após algum tempo. — Talvez seja isso.

Hendricks desligou o transmissor.

— Não adianta. Nenhuma resposta. Pontos de concentração de radiação? Talvez. Ou então eles estão me ouvindo e não querem responder. Para ser franco, é isso o que eu mesmo faria, se um mensageiro estivesse tentando ligar das linhas soviéticas. Eles não têm razão para acreditar nessa história. Podem estar ouvindo tudo que estou dizendo...

— Ou, talvez, seja tarde demais.

Hendricks concordou com um movimento de cabeça.

— É melhor pôr a tampa no lugar — disse nervosamente Rudi. — Não vamos querer correr riscos desnecessários.

Vagarosamente desceram pelo túnel. Klaus colocou com cuidado a tampa no lugar e fechou-a. Desceram mais fundo, para a cozinha. O ar em volta era quente e opressivo.

— Eles poderiam trabalhar com essa rapidez toda? — perguntou Hendricks. — Eu deixei a casamata ao meio-dia. Há dez horas. De que modo eles poderiam se mover com tanta rapidez?

— Eles não precisam de muito tempo. Não, depois que o primeiro consegue entrar. Ele se descontrola. Você sabe o que as pequenas garras podem fazer. Até mesmo o que *uma* delas pode fazer é inacreditável. Navalhas, em cada dedo. Loucura total.

— Tudo bem.

Hendricks afastou-se, impaciente, e ficou de costas para os outros.

— O que é? — perguntou Rudi.

— A Base Lunar. Deus, se eles conseguirem chegar lá...

— A Base Lunar? Hendricks virou-se para eles.

— Eles não poderiam ter chegado à Base Lunar. De que maneira poderiam? Isso não é possível. Não posso acreditar nisso.

— O que é essa Base Lunar? Nós ouvimos boatos, mas nada claro. Qual é a situação atual? Você parece preocupado.

— Nós somos abastecidos a partir da Lua. Os governos estão lá, sob a superfície lunar. Todo nosso povo e indústrias. É isso que nos mantêm em ação. Se eles descobrirem uma maneira de deixar Terra e chegar à Lua...

— Para isso basta um deles. Uma vez que consiga entrar, ele abre o caminho para os outros. Centenas deles, todos iguais. Você devia tê-los visto. Idênticos. Como formigas.

— Socialismo perfeito — disse Tasso. — O Estado comunista ideal. Todos os cidadãos interpermutáveis.

Klaus grunhiu alguma coisa, zangado.

— Basta disso. E então? O que é que vamos fazer agora? Na pequena sala, Hendricks começou a andar de um lado para o outro. O ar sufocava com os cheiros de comida e suor. Os outros observavam-no. Logo depois, Tasso afastou a cortina e passou para o outro cômodo.

— Vou tirar um cochilo — disse.

A cortina fechou-se às suas costas. Rudi e Klaus sentaram-se à mesa, com os olhos ainda em Hendricks.

— Cabe a você resolver — disse Klaus. — Nós não conhecemos a situação de vocês.

Hendricks concordou com um aceno.

— Estamos com um problema. — Rudi tomou um gole de café e encheu de novo a xícara com um bule enferrujado. — Por algum tempo, estaremos em segurança aqui, mas não podemos ficar aqui para sempre. Nem há comida nem suprimentos suficientes.

— Mas se sairmos...

— Se sairmos, eles nos pegam. Ou, provavelmente, vão pegar. Não vamos conseguir ir muito longe. A que distância fica sua casamata de comando, major?

— Cinco ou seis quilômetros.

— Poderíamos chegar lá. Nós quatro. Nós quatro poderíamos vigiar todos

os lados. Elas não poderiam vir sorratamente por trás e nos seguir. Temos três fuzis, três fuzis que disparam projéteis explosivos. Tasso pode ficar com minha pistola. — Rudi bateu no cinto. — No Exército Soviético, nem sempre tínhamos sapatos, mas tínhamos armas. Com nós quatro armados, um de nós poderia chegar à sua casamata de comando. Preferivelmente, o senhor, major.

— E se elas já estiverem lá? — perguntou Klaus. Rudi encolheu os ombros.

Hendricks parou de andar.

— Quais as probabilidades, na sua opinião, de que elas já estejam nas linhas americanas?

— É difícil saber. Muito boas. Elas são organizadas. Sabem exatamente o que estão fazendo. Uma vez que comecem, partem para cima como uma nuvem de gafanhotos. Elas têm que continuar em movimento, e rápido. É de discrição e rapidez que elas dependem. Surpresa. Entram antes que qualquer um desconfie.

— Entendo... — murmurou Hendricks. No outro cômodo, ouviram a voz de Tasso:

— Major?

Hendricks afastou a cortina para um lado.

— O quê?

Indolentemente, Tasso ergueu a vista da cama de lona onde estava deitada.

— O senhor ainda tem cigarros americanos?

Hendricks entrou no quarto e sentou-se em um banco de madeira, de frente para ela. Apalçou os bolsos.

— Não. Acabaram.

— Que pena.

— Qual é a sua nacionalidade? — perguntou Hendricks após um momento.

— Russa.

— Como foi que você veio parar aqui?

— Aqui?

— Antigamente, este lugar era a França. E, isto aqui, parte da Normandia. Você veio com o exército soviético?

— Por que quer saber?

— Apenas por curiosidade.

Hendricks observou-a atentamente. Ela havia tirado o capote e o jogado

para o chão. Era jovem, na casa dos 20 anos. Esbelta. Cabelos longos espalhados pelo travesseiro. E fitando-o em silêncio, os olhos escuros e grandes.

— No que é que o senhor está pensando? — perguntou ela.

— Nada. Qual é a sua idade?

— Dezoito.

Continuou-o a fitá-lo, sem piscar, os braços atrás da cabeça. Usava calça e camisa do exército russo. Cinza-esverdeados. Cinto de couro largo com contador de radiação e cartucheira. Estojo de primeiros socorros.

— Você é do exército soviético?

— Não.

— Onde arranjou esse uniforme?

Ela deu de ombros.

— Me deram — respondeu.

— Que... que idade tinha quando veio para aqui?

— Dezesseis.

— Tão moça assim?

Os olhos dela se estreitaram.

— O que é que você quer dizer com isso?

Hendricks coçou o queixo.

— Sua vida teria sido muito diferente, se não tivesse havido guerra. Dezesseis anos. Você veio para cá com dezesseis anos. Para viver dessa maneira.

— Eu tinha que sobreviver.

— Eu não estou pregando moral.

— Sua vida, também, teria sido diferente — murmurou Tasso. Estendeu as mãos e desabotoou uma das botas. E chutou-a para longe. — Major, o senhor poderia passar para a outra sala? Estou com sono.

— Vai ser um problema, nós quatro aqui. Vai ser difícil viver neste aperto. Só há mesmo duas salas?

— Só.

— Que tamanho tinha originariamente esta adega? Era maior do que isto? Há outros locais cheios de entulho? Poderíamos abrir um deles.

— Talvez. Realmente, não sei. — Tasso afrouxou o cinto. Ajeitou-se confortavelmente na enxerga, desabotoando a camisa. — Tem certeza de que não há mais nenhum cigarro?

— Eu só tinha um maço.

— Que pena. Talvez, se a gente voltar à sua casamata, o senhor possa encontrar mais alguns. — A outra bota caiu. Tasso estendeu a mão para a corda do interruptor. — Boa noite.

— Você vai dormir?

— Vou...

A sala caiu na escuridão. Hendricks levantou-se, passou pela cortina e entrou na cozinha. E parou, estatelado.

Viu Rudi de costas na parede, o rosto lívido e brilhando de suor. Abria e fechava a boca, mas nenhum som saía dela. À frente dele, Klaus empurrava a boca da pistola no estômago de Rudi. Nenhum dos dois se movia. Klaus, a mão segurando com força o cabo da arma, tinha o rosto duro. Rudi, pálido e silencioso, de pernas e braços abertos contra a parede.

— O quê... — murmurou Hendricks.

Klaus, porém, cortou-lhe as palavras:

— Fique calado, major. Venha aqui. Sua arma. Pegue sua arma.

Hendricks sacou a pistola.

— O que é?

— Cubra-o. — Klaus chamou-o com um gesto. — Ao meu lado. Rápido!

Rudi moveu-se um pouco, abaixando os braços. Virou-se para Hendricks, passando a língua pelos lábios. Virava os olhos de um lado para o outro, alucinado. Suor lhe pingava pelo rosto. Fixou os olhos em Hendricks.

— Major, ele ficou louco. Diga a ele para parar com isso. A voz de Rudi saiu fraca, rouca, quase inaudível.

— O que é que está acontecendo? — perguntou Hendricks. Sem baixar a arma, Klaus respondeu:

— Major, lembra-se de nossa conversa? Sobre as Três Variedades? Nós conhecíamos a Um e a Três. Mas não a Dois. Pelo menos, não antes. — Os dedos de Klaus apertaram-se em volta do cabo da pistola. — Nós não sabíamos antes, mas sabemos agora.

Apertou o gatilho. Uma explosão de calor branco irrompeu do cano da



arma, envolvendo Rudi.

— Major, essa aí é a Segunda Variedade.

Tasso puxou violentamente a cortina para um lado.

— Klaus! O que foi que você fez?

Klaus afastou os olhos da forma calcinada, que escorregava lentamente da parede para o chão.

— A Segunda Variedade, Tasso. Agora, nós sabemos. Identificamos todos os três tipos. O perigo agora é menor. Eu...

Tasso olhou para um ponto atrás dele, para os restos de Rudi, fragmentos fumegantes e pedaços de pano.

— Você o matou.

— Ele? A *coisa*, é isso que devia dizer. Eu estava vigilante. Tinha uma sensação, mas não certeza. Pelo menos, não antes. — Nesta noite, porém, tive certeza. — Alisou nervosamente o cabo da pistola. — Nós temos sorte. Será que você não compreende? Outra hora e essa coisa...

— Você tinha *certeza*? — Tasso empurrou-o para um lado, passou por ele e agachou-se, sobre os restos fumegantes no chão. O rosto endureceu-se. — Major, veja por si mesmo. Ossos. Carne.

Hendricks agachou-se ao lado dela. Os restos eram de um ser humano. Carne queimada, fragmentos calcinados de ossos, parte de um crânio. Ligamentos, vísceras, sangue. Sangue formando uma poça junto à parede.

— Nenhuma roda — disse calmamente Tasso. Levantou-se. — Nenhuma roda, nenhuma parte, nenhum relé. Nenhuma garra. Não é a Segunda Variedade. — Cruzou os braços sobre o peito. — Você vai ter que explicar isso.

Klaus sentou-se à mesa, o rosto subitamente esvaziado de toda cor. Pôs a cabeça entre as mãos e ficou balançando de um lado para o outro.

— Pare com isso. — Os dedos de Tasso fecharam-se em volta do ombro de Klaus. — Por que fez isso? Por que o matou?

— Ele estava com medo — disse Hendricks. — Tudo isto, toda esta coisa, crescendo em volta de nós.

— Talvez

— O que é, então? O que é que você acha?

— Acho que ele, talvez, teve uma razão para matar Rudi. Uma boa razão.

— Qual razão?

— Rudi talvez tenha descoberto alguma coisa. Hendricks estudou-lhe o rosto vazio.

— Sobre o quê? — perguntou

— Sobre ele. Sobre Klaus. Klaus ergueu rapidamente a vista.

— O senhor pode ver o que ela está tentando dizer. Ela pensa que eu sou a Segunda Variedade. Será que não entende, major? Agora, ela quer que o senhor acredite que eu o matei propositadamente. Que eu sou...

— Por que, então, o matou? — perguntou Tasso.

— Eu lhe disse — respondeu cansadamente Klaus. — Pensei que ele era uma garra. Achei que tinha certeza.

— Por quê?

— Porque eu o estava vigiando. Estava desconfiado.

— Por quê?

— Achei que tinha visto alguma coisa. Ouvido alguma coisa. Achei que eu...

Parou.

— Continue.

— Nós estávamos sentados à mesa. Jogando cartas. Vocês dois estavam na outra sala. Havia silêncio. Achei que o ouvi... *zunindo*.

Caiu um silêncio na sala.

— O senhor acredita nisso? — perguntou Tasso a Hendricks.

— Acredito. Acredito no que ele disse.

— Eu, não. Acho que ele matou Rudi por um bom motivo. — Tasso tocou o fuzil, encostado num canto da sala. — Major...

— Não. — Hendricks sacudiu a cabeça, num gesto negativo. — Vamos parar com isso, agora mesmo. Um já basta. Nós estamos com medo, como ele estava. Se o matarmos, faremos com ele o que ele fez com Rudi.

Klaus fitou-o, gratidão nos olhos.

— Obrigado. Eu estava com medo. O senhor compreende isso, não? Agora, ela está com medo, como eu estava. Ela quer me matar.

— Nada mais de morte. — Hendricks dirigiu-se para o pé da escada. — Vou subir e experimentar mais uma vez o transmissor. Se conseguir falar com eles, vamos voltar para minhas linhas amanhã pela manhã.

Klaus levantou-se rápido.

— Vou com o senhor e lhe dou uma ajuda.

O ar da noite estava frio. A terra, esfriando. Klaus respirou profundamente, enchendo os pulmões. Ele e Hendricks pisaram o chão, fora do túnel. Pernas firmes e abertas, fuzil em posição, Klaus ficou vigilante, à escuta. Hendricks agachou-se ao lado da boca do túnel, sintonizando o pequeno transmissor.

— Conseguiu? — perguntou logo em seguida Klaus.

— Ainda não.

— Continue a tentar. Conte a eles o que aconteceu.

Hendricks continuou a tentar. Sem sucesso. Finalmente, baixou a antena.

— É inútil. Eles não conseguem me ouvir. Ou ouvem e não querem responder. Ou...

— Ou eles não existem mais.

— Vou tentar mais uma vez. — Ergueu a antena. — Scott, você está me ouvindo? Responda!

Ficou na escuta. Apenas estática. Em seguida, muito baixinho:

— Scott, falando.

Os dedos de Hendricks se fecharam em torno do transmissor.

— Scott! É você?

— Scott falando.

Klaus agachou-se ao lado dele.

— É o seu comando?

— Scott, ouça bem. Está me entendendo? Sobre elas, as garras. Recebeu minha mensagem? Está me ouvindo?

— Estou...

Muito baixo. Quase inaudível. Hendricks mal conseguia entender a palavra.

— Você recebeu minha mensagem? Está tudo bem aí na casamata? Algum deles conseguiu entrar?

— Está tudo bem aqui.

— Eles tentaram entrar? A voz tornou-se mais fraca:

— Não.

Hendricks virou-se para Klaus:

— Eles estão bem.

— Vocês foram atacados?

— Não. — Hendricks apertou mais o fone contra o ouvido. — Scott, eu mal consigo ouvir você. Notificou a Base Lunar? Eles, lá, sabem? Foram alertados?

Nenhuma resposta.

— Scott! Você está me ouvindo? Silêncio.

Hendricks relaxou, arriando-se no chão.

— O sinal sumiu. Talvez, concentração de radiação.

Ele e Klaus se entreolharam. Nenhum dos dois disse coisa nenhuma. Após algum tempo, Klaus voltou a falar:

— A voz parecia com a de um de seus subordinados? Conseguiu identificar a voz?

— A voz estava baixa demais.

— Não consegui ter certeza?

— Não.

— Neste caso, poderia ter sido...

— Não sei. Agora, não tenho certeza. Vamos descer e pôr a tampa no lugar.

Lentamente, desceram a escada, entrando na adega quente. Klaus aferrolhou a tampa. Tasso esperava, o rosto sem expressão.

— Conseguiram? — perguntou. Nenhum dos dois respondeu.

— E então? — disse finalmente Klaus. — O que é que o senhor acha, major? Era o seu oficial ou uma *delas*?

— Não sei.

— Neste caso, estamos simplesmente onde estávamos antes. Sério, Hendricks olhou fixamente para o chão.

— Temos que ir lá. Para ter certeza.

— Afinal de contas, aqui só temos comida para algumas semanas. Quando acabar, teremos que sair, de qualquer maneira.

— É o que parece.

— Qual é o problema? — perguntou Tasso. — Conseguiu falar com a casamata? O que é que está acontecendo?

— Talvez tenha sido um de meus soldados — respondeu vagarosamente Hendricks. — Ou talvez tenha sido uma *delas*. Mas nós nunca iremos descobrir, ficando aqui. — Olhou para o relógio. — Vamos nos deitar e dormir um pouco. Quero acordar cedo amanhã.

— Cedo?

— Nossa melhor chance de conseguir passar pelas garras será no começo da manhã — disse Hendricks.

O dia amanheceu claro e frio. Através do binóculo, o major Hendricks examinou o campo em volta.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou Klaus.

— Não.

— Pode ver nossas casamatas?

— De que lado?

— Passe o binóculo. — Klaus pegou-o e ajustou as lentes. — Eu sei onde olhar.

E ficou observando durante longo tempo, em silêncio. Tasso apareceu à boca do túnel e subiu para a superfície.

— Alguma coisa?

— Não. — Klaus devolveu o binóculo a Hendricks. — Estão escondidos. Vamos. Não é bom ficar aqui.

Os três desceram por um dos lados do terreno elevado, deslizando na cinza macia. Um lagarto afastou-se correndo por cima de uma pedra lisa. Eles pararam instantaneamente, rígidos.

— O que foi? — perguntou baixinho Klaus.

— Um lagarto.

O lagarto continuou a correr em alta velocidade pelas cinzas. E era da mesma cor cinzenta.

— Adaptação perfeita — comentou Klaus. — O que prova que tínhamos razão. Lysenko, quero dizer.

Chegaram ao pé da elevação e pararam, bem juntos um do outro, olhando em volta.

— Vamos — disse Hendricks, tomando a iniciativa. — A pé é uma boa distância.

Klaus colocou-se a seu lado, Tasso atrás, a pistola na mão, pronta para tudo.

— Major, ando querendo lhe fazer uma pergunta — disse Klaus. — Como foi que o senhor encontrou o David? Aquele que o estava seguindo?

— Ao longo do caminho. Em umas ruínas.

— O que foi que ele disse?

— Não muita coisa. A coisa estava sozinha. Sem ninguém.

— O senhor não tinha como saber que era uma máquina? Falava como uma pessoa viva? Não desconfiou em nenhum momento?

— Não falou muito. Não notei nada incomum.

— É estranho, máquinas tão parecidas com gente, que a gente se engana. Quase vivas. Eu gostaria mesmo é de saber como isso vai terminar.

— Elas estão fazendo o que vocês, ianques, projetaram-nas para fazer — disse Tasso. — Vocês projetaram-nas para caçar e destruir vida. Vida humana. Onde quer que a encontrassem.

Hendricks olhava atentamente para Klaus.

— Por que foi que me perguntou isso? No que está pensando?

— Em nada — respondeu Klaus.

— Klaus pensa que o senhor é a Segunda Variedade — disse calmamente Tasso às costas deles. — Agora, ele está de olho no senhor.

Klaus ficou vermelho.

— Por que não? Enviamos um mensageiro às linhas dos ianques e *ele* volta. Talvez ele tenha pensado que encontraria aqui algumas boas presas.

Hendricks soltou um riso, amargo.

— Eu vim das casamatas da ONU. Havia seres humanos por toda parte em volta de mim.

— Talvez o senhor tenha descoberto uma oportunidade de penetrar nas linhas soviéticas. Talvez o senhor tenha visto sua chance. Talvez o senhor...

— As linhas soviéticas já haviam sido tomadas. Suas linhas foram invadidas antes que eu deixasse minha casamata de comando. Não esqueça disso.

Tasso veio de trás e postou-se ao lado dele.

— Isso não prova nada, major.

— Por que não?

— Parece que é pouca a comunicação entre as variedades. Todas elas são produzidas em fábricas diferentes. Aparentemente, não trabalham juntas. O senhor poderia ter se dirigido para as linhas soviéticas sem nada saber sobre o trabalho das outras variedades. Ou mesmo como eram elas.

— Como é que você sabe tanto sobre as garras? — perguntou Hendricks.

— Eu as vi. Vi-as tomando as casamatas soviéticas.

— Você sabe muita coisa — disse Klaus. — Na verdade, viu muito pouco. É estranho que você tenha sido uma observadora tão perceptiva.

Tasso soltou uma risada.

— Agora, está desconfiado de mim?

— Esqueçam isso — ordenou Hendricks. E continuaram a andar em silêncio.

— Vamos percorrer todo o caminho a pé? — perguntou Tasso após alguns momentos. — Eu não estou acostumada a andar. — Olhou em volta para a planície de cinzas, estendendo-se em todas as direções, até onde a vista podia alcançar. — Que coisa mais sem graça.

— É assim o caminho todo — disse Klaus.

— Por alguma razão, eu gostaria que você tivesse estado na casamata quando aconteceu o ataque.

— Outra pessoa teria estado com você, não eu — murmurou Klaus.

Tasso riu e enfiou as mãos nos bolsos.

— Acho que sim.

Continuaram a andar, vigiando atentamente a vasta planície de cinzas silenciosas em volta.

O sol estava se pondo nesse momento. Hendricks adiantou-se devagar, fazendo um sinal para que Klaus e Tasso ficassem para trás. Klaus agachou-se, descansando no chão a coronha do fuzil.

Tasso encontrou uma laje de concreto e, suspirando, sentou-se.

— É bom descansar.

— Cale a boca! — disse secamente Klaus.

Hendricks subiu até o alto da elevação à frente. A mesma elevação por

onde havia subido correndo, no dia anterior, o mensageiro russo. Deitou-se de bruços, espichando-se todo, e assestou o binóculo para o que havia à frente.

Nada viu. Cinzas, apenas, e uma ou outra árvore. Mas ali, a não mais de 50 metros à frente, ficava a entrada da casamata do posto do comando avançado. A casamata de onde tinha saído na véspera. Sem produzir som algum, observou-a atentamente. Nenhum movimento. Nenhum sinal de vida. Nada se mexia.

Klaus chegou rastejando a seu lado.

— Onde é?

— Ali embaixo. — Entregou-lhe o binóculo. Nuvens de cinzas rolavam no céu vespertino. No máximo, tinha ainda umas duas horas de luz. Provavelmente, nem tanto.

— Não estou vendo nada — disse Klaus.

— Aquela árvore ali. O toco. Junto da pilha de tijolos. A entrada fica à direita dos tijolos.

— Vou ter que aceitar sua palavra.

— Você e Tasso, me dêem cobertura daqui. Vocês poderão ver o caminho todo, até a entrada da casamata.

— O senhor vai descer até lá sozinho?

— Com minha pulseira de compensação, estarei seguro. O campo em volta da casamata é um campo vivo de garras. Elas se reúnem nas cinzas. Como se fossem caranguejos. Sem as pulseiras, vocês não teriam a menor chance.

— Talvez o senhor tenha razão.

— Eu vou devagar, o caminho todo. Logo que eu souber com certeza...

— Se eles estiverem dentro da casamata, o senhor não vai conseguir voltar. Eles trabalham rápido. O senhor não compreendeu isso.

— O que você sugere?

Klaus pensou por um momento.

— Não sei. Arranje um jeito de elas subirem para a superfície. Para que o senhor possa vê-las.

Hendricks soltou o transmissor, preso ao cinto, e levantou a antena.

— Vamos começar.

Klaus chamou Tasso com um sinal. Ela subiu rastejando habilmente até o lado da elevação onde os dois estavam sentados.



— Ele vai descer sozinho — explicou Klaus. — Vamos dar cobertura daqui. Logo que o vir começar a voltar, dê um tiro imediatamente, para um alvo atrás dele. Elas vêm rapidamente.

— Você não parece muito otimista — disse Tasso.

— Não, não estou.

Hendricks abriu a culatra da arma, examinando-a cuidadosamente.

— Talvez as coisas estejam bem por lá.

— O senhor não as viu. Centenas delas. Surgindo como formigas.

— Eu devia poder descobrir, sem ter que descer o caminho todo. — Hendricks fechou a arma, segurando-a com uma mão, o transmissor na outra. — Muito bem, desejem-me sorte.

Klaus estendeu a mão, num sinal de aviso.

— Não desça, até ter certeza. Converse com elas daqui. Faça com que elas se mostrem.

Hendricks levantou-se. Começou a descer a elevação.

Um momento depois, dirigia-se em passos vagarosos para a pilha de tijolos e escombros ao lado do toco da árvore morta. Na direção da entrada da casamata do posto do comando avançado.

Nenhum movimento. Ergueu no ar o transmissor, ligando-o com um clique.

— Scott? Está me ouvindo? Silêncio.

— Scott! Aqui, Hendricks. Está me ouvindo? Estou do lado de fora da casamata. Você deve poder me ver agora, daí onde está.

Ficou à escuta, segurando com força o transmissor. Nenhum som. Só estática. Continuou a andar para a frente. Uma garra saiu das cinzas e correu para ele. Parou a alguns metros e depois fugiu. Uma segunda apareceu, uma das grandes, com sensores. Dirigiu-se para ele, examinou-o fixamente e em seguida tomou um lugar atrás dele, seguindo-o respeitosamente como se fosse um cão, a alguns metros de distância. Um momento depois, uma segunda grande garra juntou-se à primeira. Silenciosamente, seguiram-no, enquanto ele se dirigia para a casamata.

Hendricks parou. Atrás dele, as garras pararam também. Ele estava perto nesse instante. Quase nos degraus de entrada.

— Scott! Você está me ouvindo? Estou de pé, bem acima de você. Do lado de fora. Na superfície. Está captando meu sinal?

Esperou, a arma pronta ao lado, o transmissor colado à orelha. Passou-se algum tempo. Apurou o ouvido, mas só silêncio. Silêncio e uma estática fraca.

Em seguida, à distância, metalicamente...

— Scott falando.

A voz tinha um som neutro. Frio. Não conseguiu identificá-la. Mas, também, o fone de ouvido era minúsculo.

— Scott! Escute. Estou aqui, bem acima de você. Estou na superfície, olhando para dentro da entrada da casamata.

— Sim.

— Está me vendo?

— Estou.

— Pelo periscópio? O periscópio está apontado para mim?

— Está.

Hendricks pensou um pouco. Um círculo de garras esperavam silenciosamente à sua volta, corpos de metal cinzento por toda parte, cercando-o.

— Está tudo bem na casamata? Aconteceu alguma coisa de diferente?

— Tudo está normal.

— Você pode vir até a superfície? Quero vê-lo por um momento. — Tomou uma respiração profunda. — Venha até aqui em cima. Quero conversar com você.

— Desça até aqui embaixo.

— Eu estou lhe dando uma ordem. Silêncio.

— Você está vindo? — Silêncio. Nenhuma resposta. — Estou lhe dando a ordem de subir até a superfície, aqui.

— Desça.

Hendricks rilhou os dentes.

— Ponha Leone na linha.

Seguiu-se uma longa pausa. Ficou escutando a estática. Em seguida, uma voz, dura, fraca, metálica. Igual à outra.

— Leone, aqui.

— Hendricks. Estou na superfície. À entrada da casamata. Quero que você venha até aqui.

— Desça.

— Por que descer? Estou lhe dando uma ordem! Silêncio.

Hendricks baixou o transmissor. Olhou atento em volta. A entrada ficava bem à frente. Quase a seus pés. Baixou a antena e prendeu o transmissor no cinto. Com todo cuidado, segurou a arma com ambas as mãos. Moveu-se para a frente, um passo após outro. Se podiam vê-lo, saberiam que ele estava se dirigindo para a entrada. Fechou os olhos por um momento.

Em seguida, pôs o pé no primeiro degrau que levava para baixo.

Dois Davids subiram em sua direção, rostos idênticos, sem expressão. Disparou, reduzindo-os a partículas. Outros subiram correndo em silêncio, uma matilha inteira. Todos exatamente iguais.

Hendricks deu-lhe as costas e correu de volta, para longe da casamata, na direção da elevação do terreno.

No alto da elevação, Tasso e Klaus atiravam para baixo. As garras pequenas já partiam como raios na direção de ambos, esferas de metal brilhantes em alta velocidade, correndo freneticamente pelas cinzas. Mas ele não tinha tempo de pensar nisso. Ajoelhou-se, a coronha do fuzil colada ao rosto, apontando para a entrada da casamata. Os Davids estavam saindo em grupos, agarrados aos seus ursinhos, as magras pernas encaroçadas batendo enquanto subiam os degraus para a superfície. Atirou no grupo principal deles. Explodiram, rodas e molas em todas as direções. Atirou novamente, no meio das partículas.

Uma figura gigantesca, pesadona, apareceu à entrada da casamata, alta, oscilando. Hendricks parou, espantado. Um homem, um soldado. Perneta, apoiado em uma muleta.

— Major! — gritou Tasso.

Mais tiros. A figura imensa movia-se para a frente, cercada por uma infinidade de Davids. Hendricks, com um choque, quebrou a própria imobilidade. A Primeira Variedade. O Soldado Ferido. Apontou o atirou. O soldado explodiu em pedacinhos, peças e relês voando em todas as direções. Nesse momento, muitos Davids ocupavam o terreno plano, longe da casamata. Atirou uma vez, mais outra, recuando lentamente, agachando-se e atirando.

Da elevação, Klaus atirava para baixo. A encosta da elevação parecia viva enquanto as garras subiam. Hendricks continuou a retirada para aquele lugar, correndo, agachando-se e atirando. Tasso havia deixado Klaus e descrevia lentamente um círculo para a direita, afastando-se da elevação.

Um David subiu na direção dele, sem nenhuma expressão no pequeno rosto, os cabelos escorrendo por cima dos olhos. De repente, ele se abaixou,

abrindo os braços. O ursinho desceu rápido e saltou pelo chão na direção dele. Hendricks atirou. O ursinho e o David dissolveram-se no ar. Sorriu alegre, piscando. Aquilo parecia um sonho.

— Aqui em cima!

Era a voz de Tasso. Hendricks dirigiu-se para ela. Ela estava num lugar alto, em cima de algumas colunas de concreto, das paredes de um prédio em ruínas. E atirava para um ponto às costas dele, usando a pistola dada por Klaus.

— Obrigado.

Parou ao lado, respirando fundo. Tasso puxou-o para trás, para trás do concreto, ao mesmo tempo que mexia no cinto.

— Feche os olhos! — Soltou um globo da cintura. Rapidamente, desatarraxou a tampa, prendendo-a no lugar. — Feche os olhos e abaixe-se.

Lançou a bomba, que descreveu um arco no ar, um lançamento de perito, e continuou rolando e saltando pelo chão até a boca da casamata. Dois Soldados Feridos pareciam indecisos ao lado da pilha de tijolos. Mais Davids apareceram atrás deles, saindo para a planície. Um dos Soldados Feridos moveu-se na direção da bomba, curvando-se desajeitado para apanhá-la.

A bomba explodiu. A concussão lançou Hendricks para trás, fazendo-o cair de cara no chão. Por cima, passou um vento quente. Obscuramente, viu Tasso de pé atrás das colunas, atirando lenta e metodicamente nos Davids que saíam das nuvens furiosas de fogo branco.

Atrás deles, ao longo da elevação, Klaus lutava com um anel de garras que o cercavam por todos os lados. Recuava, atirando e recuando, tentando romper o cerco.

Hendricks levantou-se com um esforço. A cabeça doía. Mal conseguia ver alguma coisa. Tudo ali em volta girava em torno dele, furioso, rodopiante. O braço direito recusava-se a se mover.

Tasso voltou para junto dele.

— Vamos. Depressa.

— Klaus... Ele ainda está lá em cima.

— Vamos!

Tasso arrastou-o dali, para longe das colunas. Hendricks sacudiu a cabeça, num esforço para clarear as idéias. Tasso continuou a puxá-lo rapidamente, os olhos sérios e brilhantes, à procura de garras que tivessem escapado da explosão.

Um David saiu das nuvens rolantes de chamas. Tasso explodiu-o com um

tiro. Nenhum outro apareceu.

— Mas... Klaus! O que vamos fazer com ele? — Hendricks parou, mal seguro sobre as pernas. — Ele...

— Vamos!

Recuaram, afastando-se cada vez mais da casamata. Durante algum tempo, foram seguidos por algumas pequenas garras. Finalmente, elas desistiram, deram uma volta e foram embora.

Tasso, finalmente, parou.

— Podemos parar aqui para recuperar o fôlego. Hendricks sentou-se em um monte de entulho. Enxugou o pescoço, arquejante.

— Nós deixamos Klaus para trás.

Tasso permaneceu calada. Abriu e municiou a arma com um novo carregador de projéteis explosivos. Hendricks fitou-a, estupefato.

— Você o deixou lá de propósito.

Tasso fechou a arma. Examinou os montes de escombros em volta, o rosto sem expressão. Como se à espera de alguma coisa.

— O que é? — perguntou Hendricks. — O que você está esperando? Há alguma coisa vindo para cá?

Sacudiu a cabeça, tentando compreender o que estava acontecendo. O que estaria ela fazendo? Pelo que esperava? Não conseguia ver coisa nenhuma. Em volta deles, cinzas, cinzas e ruínas. Um ou outro tronco de árvore, sem ramos ou folhas...

— O quê...?

Tasso interrompeu-o:

— Fique calado.

Os olhos dela estreitaram-se. Subitamente, a arma dela subiu. Hendricks virou-se, seguindo-lhe o olhar.

No lugar de onde tinham vindo apareceu uma figura. Caminhando em passos inseguros na direção deles. Roupa em farrapos. Coxeava enquanto andava, devagar, com todo cuidado. Parando de vez em quando, descansando e recuperando as forças. Uma vez, quase caiu. Espigou-se, tentando recuperar o equilíbrio. E em seguida, continuou a andar na direção deles.

Klaus.

Hendricks levantou-se.

— Klaus! — Começou a dirigir-se para ele. — Como, com todos os diabos, você...

Tasso atirou. Hendricks voltou-se para trás. Ela atirou outra vez, a carga explosiva passando por ele, uma linha de calor causticante. O feixe atingiu Klaus no peito. Ele explodiu, engrenagens e rodas voando por toda parte. Durante um momento, ele continuou a andar. Em seguida, balançou-se para a frente e para trás e tombou no chão, braços abertos. Mais algumas rodas rolaram para longe.

Silêncio.

Tasso voltou-se para Hendricks.

— Agora, você entende por que ele matou Rudi.

Mais uma vez, Hendricks sentou-se lentamente. Sacudiu a cabeça. Embotado. Não conseguia pensar.

— Você viu? — perguntou Tasso. — Compreendeu? Hendricks nada respondeu. Estava sendo esvaziado de tudo, cada vez mais rápido. Por uma escuridão que vinha rolando e envolvendo-o.

Fechou os olhos.

Abriu-os, devagar. O corpo era uma dor só. Tentou sentar-se, mas agulhadas de dor perfuraram-lhe o braço e o ombro. Arquejou.

— Não faça nenhum esforço para se levantar — disse ela, curvando-se e tocando-lhe a testa com a mão fria.

Era noite. Umhas poucas estrelas piscavam no alto, brilhando através das nuvens de cinzas levadas pelo vento. Hendricks permaneceu de costas, os dentes rilhados. Tasso fitava-o, impassível. Havia feito uma pequena fogueira com alguns pedaços de madeira e folhas secas. O fogo era fraco, mas fazia chiar um caneco de metal em cima. No mais, tudo era silêncio. E escuridão imóvel, do outro lado do fogo.

— De modo que ele era a Segunda Variedade — murmurou Hendricks.

— Eu sempre achei que era.

— Por que não o destruiu mais cedo? — quis ele saber.

— Você me impediu. — Tasso aproximou-se do fogo para olhar a caneca. — Café. Vai ficar logo pronto para beber.

Voltou e sentou-se ao lado dele. Logo em seguida, abriu a pistola e começou a desmontar o mecanismo de disparo, examinando-o atentamente.

— Esta é uma bela arma — comentou ela, em voz meio alta. — Fabricação soberba.

— O que me diz delas? Das garras.

— A concussão produzida pela bomba pôs a maioria fora de ação. Elas são delicadas. Altamente organizadas, acho.

— E os Davids, também?

— Também.

— Como foi que você arranhou uma bomba daquelas? — Tasso deu de ombros.

— Nós a projetamos. Você não deve subestimar nossa tecnologia, major. Sem uma delas, nem o senhor nem eu existiríamos mais.

— Muito útil.

Tasso estendeu as pernas, aquecendo os pés no calor do fogo.

— Fiquei espantada porque o senhor aparentemente não compreendeu nada, depois que ele matou Rudi. Por que pensou que ele...

— Eu lhe disse. Pensei que ele estava com medo.

— Mesmo? Sabe de uma coisa, major, durante algum tempo, desconfiei do senhor. Porque não deixou que eu o matasse. Pensei que poderia estar protegendo-o.

E soltou uma risada.

— Estamos em segurança aqui? — perguntou logo em seguida Hendricks.

— Estamos. Grande sorte nossa.

— Obrigado por ter me puxado dali.

Tasso nada respondeu. Lançou-lhe um rápido olhar, os olhos brilhantes à luz da fogueira. Hendricks examinou o braço. Não conseguiu mover os dedos. Todo aquele lado parecia dormente. Bem dentro dele, uma dor surda, contínua.

— Como está se sentindo? — perguntou Tasso.

— O braço está ferido.

— Mais alguma coisa?

— Lesões internas.

— O senhor não se abaixou quando a bomba explodiu.

Hendricks nada disse. Observou-a, enquanto Tasso derramava o café da

caneca em uma xícara de metal. Que lhe trouxe. Conseguiu fazer um esforço suficiente para sorver um pouco do líquido. Mas era difícil engolir.

— Obrigado. — Fez um grande esforço para beber. Era difícil engolir. O estômago se revoltou e ele empurrou a caneca. — Isso é tudo que consigo beber agora.

Tasso bebeu o resto. Passou-se algum tempo. As nuvens de cinzas moviam-se no céu escuro. Hendricks continuou ali, descansando, a mente vazia. Após algum tempo, notou que Tasso, de pé, olhava para ele.

— O que é? — murmurou.

— Está se sentindo melhor?

— Um pouco.

— Quer saber de uma coisa, major? Se eu não o tivesse puxado de lá, eles o teriam pegado. O senhor estaria morto. Igualzinho a Rudi.

— Eu sei.

— Quer saber por que o tirei de lá? Eu poderia tê-lo abandonado. Poderia tê-lo deixado lá.

— Por que foi que me salvou?

— Porque temos que sair daqui. — Tasso avivou o fogo com um graveto, olhando tranqüilamente para as chamas. — Nenhum ser humano pode viver aqui. Quando os reforços deles chegarem, não teremos nenhuma chance. Pensei nisso enquanto o senhor estava sem sentidos. Temos talvez três horas, antes que eles venham.

— E você espera que eu consiga salvar nós dois?

— Isso mesmo. Espero que nos tire daqui.

— Por que eu?

— Porque não conheço nenhuma outra maneira. — Na meia-luz, os olhos dela brilharam, um brilho firme. — Se não puder nos tirar daqui hoje, eles nos matarão dentro de três horas. Não vejo nenhuma outra alternativa. E daí, major? O que é que o senhor vai fazer? Estive esperando a noite toda. Enquanto o senhor estava sem sentidos, eu estava sentada aqui, esperando e à escuta. Já está quase amanhecendo. A noite está quase acabando.

Hendricks ficou pensativo.

— É curioso — disse, finalmente.

— Curioso.



— Que você pense que posso nos tirar daqui. Eu gostaria de saber por que pensa isso.

— O senhor não pode nos levar para a Base Lunar?

— Base Lunar? Como?

— Tem que haver alguma maneira.

Hendricks sacudiu a cabeça.

— Não, não há nenhuma maneira que eu conheça.

Tasso nada disse. Por um momento, o olhar firme tremeu. Baixou a cabeça, virando-se subitamente. Levantou-se.

— Mais café?

— Não.

— Como quiser.

Tasso bebeu o café em silêncio. Hendricks não podia ver o rosto dela. Continuava deitado de costas no chão, imerso em pensamentos, tentando concentrar-se. Era difícil pensar. A cabeça ainda doía. E ainda persistia a sensação de embotamento.

— Talvez haja uma maneira — disse, de repente.

— Ahn?

— Quanto tempo ainda até o amanhecer?

— Duas horas. O sol vai nascer logo.

— Deve haver uma nave perto daqui. Nunca a vi. Mas sei que ela existe.

— Que tipo de nave? — perguntou ela, a voz tornando-se animada.

— Um cruzador a foguete.

— E ele vai nos tirar daqui? Vai nos levar para a Base Lunar?

— Suponho que sim. Em caso de emergência. —Hendricks esfregou a testa.

— Qual é o problema?

— Minha cabeça. É difícil pensar. Mal consigo... mal consigo me concentrar. A bomba.

— A nave está perto daqui? — Tasso aproximou-se dele, aga-chando-se.  
— A que distância? Onde está ela?

— Estou tentando pensar.

Os dedos dela fincaram-se em seu braço.

— Perto? — A voz parecia dura como ferro. — Onde estaria ela? Num hangar no subsolo? Escondida embaixo da terra?

— Isso mesmo. Em um armazém subterrâneo fechado.

— Como podemos encontrá-lo? Há algum marcador em código para encontrá-lo? Hendricks concentrou-se.

— Não. Nenhuma indicação. Nenhum símbolo de código.

— O que há, então?

— Um sinal.

— Que tipo de sinal?

Hendricks não respondeu. À luz tremeluzente, seus olhos estavam vidrados, dois globos oculares cegos. Os dedos de Tasso penetraram fundo em seu braço.

— Que tipo de sinal? Qual?

— Eu... eu não consigo pensar. Deixe-me descansar um pouco.

— Muito bem.

Soltou-lhe o braço e levantou-se. Hendricks permaneceu deitado de costas, os olhos fechados. Tasso afastou-se, as mãos nos bolsos. Com um pontapé, afastou uma pedra e levantou a vista para o céu. O preto da noite já começava a desbotar para o cinzento. A manhã estava chegando.

Fechou a mão em volta do cabo da pistola e andou em círculos de um lado para o outro em volta da fogueira. No chão, o major Hendricks permanecia imóvel, de olhos fechados. A cor cinzenta subiu cada vez mais alto no céu. A paisagem tornou-se visível, campos de cinza estendendo-se em todas as direções. Cinzas e ruínas de prédios, uma parede aqui e ali, montículos de concreto, o tronco nu de uma árvore.

No ar frio e picante, em algum lugar, uma ave emitiu algumas tristes notas musicais.

Hendricks mexeu-se. Abriu os olhos.

— Já amanheceu?

— Já...

Hendricks conseguiu se erguer um pouco.

— Você queria saber uma coisa. Estava me perguntando alguma coisa.

— Você agora se lembra?

— Lembro.

— O que é? — Tasso ficou tensa. — O quê? — repetiu secamente.

— Um poço. Um poço arruinado. A nave está fechada em um armazém, sob um poço.

— Um poço. — Tasso relaxou. — Neste caso, vamos descobrir um poço. — Consultou o relógio. — Temos mais ou menos uma hora, major. O senhor acha que podemos encontrá-lo em uma hora?

— Me dê uma ajuda — disse Hendricks.

Tasso enfiou a pistola no coldre e ajudou-o a levantar-se.

— Isso vai ser difícil.

— Vai, sim. — Hendricks apertou com força os lábios. — Mas não acho que tenhamos que ir muito longe.

Começaram a andar. O sol matutino lançava sobre eles um pouco de calor. A terra era plana e estéril, estendendo-se cinzenta e morta até onde os olhos podiam alcançar. Algumas aves voavam em silêncio, muito acima deles, descrevendo lentos círculos.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou Hendricks. — Algumas garras?

— Não. Ainda não.

Passaram por algumas ruínas, pedaços de concreto e tijolos ainda de pé. Por uma fundação de cimento. Ratos correram em todas as direções. Tasso deu um salto para trás, cautelosa.

— Isto aqui era uma cidade pequena — disse Hendricks. — Uma aldeia. Uma aldeia provinciana. Toda esta região era produtora de vinho. No lugar onde estamos agora.

Entraram numa rua destruída, entrecruzada por ervas e rachaduras. À direita, uma chaminé de pedra subia do chão.

— Tome cuidado — disse ele a Tasso.

Chegaram a um grande buraco, um porão aberto. Pontas quebradas de canos projetavam-se do interior, torcidas e vergadas. Deixaram para trás parte de uma casa, uma banheira virada, uma cadeira quebrada, algumas colheres e cacos de pratos de porcelana. No centro da rua, a terra havia afundado. Nesse momento, a depressão estava cheia de ervas, escombros e ossos.

— Por aqui — murmurou Hendricks.

— Por este caminho?

— À direita.

Passaram pelos destroços de um tanque de guerra pesado. O contador de radiação no cinto clicou agourentamente. O tanque havia sido destruído por radiação. A alguns metros do tanque, encontraram um corpo mumificado, de braços e pernas abertas, boca aberta. Do outro lado da rua, um campo plano. Pedras e ervas, e cacos de vidro quebrado.

— Ali — disse Hendricks.

A amurada de pedra de um poço projetava-se do chão, meio inclinada, em pedaços. Algumas tábuas estendiam-se de um lado a outro do poço. A maior parte da amurada havia se transformado em escombros. Em passos vacilantes, Hendricks dirigiu-se para ela, Tasso a seu lado.

— Tem certeza disso? — perguntou ela. — Isso não se parece com coisa nenhuma.

— Tenho certeza. — Hendricks sentou-se à beira do poço, os dentes rilhados, a respiração acelerada. Enxugou o suor do rosto. — Isto foi organizado para que o oficial comandante mais graduado pudesse escapar. Se alguma coisa acontecesse. Se a casamata caísse.

— E o senhor era esse oficial?

— Era.

— E onde está a nave? Está aqui?

— Estamos em cima dela. — Hendricks passou a mão sobre a superfície das pedras do poço. — A tranca reage à minha retina, a de mais ninguém. É a minha nave. Ou era.

Houve um clique seco. Logo depois, ouviram um som de rangido subindo de algum lugar embaixo.

— Para trás — disse Hendricks. Ele e Tasso afastaram-se do poço.

Uma seção do chão correu para trás. Uma estrutura de metal abriu caminho lentamente através da cinza, empurrando para os lados tijolos e ervas. A ação cessou no momento em que o nariz da nave apareceu.

— Aí está ela — disse Hendricks.

A nave era pequena. Estava pousada e imóvel, suspensa em uma estrutura rendilhada de metal, como se fosse uma agulha com ponta rombuda. Uma chuva de cinzas caiu na cavidade escura da qual a nave havia sido erguida. Hendricks dirigiu-se para ela, subiu na estrutura entrelaçada e desatarraxou a escotilha, puxando-a para trás. Dentro da nave, tornaram-se visíveis os painéis de controle e o assento pressurizado.

Tasso aproximou-se e parou ao lado dele, olhando para dentro da nave.

— Eu não estou acostumada a pilotar naves impulsionadas a foguete — disse ela após algum tempo.

Hendricks lançou-lhe um rápido olhar.

— Eu piloto.

— Pilota? Só há um assento, major. Pelo que estou vendo, ela foi construída para transportar uma única pessoa.

Mudou o ritmo da respiração de Hendricks. Com toda atenção, examinou o interior da nave. Tasso tinha razão. Só havia um assento. A nave havia sido construída para transportar uma única pessoa.

— Entendo — disse ele, lentamente. — E essa única pessoa é você.

Ela inclinou a cabeça, confirmando.

— Claro.

— Por quê?

— O *senhor* não pode ir. Talvez não sobreviva à viagem. Está ferido. Possivelmente, não chegaria lá.

— Um argumento interessante. Mas, compreenda, eu sei onde fica a Base Lunar. E você não sabe. Poderá voar em volta dela durante meses e não encontrá-la. Ela está muito bem escondida. Sem saber o que procurar...

— Vou ter que me arriscar. Talvez eu não a ache. Não, sozinha. Mas acho que o senhor vai me dar todas as informações de que vou precisar. Sua vida depende disso.

— Como?

— Se eu encontrar a Base Lunar a tempo, talvez eu possa convencê-los a enviarem uma nave para vir buscá-lo. Se eu localizar a Base a tempo. Se não, o senhor não terá a menor chance. Acho que deve haver suprimentos na nave. Eles me sustentarão por tempo suficiente para...

Hendricks moveu-se rapidamente. O braço ferido, porém, traiu-o. Tasso abaixou-se, esquivando-se agilmente para um lado. E a mão dela subiu, com a rapidez de um raio. Hendricks viu a coronha da arma subindo. Tentou aparar o golpe, mas ela foi rápida demais. A dura coronha de metal atingiu-lhe a têmpora, pouco acima da orelha. Uma dor paralisante percorreu-lhe o corpo. Dor e nuvens percorrendo a escuridão. Tombou lentamente no chão.

Obscuramente, percebeu Tasso em pé acima dele, chutando-o.

— Major! Acorde!

Hendricks abriu os olhos, gemendo.

— Escute o que vou dizer. — Ela curvou-se sobre ele, apontando-lhe a arma para o rosto. — Tenho que correr. Não há muito tempo de sobra. A nave está pronta para partir, mas o senhor tem que me dar, antes de eu partir, a informação de que preciso.

Hendricks sacudiu a cabeça, tentando clarear os pensamentos.

— Rápido! Onde fica a Base Lunar? Como é que eu a encontro? O que é que tenho que procurar?

Hendricks continuou calado.

— Responda!

— Sinto muito.

— Major, a nave está carregada de provisões. Posso voar com o motor desligado durante semanas. No fim, vou encontrar a Base. E em meia hora o senhor estará morto. Sua única oportunidade de sobrevivência...

Interrompeu-se.

Ao longo da encosta, ao lado de algumas ruínas que se desfaziam, alguma coisa se moveu. Alguma coisa nas cinzas. Tasso moveu-se rápida, apontando. Atirou. Uma baforada de fogo irrompeu da arma. Alguma coisa partiu correndo, rolando de um lado a outro das cinzas. Ela atirou mais uma vez. A garra explodiu, rodas voando.

— Está vendo? — disse ela. — Um batedor. Não vai demorar muito.

— Você os traz de volta para me tirarem daqui?

— Trago. Logo que for possível.

Hendricks ergueu a vista para ela. Examinou-a atentamente.

— Você está dizendo a verdade? — Uma estranha expressão surgiu-lhe no rosto, uma ânsia profunda. — Você volta para me buscar? Você me leva para a Base Lunar?

— Eu o levo para a Base Lunar. Mas diga onde ela fica! Temos muito pouco tempo.

— Muito bem. — Hendricks pegou um pedaço de pedra e sentou-se com esforço. — Olhe.

E começou a desenhar nas cinzas. Em pé ao seu lado, Tasso observava o movimento da pedra. Hendricks estava desenhando um tosco mapa lunar.

— Esta aqui é a cordilheira dos Apeninos. Aqui, a cratera de Arquimedes. A Base Lunar fica depois do fim dos Apeninos, a uns 300 km. Não sei exatamente onde. Ninguém em Terra sabe. Mas, quando estiver voando sobre os Apeninos, sinalize com uma luz vermelha e uma verde, seguida por duas vermelhas, em rápida sucessão. O monitor da base gravará seu sinal. A base está sob a superfície, claro. Ela a guiará para a descida com controles magnéticos.

— E os controles? Posso operá-los?

— Os controles são virtualmente automáticos. Tudo que você tem que fazer é dar o sinal certo, no momento certo.

— Eu faço isso.

— A poltrona absorve a maior parte do choque da decolagem. Ar e temperatura são automaticamente controlados. A nave deixará Terra e entrará no espaço livre. Por si mesma se alinhará com a Lua, entrando em órbita em volta dela, a cerca de 160 km acima da superfície. A órbita a levará a passar por cima da base. Quando chegar à região dos Apeninos, dispare os foguetes de sinalização.

Tasso entrou na nave e acomodou-se no assento pressurizado. Os braços de proteção fecharam-se automaticamente em torno de seu corpo. Ela mexeu nos controles.

— É uma pena que o senhor não vá também, major. Tudo isso posto aqui por sua causa e não vai poder fazer a viagem.

— Deixe comigo a pistola.

Tasso soltou a pistola do cinto. Conservou-a na mão, sopesando-a pensativamente.

— Não se afaste muito deste local. Vai ser difícil encontrá-lo, mesmo como estão as coisas.

— Não se preocupe. Vou ficar aqui, junto do poço.

Tasso pegou a alavanca de decolagem, passando os dedos sobre o metal liso.

— Uma bela nave, major. Bem construída. Admiro a perícia de vocês. Vocês sempre fazem bom trabalho. Constroem coisas excelentes. O trabalho, as criações de vocês, são suas maiores vitórias.

— Dê-me a pistola — pediu impaciente Hendricks, estendendo a mão. Lutou para levantar-se.

— Adeus, major!

Tasso jogou a pistola para um lugar além dele. A arma bateu no chão com um som forte, rebotou e rolou para longe. Hendricks correu para pegá-la. Curvou-se e levantou-se com ela na mão.

A escotilha da nave foi fechada com um estrondo. As cavilhas se encaixaram em seus lugares. Hendricks voltou naquela direção. A porta interna estava sendo fechada hermeticamente. Com a mão trêmula, ergueu a arma.

Seguiu-se um som atroz. A nave libertou-se de sua gaiola de metal, fundindo com o calor a estrutura onde havia descansado. Hendricks encolheu-se, recuando. A nave disparou para as nuvens rolantes de cinzas, desaparecendo no céu.

Hendricks ficou olhando para o alto durante um longo tempo, até que o próprio rastro de luz desapareceu. Coisa alguma se movia ali, no ar frio e silencioso da manhã. Começou a andar sem caminho certo na direção de onde tinham vindo. Melhor do que andar em círculos. Não demoraria muito até que chegasse ajuda... se ela viesse, absolutamente.

Procurou nos bolsos até achar um maço de cigarros. Sombriamente, acendeu um. Todos eles haviam lhe pedido cigarros. Cigarros, porém, eram escassos.

Um lagarto passou rastejando a seu lado pelas cinzas. Hendricks parou, rígido. O lagarto desapareceu. No alto, o sol subia no céu. Moscas pousaram numa pedra lisa ao lado. Espantou-as com o pé.

Estava ficando quente. Suor escorria por seu rosto, entrando na gola do uniforme. Sentiu a boca seca.

Logo depois, parou de andar e sentou-se em cima de alguns escombros. Abriu o *kit* de primeiros socorros e engoliu algumas cápsulas de analgésico. Olhou em volta. Onde estava ele?

Havia alguma coisa à frente. Estirada no chão. Em silêncio e imóvel.

Rapidamente, sacou a arma. Parecia um homem. Nesse momento, lembrou-se. O que restava de Klaus. A Segunda Variedade. No lugar onde Tasso liquidou-o com um projétil explosivo. Viu rodas, relés e partes de metal espalhadas sobre as cinzas. Brilhando e reluzindo à luz do sol.

Levantou-se e dirigiu-se para lá. Com o pé, empurrou a forma inerte, virando-a um pouco. Viu o casco de metal, as costelas de alumínio, as longarinas. Caíram mais pedaços da fiação. Como se fossem vísceras. Montes de fios, computadores e relés. Motores e varetas incontáveis.

Curvou-se para a frente. A caixa craniana havia sido esmagada pela queda. Era visível o cérebro artificial. Olhou-o, pasmado. Um labirinto de



circuitos. Tubos em miniatura. Fios delgados como cabelos. Tocou a caixa craniana, que virou para um lado. A placa com indicação do tipo tornou-se visível. Examinou-a.

E ficou lívido.

IV-V.

Durante longo tempo, ficou olhando para a placa. Quarta Variedade. Não a Segunda. Eles haviam se enganado. Havia mais tipos. Não apenas três. Muitos mais, talvez. Pelo menos, quatro. E Klaus não era a Segunda Variedade.

Mas, se ele não era a Segunda Variedade...

De repente, ficou tenso. Alguma coisa vinha em sua direção, andando pelas cinzas, do outro lado da colina. O que era? Forçou a vista. Figuras. Figuras andando lentamente, abrindo caminho pelas cinzas.

Vindo em sua direção.

Hendricks agachou-se rápido, levantando a arma. Suor pingou em seus olhos. Lutou para controlar o pânico crescente, enquanto as figuras se aproximavam.

A primeira era um David, que o viu e apressou o passo. As outras fizeram o mesmo. Um segundo David. Um terceiro. Três Davids, todos iguais, vindo silenciosamente em sua direção, sem expressão nas faces, as pernas subindo e descendo. Abraçando os ursinhos de pelúcia.

Apontou e atirou. Os dois primeiros Davids dissolveram-se em partículas. O terceiro continuou a andar em sua direção. E a figura que estava atrás dele. Subindo e vindo silenciosamente pelas cinzas. Um Soldado Ferido, muito alto atrás do David. E...

E atrás do Soldado Ferido vinham duas Tassos, andando lado a lado. Cinto largo, calça e camisa do exército russo, cabelos longos. A figura conhecida, como a que tinha visto momentos antes. Sentada no assento pressurizado da nave. Duas figuras esbeltas, silenciosas, idênticas.

Estavam perto. O David curvou-se de repente, soltando o ursinho de pelúcia. O animalzinho correu pelo chão. Automaticamente, os dedos de Hendricks fecharam-se em volta do gatilho. O ursinho desapareceu, dissolvido na névoa. Os dois Tipos Tasso continuaram a andar, rostos sem expressão, lado a lado, através das cinzas.

Quando estavam quase o tocando, ergueu a arma à altura da cintura e disparou.

As duas Tassos se dissolveram. Mas um novo grupo já aparecia subindo pelo terreno elevado, cinco ou seis Tassos, idênticas, uma fila delas vindo rapidamente em sua direção.

E ele lhe deu a nave e o sinal codificado. Por sua causa, ela estava a caminho da lua, da Base Lunar. Ele havia tornado isso possível.

Afinal de contas, ele tinha acertado sobre a bomba. Projetada com conhecimento dos outros tipos, o tipo David e o tipo Soldado Ferido. E o tipo Klaus. Não projetada por seres humanos. Projetada por uma das fábricas subterrâneas, sem nenhum contato humano.

A fila de Tassos aproximou-se. Hendricks preparou-se, observando-as calmamente. O rosto conhecido, o cinto, a camisa grossa, a bomba cuidadosamente presa na posição certa.

A bomba...

No momento em que as Tassos estenderam as mãos para ele, um último e irônico pensamento lhe ocorreu. Sentiu-se um pouco melhor com isso. A bomba. Fabricada pela Segunda Variedade para destruir as outras. Feita exclusivamente para esse fim.

Elas já estavam começando a projetar armas para usar umas contra as outras.

\* \* \*

## Impostor

— UM DIA DESSES VOU tirar umas férias — disse Spence Olham no café da manhã. Olhou para a sua mulher, querendo saber a sua reação. — Acho que mereço um descanso. Dez anos é muito tempo.

— E o Projeto?

— A guerra vai ser vencida sem mim. Esta nossa bola de cimento não está, na verdade, correndo muito perigo. — Olham sentou-se à mesa e acendeu um cigarro. — As máquinas noticiosas alteram as mensagens para fazer parecer que os *outspacers* estão bem em cima de nós. Sabe o que gostaria de fazer em minhas férias? Acampar nas montanhas fora da cidade, aonde íamos naquele tempo, lembra? Encostei em arbusto venenoso e você quase pisou numa cobra.

— Sutton Wood? — Mary começou a tirar a mesa. — A mata foi queimada algumas semanas atrás. Pensei que soubesse. Algo como um incêndio relâmpago.

Olham curvou-se.

— E nem tentaram descobrir a causa? — Seus lábios se contorcera. — Ninguém se importa mais. Só conseguem pensar na guerra. — Trincou os dentes, a imagem completa surgindo em sua mente, os *outspacers*, a guerra, as naves-agulhas.

— Como pensar em outra coisa?

Olham assentiu com a cabeça. Ela tinha razão, é claro. As pequenas naves escuras de Alpha Centauro tinham-se desviado dos cruzadores da Terra com facilidade, deixando-os como tartarugas indefesas. Tinham sido combates de um lado só, por todo o caminho até a Terra.

Todo o caminho, até a bolha de proteção ser demonstrada pelos Westinghouse Labs. Envolvendo as principais cidades da Terra e, finalmente, o planeta, a bolha foi a primeira defesa de verdade, a primeira resposta legítima aos *outspacers* — como as novas máquinas os haviam rotulado.

Mas vencer a guerra era outra história. Cada laboratório, cada projeto, dedicava-se, dia e noite, interminavelmente, a descobrir mais uma coisa: um armamento para um combate definitivo. O seu projeto pessoal, por exemplo. O dia todo, ano após ano.

Olham levantou-se apagando seu cigarro.

— Como a "Espada de Dâmocles". Sempre pendendo sobre nós. Estou ficando cansado. Tudo o que quero fazer é ter um longo descanso. Mas acho que todos sentem o mesmo.

Pegou o paletó no armário e saiu para o pórtico. O transporte chegaria a qualquer momento, o pequeno *shoot bug* veloz que o transportaria ao Projeto.

— Espero que Nelson não se atrase. — Ele consultou o relógio. — São quase sete.

— Lá vem o *bug* — disse Mary, olhando por entre a série de casas. O sol brilhava atrás dos telhados, refletindo-se nas pesadas chapas de chumbo. O lugarejo estava silencioso; somente algumas pessoas se movimentavam. — Até mais tarde. Tente não trabalhar depois da hora, Spence.

Olham abriu a porta do carro e entrou, recostando-se no assento com um suspiro. Havia um homem mais velho com Nelson.

— Então? — disse Olham, quando o *bug* deu partida. — Soube de alguma novidade interessante?

— Nada de novo — respondeu Nelson. — Algumas naves extraterrenas atingidas, outro asteróide abandonado por razões estratégicas.

— Vai ser bom quando o Projeto estiver no estágio final. Talvez seja apenas a propaganda transmitida pelas máquinas de notícias, mas, no mês passado, eu me cansei disso tudo. Tudo parece tão sombrio e grave, nenhuma cor.

— Acha que a guerra é em vão? — disse repentinamente o homem mais velho. — Você próprio é parte integrante dela.

— Este é o major Peters — disse Nelson. Olham e Peters apertaram-se as mãos. Olham examinou o homem.

— O que o traz tão cedo? — perguntou. — Não me lembro de tê-lo visto no Projeto.

— Não, não trabalho para o Projeto — replicou Peters — mas sei alguma coisa sobre o que você está fazendo. O meu trabalho é completamente diferente.

Ele e Nelson trocaram um olhar. Olham notou e franziu o cenho. O *bug* ganhava velocidade, atravessando rápido o solo árido, sem vida, em direção à orla distante do edifício do Projeto.

— O que você faz? — perguntou Olham. — Ou não está autorizado a falar sobre isso?

— Trabalho para o governo — respondeu Peters. — Para a FSA, o órgão de segurança.

— Mesmo? — Olham ergueu o sobrolho. — Há alguma infiltração inimiga nesta região?

— Na verdade, estou aqui para ver o senhor, Sr. Olham. — Olham ficou perplexo. Considerou as palavras de Peters, mas não chegou a nenhuma conclusão.

— Ver a mim? Por quê?

— Estou aqui para detê-lo como espião dos *outspacers*. Por isso acordei tão cedo hoje. *Pegue-o, Nelson...*

A arma pressionou as costelas de Olham. As mãos de Nelson estavam tremendo, estremeciam com a emoção extravasada, o seu rosto estava pálido. Inspirou profundamente e, depois, soltou o ar.

— Devemos matá-lo agora? — sussurrou para Peters. — Acho que deveríamos matá-lo agora. Não podemos esperar.

Olham encarou o rosto do seu amigo. Abriu a boca para falar, mas as palavras não vieram. Os dois homens o olhavam fixamente, rígidos e implacáveis de pavor. Olham sentiu-se tonto. A sua cabeça doía e girava.

— Não entendo — murmurou ele.

Nesse momento, o *bug* deixou o solo e ascendeu rapidamente, dirigindo-se ao espaço. Embaixo, o Projeto afastava-se, tornando-se cada vez menor, desaparecendo. Olham fechou a boca.

— Podemos esperar um pouco — disse Peters. — Quero lhe fazer umas perguntas antes.

Olham olhava, embotado, à frente, enquanto o *bug* atravessava o espaço.

— A detenção foi feita — disse Peters para a tela de vídeo. Na tela apareceu o rosto do chefe da segurança. — Vai ser um peso a menos para todo mundo.

— Nenhuma complicação?

— Nenhuma. Ele entrou no *bug* sem suspeitar. Parece que não estranhou a minha presença.

— Onde você está?

— Ainda dentro da bolha protetora. Estamos navegando na velocidade máxima. Podemos supor que o período crítico passou. Fico feliz que os mecanismos de decolagem desta nave estivessem em bom funcionamento. Se tivesse havido alguma falha...

— Deixe-me vê-lo — disse o chefe de segurança. Ele olhou diretamente para Olham, para onde ele estava sentado, as mãos no colo, os olhos fixos à frente.

— Então, esse é o homem. — Olhou para Olham durante algum tempo. Olham não disse nada. Por fim, o chefe assentiu com um movimento da cabeça e disse a Peters: — Está bem. Isso é o bastante. — Um traço tênue de repulsa vincou suas feições. — Já vi tudo o que queria. Você fez uma coisa que será lembrada por muito tempo. Estão preparando uma menção honrosa a vocês dois.

— Não é necessário — disse Peters.

— Quanto perigo existe? Ainda há muita chance de...

— Há alguma chance, mas não muita. Pelo que percebi, requer uma frase-chave. De qualquer maneira, temos de assumir o risco.

— Vou informar a base da Lua de que estão chegando.

— Não. — Peters balançou a cabeça. — Aterrissarei fora, além da base. Não quero arriscar.

— Como quiser. — Os olhos do chefe faiscaram quando tornaram a se dirigir a Olham. Então, a sua imagem desapareceu. A tela ficou vazia.

Olham desviou os olhos para a janela. A nave já atravessara a bolha de proteção, aumentando cada vez mais a sua velocidade. Peters estava com pressa; embaixo dele, ribombando sob o chão, os propulsores estavam abertos. Estavam com medo e a uma velocidade vertiginosa por causa dele.

Do seu lado, Nelson mexia-se inquieto.

— Acho que devíamos agir logo — disse ele. — Eu daria qualquer coisa para acabar logo com isso.

— Calma — disse Peters. — Quero que conduza a nave durante algum tempo, para que eu possa falar com ele.

Sentou-se do lado de Olham, encarando-o. Logo estendeu a mão e o tocou cautelosamente no braço e, depois, na bochecha.

Olham não disse nada. *Se eu pudesse avisar Mary*, pensou de novo. *Seu eu desse um jeito de avisá-la*. Olhou em volta da nave. Como? A tela de vídeo? Nelson estava sentado do lado do painel, segurando a arma. Não havia nada que pudesse fazer. Tinha sido capturado, não tinha como escapar.

Mas por quê?

— Preste atenção — disse Peters — quero lhe fazer algumas perguntas. Você sabe aonde estamos indo. Estamos indo na direção da Lua. Em uma hora, vamos aterrissar no lado mais remoto, no lado desolado. Depois, vai você ser entregue a uma equipe que está nos aguardando. O seu corpo vai ser destruído imediatamente. Está entendendo? — consultou o relógio. — Em duas horas, as suas peças vão ser espalhadas pela paisagem. Não vai sobrar nada de você.

Olham lutou contra a letargia.

— Pode me dizer...

— Certamente, vou lhe dizer — assentiu Peters, fazendo um movimento com a cabeça. — Dois dias atrás, recebemos um relatório de que uma nave *outerspace* havia penetrado na bolha de proteção. A nave deixou um espião na forma de um robô humanóide. O robô era para destruir um ser humano particular e tomar o seu lugar.

Peters olhou calmamente para Olham.

— Dentro do robô, havia uma Bomba-U. O nosso agente não sabe como a bomba é detonada, mas supõe que seja pelo pronunciamento de uma determinada frase, um determinado grupo de ações. O robô viveria a vida da pessoa que ele matou, participando de suas atividades usuais, seu trabalho, sua vida social. Ele foi construído para se assemelhar a essa pessoa. Ninguém perceberia a diferença.

O rosto de Olham tornou-se branco como cal.

— A pessoa que o robô deveria incorporar era Spence Olham, um oficial de alta patente em um dos Projetos. Como esse projeto em particular estava se aproximando do estágio crucial, a presença de uma bomba animada, movendo-se em direção ao centro do Projeto...

Olham baixou o olhar para as suas mãos. *Mas eu sou Olham!*

— Uma vez o robô tendo localizado e matado Olham, era só uma questão de assumir a sua vida. O robô foi desembarcado da nave provavelmente há oito dias. A substituição foi, provavelmente, realizada na semana passada, quando Olham saiu para uma caminhada nas montanhas.

— Mas eu sou Olham. — Virou-se para Nelson que estava no controle da nave. — Não me reconhece? Você me conhece há 20 anos. Não se lembra de como freqüentamos juntos a universidade? — Levantou-se. — Você e eu fomos para a mesma Universidade. Dividimos o mesmo quarto. — Foi até Nelson.

— Fique longe de mim! — disse Nelson, com raiva.

— Ouça. Lembra-se do nosso segundo ano? Lembra-se daquela garota? Como era mesmo o nome dela? — Coçou a testa. — A de cabelo preto. A que conhecemos no apartamento de Ted.

— Pare! — Nelson balançava a arma freneticamente. — Eu não quero ouvir mais nada. Você o matou! Sua... máquina.

Olham olhou para Nelson.

— Você está enganado. Não sei o que aconteceu, mas o robô nunca

chegou a mim. Alguma coisa deve ter dado errado. Talvez um acidente com a nave. — Virou-se para Peters. — Eu sou Olham. Eu sei que sou. Não foi feita nenhuma transferência. Eu sou o mesmo que sempre fui.

Tocou-se, passando a mão pelo corpo.

— Deve haver uma maneira de provar isso. Leve-me de volta à Terra. Raios X, um exame neurológico, qualquer coisa assim vai mostrar a vocês. Ou talvez possamos procurar a nave acidentada.

Nem Peters nem Nelson falaram.

— Eu sou Olham — repetiu. — Eu sei que sou. Mas não tenho como provar.

— O robô — disse Peters — não teria consciência de que não era o Spence Olham verdadeiro. Ele se tornaria Olham na mente e no corpo. Recebeu um sistema de memória artificial, de falsas recordações. Ele se pareceria com ele, teria as mesmas recordações, pensamentos, interesses, executaria o seu trabalho.

— Mas haveria uma única diferença. Dentro do robô haveria uma Bomba-U, pronta para explodir à frase detonadora. — Peters afastou-se um pouco. — Essa é a única diferença. É por isso que o estamos levando à Lua. Eles o desmontarão e removerão a bomba. Pode ser que venha a explodir, mas não terá importância, não lá.

Olham sentou-se devagar.

— Já estamos chegando — disse Nelson.

Recostou-se, pensando freneticamente, enquanto a nave reduzia a altitude lentamente. Debaixo deles estava a superfície escavada da Lua, a extensão infinita de ruínas. O que podia fazer? O que o salvaria?

— Prepare-se — disse Peters.

Em alguns minutos, ele estaria morto. Lá embaixo, ele via um ponto minúsculo, uma espécie de edifício. Havia homens no edifício, a equipe da demolição, esperando para fazê-lo em pedaços. Eles o rasgariam, arrancariam seus braços e pernas, o desmembrariam. Quando não encontrassem nenhuma bomba, ficariam surpresos. Ficariam sabendo, mas seria tarde demais.

Olham olhou em volta da pequena cabine. Nelson continuava segurando a arma. Ali, ele não tinha nenhuma chance. Se conseguisse chegar a um médico, se conseguisse ser examinado... Era a única saída. Mary o ajudaria. Pensou freneticamente, a sua mente correndo. Somente alguns minutos, restava-lhe pouco tempo. Se pudesse contatá-la, falar com ela de alguma maneira.

— Devagar — disse Peters. A nave desceu lentamente, chocando-se com



o solo áspero. Houve silêncio.

— Ouça — disse Olham com a voz embargada. — Posso provar que sou Spence Olham. Chamem um médico. Tragam-no aqui...

— Lá está o esquadrão — Nelson apontou. — Estão chegando. — Ranceou os olhos nervosamente para Olham. — Espero que não aconteça nada.

— Vamos partir antes que comecem a trabalhar — disse Peters. — Vamos sair daqui em um instante. Vestiu a roupa pressurizada. Quando terminou, pegou a arma de Nelson. — Vai vigiá-lo um momento.

Nelson vestiu sua roupa pressurizada, depressa, desajeitadamente.

— E ele? — Indicou Olham. — Vai precisar?

— Não. — Peters balançou a cabeça. — Robôs provavelmente não precisam de oxigênio.

O grupo de homens tinha quase chegado à nave. Detiveram-se, aguardando. Peters fez um sinal para eles.

— Venham! — Acenou com a mão e os homens se aproximaram cautelosamente; figuras rígidas, grotescas em suas roupas infladas.

— Se abrir a porta, estarei morto. Será assassinato.

— Abra a porta — disse Nelson. E estendeu os braços para a maçaneta.

Olham observou-o. Viu a mão do homem fechar-se em volta da manivela de metal. Em um instante, a porta se abriria, o ar na nave escaparia. Ele morreria, e, então, perceberiam seu erro. Talvez em outro tempo, quando não houvesse guerra, os homens não agissem assim, apressando a morte de um indivíduo porque tinham medo. Todo mundo estava assustado, todos estavam dispostos a sacrificar o indivíduo por causa do medo do grupo.

Ele seria morto porque não podiam esperar para se certificarem de sua culpa. Não havia tempo.

Ele olhou para Nelson. Nelson havia sido seu amigo durante anos. Haviam estudado juntos. Ele tinha sido o padrinho de seu casamento. Agora, Nelson ia matá-lo. Mas Nelson não era mau; a culpa não era dele. Eram os tempos. Talvez tivesse sido igual durante as pestes. Quando homens com qualquer manchinha deveriam ter sido mortos também, sem a menor hesitação, sem prova, somente com base na suspeita. Em tempo de perigo, não havia outro jeito.

Ele não os culpava. Mas tinha de viver. A sua vida era preciosa demais para ser sacrificada. Olham pensou rapidamente. O que poderia fazer? Haveria alguma coisa a ser feita? Olhou em volta.

— Vamos — disse Nelson.

— Você tem razão — disse Olham. O som de sua voz surpreendeu-o. Era a força do desespero. — Não preciso de ar. Abra a porta.

Eles pararam, olhando para ele, alarmados.

— Vão em frente. Abram. Não faz diferença. — A mão de Olham desapareceu dentro do paletó. — Eu me pergunto até onde vocês dois podem correr.

— Correr?

— Têm 15 segundos de vida. — Dentro do paletó, seus dedos se contorceceram, o braço subitamente rígido. Ele relaxou, sorrindo um pouco. — Enganaram-se em relação à frase detonadora. Nesse aspecto, vocês erraram. Agora, 14 segundos.

As duas faces em choque olharam fixo para ele de suas roupas pressurizadas. Então, correram a abrir a porta. O ar ganiu, derramando-se no vazio. Peters e Nelson saíram às pressas da nave. Olham foi atrás deles. Agarrou a porta e fechou-a. O sistema automático de pressurização emitiu ruídos de descarga, restaurando o ar. Olham respirou com um tremor.

Mais um segundo...

Além da janela, os dois homens tinham se juntado ao grupo. O grupo dispersou-se, correndo em todas as direções. Um por um, jogaram-se de bruços no solo. Olham sentou-se diante do painel de controle. Pôs os mostradores no lugar. Quando a nave decolou, os homens embaixo levantaram-se desordenadamente e olharam para cima, as bocas abertas.

— Desculpem — murmurou Olham — mas tenho de retornar à Terra.

Conduziu a nave pela mesma rota pela qual tinha vindo.

Era noite. Em volta da nave, os grilos cricrilavam, perturbando a escuridão fria. Olham inclinou-se sobre a tela de vídeo. A imagem formou-se gradativamente; a ligação se completou sem problemas. Soltou um suspiro de alívio.

— Mary — disse ele. A mulher olhou-o. Ela arfava.

— Spence! Onde você está? O que aconteceu?

— Não posso lhe dizer. Ouça, tenho de falar rápido. Eles podem interromper a ligação a qualquer minuto. Vá ao Projeto e chame o Dr. Chamberlain. Se ele não estiver lá, consiga qualquer outro médico. Leve-o para

casa e o mantenha aí. Consiga que leve equipamento para exames: raios X, fluoroscópio, tudo.

— Mas...

— Faça o que eu digo. Depressa. Faça com que ele esteja pronto em uma hora. — Olham inclinou-se para a tela. — Está tudo bem? Está sozinha?

— Sozinha?

— Tem alguém com você? Nelson ou outra pessoa qualquer entrou em contato com você?

— Não. Spence, não estou entendendo.

— Tudo bem. Eu vejo você em casa em uma hora. E não conte nada a ninguém. Invente algum pretexto para levar Chamberlain para casa. Diga que está muito doente.

Ele interrompeu a conexão e consultou o relógio. Um momento depois, deixou a nave, descendo para o escuro. Teria de caminhar meia milha.

Pôs-se a andar.

Uma luz na janela, a luz do estúdio. Observou a luz, ajoelhando-se contra a cerca. Não se ouvia nenhum som, nenhum movimento, de tipo nenhum. Ergueu o relógio e o consultou à luz das estrelas. Havia se passado quase uma hora.

Na rua, apareceu um *shoot bug*. Não parou.

Olham olhou para a casa. O médico já devia ter chegado. Devia estar lá dentro, esperando com Mary. Um pensamento ocorreu-lhe. Teria ela conseguido sair de casa? Talvez a tivessem interceptado. Talvez ele estivesse se dirigindo a uma cilada.

Porém o que mais podia fazer?

Com o registro médico, radiografia e relatórios, havia uma chance, uma chance de provar. Se pudesse ser examinado, se conseguisse permanecer vivo tempo suficiente para o examinarem...

Ele poderia provar. Provavelmente era a única maneira de fazê-lo. A sua única esperança estava dentro de casa. O Dr. Chamberlain era um homem respeitado. Era o médico da equipe do Projeto. Ele saberia, a sua palavra a respeito teria importância. Poderia vencer a histeria, a loucura, com fatos.

Loucura. Era isso. Se pelo menos esperassem, agissem devagar, com calma. Mas não conseguiam esperar. Ele tinha de morrer, morrer imediatamente, sem provas, sem nenhum tipo de julgamento ou exame. O teste

mais simples diria, mas não tinham tempo para o teste mais simples. Eles só conseguiam pensar no perigo. Perigo, e nada mais.

Levantou-se e dirigiu-se à casa. Chegou ao pórtico. À porta, fez uma pausa, escutando. Ainda nenhum som. A casa estava absolutamente quieta.

Quieta demais.

Olham permaneceu no pórtico, sem se mover. Tentavam ficar em silêncio dentro da casa. Por que motivo? Era uma casa pequena, Mary e o Dr. Chamberlain estariam a apenas alguns pés além da porta. Mas ele não escutava nada, nenhum som de vozes, nada. Olhou a porta. Era uma porta que ele tinha aberto e fechado milhares de vezes. Toda manhã e toda noite.

Pôs a mão na maçaneta. Então, de súbito, tocou a campainha. A campainha ressoou em algum lugar nos fundos da casa. Olham sorriu. Escutou movimento. Mary abriu a porta. Assim que viu seu rosto, ele soube.

Correu, e se lançou no mato. Um oficial da segurança empurrou Mary para o lado e passou às pressas. O mato foi remexido com violência. Olham moveu-se furtivamente para o lado da casa. Levantou-se rapidamente e correu, penetrando nas trevas. Uma lanterna foi acesa, seu raio de luz passou por ele.

Ele atravessou a estrada e comprimiu-se contra uma cerca. Abaixou-se e atravessou um quintal. Atrás dele, os homens, oficiais da segurança, gritavam uns para os outros. Olham estava sem fôlego, o seu peito arfando.

O rosto dela — ele tinha percebido na hora. Os lábios cerrados, o olhar aterrorizado, infeliz. E se ele tivesse ido em frente, aberto a porta e entrado? Eles deviam ter interceptado a ligação e ido imediatamente, assim que ele desligara. Provavelmente ela acreditava no que tinham contado. Sem dúvida, ela também achava que ele era o robô.

Olham correu sem parar. Estava deixando os oficiais bem para trás. Aparentemente, eles não eram tão bons em correr. Escalou uma colina e desceu pela outra vertente. Em um instante, estaria de volta à nave. Mas iria para onde, desta vez? Correu mais devagar até parar. Já conseguia ver a nave, delineada contra o céu, onde a pousara. O povoado ficava atrás dele; estava nos arredores da região erma entre os lugares habitados, onde começava a floresta e a desolação. Atravessou um campo árido e entrou no bosque.

Quando se encaminhava para a nave, a porta se abriu.

Peters surgiu, sua figura contra a luz. Em seus braços uma pesada arma Boris. Olham parou, rígido. Peters olhou em volta, na escuridão.

— Eu sei que está aí, em algum lugar — disse ele. — Venha cá, Olham. Está cercado por homens da segurança.

Olham não se moveu.

— Ouça. Nós vamos pegar você logo. Parece que você ainda não acredita que é um robô. A sua ligação para a sua mulher indica que ainda está com a ilusão criada por suas recordações artificiais.

— Mas você é o robô. Você é o robô, e dentro de você está a bomba. A qualquer momento a frase detonadora pode ser proferida por você, por outra pessoa, por qualquer um. Quando isso acontecer, a bomba destruirá tudo num raio de quilômetro. O Projeto, a mulher, todos nós vamos morrer. Entende?

Olham não disse nada. Estava escutando. Homens se moviam na sua direção, atravessando sorratamente a floresta.

— Se você não aparecer, nós vamos pegá-lo de qualquer jeito. É só uma questão de tempo. Não temos mais a intenção de removê-lo para a base da Lua. Será destruído na mira, e teremos de correr o risco de a bomba detonar. Dei ordens a todos os oficiais da segurança disponíveis na área. O condado está sendo esquadrinhado minuciosamente, cada centímetro. Não há para onde você ir. Em volta desta floresta há um cinturão de homens armados. Você tem aproximadamente seis horas antes de a busca ser concluída.

Olham afastou-se. Peters continuou falando; ele não o tinha visto. Estava escuro demais para se ver alguém. Mas Peters tinha razão. Não havia aonde ir. Estava fora do povoado, nos arredores onde começava a floresta. Poderia se esconder por um tempo, mas acabaria sendo pego.

Era só uma questão de tempo.

Olham caminhou em silêncio pela floresta. Quilômetro após quilômetro, cada parte do condado estava sendo medida, perscrutada, avaliada, examinada. O cinturão continuava a se apertar, comprimindo-o em um espaço cada vez menor.

O que restava? Tinha perdido a nave, a sua única esperança de escapar. Eles estavam em sua casa, a sua mulher estava do lado deles acreditando, sem dúvida, que o verdadeiro Olham tinha sido morto. Cerrou os punhos. Em algum lugar havia uma nave-agulha destrocada e, nela, os restos do robô. Em algum lugar perto dali, a nave havia caído e se fragmentado.

E o robô estava dentro, destruído.

Uma esperança remota instigou-o. E se encontrasse os destroços? Se pudesse mostrar-lhes o acidente, os restos da nave, o robô...

Mas onde? Onde a descobriria?

Continuou andando, perdido em pensamentos. Em algum lugar,

provavelmente não muito distante. A nave teria pousado perto do Projeto; o robô deveria fazer o resto do trajeto a pé. Subiu a vertente de uma colina e olhou em volta. Destroçada e incendiada. Havia alguma pista, algum vestígio? Tinha lido algo, escutado falar de alguma coisa? Algum lugar perto, a uma distância que poderia ser percorrida a pé. Algum lugar ermo, um local remoto onde não haveria ninguém.

De repente, Olham sorriu. Destruída e incendiada.

Sutton Wood.

Acelerou o passo.

Era de manhã. A luz do sol filtrava-se através das árvores esparsas, refletindo-se no homem agachado à beira da clareira. Olham relanceava, de vez em quando, os olhos para cima, escutando. Eles não estavam longe, somente a alguns minutos. Ele sorriu.

Abaixo, espalhada pela clareira e tocos chamuscados que antes tinham sido Sutton Wood, estava uma massa confusa de destroços. À luz do sol, cintilava um pouco, faiscando sombriamente. Não tinha tido muita dificuldade em encontrá-la. Ele conhecia bem Sutton Wood; havia escalado suas montanhas várias vezes, quando era mais jovem. Ele sabia onde encontrar os destroços. Havia um cume que se projetava inesperadamente, sem aviso.

Uma nave não familiarizada com a floresta tinha poucas chances de descer sem colidir com ele. Agachou-se e olhou a nave, ou o que restava dela.

Olham levantou-se. Podia escutá-los a uma pequena distância, chegando juntos, falando baixo. Retesou os músculos. Tudo dependia de quem o veria primeiro. Se fosse Nelson, ele não teria nenhuma chance. Nelson atiraria imediatamente. Ele estaria morto antes que vissem a nave. Mas se tivesse tempo de gritar, de detê-los por um instante... Era tudo o que precisava. Se vissem a nave, estaria seguro.

Mas se atirassem primeiro...

Um galho chamuscado estalou. Uma figura surgiu, avançando insegura. Olham respirou fundo. Só restavam alguns segundos, talvez os últimos de sua vida. Levantou os braços, olhando intencionalmente.

Era Peters.

— Peters! — Acenou com os braços. Peters ergueu a arma e mirou. — Não atire! — Sua voz tremeu. — Só um minuto. Olhe para o outro lado da clareira.

— Encontrei-o! — gritou Peters. Os homens da segurança chegaram, em grande número, da floresta incendiada à sua volta.

— Não atirem. Olhem. A nave, a nave-agulha. Olhem! — Peters hesitou. A arma vacilou.

— Está lá embaixo — Olham disse rapidamente. — Eu sabia que a encontraria ali. A mata queimada. Agora, acreditam em mim. Encontrarão os restos do robô na nave. Olhe, pode olhar?

— Há alguma coisa lá embaixo — um dos homens disse nervosamente.

— Atirem nele! — disse uma voz. Era Nelson.

— Esperem. — Peters virou-se, determinado. — O chefe sou eu. Ninguém atire. Talvez ele esteja dizendo a verdade.

— Mate-o — disse Nelson. — Ele matou Olham. A qualquer minuto pode matar todos nós. Se a bomba detonar...

— Cale a boca. — Peters avançou na direção da vertente. Olhou para baixo. — Examinem aquilo. — Fez um sinal para dois homens. — Desçam e vejam o que é aquilo.

Os homens desceram correndo o declive, até o outro lado da clareira. Curvaram-se, mexendo nos destroços da nave.

— Então? — gritou Peters.

Olham prendeu a respiração. Sorriu ligeiramente. Tinha de estar lá; não tinha tido tempo de ver por si mesmo, mas tinha de estar lá. De repente, a dúvida assaltou-o. E se o robô tivesse vivido o suficiente para se afastar dali? E se o corpo estivesse completamente destruído, transformado em cinzas pelo fogo?

Lambeu os lábios. Sua fronte começou a transpirar. Nelson não tirava os olhos dele, a face lívida. Seu peito subia e descia.

— Mate-o — disse Nelson. — Antes que ele nos mate. *Os* dois homens ficaram em pé.

— O que descobriram? — perguntou Peters. Mantinha a arma firme. — Há alguma coisa aí?

— Parece que sim. É uma nave-agulha, com certeza. Há alguma coisa do lado.

— Vou dar uma olhada. — Peters passou por Olham. Olham observou-o descer a colina e ir até os homens. Os outros o seguiram, querendo ver.

— É um corpo, um tipo de corpo — disse Peters. — Veja isso!

Olham foi com eles. Formaram um círculo ao redor, olhando para baixo.

No solo, curvado e contorcido de maneira estranha, havia uma forma grotesca. Parecia humana; exceto que estava arqueada de modo tão estranho, os braços e pernas puxados em todas as direções. A boca estava aberta; os olhos, vidrados.

— Como uma máquina que parasse — murmurou Peters. — Olham sorriu discretamente.

— Então? — disse ele. Peters olhou para ele.

— Não consigo acreditar. Você estava dizendo a verdade o tempo todo.

— O robô nunca me alcançou — disse Olham. Tirou um cigarro do bolso e acendeu-o. — Foi destruído quando a nave caiu. Vocês todos estavam preocupados demais com a guerra para investigar por que uma floresta remota se incendiaria de repente. Agora, sabem.

Permaneceu fumando, observando os homens. Eles arrastavam os destroços grotescos da nave. O corpo estava rígido, os braços e pernas rígidos.

— Agora, encontrarão a bomba — disse Olham. Os homens deitaram o corpo no solo. Peters curvou-se.

— Acho que vi uma ponta dela. — Estendeu o braço, tocando o corpo.

O peito do cadáver havia sido aberto. Dentro do rasgão no peito dilacerado brilhava alguma coisa, algum metal. Os homens olharam fixamente o metal sem falar.

— Isso teria destruído todos nós, se tivesse vivido — disse Peters. — Essa caixa de metal ali.

Fez-se silêncio.

— Acho que estamos em dívida com você — disse Peters a Olham. — Deve ter sido um pesadelo para você. Se não tivesse escapado, teríamos... — Interrompeu-se.

Olham apagou seu cigarro.

— É claro que eu sabia que o robô não tinha me alcançado. Mas não tinha como provar isso. Às vezes é impossível provar alguma coisa imediatamente. Esse foi o problema. Não havia como eu demonstrar que eu era eu mesmo.

— Que tal umas férias? — disse Peters. — Acho que devemos lhe dar umas férias. Poderia descansar, relaxar.

— Acho que, neste exato momento, quero ir para casa — disse Olham.



— Está bem — disse Peters. — Como quiser.

Nelson agachara-se, do lado do cadáver. Estendeu a mão e tocou o reflexo brilhante do metal, visível dentro do peito.

— Não toque — disse Olham. — Ainda pode detonar. É melhor deixar que o pessoal da demolição trate disso mais tarde.

Nelson não disse nada. De repente, agarrou o metal, enfiando a mão no peito do cadáver. Puxou.

— O que está fazendo? — gritou Olham.

Nelson levantou-se. Segurava o objeto de metal. O seu rosto estava lívido de terror. Era uma faca de metal, uma agulha *outspacer*, coberta de sangue.

— Isso matou-o — sussurrou Nelson. — O meu amigo foi morto com isso. — Olhou para Olham. — Matou-o com isso e deixou-o do lado da nave.

Olham tremia. Seus dentes batiam. Olhou da faca para o corpo.

— Isso não pode ser Olham — disse ele. A sua mente girou, estava tudo girando. — Estou enganado?

Parou perplexo.

— Mas se esse é Olham, então eu devo ser...

Mas não completou o pensamento, somente a primeira frase. A explosão foi ouvida até em Alpha Centauro.

**F I M**

[\[1\]](#) Eletroretinogramas (*N. do E.*)

[\[2\]](#) Esse conto (We can Remember it for You Wholesale) originou o filme **Total Recall (O Vingador do Futuro)**. N.do E.

[\[3\]](#) Terra Standard Time. (*N. do T.*)

[\[4\]](#) Em português, sapo. (*N. do T.*)